

DO AUTOR DE A SOMBRA DO VENTO

CARLOS RUIZ ZAFÓN

O Palácio da Meia-Noite



Carlos Ruiz Zafón

O Palácio da Meia-Noite

Trilogia da Névoa – Livro 2

Calcutá, 1932. O coração das trevas.

Um trem em chamas atravessa a cidade.

Um espectro de fogo semeia terror nas sombras da noite. Porém, isso não é mais do que o início. Na véspera de completar 16 anos, Ben, Sheere e seus amigos deverão enfrentar o mais terrível e mortífero enigma da cidade dos palácios.

Carlos Ruiz Zafón - (Barcelona, 1964) fugiu do esquizofrênico mundo da publicidade, em 1992, com o propósito de fazer algo edificante em sua vida. Um ano depois obteve o Prêmio Edebé de Literatura Juvenil com sua primeira novela, "O Príncipe da Névoa". Desde 1993 reside em Los Angeles, onde divide seu tempo entre a música e a literatura.

Para a Bruxa, do Dragão...

(Bruxa: unida com dragão? Passou pelo lixo? Me dará lucros?)

Nunca poderei esquecer a noite em que nevou em Calcuta. No calendário do orfanato de St. Patricks desfilavam os últimos dias de maio de 1932 e ficava para trás um dos meses mais quentes que recordava, na história da cidade dos palácios.

Dia a dia esperávamos com tristeza e temor a chegada daquele verão em que cumpriríamos dezesseis anos, e que haveria de ditar a nossa separação e a dissolução da Chowbar Society, aquele clube secreto e reservado, a sete membros exclusivos, que tinha sido nosso lar durante anos no orfanato. Ali crescemos sem outra família senão nós mesmos, sem outras lembranças senão as histórias que contávamos ao chegar a madrugada em torno do fogo, no pátio da velha casa abandonada, que se elevava na esquina do Cotton Street e Brabourne Road, um casarão em ruínas que tínhamos batizado como o Palácio da Meia-noite. Não sabia então que aquela era a última vez que veria o lugar em cujas ruas me criei e cujo feitiço me persegue até hoje.

Não voltei a Calcuta depois daquele ano, mas sempre fui fiel à promessa que todos fizemos em silêncio, sob a chuva branca à beira do rio Hooghly: não esquecer jamais o que tínhamos presenciado. Os anos me ensinaram a guardar na memória tudo o que aconteceu durante aqueles dias e a conservar as cartas que recebia da cidade maldita, que mantiveram viva a chama da minha lembrança. Soube assim que nosso antigo palácio fora derrubado, para elevar sobre suas cinzas um edifício de escritórios, e que Mr. Thomas Carter, o diretor do St. Patricks, faleceu após ter passado os últimos anos de sua vida na escuridão, depois de ter ocorrido o incêndio que fechou seus olhos para sempre.

Lentamente, tive notícias do progressivo desaparecimento dos cenários em que vivemos naqueles dias. A fúria de uma cidade que se devorava a si mesma e a passagem do tempo, acabaram por apagar o rastro dos membros da Chowbar Society.

Deste modo, sem escolha, tive que aprender a viver com o temor de que esta história se perdesse para sempre por falta de um narrador.

A ironia do destino quis que fosse eu, o menos indicado, o pior dotado para a tarefa, quem empreendesse o trabalho de relatá-la e desvendasse o segredo que, já fez tantos anos, nos uniu e nos separou, de uma vez para sempre, na antiga estação da ferrovia do Jheeter's Gate. Teria preferido que fosse outro o encarregado de resgatar esta história do esquecimento, mas uma vez mais a vida me mostrou que o meu papel era o de testemunha, não o de protagonista.

Durante todos estes anos guardei as escassas cartas do Ben e Roshan, guardando os documentos que davam luz ao destino de cada um dos membros de nossa sociedade particular, relendo-os uma e outra vez em voz alta na solidão de meu quarto. Possivelmente porque de algum modo intuía que a fortuna me tinha feito depositário da memória de todos nós. Possivelmente, porque compreendia que, de entre aqueles sete rapazes, eu sempre tinha sido o mais reticente ao risco, o menos brilhante e ousado e, portanto, aquele que teria mais possibilidades de sobreviver.

Com esse espírito, com a confiança de que não me trairia a lembrança, tratarei de reviver os misteriosos e terríveis fatos que aconteceram durante aqueles quatro ardentes dias de maio de 1932.

Não será tarefa fácil e apelo à benevolência de meus leitores se me tornar num desajeitado escritor na hora de resgatar do passado aquele verão de trevas na cidade de Calcuta. Coloquei todo meu empenho em reconstruir a realidade e remontar aos turvos episódios que teriam de traçar inexoravelmente a linha de nosso destino. Não me resta nada mais que desaparecer de cena e permitir que sejam os próprios feitos que falem por si mesmos.

Nunca poderei esquecer os rostos daqueles rapazes assustados na noite que nevou em Calcuta.

Mas, como meu amigo Ben me ensinou, o que sempre deveria fazer, começarei minha história pelo princípio...

O Regresso da Escuridão

Calcuta, maio de 1916.

Pouco depois da meia-noite, uma barcaça emergiu da neblina noturna que subia da superfície do rio Hooghly, como o fedor de uma maldição. Na proa, sob a tênue claridade que projetava de um lampião agonizante agarrado ao mastro, podia-se adivinhar a figura de um homem envolto em uma capa remando afincadamente para a margem longínqua. Mais à frente, a oeste, o perfil do Forte William no Maidán se erguia sob um manto de nuvens de cinza à luz de um infinito sudário de faróis e fogueiras, que se estendia até onde alcançava a vista. Calcuta.

O homem se deteve uns segundos para recuperar o fôlego e a contemplar a silhueta da estação do Jheeter's Gate que se perdia definitivamente nas trevas que cobriam a outra borda do rio. A cada metro que avançava na bruma, a estação de aço e vidro se confundia com outros tantos edifícios ancorados em esplendores esquecidos. Seus olhos vagaram entre aquela selva de mausoléus de mármore enegrecido por décadas de abandono e as paredes nuas às quais a fúria da monção havia arrancado a sua pele ocre, azul e dourada e as tinha apagado como aquarelas que se desvanecem num lago.

Somente a certeza de que apenas restavam umas horas de vida, possivelmente alguns minutos, permitiu-lhe continuar a marcha, abandonando nas entranhas daquele lugar maldito à mulher a quem tinha jurado proteger com sua própria vida. Naquela noite, enquanto o tenente Peake empreendia sua última viagem a Calcuta a bordo de uma velha barcaça, cada segundo de sua vida se desvanecia sob a chuva que tinha chegado com o amparo da madrugada.

Ao mesmo tempo que lutava para arrastar o barco para a margem, o tenente podia escutar o pranto dos dois meninos ocultos no interior da sentina. Peake olhou para trás e comprovou que as luzes da outra barcaça piscavam apenas uma centena

de metros atrás dele, ganhando terreno. Podia imaginar o sorriso de seu perseguidor, saboreando a caça. Inexorável.

Ignorou as lágrimas de fome e frio dos meninos e dedicou todas as forças que lhe restavam para pilotar o barco até a margem do rio, que devia morrer na soleira do labirinto insondável e fantasmagórico das ruas de Calcuta. Duzentos anos tinham bastado para transformar a densa selva, que crescia ao redor de Kalighat, em uma cidade onde Deus não se teria atrevido a entrar jamais.

Em poucos minutos a tormenta se havia abatido sobre a cidade com a cólera de um espírito destruidor. Em meados de Abril, e até meados do mês de junho, a cidade se consumia nas garras do chamado verão indiano. Durante esses dias, a cidade suportava temperaturas de 40 graus e um nível de umidade no limite da saturação. Minutos depois, sob o influxo de violentas tormentas elétricas que convertiam o céu num tecido de pólvora, os termômetros podiam descer 30 graus em questão de segundos.

O manto torrencial da chuva velava a visão dos raquíticos cais de madeira podre que se balançavam sobre o rio. Peake não retrocedeu em seu empenho até sentir o impacto do casco contra a madeira do cais dos pescadores e, só então, jogou a vara no fundo lamacento e se apressou a procurar os meninos, que estavam envoltos em uma manta. Ao tomá-los em seus braços, o pranto dos bebês impregnou a noite como o rastro de sangue que guia o predador até sua presa. Peake os apertou contra seu peito e saltou para terra.

Através da espessa cortina de água que caía com fúria se podia observar a outra barcaça aproximando-se lentamente da borda como uma nave funerária. Sentindo a chicotada do pânico, Peake correu pelas ruas que rodeavam o Maidán pelo Sul e desapareceu nas sombras daquele terço da cidade que seus privilegiados habitantes, europeus e britânicos em sua maioria, denominavam a cidade branca.

Apenas albergava a esperança de poder salvar a vida dos meninos, mas estava ainda longe do coração da zona Norte de Calcuta, onde ficava a morada de Aryami Bosé. Aquela anciã era agora a única que o podia ajudar. Peake se deteve um instante e observou a imensidão tenebrosa do Maidán em busca do brilho longínquo

dos pequenos faróis que desenhavam estrelas a piscar no norte da cidade. As ruas escuras e mascaradas pelo véu da tormenta seriam seu melhor esconderijo. O tenente agarrou os meninos com força e se afastou de novo nessa direção, em busca da proteção das sombras dos grandes edifícios palacianos do centro da cidade.

Instantes depois, a barcaça negra, que lhes havia dado caça, se deteve junto ao cais. Três homens saltaram para terra e amarraram a nau. A porta da cabine se abriu lentamente e uma escura silhueta envolta num manto negro percorreu a passadeira que os homens tinham estendido no cais, ignorando a chuva. Uma vez em terra firme, estendeu sua mão envolta em uma luva negra e, assinalando para o ponto onde Peake tinha desaparecido, esboçou um sorriso que nenhum de seus homens pôde ver sob a tormenta.

A estrada escura e sinuosa, que cruzava o Maidán e rodeava a fortaleza, se transformou em um lamaçal sob as investidas da chuva. Peake recordava vagamente ter cruzado aquela parte da cidade durante seus tempos de lutas nas ruas às ordens do coronel Hewelyn, a plena luz do dia e às rédeas de um cavalo junto a um esquadrão do exército sedento de sangue. O destino, ironicamente, levava-o agora a percorrer aquela extensão de campo aberto que Lorde Clive fizera arrasar em 1758 para que os canhões do Fort William pudessem disparar livremente em todas direções. Mas desta vez, ele era a presa. O tenente correu desesperadamente para a arvoredo, enquanto sentia sobre ele os olhares furtivos de silenciosos vigilantes ocultos entre as sombras, habitantes noturnos do Maidán. Sabia que ninguém sairia no seu encalço para o assaltar e lhe arrebatara a capa ou os meninos que choravam em seus braços. Os moradores invisíveis daquele lugar podiam cheirar o rastro da morte colada aos seus calcanhares e nenhuma alma ousaria interpor-se no caminho de seu perseguidor. Peake saltou as grades que separavam o Maidán do Chowringhee Road e se infiltrou na artéria principal da Calcuta. A majestosa avenida se estendia sobre o antigo traçado do caminho que, apenas trezentos anos antes, cruzava a selva bengali em direção ao Sul, para o templo do Kali, o Kalighat, que tinha dado origem no nome da cidade. O habitual enxame noturno que rondava nas noites da Calcuta se retirou perante a chuva e a cidade oferecia o aspecto de um grande bazar abandonado e

sujo. Peake sabia que a cortina de água que afogava a visão e lhe servia de cobertura na noite fechada podia desvanecer-se tão rapidamente como tinha aparecido. As tempestades que vinham do oceano até ao delta do Ganges se afastavam rapidamente para o Norte ou para o Oeste para descarregar seu dilúvio purificador sobre a península de Bengala deixando um rastro de brumas e ruas alagadas por charcos venenosos onde os meninos jogavam submersos até a cintura e onde os carros ficavam parados como navios à deriva.

Peake correu rumo ao extremo Norte de Chowringhee Road até sentir que os músculos de suas pernas fraquejavam e que apenas era capaz de seguir sustentando o peso dos meninos em seus braços. As luzes do setor Norte piscavam nas proximidades sob o pano de fundo aveludado da chuva. O tenente tinha consciencia de que não poderia seguir mantendo aquele ritmo por muito mais tempo e que a casa de Aryami Bosé ainda se encontrava longe dali. Precisava fazer uma parada na marcha.

Deteve-se para recuperar o fôlego, oculto sob a escadaria de um velho armazém de tecidos cujos muros estavam cheios de posters anunciando sua derrubada, por ordem oficial. Recordava vagamente ter inspecionado aquele lugar anos atrás sob a denúncia de um rico comerciante que afirmava que em seu interior se ocultava um importante lugar para fumar ópio.

Agora, a água suja se filtrava entre os degraus desconjuntados e recordava sangue negro brotando de uma ferida profunda. O lugar parecia desolado e deserto. O tenente elevou os meninos até seu rosto e contemplou os olhos aturdidos dos bebês; já não choravam, mas estremeciam de frio. A manta que os cobria estava empapada. Peake tomou as diminutas mãos nas suas com a esperança de lhes dar calor enquanto observava entre as frestas da escadaria em direção às ruas que emergiam do Maidán. Não lembrava quantos assassinos tinha recrutado seu perseguidor, mas sabia que só restavam duas balas em seu revólver. Duas balas que deveria administrar com tanta astúcia como fora capaz de conjurar; tinha disparado o resto da munição nos túneis da estação. Envolveu de novo os meninos na extremidade menos úmido da manta e os deixou uns segundos num espaço de chão seco que se revelava sob um vazio na parede do armazém.

Peake tirou seu revólver e elevou a cabeça lentamente sob os degraus. Ao sul, Chowringhee Road, deserta, parecia um cenário fantasmagórico esperando o início da representação. O tenente forçou a vista e reconheceu a esteira de luzes longínquas do outro lado do rio Hooghly. O som de uns passos apressados sobre o pavimento alagado pela chuva o sobressaltou e se retirou de novo para as sombras.

Três indivíduos emergiram da escuridão do Maidán, um escuro reflexo do Hyde Park esculpido em plena selva tropical. As lâminas das facas brilharam na penumbra como línguas de prata candente. Peake se apressou a tomar os meninos de novo em seus braços e inspirou profundamente, consciente de que, se fugisse nesse momento, os homens cairiam sobre ele como uma matilha faminta em questão de segundos.

O tenente permaneceu imóvel contra a parede do armazém e vigiou seus três perseguidores, que se tinham detido um instante em busca de seu rastro. Os três assassinos pagos trocaram palavras ininteligíveis e um deles indicou aos outros que se separassem. Peake estremeceu ao comprovar que um deles, o que tinha dado a ordem para separarem-se, dirigia-se diretamente para as escadas sob as quais se ocultava. Por um segundo, o tenente pensou que o cheiro de seu temor o conduziria até seu esconderijo.

Seus olhos percorreram desesperadamente a superfície do muro sob as escadas em busca de alguma abertura para fugir. Ajoelhou-se junto ao vazio onde tinha deixado repousar os meninos uns segundos antes e tratou de forçar as tábuas desencravadas e amolecidas pela umidade. A lâmina de madeira, ferida pela podridão, cedeu sem dificuldade e Peake sentiu uma exalação de ar nauseabundo que emanava do interior do porão do edifício em ruínas. Olhou para trás e observou o assassino, que apenas se encontrava a uma vintena de metros do pé da escada e balançava a faca em suas mãos.

Rodeou os meninos com sua própria capa para protegê-los e arrastou-se para o interior do armazém. Uma pontada de dor, uns centímetros por cima do joelho, paralisou-lhe subitamente a perna direita. Peake se apalpou com as mãos trementes e seus dedos roçaram o prego oxidado que se afundava dolorosamente em sua carne. Afogando o grito de agonia, Peake agarrou a ponta do frio metal, puxou-o com força,

sentiu que a pele se rasgava a cada passo e um sangue morno brotava entre seus dedos. Um espasmo de náusea e dor lhe nublou a visão durante vários segundos. Ofegante, pegou de novo os meninos e se levantou com dificuldade. Perante ele se abria uma fantasmagórica galeria com centenas de estantes vazias de vários pisos formando uma estranha retícula que se perdia nas sombras. Sem duvidar um instante, correu para o outro extremo do armazém, cuja estrutura ferida de morte rangia sob a tormenta.

Quando Peake emergiu de novo ao ar livre depois de ter atravessado centenas de metros nas vísceras daquele edifício em ruínas, descobriu que se achava a uma centena de escassos metros do Tiretta Bazar, um dos muitos centros de comércio da área Norte. Benzeu sua fortuna e se dirigiu para o complexo ripado de ruas estreitas e sinuosas que compunham o coração daquele mesclado setor da Calcuta, em direção à casa de Aryami Bosé.

Demorou dez minutos para percorrer o caminho até o lar da última dama da família Bosé. Aryami vivia sozinha em um antigo casarão de estilo bengali que se elevava depois da espessa vegetação selvagem que tinha crescido no pátio durante anos, sem a intervenção da mão do homem, e que lhe conferia o aspecto de um lugar abandonado e fechado. Entretanto nenhum habitante do Norte de Calcuta, uma zona também conhecida como a cidade negra, tinha ousado trespassar os limites daquele pátio e entrar nos domínios de Aryami Bosé. Quem a conhecia a apreciava e respeitava tanto como a temiam. Não havia uma só alma nas ruas do Norte de Calcuta que não tivesse ouvido falar dela e de sua estirpe em algum momento de sua vida. Entre as pessoas daquele lugar, sua presença era comparável a de um espírito: poderosa e invisível.

Peake correu até ao portão de lanças negras que abria o atalho, formado por arbustos no pátio e se apressou até as escadas de mármore quebrado que subiam até a porta da casa. Sustentando os dois meninos com um braço, bateu repetidamente à porta com o punho, esperando que o fragor da tormenta não afogasse o som de sua chamada.

O tenente golpeou a porta durante vários minutos, com os olhos fixos nas ruas

desertas e em suas costas, alimentado pelo temor de ver aparecer seus perseguidores a qualquer momento. Quando a porta cedeu perante ele, Peake se voltou e a luz de um candeeiro o cegou enquanto uma voz, que não tinha escutado em cinco anos, pronunciava seu nome em voz baixa. Peake cobriu os olhos com uma mão e reconheceu o semblante impenetrável de Aryami Bosé.

A mulher leu o seu olhar e observou os meninos. Uma sombra de dor se estendeu pelo seu rosto. Peake baixou o olhar.

— Ela morreu, Aryami. — murmurou Peake — Já estava morta quando cheguei...

Aryami fechou os olhos e respirou profundamente. Peake comprovou que a confirmação de suas piores suspeitas abria caminho na alma da dama como salpicos de ácido.

— Entre. — lhe disse finalmente, afastando-se um passo e fechando a porta em suas costas.

Peake se apressou a depositar os meninos sobre uma mesa e a despoja-los das roupas molhadas. Aryami, em silêncio, pegou panos secos e envolveu aos meninos, enquanto Peake avivava o fogo para lhes fazer chegar o calor.

— Seguem-me, Aryami. — disse Peake— Não posso ficar aqui.

— Está ferido. — Indicou a mulher indicando a ferida que o prego do armazém lhe tinha produzido.

— É somente um arranhão superficial. – indicou Peake – Não dói.

Aryami se aproximou dele e estendeu sua mão para acariciar o rosto suado de Peake.

— Você sempre a quis...

Peake desviou o olhar até aos pequenos e não respondeu.

— Poderiam ter sido seus filhos. — disse Aryami — Possivelmente assim tivessem tido melhor sorte.

— Devo ir agora, Aryami. — concluiu o tenente. — Se ficar aqui, não se deterão até me encontrar.

Ambos trocaram um olhar derrotado, conscientes do destino que esperava Peake tão logo voltasse para as ruas. Aryami tomou as mãos do tenente entre as suas e as apertou com força.

— Nunca fui boa com você. — lhe disse — Temia por minha filha, pela vida que poderia ter junto a um oficial britânico. Mas estava equivocada. Suponho que nunca me perdoará isso.

— Isso já não tem nenhuma importância. — respondeu Peake — Devo ir agora.

Peake se aproximou um último instante para contemplar os meninos que descansavam no calor do fogo. Os bebês olharam para ele com curiosidade brincalhona, olhos brilhantes e sorridentes. Estavam a salvo. O tenente se dirigiu até a porta e suspirou profundamente. Depois daquele par de minutos em repouso, o peso da fadiga e a dor palpitante que sentia na perna caíram sobre ele implacavelmente. Tinha resistido até ao último fôlego de suas forças para conduzir os bebês até aquele lugar e agora duvidava de sua capacidade para fazer frente ao inevitável. Lá fora, a chuva seguia açoitando as moitas e não havia sinal de seu perseguidor nem de seus comparsas.

— Michael... — disse Aryami em suas costas. O jovem se deteve sem voltar o olhar para trás.

— Ela sabia. — mentiu Aryami — Soube sempre e estou certa de que, de algum jeito, correspondia-lhe. Foi por minha culpa. Não lhe guarde rancor.

Peake assentiu em silêncio e fechou a porta em suas costas. Permaneceu uns segundos sob a chuva e depois, com a alma em paz, empreendeu caminho ao encontro de seus perseguidores. Abrandou seus passos, ao chegar no lugar por onde tinha saído do armazém abandonado, para penetrar de novo nas sombras do velho

edifício em busca de um esconderijo onde se dispôs a esperar.

Enquanto se ocultava na escuridão, o esgotamento e a dor que sentia se fundiram paulatinamente em uma embriagadora sensação de abandono e paz. Seus lábios desenharam uma ameaça de sorriso. Já não tinha nenhum motivo, nem esperança, para seguir vivendo.

Os dedos longos e afiados da luva negra acariciaram a ponta ensangüentada do prego que aparecia na madeira quebrada, ao pé da entrada para o porão do armazém. Lentamente, enquanto seus homens esperavam em silencio atrás de suas costas, a esbelta figura, que ocultava seu rosto num capuz negro, levou a ponta do indicador aos lábios e lambeu a gota de sangue escuro e espesso saboreando-a como se se tratasse de uma lágrima de mel. Depois de alguns segundos, voltou-se para aqueles homens que tinha comprado horas antes por umas simples moedas, e a promessa de um novo pagamento no término de seu trabalho, e assinalou para o interior do edifício. Os três comparsas se apressaram a entrar através do alçapão que Peake tinha aberto minutos antes. O encapuzado sorriu na escuridão.

— Estranho lugar que você escolheu para morrer, tenente Peake. — murmurou para si mesmo.

Oculto atrás de uma coluna de caixas vazias nas entranhas do porão, Peake observou às três silhuetas, entrarem no edifício e, embora não pudesse ver dali, teve certeza de que seu amo estava esperando no outro lado do muro. Pressentia sua presença. Peake sacou seu revólver e fez girar o pequeno tambor até colocar uma das duas balas na antecâmara, amortecendo o som da arma sob a túnica emendada que o cobria. Já não sentia receio em percorrer o caminho para a morte, mas não pensava percorrê-lo sozinho.

A adrenalina que corria por suas veias tinha amenizado a dor aguda de seu joelho até convertê-la num batimento do coração, surdo e distante. Surpreso diante sua própria serenidade, Peake sorriu de novo e permaneceu imóvel em seu esconderijo. Contemplou o lento avanço dos três homens através dos corredores entre as escadas nuas, até que seus verdugos se detiveram a uma dezena de metros. Um dos homens elevou a mão em sinal de alto e assinalou umas marcas no chão. Peake

colocou sua arma à altura do peito, apontando para eles, e esticou o gatilho do revólver.

A um novo sinal, os três homens se separaram. Dois deles rodearam lentamente o caminho que conduzia até a pilha de caixas, e o terceiro caminhou em linha reta para Peake. O tenente contou mentalmente até cinco e, subitamente, empurrou a coluna de caixas sobre o seu atacante. As caixas desabaram em cima de seu oponente e Peake correu para a abertura pela qual tinham entrado.

Um dos assassinos pagos saiu ao seu encontro numa intercessão do corredor, brandindo a folha da faca a um palmo de seu rosto. Antes que aquele criminoso de aluguel pudesse sorrir vitorioso, o cano do revólver do Peake se cravou sob seu queixo.

— Solte a faca. — cuspiu o tenente.

O homem leu os olhos glaciais do tenente e fez o que ele ordenava. Peake o agarrou brutalmente pelo cabelo e, sem retirar a arma, voltou-se para seus aliados defendendo-se com o corpo do seu refém. Os outros dois valentões se aproximaram lentamente para ele, esperando.

— Tenente, nos economize tempo e entregue o que procuramos. — murmurou uma voz familiar atrás de suas costas — Estes homens são honrados pais de família.

Peake voltou os olhos para o encapuzado que sorria na penumbra a poucos metros dele. Algum dia não muito longínquo tinha aprendido a apreciar aquele rosto como o de um amigo. Agora apenas podia reconhecer nele o seu assassino.

— Vou fazer voar a cabeça deste homem, Jawahal. — gemeu Peake.

Seu refém fechou os olhos, tremendo.

O encapuzado cruzou as mãos pacientemente e emitiu um leve suspiro de irritação.

— Faça-o se agrada a você, tenente. — replicou Jawahal — Mas isso não tirará

você daqui.

— Falo sério. — replicou Peake afundando a ponta do cano sob o queixo do valentão.

— Claro, tenente. — disse Jawahal em tom conciliador— Dispare se tiver coragem necessária para matar um homem a sangue frio e sem a permissão de sua majestade. Caso contrário solte a arma e assim poderemos chegar a um acordo proveitoso para ambas as partes.

Os dois assassinos armados se detiveram e permaneceram imóveis, dispostos a saltar sobre ele ao primeiro sinal do encapuzado, Peake sorriu.

— Bem. — disse finalmente — O que lhe parece este acordo?

Peake empurrou seu refém para o chão e se voltou para o encapuzado com o revólver apontado. O eco do primeiro disparo percorreu o porão. A mão enluvada do encapuzado emergiu da nuvem de pólvora com a palma estendida. Peake acreditou ver o projétil esmagado brilhando na penumbra e fundindo-se lentamente em um fio de metal líquido que escorregava entre os dedos afiados como um punhado de areia.

— Má pontaria, tenente. — disse o encapuzado— Tente novamente, mas desta vez, mais perto.

Sem lhe dar tempo para mover um músculo, o encapuzado pegou na mão armada de Peake e levou a ponta da pistola a seu rosto, entre os olhos.

— Não lhe ensinaram a fazê-lo assim na academia? — sussurrou-lhe.

— Houve um tempo em que fomos amigos. — disse Peake.

Jawahal sorriu com desprezo.

— Esse tempo, tenente, passou. — respondeu o encapuzado.

— Que Deus me perdoe. — gemeu Peake, pressionando de novo o gatilho.

Em um instante que lhe pareceu eterno, Peake contemplou como a bala perfurava o crânio de Jawahal e lhe arrancava o capuz da cabeça. Durante uns segundos, a luz atravessou a ferida sobre aquele rosto congelado e sorridente. Logo, o orifício fumegante aberto pelo projétil se fechou lentamente sobre si mesmo e Peake sentiu que seu revólver lhe escorregava entre os dedos.

Os olhos acesos de seu oponente se cravaram nos seus e uma língua longa e negra apareceu entre seus lábios.

— Ainda não entendeu, não é, tenente? Onde estão os meninos? Não era uma pergunta; era uma ordem. Peake, mudo de terror, negou com a cabeça.

— Como queira.

Jawahal estendeu sua mão e Peake sentiu que os ossos de seus dedos estalavam sob a carne. O espasmo de dor o derrubou no chão de joelhos, sem respiração.

— Onde estão os meninos? — repetiu Jawahal.

Peake tratou de articular umas palavras, mas o fogo que ascendia do coto ensangüentado que segundos antes tinha sido sua mão lhe tinha paralisado a fala.

— Quer dizer algo, tenente? — murmurou Jawahal, ajoelhando-se frente a ele.

Peake assentiu.

— Bem, bem. —sorriu seu inimigo— Francamente, seu sofrimento não me diverte. Me ajude a lhe pôr fim.

— Os meninos morreram. — gemeu Peake. O tenente viu a careta de desgosto que se desenhava no rosto do Jawahal.

— Não, não. Estava-o fazendo muito bem, tenente. Não estrague tudo agora.

— Morreram. — repetiu Peake.

Jawahal encolheu os ombros e assentiu lentamente.

— Está bem. — concedeu — Não me deixa outra opção. Mas antes que me vá, permita-lhe recordar que, quando a vida de Kylian estava em suas mãos, foi incapaz de fazer nada para salvá-la. Homens como você foram a causa da sua morte. Mas os dias desses homens acabaram. Você é o último. O futuro é meu.

Peake elevou um olhar suplicante a Jawahal e, lentamente, viu que as pupilas de seus olhos se afiavam em um estreito corte sobre duas esferas douradas. O homem sorriu e com infinita delicadeza começou a tirar a luva que lhe cobria a mão direita.

— Infelizmente, você não viverá o suficiente para vê-lo. — acrescentou Jawahal — Não acredite nem por um segundo que seu heróico ato serviu para alguma coisa. É um estúpido, tenente Peake. Sempre me deu essa impressão e na hora de morrer não fez mais que confirmar isso. Espero que haja um inferno para os estúpidos, Peake, porque é para lá que eu vou enviar você.

Peake fechou os olhos e escutou o vaio do fogo a uns centímetros de seu rosto. Logo, após um instante interminável, sentiu uns dedos ardentes fechando-se sobre sua garganta, cegando seu último fôlego de vida. Entretanto, à distância, escutava o som daquele trem maldito e as vozes espectrais de centenas de meninos uivando entre as chamas. Depois, a escuridão.

Aryami Bosé percorreu a casa e foi apagando uma a uma as velas que iluminavam seu santuário. Deixou somente a tímida luz do fogo que projetava halos fugazes de luz sobre as paredes nuas. Os meninos dormiam já ao calor das brasas e apenas o repico da chuva sobre as portas fechadas e o ranger das fibras do fogo rompiam o silêncio sepulcral que reinava em toda a casa. Lágrimas silenciosas escorregaram sobre seu rosto e caíram sobre sua túnica dourada enquanto Aryami tomava com mãos trementes o retrato de sua filha Kylian de entre os objetos que guardava em um pequeno cofre de bronze e marfim.

Um velho fotógrafo itinerante proveniente de Bombay tinha tirado aquela imagem

um tempo antes do casamento sem aceitar pagamento algum em troca. A imagem mostrava tal e qual como Aryami a recordava, envolta naquela estranha luminosidade que parecia emanar de Kylian e que encantava todos que a conheciam, do mesmo modo que tinha enfeitiçado o olho perito do retratista, que a batizou com o apelido com que todos a recordavam: a princesa de luz.

É obvio, Kylian nunca foi uma verdadeira princesa nem teve mais reino que as “calles” que a tinham visto crescer. O dia que Kylian deixou a casa dos Bosé para viver com seu marido, as pessoas de Machuabazaar despediram-se com lágrimas nos olhos enquanto viam afastar a limusine branca como se levasse para sempre à princesa da cidade negra. Era apenas uma menina quando o destino a levou e jamais voltou.

Aryami se sentou junto aos meninos frente ao fogo e apertou a velha fotografia contra seu peito. A tormenta rugiu de novo e Aryami resgatou a força de sua ira para decidir o que deveria fazer agora. O perseguidor do tenente Peake não se contentaria acabando com ele. O valor do jovem Ihe tinha oferecido uns minutos preciosos que não poderia desperdiçar sob hipótese alguma, nem sequer para chorar a memória de sua filha. A experiência já Ihe tinha ensinado que o futuro Ihe reservaria mais do que tempo para lamentar-se dos enganos cometidos no passado.

Deixou a fotografia de novo no cofre e tomou a medalha que tinha mandado fazer para Kylian anos atrás, uma jóia que jamais chegou a luzir. A medalha se compunha de dois círculos de ouro, um sol e uma lua, que encaixavam um no outro formando uma única peça. Pressionou no centro da medalha e ambas as partes se separaram. Aryami encaixou cada uma das duas metades da medalha nas respectivas correntes de ouro e as colocou em torno do pescoço de cada um dos meninos.

Enquanto o fazia, a dama meditava em silêncio sobre as decisões que deveria tomar. Só um caminho parecia apontar para sua sobrevivência: deveria separá-los e afastá-los um do outro, apagar seu passado e ocultar sua identidade ao mundo e a si mesmos, por muito doloroso que isso pudesse resultar. Não era possível mantê-los juntos sem se denunciarem mais cedo ou mais tarde. Aquele era um risco que não podia assumir a nenhum preço. E necessariamente, deveria resolver aquele dilema

antes do amanhecer.

Aryami pegou os dois bebês em seus braços e os beijou brandamente na face. As mãos diminutas acariciaram seu rosto e seus dedos minúsculos apalpavam as lágrimas que cobriam suas bochechas enquanto os olhares risonhos de ambos a escrutinavam sem compreender. Estreitou-os de novo em seus braços e os devolveu ao pequeno berço que tinha improvisado para eles.

Assim que os deixou repousando, acendeu a luz de um candeeiro e pegou na pluma e papel. O futuro de seus netos estava agora em suas mãos.

Inspirou profundamente e começou a escrever. Ao longe podia escutar a chuva que já amainava e os sons da tormenta que se afastavam para o Norte estendendo sobre Calcuta um infinito manto de estrelas.

Thomas Carter tinha acreditado que, ao completar os cinquenta, a cidade de Calcuta, seu lar durante os últimos trinta e três anos, já não reservaria mais surpresas para ele.

O amanhecer daquele dia de maio de 1916, depois de uma das tormentas mais furiosas que recordava fora da época da monção, a surpresa chegou às portas do orfanato St. Patricks em forma de uma cesta com um menino e uma carta lacrada dirigida a sua exclusiva atenção pessoal.

A surpresa vinha em dobro. Em primeiro lugar, ninguém se incomodava em abandonar um menino em Calcuta às portas de um orfanato; havia becos, esgotos e poços por toda a cidade para fazê-lo mais comodamente. E, em segundo lugar, ninguém escrevia cartas de apresentação como aquela, assinadas e sem qualquer dúvida a respeito da sua autoria.

Carter examinou suas lentes a luz e exalou o bafo de seu fôlego sobre os vidros para facilitar sua limpeza com um lenço de algodão cru e envelhecido que empregava

para tal tarefa não menos de vinte e cinco vezes ao dia, trinta e cinco durante os meses do verão índiano.

O menino descansava no piso inferior, no dormitório de Vendela, a enfermeira chefe, sob sua atenta vigilância, depois de ter sido reconhecido pelo doutor Woodward, que foi arrancado do sono pouco antes da alvorada e a quem, à exceção de seu dever de juramento, não lhe deram mais explicações.

O menino estava essencialmente são. Mostrava certos sinais de desidratação, mas não parecia estar afetado por nenhuma febre do amplo catálogo que acostumava cegar a visão de milhares de criaturas como aquela e que lhes negava o direito de alcançar a idade necessária para aprender a pronunciar o nome de sua mãe. Tudo que vinha com ele era a medalha, em forma de sol, em ouro que Carter sustentava entre seus dedos e aquela carta. Uma carta que, se tinha que dar como verdadeira, e lhe custava encontrar uma alternativa a essa possibilidade, colocava-se em uma situação comprometedora.

Carter guardou a medalha à chave na gaveta superior de sua escrivaninha e tomou de novo a carta, relendo-a pela décima vez.

Apreciado Mr. Carter

Vejo-me obrigada a solicitar sua ajuda na mais das penosas circunstâncias, apelando à amizade que, pelo que me consta, o uniu a meu defunto marido durante mais de dez anos. Durante esse período, meu marido não poupou elogios para com sua honestidade e a extraordinária confiança que você sempre lhe inspirou.

Por isso, hoje lhe rogo que atenda minha súplica, por estranha que possa lhe parecer, com a maior urgência e, sem dúvida, com o maior dos segredos.

O menino que me vejo obrigada a entregar-lhe perdeu seus pais às mãos de um assassino que jurou matar a ambos e acabar igualmente com sua descendência.

Não posso nem acho oportuno lhe revelar os motivos que o levaram a cometer tal ato. Bastará lhe dizer que a descoberta do menino deverá ser mantida em segredo e que sob nenhum conceito deve você dar parte do mesmo à polícia ou às autoridades britânicas, posto que o assassino dispõe de conexões em ambos os organismos que não demorariam para o levar até ele.

Por motivos óbvios, não posso criar o menino a meu lado sem o expor a sofrer o mesmo destino que acabou com seus pais. Por isso lhe rogo que se encarregue dele, dê-lhe um nome e o eduque nos sérios princípios de sua instituição para fazer dele no futuro uma pessoa tão honrada e honesta como o foram seus pais.

Sou consciente de que o menino não poderá conhecer jamais seu passado, mas é de vital importância que assim seja.

Não disponho de muito tempo para brindá-lo com mais detalhes e me vejo de novo na obrigação de lhe recordar a amizade e a confiança que teve você em meu marido para legitimar minha petição.

Suplico-lhe que, ao terminar a leitura desta carta, a destrua, assim como qualquer sinal que pudesse denunciar o achado do menino. Sinto não poder efetuar esta petição em pessoa, mas a gravidade da situação me impede de fazer isso.

Na confiança de que saberá tomar a decisão adequada, receba minha eterna gratidão.

Aryami Bosé.

Uma batida a sua porta o arrancou da leitura. Carter tirou as lentes, dobrou cuidadosamente a carta e a depositou na gaveta de sua escrivaninha, fechando-a com chave.

— Entre. — falou.

Vendela, a enfermeira chefe do St. Patricks, apareceu em seu escritório com seu eterno semblante sério e oficioso. Seu olhar não respirava bons augúrios.

— Há um cavalheiro lá em baixo que deseja vê-lo. — anunciou sucintamente.

Carter franziu o cenho.

— Do que se trata?

— Não quis me dar detalhes. — respondeu a enfermeira, mas sua expressão parecia insinuar claramente que seu instinto farejava que tais detalhes, existindo, resultavam vagamente suspeitos.

Depois de uma pausa, Vendela entrou no escritório e fechou a porta em suas costas.

— Acredito que se trata do menino. — disse a enfermeira com certa inquietação
— Não lhe disse nada.

— Falou com alguém mais? — perguntou Carter.

Vendela negou silenciosamente. Carter assentiu e guardou a chave de sua secretária no bolso de sua calça.

— Posso lhe dizer que não está aqui neste momento. — apontou Vendela.

Carter pensou na opção por um instante e determinou que, se as suspeitas de Vendela apontavam na direção correta (e estava acostumada a fazê-lo), aquilo não faria mais do que reforçar a aparência de que o St. Patricks tinha algo que ocultar. A decisão foi tomada imediatamente.

— Não. Receberei-o, Vendela. Faça-o entrar e assegure-se de que ninguém do pessoal fala com ele. Descrição absoluta sobre este assunto. De acordo?

— Compreendido.

Carter escutou afastarem-se pelo corredor os passos de Vendela enquanto limpava de novo suas lentes e comprovava que a chuva voltava a golpear os vidros de sua janela com rabugice.

O homem vestia uma larga capa negra e sua cabeça estava envolta em um turbante, sobre o qual se apreciava um medalhão escuro que emulava a silhueta de uma serpente. Seus estudados gestos sugeriam os de um próspero comerciante do Norte de Calcuta e seus traços pareciam vagamente hindus, embora sua pele refletisse uma palidez doentia, a pele de alguém a quem nunca alcançavam os raios do sol. A mestiçagem de raças nascidas em Calcuta tinha fundido em suas ruas bengalíes, armênios, judeus, anglo-saxões, chineses, muçulmanos e inumeráveis grupos chegados até ao campo de Kali em busca de fortuna ou refúgio. Aquele rosto podia pertencer a qualquer dessas etnias ou a nenhuma.

Carter sentiu os olhos penetrantes em suas costas, o inspecionando cuidadosamente, enquanto servia as duas xícaras de chá na bandeja com que Vendela os havia provido.

— Sente-se, por favor. — indicou Carter amavelmente ao desconhecido — Açúcar?

— Tomarei como você.

A voz do desconhecido não mostrava acento nem expressão alguma. Carter tragou a saliva, fixou um sorriso cordial em seus lábios e se voltou estendendo a xícara de chá ao sujeito. Dedos embainhados em uma luva negra, compridos e afiados como garras, fecharam-se sobre a porcelana ardente sem vacilação. Carter sentou-se em sua poltrona e removeu o açúcar de sua própria xícara.

— Sinto o importunar neste momento, Mr. Carter. Imagino que terá você muito que fazer, por isso serei breve. — afirmou o homem.

Carter assentiu cortesmente.

— Qual é então o motivo de sua visita, senhor...? — começou Carter.

— Meu nome é Jawahal, Mr. Carter. — explicou o desconhecido — Lhe serei muito franco. Talvez minha pergunta lhe pareça estranha, mas, encontraram um menino, um bebê de apenas uns dias, durante a noite passada ou durante o dia de hoje?

Carter franziu o cenho e luziu seu melhor semblante de surpresa. Nem muito óbvio nem muito sutil.

— Um menino? Acredito que não compreendo.

O homem que afirmava chamar-se Jawahal sorriu amplamente.

— Sabe. Não sei por onde começar. O certo é que se trata de uma história um tanto embaraçosa. Confio em sua descrição, Mr. Carter.

— Conte com ela, senhor Jawahal. — respondeu Carter tomando um gole de sua xícara de chá.

O homem, que não tinha provado a sua, relaxou e se dispôs a esclarecer suas demandas.

—Possuo um importante negócio têxtil no Norte da cidade. — explicou — Sou o que poderíamos chamar um homem de posição acomodada. Alguns me chamam rico e não lhes falta razão. Tenho muitas famílias a meu cargo e me honra tratar de ajudar sempre que está ao meu alcance.

— Todos fazemos o podemos, tal como estão as coisas. — acrescentou Carter, sem afastar seu olhar daqueles dois olhos negros e insondáveis.

— Claro. — continuou o desconhecido — O motivo que me trouxe para sua honorável instituição é um penoso assunto ao qual queria pôr solução quanto antes. Faz uma semana uma moça que trabalha em uma de minhas oficinas deu a luz um menino. O pai da criatura é, ao que parece, um patife anglo-indiano que a freqüentava e cujo paradeiro, uma vez teve notícia do embaraço da moça, é desconhecido. Ao que parece, a família da jovem é de Delhi, muçulmanos e gente simples, que não estavam ao corrente do assunto.

Carter assentiu gravemente, mostrando sua comiseração pela história referida.

— Faz dois dias soube por um de meus capatazes que a moça, em um momento de loucura, fugiu da casa onde vivia com uns familiares com a idéia de, ao que parece, vender o menino. — prosseguiu Jawahal — Não a julgue mal, é uma moça exemplar, mas a pressão que pesava sobre ela transbordou. Não deve estranhar. Este país, é igual ao seu, Mr. Carter, é pouco tolerante com as debilidades humanas.

— E você crê que o menino possa estar aqui, senhor Jawahal? — perguntou Carter, procurando reconduzir o fio de volta à meada.

— Jawahal. — corrigiu o visitante— Perceberá. O certo é que, uma vez que tive conhecimento dos fatos, senti-me em certo modo responsável. Depois de tudo, a moça trabalhava sob meu teto. Eu e um par de capatazes de confiança percorremos a cidade e averiguamos que a jovem tinha vendido o menino a um desprezível criminoso que comercializa criaturas para mendigar. Uma realidade tão lamentável como a habitual hoje em dia. Demos com ele mas, por circunstâncias que agora não vêm ao caso, escapou no último momento. Isto aconteceu ontem à noite, nas imediações deste orfanato. Tenho motivos para pensar que, por medo do que lhe pudesse acontecer, este indivíduo possivelmente abandonou o menino na vizinhança.

— Compreendo. — opinou Carter — E levou este assunto ao conhecimento das autoridades locais, senhor Jawahal? O tráfico de meninos será duramente castigado, como sabe.

O desconhecido cruzou as mãos e suspirou levemente.

— Confiava poder solucionar o assunto sem necessidade de recorrer a esse extremo. — disse — Francamente, se o fizesse, implicaria o jovem e o menino ficaria sem pai e sem mãe.

Carter pesou cuidadosamente a história do desconhecido e assentiu lenta e repetidamente em sinal de compreensão. Não acreditava em uma só vírgula de toda a história.

— Sinto não lhe poder ser de ajuda, senhor Jawahal. Por desgrça, não

encontramos nenhum menino nem tivemos notícia de que isso tenha ocorrido na área. — explicou Carter — De qualquer modo, se me proporcionar seus dados, me poria em contato com você caso tivesse qualquer notícia, embora temo que me veria obrigado a informar às autoridades caso um menino fosse abandonado nesta instituição. É a lei e eu não posso ignorá-la.

O homem contemplou Carter em silencio durante uns segundos, sem piscar. Carter lhe sustentou o olhar sem alterar seu sorriso um milímetro, embora sentisse como lhe encolhia o estômago e seu pulso acelerava como se tivesse de frente a uma serpente disposta a saltar sobre ele. Finalmente, o desconhecido sorriu cordialmente e apontou a silhueta do Raj Bhawan, o edifício do governo britânico, de aspecto palaciano, que se elevava na distância sob a chuva.

— Vocês, os britânicos, são admiravelmente observadores da lei e isso os honra. Não foi Lorde Wellesley quem decidiu trocar a sede do governo em 1799, esse magnífico enclave, para dar nova envergadura a sua lei? Ou foi em 1800? — inquiriu Jawahal.

— Lamento dizer que não sou um bom conhecedor da história local. — falou Carter, desconcertado pelo extravagante giro que Jawahal tinha conferido à conversação.

O visitante franziu o cenho em sinal de amável e pacífica desaprovação de sua declarada ignorância.

— Calcuta, com apenas duzentos e cinqüenta anos de vida, é uma cidade tão desprovida de história que o menos que podemos fazer por ela é conhecê-la, Mr. Carter. Voltando ao tema, eu diria que foi em 1799. Sabe a razão do traslado? O governador Wellesley disse que a Índia devia ser governada a partir de um palácio e não de um edifício de contadores; com as idéias de um príncipe e não as de um comerciante de especiarias. Toda uma visão, diria eu.

— Sem dúvida. — confirmou Carter, levantando-se com a intenção de se despedir do estranho visitante.

— Mas, que fazer, em um império onde a decadência é uma arte e Calcuta seu maior museu. — acrescentou Jawahal.

Carter assentiu vagamente sem saber muito bem a que.

— Sinto lhe ter feito perder seu tempo, Mr. Carter. — concluiu Jawahal.

— Ao contrário. — respondeu Carter — Somente lamento não poder lhe ser de maior ajuda. Em casos assim todos temos que fazer tudo o que esteja em nossas mãos.

— Assim é. — concordou Jawahal, levantando-se por sua vez — Agradeço sua amabilidade de novo. Apenas queria lhe formular uma pergunta mais.

— Responderei-a com supremo gosto. — replicou Carter, rogando internamente a chegada do momento em que poderia livrar-se da presença daquele indivíduo.

Jawahal sorriu maliciosamente, como se tivesse lido seus pensamentos.

— Até que idade permanecem com vocês os rapazes que recolhem , Mr. Carter?

Carter não pôde ocultar seu gesto de estranheza perante a questão.

— Confio em não ter cometido nenhuma indiscrição. — se apressou a afirmar Jawahal — Se assim for, ignore minha questão. É simples curiosidade.

— Absolutamente. Não é nenhum segredo. Os internos do St. Patricks permanecem sob nosso teto até ao dia que completem os dezesseis anos. Passado esse prazo, concluiu o período de tutela legal. Já são adultos, ou assim determina a lei, e estão em disposição de empreender sua própria vida. Como verá, esta é uma instituição privilegiada.

Jawahal o escutou atentamente e pareceu meditar sobre assunto.

— Imagino que deve ser doloroso para você vê-los partir depois os ter todos esses anos ao seu cuidado. — observou Jawahal — De algum modo, você é o pai de todos esses meninos.

— Faz parte de meu trabalho. — mentiu Carter.

— É obvio. Entretanto, perdoe meu atrevimento, mas, como sabem vocês qual é a verdadeira idade de um menino que carece de pais e família? Um tecnicismo, suponho...

— A idade de cada um de nossos internos se fixa na data de seu ingresso ou por um cálculo aproximado que a instituição aplica. — explicou Carter, incômodado perante a perspectiva de discutir procedimentos do St. Patricks com aquele desconhecido.

— Isso o converte em um pequeno Deus, Mr. Carter. — comentou Jawahal.

— É uma apreciação que não compartilho. — respondeu secamente Carter.

Jawahal saboreou o desagrado que tinha aflorado ao rosto do Carter.

— Desculpe minha ousadia, Mr. Carter. — respondeu Jawahal — Em qualquer caso, alegre-me por o haver conhecido. É possível que o visite no futuro e possa fazer uma contribuição a sua nobre instituição. Talvez volte dentro de dezesseis anos e possa assim conhecer os rapazs que hoje mesmo vão entrar para formar parte de sua grande família.

— Será um prazer o receber então se assim o desejar. — disse Carter, acompanhando o desconhecido até a porta de seu escritório — Parece que a chuva aumenta com força outra vez. Talvez você prefira esperar que amaine.

O homem se voltou para Carter e as pérolas negras de seus olhos brilharam intensamente. Aquele olhar parecia ter estado calibrando cada um de seus gestos e expressões desde o momento em que tinha penetrado em seu escritório, farejando nas fissuras e analisando pacientemente suas palavras. Carter lamentou ter feito aquele oferecimento ao estender a hospitalidade do St. Patricks.

Naquele preciso instante, Carter desejava poucas coisas no mundo com a mesma intensidade com que ansiava perder de vista aquele indivíduo. Pouco lhe importava se um furacão estava arrasando as ruas da cidade.

— A chuva cessará logo, Mr. Carter. — respondeu Jawahal— Obrigado de todo o jeito.

Vendela, precisa como um relógio, estava esperando no corredor o fim da entrevista e escoltou o visitante até a saída. Da janela de seu escritório, Carter contemplou aquela silhueta negra afastando-se sob a chuva até vê-la desaparecer ao pé da colina entre as ruelas. Permaneceu ali, frente a sua janela, com o olhar fixo no Raj Bhawan, a sede do governo. Minutos depois, a chuva, tal como Jawahal havia previsto, cessou.

Thomas Carter se serviu de outra xícara de chá e se sentou em sua poltrona contemplando a cidade. Criou-se em um lugar parecido ao que agora dirigia, nas ruas do Liverpool. Entre os muros daquela instituição tinha aprendido três coisas que presidiram o resto de sua vida: apreciar o valor do material em sua justa medida, amar os clássicos e, em último lugar, mas não de menor importância, reconhecer um mentiroso a uma milha de distância.

Saboreou o chá sem pressa e decidiu começar a celebrar seu cinqüentagéssimo aniversário, visto que Calcuta ainda tinha surpresas reservadas para ele. Aproximou-se de sua cristaleira e tirou a caixa de charutos que reservava para as ocasiões memoráveis. Riscou um comprido fósforo e acendeu o valioso exemplar com toda a calma que requeria o cerimonial.

Logo, aproveitando a chama providencial daquele fósforo, tirou a carta de Aryami Bosé da gaveta de seu escritório e lhe colocou fogo. Enquanto o pergaminho se reduzia a cinzas numa pequena bandeja gravada com as iniciais do St. Patricks, Carter se deleitou com o tabaco e, em honra a um de seus ídolos de juventude, Benjamim Franklin, decidiu que o novo inquilino do orfanato St. Patricks cresceria com o nome do Ben e que ele pessoalmente poria todo seu empenho em que o rapaz encontrasse entre aquelas quatro paredes à família que o destino lhe tinha roubado.

Antes de prosseguir com minha narração e entrar em detalhes sobre os acontecimentos realmente significativos deste relato, que tiveram lugar dezesseis anos mais tarde, devo me deter brevemente para apresentar a alguns de seus protagonistas. Basta dizer que, enquanto tudo isto acontecia nas ruas da Calcuta,

alguns de nós ainda não tínhamos nascido e outros contávamos com apenas uns dias de vida. Só uma circunstância nos era comum e acabaria por nos unir sob o teto do St. Patricks: nunca tivemos uma família nem um lar.

Aprendemos a sobreviver sem nenhuma das duas coisas ou, melhor, inventando nossa própria família e criando nosso próprio lar. Uma família e um lar escolhidos livremente, onde não cabiam o azar nem a mentira. Nenhum dos sete conhecia outro pai senão Mr. Thomas Carter e seus discursos sobre a sabedoria que escondiam as páginas de Dante e Virgílio, nem outra mãe senão a cidade de Calcuta, com os mistérios que albergavam suas ruas sob as estrelas da península de Bengala.

Nosso clube particular tinha um nome pitoresco, cuja origem verdadeira só conhecia Ben, que o batizou a seu capricho, embora alguns tivessemos a suspeita de que tinha tomado a denominação emprestada de um velho catalogo de importadores por correio de Bombay. Seja como for, a Chowbar Society se constituiu em algum momento de nossas vidas, a partir do qual os jogos do orfanato já não ofereciam desafios tentadores. Pelo contrário, nossa astúcia estava suficientemente desenvolvida para conseguirmos sair impunemente do edifício no meio da madrugada, passado o toque de silêncio da venerável Vendela, rumo a nossa sede social, a muito secreta e moderadamente encantada casa abandonada que ocupou durante décadas a esquina do Cotton Street e Brabourne Road, em plena cidade negra e a apenas a algumas quadras do rio Hooghly.

Em honra à verdade, devo dizer que aquele casarão, ao que nós denominávamos com orgulho o Palácio da Meia-noite (em consideração ao horário de nossas sessões plenárias), nunca esteve encantado. A fama de seu feitiço, porém, não era alheia a nosso trabalho subterrâneo. Um de nossos membros fundadores, Siraj, asmático profissional e perito erudito em histórias de fantasmas, assombrações e encantamentos da cidade de Calcuta, tramou uma lenda convenientemente sinistra e verosímil a respeito de um suposto antigo inquilino. Isto ajudava a manter limpo e livre de intrusos nosso refúgio secreto.

A história, em breves palavras, versava sobre um velho comerciante que aparecia envolto em um manto branco e percorria o casarão levitando sobre o chão,

com os olhos acesos como brasas e longas presas aparecendo entre seus lábios, sedento de almas incautas e bisbilhoteiras. O matiz dos olhos e as presas, é obvio, era uma contribuição pessoal e intransferível do Ben, entusiasta ferrenho em tecer tramas cuja truculência colocava os clássicos do Mr. Carter, Sófocles e o sangrento Homero incluídos, à altura do betume.

Face às ressonâncias jocosas de seu nome, a Chowbar Society era um clube tão seletivo e restrito como os que povoavam os edifícios eduardinos do centro da Calcuta e emulavam seus homônimos em Londres; salões onde não fazer nada, com uma taça de brandy na mão, era patrimônio dos mais altos patrícios saxões. Nosso propósito, entretanto, a falta de cenário mais glorioso, era mais nobre.

A Chowbar Society tinha nascido com duas missões irrenunciáveis. A primeira, garantir a cada um de seus sete membros ajuda, amparo e apoio incondicional dos outros, sob qualquer circunstância, perigo ou adversidade. A segunda, compartilhar os conhecimentos que cada um de nós ia adquirindo e pô-los ao alcance dos outros, nos preparando para o dia em que cada um de nós tivéssemos que enfrentar o mundo sozinho.

Cada membro tinha jurado por seu nome e sua honra (não dispúnhamos de parentes próximos aos quais poderíamos hipotecar nos juramentos) cumprir com estes dois propósitos e guardar o segredo da sociedade. Nos sete anos de sua existência ininterrupta jamais se aceitou um novo membro. Minto, fizemos uma exceção, mas relatá-la agora seria adiantar acontecimentos...

Nunca houve um clube onde seus membros estivessem mais unidos E onde a importância do juramento tivesse tanto peso. A diferença dos clubes de cavalheiros enriquecidos do Mayfair, é que nenhum de nós tinha um lar ou uma amada nos esperando à saída do Palácio da Meia-noite. E também em clara divergência com as antigas pensões para ex-alunos de Cambridge, a Chowbar Society admitia mulheres.

Começarei pois, pela primeira mulher que assinou o juramento como membro fundador da Chowbar Society, embora quando a cerimônia teve lugar, nenhum de nós (a referida incluída, aos seus nove anos) pensava nela como uma mulher Seu nome era Isobel e, tal como ela dizia, tinha nascido para as lamparinas. Isobel sonhava

transformar-se na sucessora de Sarah Bernhardt, seduzir o público desde a Broadway ao Shafestbury, e colocar no desemprego às divas da nascente indústria do cinema em Hollywood e Bombay. Colecionava recortes e programas de teatro, escrevia seus próprios dramas («monólogos ativos», dizia ela) e os representava para todos nós com notável êxito. Sobressaíam-se suas excelentes composições de mulher fatal a beira do abismo. Sob seu aspecto extravagante e melodramático, Isobel possuía, com a provável exceção de Ben, o melhor cérebro do grupo.

As melhores pernas, entretanto, pertenciam ao Roshan. Ninguém corria como Roshan, que tinha crescido nas ruas da Calcuta aos cuidados de ladrões, mendigos e toda uma sorte de fauna daquela selva de pobreza que eram os nascentes bairros em expansão ao sul da cidade. Aos oito anos, Thomas Carter o trouxe para o St. Patricks e após várias fugas e retornos, Roshan decidiu ficar conosco. Entre seus talentos estava a serralharia. Não havia na Terra uma fechadura ou cadeado que resistisse a suas artes.

Já falei que o Siraj era o nosso especialista em casas encantadas. Siraj, além de sua asma, sua compleição débil e sua saúde doentia, possuía uma memória enciclopédica, especialmente no referente a histórias tenebrosas da cidade (e as havia as centenas). Nos relatos fantasmagóricos que adornavam nossas veladas assinaladas, Siraj era o documentalista e Ben, o fabulador. Desde o fantasma cavalgante de Hastings House ao espectro do líder revolucionário do motim de 1857, passando pelo horripilante sucesso do chamado buraco negro de Calcuta (onde morreram mais de cem homens asfixiados após serem capturados em um assédio ao antigo Fort William), não havia conto nem episódio macabro da história da cidade que escapasse ao controle, análise e arquivo do Siraj. Convém dizer que para os outros, a sua paixão era motivo de regozijo e celebração. Para sua desgraça, entretanto, Siraj sentia uma adoração pela Isobel, vizinha do doente. Não passavam seis meses sem que suas propostas de matrimônio futuro (invariavelmente declinadas) fossem causa da tormenta romântica no grupo e piorassem a asma do pobre amante ignorado.

Os afetos da Isobel eram competência exclusiva do Michael, um rapaz alto, magro e taciturno que se entregava a longas melancolias sem motivo aparente e que tinha o duvidoso privilégio de ter chegado a conhecer e recordar seus pais, mortos

numa inundação no delta do Ganges com o afundamento de uma barcaça sobrecarregada. Michael falava pouco e sabia escutar. Só existia um modo de chegar a conhecer seus pensamentos: observar as dezenas de desenhos que fazia durante o dia. Ben estava acostumado a dizer que, se houvesse mais do que um Michael no mundo, ele investiria sua fortuna (por ganhar ainda) em ações de companhias de cestos de papéis.

O melhor amigo do Michael era Seth, um rapaz bengali, forte e de semblante severo que sorria umas seis vezes ao ano e mesmo assim com reparos. Seth era um estudioso de tudo o que ficasse na sua linha de tiro, devorador incansável dos clássicos do Mr. Carter e aficionado à Astronomia. Quando não estava conosco, dedicava todos seus empenhos à construção de um estranho telescópio, e como Ben estava acostumado a dizer não chegaria a ver-se nem a ponta dos pés. Seth nunca apreciou o senso de humor vagamente cáustico de Ben.

Somente fica Ben e, embora o tivesse deixado para o final, resulta-me muito difícil falar dele. Havia um Ben diferente para cada dia. Seu humor trocava à meia hora e passava de longos silêncios com o rosto triste, a períodos de hiperatividade que acabavam por nos esgotar a todos. Um dia queria ser escritor; no seguinte, inventor e matemático; no outro, navegante ou mergulhador; e o resto, tudo junto e algumas coisas mais. Ben inventava teorias matemática que nem ele mesmo conseguia recordar e escrevia histórias de aventuras tão desatinadas que acabava por destruí-las antes das terminar, envergonhado das haver assinado. Metralhava constantemente todos aqueles que o rodeavam com ocorrências extravagantes e com arrevesados jogos de palavras que sempre se negava a repetir. Ben era como um baú sem fundo, cheio de surpresas e também de mistérios, de luzes e sombras. Ben era, e suponho que continua sendo, embora faça décadas que não nos vemos, meu melhor amigo.

Quanto a mim, há pouco que contar. Me chamem simplesmente Ian. Só tive um sonho, um sonho modesto: estudar Medicina e chegar a exercer como Médico. O destino foi amável comigo e me concedeu isso. Como escreveu uma vez Ben em uma de suas cartas, «Eu passava por ali e vi o que estava acontecendo».

Lembrança que nos últimos dias daquele mês de maio de 1932, os sete

membros da Chowbar Society iam cumprir os dezesseis anos. Aquela era uma idade fatídica, temida e esperada com ansiedade por todos.

Aos dezesseis anos, o St. Patricks nos devolia, conforme rezavam seus estatutos, à sociedade, para que crescêssemos como homens e mulheres e nos convertêssemos em adultos responsáveis. Aquela data tinha outro significado que todos compreendíamos muito bem: significava a dissolução definitiva da Chowbar Society. A partir daquele verão, nossos caminhos se separavam e embora pese as nossas promessas e às amáveis mentiras que tínhamos chegado a vender a nós mesmos, sabíamos que o vínculo que nos tinha unido não demoraria a desvanecer-se como um castelo de areia à beira do mar.

São tantas as lembranças que conservo daqueles anos no St. Patricks, que inclusive hoje me surpreendo sorrindo perante as ocorrências do Ben e as fantásticas histórias que compartilhamos no Palácio da Meia-noite. Mas possivelmente, de todas aquelas imagens que resistem a perder-se na corrente do tempo, a que sempre recordarei com mais intensidade era aquela figura que tantas vezes acreditei ver o anoitecer no dormitório que compartilhavam quase todos os meninos do St. Patricks, uma larga divisão, escura, de tetos altos e arqueados que fazia pensar na sala de um hospital. Suponho que, uma vez mais, a insônia que sempre padeci até passados dois anos de minha viagem a Europa converteu-me em espectador de tudo o que acontecia ao meu redor enquanto outros dormiam placidamente.

Foi ali, naquela sala sem graça, onde tantas vezes me pareceu ver aquela pálida luz cruzar a habitação. Sem saber como reagir tratava de me levantar e seguir o reflexo até ao extremo da divisão e naquele momento a observava de novo, do modo em que tinha sonhado, vendo-a em tantas outras ocasiões. A silhueta evanescente de uma mulher envolta em mantos de luz espectral se inclinava lentamente sobre a cama em que Ben dormia profundamente. Eu lutava por manter os olhos abertos e acreditava ver a dama de luz acariciar maternalmente meu amigo. Contemplava seu rosto ovalado e transparente envolto em um halo brilhante e vaporoso. A dama elevava os olhos e me olhava. Longe de sentir medo, eu me perdia no poço daquele olhar triste e ferido. A princesa de luz me sorria e logo, depois de acariciar de novo o rosto do Ben, sua silhueta se desvanecia no ar em numa chuva de lágrimas de prata.

Sempre mantive a fantasia de que aquela visão encarnava a sombra de uma mãe que Ben nunca chegou a conhecer e em algum lugar de meu coração, albergava a esperança infantil de que, se algum dia conseguisse me render ao sono, uma aparição como aquela velasse também por mim. Aquele foi o único segredo que nunca compartilhei com ninguém, nem sequer com o Ben.

A Última Noite da Chowbar Society

Calcuta, 25 de maio de 1932.

Em todos os anos que Thomas Carter tinha estado à frente do St. Patricks, tinha repartido as classes de Literatura, História e Aritmética com a destreza ativa de um perito em nada e entendido em quase tudo. A única matéria em que nunca foi capaz de preparar seus alunos foi na de dizer adeus. Ano após ano, desfilavam perante ele os rostos entre iludidos e aterrados daqueles a quem as regras logo poriam longe da sua influência e do amparo da instituição que dirigia. Ao vê-los cruzar as portas do St. Patricks, Thomas, Carter estava acostumado a comparar aqueles jovens com livros em branco, em cujas páginas ele estava encarregado de escrever os primeiros capítulos de uma história que nunca lhe era permitido acabar.

Sob seu semblante sério e severo, pouco propenso aos desdobramentos emotivos e aos discursos entusiastas, ninguém temia mais que Thomas Carter a data fatídica em que aqueles livros escapavam para sempre de seu escritório. Logo passariam para mãos desconhecidas e autores pouco escrupulosos na hora de escrever epílogos sombrios, afastados dos sonhos e expectativas com que seus tutelados levantariam num vôo solitário pelas ruas de Calcuta.

A experiência o tinha forçado a renunciar ao seu desejo de conhecer os passos que seus alunos empreendiam uma vez que a sua mão já não lhe permitia guiá-los. Para Thomas Carter, o adeus tinha o costume de vir acompanhado pelo sabor amargo da decepção, ao comprovar, mais cedo ou mais tarde, que quando a vida tinha privado o passado aqueles rapazes, parecia que lhes havia roubado também seu futuro.

Aquela calorosa noite de maio, enquanto escutava as vozes dos meninos na modesta festa organizada no pátio dianteiro do edifício, Thomas Carter contemplou da escuridão de seu escritório as luzes da cidade brilhando sob a abóbada de estrelas e os bandos de nuvens negras que escapavam para o horizonte, manchas de tinta em

uma xícara de água cristalina.

Uma vez mais, tinha declinado o convite para ir à festa e tinha permanecido em silêncio prostrado em sua poltrona, sem mais alguma luz senão os reflexos multicoloridos dos faróis de velas e papéis com que Vendela e os meninos tinham decorado as árvores do pátio e a fachada do St. Patricks em forma de um casco de navio engalanado para seu bota-fora.

Tempo haveria para pronunciar suas palavras de despedida nos dias que restavam para o cumprimento do regulamento oficial de devolver os meninos às ruas das quais os tinha resgatado.

Tal como vinha sendo costume nos últimos tempos, Vendela não demorou para bater a sua porta. De uma vez, entrou sem esperar resposta e fechou a porta em suas costas. Carter observou o rosto excepcionalmente risonho da enfermeira chefe e sorriu na penumbra.

— Ficamos velhos, Vendela. — disse o diretor do orfanato.

— Você se fez velho, Thomas. — corrigiu Vendela — Eu amadureci. Não pensa descer à festa? Os meninos gostariam de vê-lo. Lhes disse que você não era exatamente a alma de uma festa... Mas se não me escutaram em todos estes anos, não iriam começar a fazê-lo hoje.

Carter acendeu a lamparina de seu escritório e convidou a Vendela a sentar-se com um gesto.

— Quantos anos estivemos juntos, Vendela? — perguntou Carter.

— Vinte e dois, Mr. Carter. — precisou ela — Mais do que suportei a meu defunto marido, que em paz esteja.

Carter riu com a brincadeira de Vendela.

— Como conseguiu me agüentar todo este tempo? — perguntou Carter — Não se reprima. Hoje é dia de festa e me sinto benevolente.

Vendela encolheu os ombros e brincou com uma tira de serpentina escarlate que se enredou em seus cabelos.

— O pagamento não está nada mal e os meninos me agradam. Não pensa em descer, né?

Carter negou lentamente.

— Não quero estragar a festa dos rapazes. — explicou Carter — Além disso, não seria capaz de suportar nem um minuto as brincadeiras extravagantes do Ben.

— Ben está calmo esta noite. — disse Vendela — Triste, suponho. Os meninos já entregaram a Ian seu bilhete.

O rosto do Carter se iluminou. Os membros da Chowbar Society (cujas existência clandestina, contra todo o prognóstico, tinha sido longamente conhecida pelo Carter) levaram meses reunindo dinheiro para adquirirem um bilhete de navio ao Southampton com o qual se propunham presentear seu amigo Ian como forma de despedida. Ian tinha manifestado seu desejo de estudar medicina durante anos e Carter, com a sugestão da Isobel e Ben, tinha escrito a várias escolas inglesas recomendando o rapaz e auspicando pela concessão de uma bolsa. A notificação da bolsa tinha chegado um ano atrás, mas o custo da viagem até Londres excedia todas as previsões.

Perante o problema, Roshan sugeriu organizar um peditório nos escritórios de uma companhia naval a dois blocos do orfanato. Siraj propôs organizar rifas. Carter extraiu uma soma de sua parca fortuna pessoal e Vendela fez o mesmo. Não era suficiente.

Por isso, Ben decidiu escrever um drama em três atos intitulado: Os espectros de Calcuta (uma fantasmagórica charada onde morriam até os protagonistas), na qual, tinha Isobel como primeira figura com o papel de Lady Windmare, o resto do grupo em papéis secundários e uma atualização em cena com subida de tom a cargo do próprio Ben. Representou-se com notável êxito de público, embora não de crítica, em diversas escolas da cidade. Como resultado, arrecadou-se a soma restante para financiar a

viagem do Ian. Depois da estréia, Ben se entregou a um aceso elogiável sobre a arte comercial e o infalível instinto do público para reconhecer uma obra prima.

— Saltaram as lágrimas ao recebê-lo. — explicou Vendala.

— Ian é um rapaz formidável, um tanto inseguro, mas formidável. Fará bom uso desse bilhete e da bolsa. — afirmou Carter com orgulho.

— Perguntou por você. Queria lhe agradecer sua ajuda.

— Não lhe terá dito que pus dinheiro de meu bolso? — perguntou Carter, alarmado.

— Fi-lo, mas Ben desmentiu alegando que você havia gasto todo o orçamento deste ano em dívidas de jogo. — disse Vendela.

A gritaria da festa seguia faiscando no pátio. Carter franziu o cenho.

— Esse rapaz é o diabo. Se não partisse já daqui, punha-o fora.

— Você adora esse rapaz, Thomas. — riu Vendela, levantando-se — E ele sabe.

A enfermeira se dirigiu para a porta e se voltou ao chegar à soleira. Não se rendia facilmente.

— Por que não desce?

— Boa noite, Vendela. — atalhou Carter.

— Você é um velho insípido.

— Não toquemos no tema da idade ou me verei obrigado a perder minha condição de cavalheiro...

Vendela murmurou palavras ininteligíveis perante a inutilidade de sua insistência e deixou Carter sozinho. O diretor do St. Patricks apagou de novo a luz de seu escritório e, sigilosamente, aproximou-se da janela para vislumbrar o cenário da festa entre as frestas da persiana, um jardim de recantos de luzes acesas e a luz acobreada das

lanternas tingia os rostos familiares e sorridentes sob a lua cheia. Carter suspirou. Embora nenhum deles soubesse, todos tinham um bilhete de ida para algum lugar, mas só Ian conhecia o destino do dele.

— Vinte minutos e será meia-noite. — anunciou Ben.

Seus olhos brilhavam enquanto observava as labaredas de fogo dourado que pulverizavam numa chuva de faíscas acesas no ar.

— Espero que Siraj tenha boas histórias para hoje. — disse Isobel examinando o fundo do copo que segurava à contraluz, como se esperasse encontrar algo nele.

— Terá as melhores. — assegurou Roshan— Hoje é nossa última noite. O fim da Chowbar Society.

— Pergunto-me o que será do Palácio. — declarou Seth.

Nenhum deles se referia ao casarão abandonado sob outra denominação senão aquela fazia anos.

— Adivinha. —sugeriu Bem — Uma delegacia de polícia ou um banco. Não é isso o que constroem sempre que derrubam algo em qualquer cidade do mundo?

Siraj tinha se reunido a eles e considerou as funestas previsões do Ben.

— Possivelmente abrem um teatro — declarou o adoentado rapaz olhando para seu amor impossível, Isobel.

Ben pôs os olhos em branco e negou em silêncio. No que concerne a adular Isobel, Siraj não conhecia os limites da dignidade.

— Talvez não lhe toquem. — disse Ian, que tinha estado escutando calado seus amigos, dissimulando suas olhadas furtivas ao desenho que Michael estava fazendo num pequeno papel.

— O que vai na lâmina, Canaleto? — perguntou Ben sem malícia no tom de voz.

Michael elevou pela primeira vez os olhos de seu desenho e olhou para seus amigos, que o observavam como se acabasse de cair do céu. Sorriu timidamente e exibiu o desenho ao seu público.

— Somos nós — explicou o retratista residente do clube dos sete rapazes.

Os seis membros restantes da Chowbar Society escrutinaram o retrato durante cinco longos segundos, envolvidos em um silêncio religioso. O primeiro a afastar seus olhos do desenho foi Ben. Michael reconheceu no rosto de seu amigo o impenetrável semblante que luzia quando era açoitado por seus estranhos ataques de melancolia.

— Esse é meu nariz? — perguntou Siraj — Eu não tenho esse nariz! Parece um anzol!

— Não, tem outra coisa, — falou Ben, esboçando um sorriso que não enganou Michael, mas sim aos outros. — Não se queixe; se tivesse feito de perfil, só se veria uma linha reta.

— Me deixe ver. — disse Isobel, observando o desenho e estudando-o detalhadamente à luz de um lampião a piscar— É assim é como você nos vê?

Michael assentiu.

— Desenhou a si mesmo olhando em outra direção diferente de nós. — observou Ian.

— Michael sempre vê o que outros não veem. — disse Roshan.

—E o que viu em nós que ninguém mais é capaz de observar, Michael? — perguntou Ben.

Ben se uniu a Isobel e analisou o retrato. Os traços do lápis gorduroso do Michael os tinham situado juntos frente a um lago onde se refletiam seus rostos. No céu havia uma grande lua cheia e, ao longe, um bosque que se perdia na distância. Ben examinou os rostos refletidos e difusos sobre a superfície do lago e os comparou com as figuras que posavam frente à pequena lagoa. Nenhum tinha a mesma

expressão que seu reflexo. A voz de Isobel junto ao seu ouvido o resgatou de seus pensamentos.

— Posso ficar com o desenho Michael? — perguntou Isobel.

— Por que você? — protestou Seth.

Ben apoiou sua mão sobre o ombro do robusto rapaz bengali e lhe dirigiu um olhar breve e intenso.

— Deixa que fique. — murmurou.

Seth assentiu e Ben bateu-lhe carinhosamente nas costas enquanto observava pela extremidade do olho uma dama anciã elegantemente embelezada e acompanhada por uma jovem de uma idade similar à sua e a de seus amigos que cruzava a soleira do pátio do St. Patricks em direção ao edifício principal.

— Aconteceu algo? — perguntou Ian em voz baixa junto a ele.

Ben negou lentamente.

— Temos visitas. — apontou sem afastar os olhos daquela mulher e da moça — Ou algo parecido.

Quando Bankim o chamou da sua porta, Thomas Carter já tinha percebido a chegada daquela mulher e sua acompanhante através da janela da qual contemplava a festa do pátio. Acendeu a luz do escritório e ordenou a seu ajudante que entrasse.

Bankim era um jovem de rasgos bengalíes, olhos vivos e penetrantes. Depois de crescer no St. Patricks havia voltado como professor de Física e Matemática ao orfanato depois de vários anos de trabalho em diversas escolas da província. A afortunada resolução da história de Bankim era uma das exceções com as quais Carter alimentava a sua moral ano a ano. Vê-lo ali como adulto formando outros

jovens sentados nas salas-de-aula que ele tinha compartilhado anos atrás era a melhor recompensa que podia imaginar para o seu esforço.

—Sinto o incomodar, Thomas —disse Bankim—. Mas há uma dama lá em baixo que afirma que precisa falar com você. Disse-lhe que não estava e que hoje celebrávamos uma festa, mas não quis me escutar e insistiu energicamente para não dizer outra coisa.

Carter olhou seu ajudante com estranheza e consultou seu relógio.

— É quase meia-noite. — disse — Quem é essa mulher?

Bankim encolheu os ombros.

— Não sei quem é, mas sei que não partirá até que a receba. — respondeu Bankim.

— Não disse o que queria?

— Só me disse para lhe entregar isto. —respondeu Bankim estendendo uma pequena corrente brilhante a Carter — Disse que você saberia o que era.

Carter tomou a corrente em suas mãos e a examinou sob o abajur de seu escritório. Era uma medalha, um círculo que representava uma lua de ouro. A imagem demorou uns segundos em acender sua memória.

Carter fechou as pálpebras e sentiu como um nó se formava lentamente na boca de seu estômago. Possuía uma medalha muito similar aquela, oculta no cofre que guardava fachada à chave na vitrine de seu escritório. Uma medalha que não tinha visto em dezesseis anos.

— Algum problema Thomas? — perguntou Bankim, visivelmente preocupado pela mudança de expressão que tinha percebido em Carter.

O diretor do orfanato sorriu fracamente e negou guardando a corrente no bolso

de sua camisa.

— Nenhum. — Respondeu lacônicamente — Faça-a subir. A receberei.

Bankim o observou com estranheza e por um instante Carter acreditou que seu antigo tutelado formularia a pergunta que não queria escutar. Finalmente, Bankim não insistiu e saiu do escritório fechando a porta com suavidade. Dois minutos depois, Aryami Bosé entrava no santuário privado de Thomas Carter e retirava de seu rosto o véu que o cobria.

Ben observou atentamente à moça que esperava pacientemente sob a arcada da entrada principal do St. Patricks. Bankim havia tornado a aparecer e, depois de indicar à dama anciã que o seguisse, esta, com gestos inequivocamente autoritários, tinha instruído por sua vez à garota para que permanecesse à espera de seu retorno junto à porta como uma estátua de pedra. Era óbvio que a anciã tinha ido visitar Carter e, tendo em conta a escassa frivolidade com que o diretor do orfanato amadurecia sua vida social, atreveu-se a supor que as visitas a meia-noite de belezas misteriosas, qualquer que fosse sua idade, entravam totalmente no capítulo de imprevistos. Ben sorriu e se concentrou de novo na moça. Alta e esbelta, vestia roupas singelas embora pouco comuns, indumentaria tecida por alguém com um estilo pessoal e intransferível e obviamente, não adquiridos em qualquer bazar da cidade negra. Seu rosto, que não alcançava ver com clareza do lugar em que se encontrava, parecia cinzelado em rasgos suaves, uma pele pálida e brilhante.

— Há alguém aí? — sussurrou Ian em seu ouvido. Ben apontou para a moça com a cabeça, sem pestanejar.

— É quase meia-noite. — acrescentou Ian — Vamos nos reunir no Palácio dentro de uns minutos. Sessão de encerramento, recordo você.

Ben concordou, ausente.

— Espere um segundo. — disse, caminhando para a moça.

— Bem. — chamou Ian em suas costas — Agora, não, Ben...

Ele ignorou chamado de seu amigo. A curiosidade por desvendar aquele enigma era maior que os aprimoramentos protocolares da Chowbar Society. Adotou seu sorriso beatificado de aluno exemplar e se dirigiu em linha reta para a garota. A moça o viu aproximar-se e baixou o olhar.

— Olá. Sou o ajudante do Mr. Carter, reitor do St. Patricks. — disse Ben em tom exultante — Posso fazer algo por você?

— Na verdade, não. Seu companheiro já levou a minha avó perante o diretor. — disse a moça.

— Sua avó? — perguntou Ben. — Entendo. Espero que não se passe nada de grave. Quero dizer que é meia-noite e me perguntava se teria ocorrido algo.

A moça sorriu fracamente e negou. Ben lhe correspondeu. Não era presa fácil.

— Meu nome é Ben. — ofereceu amavelmente.

— Sheere. — respondeu a moça, olhando para a porta, como se esperasse que sua avó emergisse de novo em qualquer momento.

Ben esfregou as mãos.

— Bem, Sheere. — disse Bem — Enquanto meu colega Bankim conduz a sua avó ao escritório do Mr. Carter, talvez eu possa lhe oferecer nossa hospitalidade. O chefe sempre insiste em que devemos ser amáveis com os visitantes.

— Não é um pouco jovem para ser ajudante do reitor? —Inquiriu Sheere, evitando os olhos do Ben.

— Jovem? — perguntou Bem — Me adula o cumprimento, mas sinto lhe dizer que cumprirei os vinte e três muito em breve.

— Nunca o diria. — respondeu Sheere.

— É um pouco de família. — explicou Ben — Todos temos uma pele resistente ao envelhecimento. Minha mãe, por exemplo, quando vai comigo pela rua, imagine, tomam-na por minha irmã.

— Serio? — perguntou Sheere, reprimindo uma risada nervosa; não tinha acreditado numa só palavra de sua história.

— O que tem de mal se aceitar a hospitalidade do St. Patricks? — Insistiu Ben — Hoje celebramos uma festa de despedida para alguns dos rapazs que vão nos deixar já. É triste, mas toda uma vida se abre para eles. Também é emocionante.

Sheere cravou seus olhos apertados em Ben e seus lábios desenharam lentamente um sorriso de incredulidade.

— Minha avó me pediu que a espere aqui. Ben assinalou a porta.

— Aqui? —perguntou. — Precisamente aqui?

Sheere assentiu, sem compreender.

— Verá, — começou Ben, gesticulando com as mãos — sinto lhe dizer isso, mas, bom, pensava que não seria necessário comentá-lo. Estas coisas não são boas para a imagem do centro, mas não me deixa opção: há um problema de desprendimentos. Na fachada.

A jovem o olhou, atônita.

— Desprendimentos?

Ben assentiu gravemente.

— Efetivamente. — corroborou com semblante consternado — Algo lamentável. Aqui, neste mesmo ponto em que se encontra, não fará hoje nem um mês para que Mrs. Potts, nossa anciã cozinheira, que Deus guarde muitos anos, recebeu o impacto de um fragmento de ladrilho caído da altura do segundo piso.

Sheere riu.

— Não me parece que esse desafortunado incidente seja motivo de graça, se me permite a observação. — disse Ben com seriedade glacial.

— Não acredito nada do que me disse. Nem é ajudante do reitor, nem tem vinte e três anos nem a cozinheira sofreu com uma chuva de tijolos faz um mês. — Desafiou Sheere. — É um embusteiro e não pronunciou nem uma só palavra certa desde que começou a falar.

Ben avaliou cuidadosamente a situação. A primeira parte de seu estratagema, tal como era previsível, foi por água abaixo e se impunha um giro prudente, mas ladino em seu discurso.

— Bom, admito que talvez me tenha deixado levar pela imaginação, mas nem tudo o que lhe disse era falso.

— Ah, não?

— Não menti a respeito de meu nome. Meu nome é Ben. E o de lhe oferecer nossa hospitalidade também é certo.

Sheere sorriu amplamente.

— Eu gostaria de aceitá-la, Ben, mas devo esperar aqui. Sério.

Ben esfregou as mãos e adotou um ar de fleumática resignação.

— Bem. Esperarei consigo. — anunciou solenemente — Se tiver que cair algum paralelepípedo, que caia em mim.

Sheere encolheu os ombros com indiferença e assentiu, seu olhar se dirigiu de novo para a porta. Um longo minuto de silêncio transcorreu sem que nenhum dos dois se movesse nem separasse os lábios.

— Uma noite quente. — comentou Ben.

Sheere se voltou e lhe dedicou um olhar vagamente hostil.

— vai ficar aí toda a noite?

— Façamos um pacto. Vem tomar um copo de uma deliciosa limonada gelada comigo e logo a deixarei em paz. — ofereceu Ben.

— Não posso, Ben. De verdade.

— Estaremos só a vinte metros daqui. — acrescentou Ben. — Podemos pôr uma cascavel na porta.

— É tão importante para você? — perguntou Sheere.

Ben assentiu.

— É minha última semana neste lugar. Passei toda minha vida aqui e dentro de cinco dias voltarei a estar sozinho. Só de verdade. Não sei se poderei passar outra noite como esta, entre amigos — disse Ben — Você não sabe o que é isso.

Sheere o observou por um comprido instante.

— Sim sei. — disse ela finalmente — Me leve até essa limonada.

Assim que Bankim o deixou a sós em seu escritório, não sem certo reparo, Carter se serviu de um pequeno cálice de brandy e ofereceu outro tanto a sua visitante. Aryami declinou o convite e esperou que Carter tomasse assento em sua poltrona de costas para a janela sob a qual os rapazes celebravam sua festa alheios ao silêncio glacial que flutuava naquela sala. Carter umedeceu os lábios no licor e dirigiu um olhar inquisitivo à anciã. O tempo não tinha diminuído um ápice da autoridade de seus traços e ainda podia perceber-se em seus olhos o fogo interno que recordava naquela que tinha sido esposa de seu melhor amigo, em uma época que agora se revelava muito longínqua. Ambos se olharam longamente em silêncio.

— Escuto-a. — disse finalmente Carter.

— Faz dezesseis anos me vi obrigada em lhe confiar a vida de um rapaz, Mr. Carter. — começou Aryami em voz baixa, mas firme — Foi uma das decisões mais difíceis de minha vida e me consta que durante estes anos não defraudou você a confiança que depusitei em suas mãos. Neste tempo nunca quis interferir na vida do rapaz, consciente de que não estaria melhor em nenhum lugar senão aqui, sob seu amparo. Nunca tive a oportunidade de lhe agradecer o que fez pelo rapaz.

— Limitei-me a cumprir com minha obrigação. — respondeu Carter— Mas não acredito que seja esse o tema do qual veio me falar hoje, de madrugada.

— Eu gostaria de poder dizer que o é, mas não é assim. — disse Aryami. — Vim aqui porque a vida do rapaz está em perigo.

— Ben.

— Esse é o nome que você lhe deu. Tudo o que sabe e tudo o que é, o deve a você, Mr. Carter. — disse Aryami — Mas há algo que nem você nem eu poderemos protegê-lo durante mais tempo: o passado.

As agulhas do relógio do Thomas Carter se uniram na vertical da meia-noite. Carter pegou no brandy que se serviu e dirigiu um olhar da janela para o pátio. Ben falava com uma moça que não conhecia.

— Como lhe disse antes, escuto-a. — reiterou Carter.

Aryami se levantou e, cruzando suas mãos, iniciou seu relato...

«Durante dezesseis anos percorri este país em busca de refúgios passageiros e esconderijos. Faz duas semanas, quando me detive durante apenas um mês no domicílio de uns familiares para me restabelecer de uma enfermidade, recebi uma carta em minha residência provisória em Delhi. Ninguém sabia nem podia saber que minha neta e eu estávamos ali. Quando a abri, comprovei que continha uma folha de papel em branco, sem uma só letra sobre ela. Pensei que se tratava de um engano ou talvez de uma brincadeira, até que examinei o envelope, levava o carimbo do escritório

postal da Calcuta. A tinta do selo estava imprecisa e resultava difícil apreciar parte do que figurava nele, mas fui capaz de decifrar a data. Era 25 de maio de 1916.

Guardei a carta que segundo tudo indicava tinha demorado dezesseis anos em cruzar a Índia até a porta daquela casa em um lugar ao qual só eu tenho acesso, e não voltei a examiná-la até aquela mesma noite. Minha vista cansada não me tinha jogado uma peça, a data era quão mesma tinha acreditado entrever naquele selo apagado, mas algo tinha trocado. A folha que horas antes estava em branco continha uma frase, escrita em tinta vermelha e fresca, tanto que a caligrafia se pulverizava sobre o papel poroso ao simples toque dos dedos. “Já não são meninos, anciã. Voltei pelo que é meu. Se afaste de meu caminho.” Essas eram as palavras que li naquela carta antes de lançá-la ao fogo.

Soube então quem tinha enviado a carta e soube também que tinha chegado o momento de desenterrar velhas lembranças que tinha aprendido a ignorar durante estes últimos anos. Não sei se alguma vez lhe falei de minha filha Kylian, Mr. Carter. Não sou agora mais que uma anciã que espera o fim de seus dias, mas houve um tempo em que eu também fui uma mãe, a mãe da mais maravilhosa das criaturas que pisaram esta cidade.

Lembro aqueles dias como os mais felizes de minha vida. Kylian tinha contraído matrimônio com um dos homens mais brilhantes que tinha dado este país e foi viver com ele na casa que ele mesmo tinha construído no norte da cidade, uma casa como nunca se conheceu. O marido de minha filha, Lahawaj Chandra Chatterghee, era engenheiro e escritor. Ele foi um dos primeiros homens a desenhar a rede telegráfica deste país, Mr. Carter, um dos primeiros a desenhar o sistema de eletrificação que escreverá o futuro de nossas cidades, um dos primeiros a construir uma rede de ferrovia em Calcuta... Um dos primeiros em tudo aquilo que se propunha.

Mas a felicidade de ambos não durou muito. Chandra Chatterghee perdeu a vida no terrível incêndio que destruiu a antiga estação do Jheeter's Gate, no outro lado do Hooghly. Você terá visto esse edifício alguma vez. Hoje em dia está abandonado, mas em seu tempo foi uma das mais gloriosas construções que se elevaram em Calcuta. Uma estrutura de ferro revolucionária, sulcada por túneis, múltiplos níveis e sistemas

de condução de ar e de conexão hidráulica nos trilhos que engenheiros de todo o mundo deveriam visitar e a admirar com assombro. Tudo isso, criação do engenheiro Chandra Chatterghee.

A noite da inauguração oficial Jheeter's Gate ardeu inexplicavelmente e um trem que transportava mais de trezentos meninos abandonados rumo a Bombay se prendeu em chamas e ficou enterrado nas trevas dos túneis que se afundavam na terra. Nenhum saiu com vida daquele trem, que estava parado nas sombras de algum ponto do labirinto de galerias subterrâneas no extremo oeste de Calcuta.

A noite que o engenheiro morreu naquele trem será recordada pelas pessoas desta cidade como uma das maiores tragédias que viveu Calcuta. Muitos o consideraram um símbolo de que as sombras abatiam para sempre sobre esta cidade. Não faltaram os rumores de que o incêndio tinha sido provocado por um grupo de financeiros britânicos aos quais a nova linha de ferrovia podia prejudicar ao demonstrar que o transporte marítimo de mercadorias, um dos grandes negócios de Calcuta dos tempos de Lorde Clive e a companhia colonial estava em vésperas de sua expiração. O trem era o futuro. Os rifles eram o caminho sobre o qual algum dia este país e esta cidade poderiam empreender o rumo de volta a uma manhã livre da invasão britânica. Na noite que ardeu Jheeter's Gate, aqueles sonhos se converteram em pesadelos.

Dias depois do desaparecimento do engenheiro Chandra, minha filha Kylian, que esperava dar a luz seu primeiro filho, foi objeto das ameaças de um estranho personagem saído das trevas de Calcuta, um assassino que tinha jurado matar à esposa e à descendência do homem a quem acusava de todas as suas desgraças. Esse homem, esse criminoso, foi o causador do incêndio onde Chandra perdeu a vida. Um jovem oficial do exército britânico, um antigo pretendente de minha filha, o tenente Michael Peake, propôs-se a deter aquele louco, mas a tarefa demonstrou ser muito mais complexa do que ele tinha acreditado.

A noite em que minha filha ia dar a luz seu filho, uns homens entraram na casa e a levaram. Assassinos a soldo. Gente sem nome nem consciência que, por umas moedas, são fáceis de encontrar nas ruas desta cidade. Durante uma semana, o

tenente, a beira do desespero, percorreu todos os recantos da cidade em busca da minha filha. Depois daquela dramática semana, Peake teve uma terrível intuição, que resultou ser certa. O assassino tinha levado minha filha até as vísceras das ruínas da estação do Jheeter's Gate. Ali, entre a imundície e os restos da tragédia, minha filha tinha dado a luz o rapaz que você converteu num homem, Mr. Carter.

A ele, Ben, e a sua irmã, a quem eu tratei de converter numa mulher e que, tal como você, dei um nome, o nome que sua mãe sempre sonhou para ela: Sheere.

O tenente Peake, pondo em perigo sua vida, conseguiu arrebatá-las das mãos do assassino. Mas aquele criminoso, cego de raiva, jurou perseguir seu rastro e acabar com suas vidas assim que alcançassem a idade adulta, para vingar-se de seu pai falecido, o engenheiro Chandra Chatterghee. Tal era seu único propósito: destruir qualquer vestígio da obra e da vida de seu inimigo, a qualquer preço.

Kylian morreu com a promessa de que sua alma não descansaria até saber que seus filhos estavam a salvo. O tenente Peake, o homem que a tinha amado em silêncio tanto como seu próprio marido, deu sua vida para que a promessa que selou seus lábios pudesse tornar-se realidade. Em 25 de maio de 1916 o tenente Peake conseguiu cruzar Hooghly e me entregou os meninos. Seu destino, ao dia de hoje, me é ainda desconhecido.

Decidi que o único modo de salvar a vida dos meninos era separá-los e ocultar sua identidade e seu paradeiro. O resto da história do Ben, você a conhece melhor que eu. Quanto a Sheere, tomei a meu cuidado e empreendi uma longa viagem por todo o país e criei a menina com a memória do grande homem que foi seu pai e da grande mulher que lhe deu a vida, minha filha. Nunca lhe expliquei mais do que acreditei ser necessário. Em minha ingenuidade cheguei a pensar que a distância no espaço e no tempo apagaria o rastro do passado, mas nada pode mudar nossos passos perdidos. Quando recebi aquela carta, soube que minha fuga havia chegado ao fim e que era o momento de voltar para Calcuta para alertá-lo sobre o que estava acontecendo. Não fui sincera com você aquela noite na carta que lhe escrevi, Mr. Carter, mas agi de coração, acreditando em consciência que aquilo era o que devia

fazer.

Tomei a minha neta, incapaz de deixá-la só, e agora que o assassino já conhece o nosso paradeiro, empreendemos a viagem de volta. Durante todo o trajeto, não podia separar de minha mente uma ideia, que se tornava numa evidência obsessiva à medida que nos aproximávamos de nosso ponto do destino. Tinha a certeza de que agora, no momento em que Ben e Sheere deixavam para trás sua infância e se convertiam em adultos, aquele assassino tinha despertado da escuridão de novo para cumprir sua velha promessa e soube, com a clareza que só a proximidade da tragédia nos outorga, que desta vez não se detém perante nada nem ninguém... »

Thomas Carter permaneceu em silêncio durante um longo intervalo de tempo, sem afastar os olhos de suas mãos sobre a secretária. Quando elevou a vista, comprovou que Aryami continuava ali, que tudo o que tinha escutado não era sua imaginação e resolveu que a única decisão razoável que se sentia capaz de tomar naquele momento era a de servir-se de novo trago de brandy em seu cálice e brindar sozinho a sua própria saúde.

— Não acreditou em mim...

— Não disse isso, particularizou Carter.

— Não disse nada matizou Aryami. Isso é que me preocupa.

Carter saboreou o brandy e perguntou para si que infausto pretexto tinha demorado dez anos em desentranhar os embriagadores encantos do licor espirituoso que guardava em sua vitrine com o zelo reservado a uma relíquia sem utilidade prática.

— Não é fácil acreditar no que acaba de me explicar, Aryami. — respondeu Carter — Ponha-se no meu lugar.

— Entretanto, você se encarregou do rapaz faz dezesseis anos. — disse Aryami.

— Tomei a meu cargo um menino abandonado, não de uma história improvável. Esse é meu dever e meu trabalho. Este edifício é um orfanato e eu, seu diretor. Isso é

tudo e não há nada mais.

— Há sim , Mr. Carter. — replicou Aryami — Tomei a iniciativa de fazer minhas indagações, a seu tempo. Nunca denunciou o aparecimento do Ben. Nunca deu parte dela. Não existem documentos que creditem seu ingresso nesta instituição. Deveria haver algum motivo para que agisse assim, afinal de contas você denomina ser esta uma história improvável que não lhe merecia credibilidade alguma.

- Sinto contradizê-la, Aryami, mas existem esses documentos. Com outras datas e com outras circunstâncias. Esta é uma instituição oficial, não uma casa de mistérios.

— Não respondeu a minha pergunta. — atalhou Aryami— Ou melhor dizendo, não tem feito mais nada do que me dar mais motivos para questionar de novo: o que o levou a falsear a história do Ben se não acreditava nos fatos que lhe expus na minha carta?

— Com todo respeito, não vejo por que tenho que responder a isso.

Os olhos do Aryami se apoderaram dos seus e Carter tratou de esquivar seu olhar. Um amargo sorriso aflorou nos lábios da anciã.

— Você o viu. — disse Aryami.

— Estamos falando de um novo personagem na história? — perguntou Carter.

— Quem engana quem, Mr. Carter? — replicou Aryami.

A conversa parecia ter alcançado um ponto morto. Carter se levantou e andou uns passos em torno do escritório enquanto a anciã o observava atentamente.

Carter se voltou para Aryami.

— Suponhamos que desse crédito a sua história. É uma simples hipótese. O que espera você que eu faça em consequência?

— Afastar Ben deste lugar. — respondeu rapidamente Aryami — Falar com ele. Adverti-lo. Ajuda-lo. Não lhe peço para faça nada com o rapaz que não venha fazendo

nos últimos anos.

— Preciso meditar sobre este assunto atentamente. — disse Carter.

— Não demore muito tempo. Esse homem esperou dezesseis anos, possivelmente não se importa de esperar um dia mais. Ou possivelmente sim.

Carter se sentou de novo em sua poltrona e esboçou um gesto de trégua.

— Recebi a visita de um homem chamado Jawahal no dia que encontramos Ben — explicou Carter — Me perguntou pelo rapaz e eu disse-lhe que não sabíamos nada a respeito. Pouco depois desapareceu para sempre.

— Esse homem utiliza muitos nomes, muitas identidades, mas tem um só fim, Mr. Carter. — disse Aryami com um brilho resistente em seus olhos — Não cruzei a Índia para me sentar e ver como os filhos de minha filha morrem pela falta de decisão de um par de velhos bobos, se me permitir a expressão.

— Velho bobo ou não, necessito de tempo para pensar com calma. — disse Carter — Talvez seja necessário falar com a polícia.

Aryami suspirou.

— Não há tempo, nem serviria de nada. — replicou com dureza — Amanhã ao entardecer abandonarei Calcuta com minha neta. Amanhã pela tarde, Ben deverá deixar este lugar e partir para longe daqui. Dispõe você de umas horas para falar com o rapaz e prepará-lo.

— Não é assim tão simples. — objetou Carter.

— É tão simples como isto: se você não falar com ele, eu o farei, Mr. Carter. — ameaçou Aryami dirigindo-se de volta a porta do escritório. — E reze para que esse homem não o encontre antes de ver a luz do dia.

— Amanhã falarei com o Bem. — disse Carter — Não posso fazer mais.

Aryami lhe dirigiu um último olhar da soleira do escritório.

— Amanhã, Mr. Carter, é hoje.

— Uma sociedade secreta? — perguntou Sheere com o olhar aceso de curiosidade. — Acreditei que as sociedades secretas só existiam nas séries.

— Aqui Siraj, nosso perito no tema, poderia contradizer você durante horas. — disse Ian.

Siraj assentiu gravemente corroborando a alusão da sua erudição sem limites.

— Ouviu você falar dos franco-maçons? perguntou.

— Por favor. — cortou Bem — Sheere vai pensar que somos um bando de bruxos encapuzados.

— E não são? — riu a moça.

—Não. — explicou Seth solenemente. — A Chowbar Society cumpre dois propósitos inteiramente positivos: ajudarmo-nos entre nós e compartilhar nossos conhecimentos para construir um futuro melhor.

— Não é isso que pretendem dizer todos os grandes inimigos da humanidade? —perguntou Sheere.

— Somente durante os últimos dois ou três mil anos. — cortou Bem — Troquemos de tema. Esta noite é muito especial para a Chowbar Society.

— Hoje nos dissolvemos. — disse Michael.

— Falam os mortos. — apontou Roshan, surpreso.

Sheere olhou com estranheza aquele grupo de rapazes, ocultando o divertimento que lhe produzia o fogo cruzado que disparavam entre si.

— O que Michael quer dizer é que hoje terá lugar a última reunião da Chowbar Society. — explicou Ben— Depois de sete anos, cai o pano de fundo.

— Que pena. — respondeu Sheere — A primeira vez que dou com uma sociedade secreta real, resulta que está a ponto de dissolver-se. Não terei tempo para ingressar como membro.

— Ninguém disse que se aceitam novos membros. — se apressou a precisar Isobel, que tinha estado presenciando em silêncio a conversa sem afastar os olhos da intrusa—. E mais, se não fosse por esses bocudos que traíram um dos juramentos da Chowbar, nem sequer saberia que existia. Vêem umas saias e se vendem por uma moeda.

Sheere ofereceu um sorriso conciliador a Isobel e percebeu a ligeira hostilidade que a moça lhe demonstrava. A perda da exclusividade não era fácil de aceitar.

— Voltaire dizia que os piores misóginos sempre são mulheres. — afirmou casualmente Ben.

— E quem diabos é Voltaire? — cortou Isobel — Tamanha barbaridade só pode ser de sua colheita.

— Falou a ignorância. — replicou Bem — Embora talvez Voltaire não dissesse exatamente isso...

— Parem a guerra. — interveio Roshan — Isobel tem razão. Não devemos falar.

Sheere contemplou com inquietação como o clima parecia trocar de cor em poucos segundos.

— Não queria ser motivo de discussão. O melhor é que volte para perto da minha avó. Considero esquecido tudo quanto disseram. — disse devolvendo o copo de limonada ao Ben.

— Não tão rápido, princesa. — exclamou Isobel em suas costas.

Sheere se voltou e encarou à moça.

— Agora que sabe algo, terá que sabê-lo tudo e guardar segredo. — disse Isobel oferecendo um sorriso envergonhado—. Sinto o que disse antes.

—Boa ideia. — sentenciou Bem — Adiante.

Sheere elevou as sobrancelhas, atônita.

— Terá que pagar o preço de admissão. — recordou Siraj.

— Não tenho dinheiro...

— Não somos uma igreja, querida, não queremos seu dinheiro. — replicou Seth — O preço é outro.

Sheere percorreu os rostos enigmáticos dos rapazes em busca de uma resposta. O semblante afável do Ian lhe sorriu.

— Tranqüila, não é nada de mal. — explicou Ian — A Chowbar Society se reúne em seu local secreto após a madrugada. Todos pagamos nosso preço quando ingressamos.

— Qual é seu local secreto?

— Um palácio. — respondeu Isobel — O Palácio da Meia-noite.

— Nunca ouvi falar dele.

— Porque ninguém ouviu falar dele exceto nós. — acrescentou Siraj.

— E qual é esse preço?

— Uma história. —respondeu Bem — Uma história pessoal e secreta que nunca tenha conado a ninguém. Compartilhará conosco e seu segredo jamais sairá da Chowbar Society.

— Tem uma história assim? — desafiou Isobel mordendo o lábio inferior.

Sheere observou de novo os seis meninos e à moça, que a escrutinavam

cuidadosamente e assentiu.

— Tenho uma história como nunca puderam ouvir. — disse finalmente.

— Então, — disse Ben esfregando-as mãos — ponham mãos à obra.

Enquanto Aryami Bosé relatava a causa que as tinha levado, a ela e a sua neta, de volta a Calcuta depois de longos anos de exílio, os sete membros da Chowbar Society escoltavam Sheere através dos arbustos que rodeavam as imediações do Palácio da Meia-noite. Aos olhos da recém chegada, o palácio não era mais que um antigo casarão abandonado, que através do teto quebrado podia contemplar o céu semeado de estrelas e entre cujas sombras sinuosas afloravam os restos de gárgulas, colunas e relevos, vestígio de que algum dia deveria ter sido um importante senhorial palacete de pedra, fugido de entre as páginas de um conto de fadas.

Cruzaram o jardim através de um estreito túnel localizado entre a mata que conduzia diretamente à entrada principal da casa. Uma ligeira brisa agitava as folhas dos arbustos e assobiava entre as arcadas de pedra do palácio. Ben se voltou e a contemplou exibindo um sorriso de orelha a orelha.

— O que lhe parece? — perguntou, visivelmente orgulhoso.

— Diferente. — respondeu Sheere, temerosa de esfriar o entusiasmo do rapaz.

— Sublime. — corrigiu Ben, seguindo seu caminho sem incomodar-se em contrastar novas valorações a respeito do encanto do quartel geral da Chowbar Society.

Sheere sorriu para si e se deixou guiar, pensando no quanto teria gostado de conhecer aquele lugar e a aqueles rapazs, numa noite parecida, durante os anos em que lhes tinha servido de refúgio e santuário. Entre ruínas e lembranças, aquele lugar desprendia uma aura de magia e ilusão que só persiste na memória imprecisa dos

primeiros anos da vida. Não importava que fosse apenas por uma última noite; estava desejando pagar o preço de admissão na quase extinta Chowbar Society.

«Minha história secreta é na realidade a história de meu pai. Uma e outra são inseparáveis. Nunca o conheci em pessoa nem guardo mais lembranças dele do que aquilo que aprendi dos lábios de minha avó e através de seus livros e seus cadernos, mas, por estranho que lhes possa parecer, nunca me tinha sentido tão próxima de ninguém neste mundo e, embora ele morresse antes que eu chegasse a nascer, estou segura de que saberá me esperar até ao dia em que me reúna com ele e comprove que sempre foi tal e como imaginei: o melhor homem que houve no mundo.

Não sou tão diferente de vós. Não me criei num orfanato, mas nunca soube o que era ter uma casa ou alguém com quem falar durante mais de um mês, que não fosse minha avó. Vivíamos nos trens, em casas de desconhecidos, na rua, sem rumo, sem um lugar que pudéssemos chamar nosso lar e retornar. Durante todos esses anos, o único amigo que tive foi meu pai. Como lhes digo, embora ele nunca estivesse ali, aprendi tudo o que sei de seus livros e das lembranças que minha avó conservava dele.

Minha mãe morreu ao me dar a luz e aprendi a viver com a mágoa de não poder recordá-la nem conservar mais do que a imagem de sua personalidade que a visão que meu pai refletia dela, em seus livros. De todos eles, dos tratados de engenharia e dos grossos volumes que nunca cheguei a entender, meu favorito sempre foi um pequeno livro de contos que ele intitulou “As lágrimas da Shiva”. Meu pai o escreveu quando ainda não tinha completado os trinta e cinco anos, e projetava a criação da primeira linha de ferrovia em Calcuta e a construção de uma revolucionária estação de aço que sonhava realizar na cidade. Um pequeno editor de Bombay imprimiu não mais de seiscentos exemplares do livro, dos quais meu pai nunca viu nenhuma rupia. Eu conservo um. Tem uma pequena capa negra com letras gravadas a ouro, sobre a lombada, que reza: As lágrimas da Shiva, pelo L. Chandra Chatterghee.

O livro tem três partes. A primeira fala de seu projeto, de uma nova nação construída sobre um espírito de progresso apoiado na tecnologia, a ferrovia e a eletricidade. Ele chamava Meu país. A segunda parte descreve uma casa, um lar

maravilhoso que projetava construir para ele e sua família no futuro, quando conseguisse a fortuna que ansiava possuir. Descreve cada recanto dessa casa, cada sala, cada cor e cada objeto, tudo com um detalhe que nem os planos de um arquiteto poderiam igualar. Ele chamou a essa parte Minha casa. A terceira parte, titulada Minha mente, é simplesmente uma recopilação de pequenos relatos e fábulas que meu pai tinha escrito desde sua adolescência. Meu favorito é o que dá nome ao livro. É muito breve e lhes contarei isso... »

Em uma ocasião, faz muito tempo, as pessoas que viviam em Calcuta, foram açoitadas por uma terrível praga que acabava com a vida dos meninos e fazia com que, pouco a pouco, os habitantes envelhecessem progressivamente e as esperanças no futuro se desvanecessem. Para remediá-lo, Shiva empreendeu uma longa viagem em busca de um remédio que curasse a enfermidade. Durante seu êxodo teve que enfrentar numerosos perigos. Eram tantas as dificuldades com que tropeçava no seu caminho, que a viagem o manteve afastado muitos anos e, quando voltou para Calcuta, descobriu que tudo tinha mudado. Em sua ausência, um bruxo chegado do outro lado do mundo havia trazido um estranho remédio que tinha vendido aos habitantes da cidade em troca de um preço muito alto: a alma dos meninos que nascessem sãos a partir daquele dia.

Isto foi o que viram seus olhos. Onde antes existia uma selva e choças de tijolo cru, agora se levantava uma grande cidade, tão grande que ninguém a podia abranger com um só olhar e se perdia no horizonte fosse qual fosse a direção em que alguém a olhasse. Uma cidade de palácios. Shiva, fascinado com o espetáculo, decidiu encarnar-se em homem e percorrer suas ruas trajado como um mendigo para conhecer os novos habitantes daquele lugar, os filhos que o remédio do bruxo tinha permitido nascer e cujas almas lhe pertenciam. Mas o esperava uma grande decepção.

Durante sete dias e sete noites, o mendigo caminhou pelas ruas de Calcuta e bateu na porta dos palácios, mas todas se fechavam. Ninguém quis o escutar e foi objeto de brincadeiras e do desprezo de todos. Desesperado, vagando pelas ruas daquela imensa cidade, descobriu a pobreza, a miséria e o negrume que se escondiam no fundo do coração dos homens. Foi tanta a sua tristeza, que na última

noite decidiu abandonar para sempre sua cidade.

Enquanto o fazia começou a chorar e sem dar-se conta, foi deixando atrás de si um rastro de lágrimas que se perdiam na selva. Ao amanhecer as lágrimas de Shiva se converteram em gelo. Quando os homens se deram conta do que tinham feito, quiseram reparar seu engano guardando as lágrimas de gelo num santuário. Mas, uma atrás da outra, as lágrimas se fundiram em suas mãos e a cidade não voltou jamais a conhecer o gelo.

Desde aquele dia, a maldição de um terrível calor caiu sobre a cidade e os deuses voltaram-lhe as costas para sempre, deixando-a ao amparo dos espíritos da escuridão. Os poucos homens sábios e justos que nela ficaram rezavam para que, algum dia, as lágrimas de gelo de Shiva caíssem de novo do céu e rompessem aquela maldição que converteu Calcuta em uma cidade maldita...

«Esta foi sempre minha predileta entre as histórias de meu pai. É possivelmente a mais simples, mas nenhuma como ela personifica a essência do que meu pai sempre significou para mim e seguirá significando todos os dias de minha vida. Eu, como os homens da cidade maldita, que têm de pagar o preço do passado, também espero pelo dia em que caiam as lágrimas de Shiva sobre a minha vida e me liberem para sempre de minha solidão. Enquanto isso, sonho com essa casa que meu pai construiu primeiro em sua mente e, anos mais tarde, em algum lugar do Norte desta cidade. Sei que existe, embora minha avó sempre me negou isso, e sem que ela saiba, acredito que meu próprio pai descreveu no livro o enclave em que pensava construí-la algum dia, aqui na cidade negra. Todos estes anos vivi com a ilusão de percorrê-la e conhecer tudo o que já conheço de cor: sua biblioteca, seus quartos, sua poltrona de trabalho...

E esta é minha história. Nunca a contei a ninguém porque não tinha a quem fazê-lo. Até hoje.»

Quando Sheere tinha finalizado seu relato, a penumbra que reinava no Palácio ajudou a dissimular as lágrimas que afluíam nos olhos de algum dos membros da Chowbar Society. Nenhum deles parecia disposto a romper o silêncio com que o fim de sua história tinha impregnado a atmosfera. Sheere riu nervosamente e olhou

diretamente para Ben.

— Mereço entrar na Chowbar Society? — perguntou timidamente.

— No que a mim diz respeito, — respondeu Bem — merece ser membro honorário.

— Existe essa casa, Sheere? — perguntou Siraj, fascinado com a idéia.

— Estou segura que sim. — respondeu Sheere — E penso encontrá-la. A chave está em algum lugar do livro de meu pai.

— Quando? — perguntou Seth — Quando começamos a procurá-la?

— Amanhã mesmo — aceitou Sheere — Com a vossa ajuda, se assim desejarem...

— Necessitará a ajuda de alguém que saiba pensar — falou Isobel — Conta comigo.

— Eu sou um perito em chaves. — disse Roshan.

— Eu posso encontrar mapas no arquivo municipal do estabelecimento do governo de 1859. — apontou Seth.

— Eu posso averiguar se existir algum mistério sobre ela. — disse Siraj — É possível que esteja enfeitiçada.

— Eu posso desenhá-la tal como é na realidade. — disse Michael — Planos. Através do livro, quero dizer.

Sheere riu e olhou para Ben e Ian.

— Bem, — disse Bem — alguém tem que dirigir a operação. Aceito o cargo. Ian pode pôr iodo a quem encontrar uma farpa.

— Suponho que não irão aceitar um não. — disse Sheere.

— Retiramos a palavra não do dicionário da biblioteca do St. Patricks faz seis meses. — disse Bem — Agora é membro da Chowbar Society. Seus problemas são nossos problemas. Mandato corporativo.

— Acreditei que nos havíamos dissolvido. — recordou Siraj.

— Decreto uma prorrogação por circunstâncias de gravidade inescapável. — respondeu Ben dirigindo um olhar fulminante a seu companheiro.

Siraj se perdeu na sombra.

— De acordo, – concedeu Sheere — mas agora devemos voltar.

O olhar com que Aryami recebeu Sheere e ao resto da Chowbar Society teria sido capaz de gelar a superfície do Hooghly em pleno meio-dia. A dama anciã aguardava junto à porta da fachada dianteira em companhia do Bankim, cujo semblante bastou para que Ben estimasse prudente começar a elaborar um discurso de desculpas para amortecer a reprimenda que seguramente esperava sua nova amiga. Ben se adiantou ligeiramente aos outros e brindou com seu melhor sorriso.

— Foi minha culpa, senhora. Somente queríamos mostrar a sua neta o pátio detrás do edifício. — disse Ben.

Aryami não se dignou a olhar para ele e se dirigiu diretamente a Sheere.

— Disse a você que esperasse aqui e que não se movesse. — disse a anciã com o rosto aceso de ira.

— Apenas fomos a vinte metros daqui, senhora. —apontou Ian.

Aryami o fulminou com o olhar.

— Não perguntei a você, menino. — cortou sem espírito de cortesia algum.

— Sentimos se lhe causamos alguma moléstia, senhora, não era nossa intenção...—insistiu Ben.

— Deixe, Ben. — Interrompeu Sheere — Posso falar por mim mesma.

O rosto hostil da anciã se decompôs por um instante. O fato não passou despercebido a nenhum dos rapazes. Aryami apontou para Ben e seu semblante empalideceu a tênue luz dos lampiões do jardim.

— Você é Ben? — perguntou em voz baixa. O rapaz assentiu, ocultando sua estranheza e sustentando o olhar impenetrável da anciã.

Não havia ira em seus olhos, somente tristeza e inquietação. Aryami largou o braço de sua neta e baixou os olhos.

— Devemos ir. — disse — Despeça-se de seus amigos.

Os membros da Chowbar Society assentiram em sinal de adeus e Sheere sorriu timidamente enquanto se afastava agarrada ao braço de Aryami Bosé, perdendo-se de novo nas ruas escuras da cidade. Ian se aproximou de Ben e observou seu amigo, pensativo e com a vista fixa nas figuras quase invisíveis de Sheere e Aryami afastando-se na noite.

— Por um momento me pareceu que essa mulher tinha medo. — disse Ian.

Ben assentiu sem pestanejar.

— Quem não tem medo em uma noite como esta? — perguntou.

— Acredito que o melhor hoje é irmos todos a dormir. — Indicou Bankim da soleira da porta.

— É uma sugestão ou uma ordem? — perguntou Isobel.

— Já sabem que minhas sugestões são ordens para vocês. — afirmou Bankim, apontando para o interior do edifício — Para dentro.

— Tirano. — murmurou Siraj em tom baixo — Desfrute dos dias que ficam.

— Realistados são os piores. — acrescentou Roshan.

Bankim assistiu risonho ao desfile dos sete rapazes para o interior do edifício, alheio a seus murmúrios de protesto. Ben foi o último em cruzar a porta e cruzou um olhar de cumplicidade com o Bankim.

— Por muito que se queixem, — disse Bem — dentro de cinco dias sentirão falta de seu serviço de polícia.

— Você também sentirá a falta, Ben. — riu Bankim.

— Eu já sinto. — murmurou Ben para si mesmo ao aproximar-se das escadas que subiam para os dormitórios do primeiro piso, consciente de que em menos de uma semana já não voltaria a contar aqueles vinte e quatro degraus que conhecia tão bem.

Em algum momento da madrugada Ben despertou na tênue penumbra azulada que flutuava no dormitório e acreditou sentir uma baforada de ar gelado sobre seu rosto, um fôlego invisível proveniente de alguém oculto na escuridão. Um feixe de luz evanescente piscava lentamente desde o corredor estreito e anguloso, e projetava mil sombras dançantes sobre as paredes e teto do quarto. Ben estendeu a mão até a modesta mesinha de noite que flanqueava seu leito e aproximou a esfera de seu relógio à luz noturna da Lua. As agulhas cruzavam o Equador da madrugada, as três da manhã.

Suspirou ao suspeitar que os últimos vestígios de sono se desvaneciam de sua mente como gotas de orvalho ao sol da manhã e intuiu que Ian Ihe tinha emprestado seu fantasma da insônia por uma noite. Fechou as pálpebras de novo e conjurou as imagens da festa que tinha acabado fazia apenas umas horas, confiando em seu poder balsâmico e adormecedor. Justo nesse momento ouviu pela primeira vez aquele som e se levantou para escutar a estranha vibração que parecia assobiar entre as folhas do jardim do pátio.

Afastou os lençóis e caminhou lentamente até à janela. Podia apreciar dali o leve tinido das luzes apagadas nos ramos das árvores e o eco longínquo do que lhe pareciam, vozes infantis rindo e falando em uníssono, centenas delas. Apoiou a testa sobre o vidro da janela e adivinhou através do espectro de seu próprio bafo a silhueta de uma figura esbelta e imóvel no centro do pátio, envolta em uma túnica negra que olhava diretamente para ele. Sobressaltado, deu um passo atrás e ante seus olhos o vidro da janela se estilhaçou lentamente a partir de uma fissura que nasceu no centro da lâmina transparente e se estendeu igual a uma hera, uma teia de fios tecida por centenas de garras invisíveis. Sentiu como os cabelos da nuca se arrepiavam e sua respiração se acelerava.

Olhou ao seu redor. Todos seus companheiros jaziam imóveis e absorvidos num profundo sono. As vozes distantes dos meninos se escutaram de novo e Ben advertiu que uma neblina gelatinosa se filtrava entre as fissuras do vidro, tal como uma baforada de fumaça azul atravessaria um pano de seda. Aproximou-se de novo até a janela e tentou divisar o pátio. A figura permanecia ali, mas desta vez estendeu um braço e apontou, enquanto seus dedos longos e afiados se cindiam em chamas. Permaneceu ali cativado durante vários segundos, incapaz de afastar os olhos daquela visão. Quando a figura lhe virou as costas e começou a afastar-se para a escuridão, Ben reagiu e se apressou a sair do dormitório.

O corredor estava deserto, apenas iluminado por uma lamparina de gás da antiga instalação do St. Patricks que tinha sobrevivido às obras de remodelação dos últimos anos. Correu para as escadas e desceu a toda pressa, cruzou as salas de refeições e saiu para o pátio pela porta lateral das cozinhas do orfanato bem a tempo de ver como aquela figura se perdia no beco escuro que rodeava a parte traseira do edifício, enterrada em uma espessa névoa que parecia subir dos ralos da rede de esgoto. Dirigiu-se para a névoa e entrou nela.

O rapaz percorreu uma centena de metros através daquele túnel de vapor frio e flutuante até chegar ao amplo descampado que se estendia a norte do St. Patricks, uma terra baldia que servia de campo de sucata e cidadela de barracos e escombros para os habitantes mais pobres do Norte de Calcuta. Percorreu os atoleiros lamacentos que infestavam o caminho entre o retorcido labirinto de choças de tijolo cru

incendiadas e desabitadas, e entrou naquele lugar contra o qual Thomas Carter sempre os tinha prevenido. As vozes dos meninos provinham de algum lugar escondido entre as ruínas daquela marisma de pobreza e sujeira.

Ben seguiu seus passos por um estreito corredor que se abria entre dois barracos em ruínas e se deteve ao comprovar que tinha encontrado o que procurava. Ante seus olhos se abria uma planície infinita e deserta de antigos barracos arrasados e, no centro daquele cenário, a névoa azul parecia brotar como o fôlego de um dragão invisível na noite. O som dos meninos brotava do mesmo ponto, mas Ben já não ouvia risadas nem canções infantis, apenas os terríveis alaridos de pânico e terror de centenas de meninos aprisionados. Sentiu que um vento frio se lançava com força contra as paredes do barraco e que, por entre a névoa palpitante, surgia o estrondo furioso de uma grande máquina de aço que fazia tremer o chão sob seus pés.

Fechou os olhos e olhou de novo, acreditando ser vítima de uma alucinação. De entre as trevas, emergia um trem de metal candente envolto em chamas. Pôde contemplar os rostos de agonia de dezenas de meninos prisioneiros no seu interior e a chuva de fragmentos de fogo que saíam desprendidos em todas as direções formando uma cascata de brasas. Seus olhos seguiram o percurso do trem até a máquina, uma majestosa escultura de aço que parecia fundir-se lentamente, como uma figura de cera lançada a uma fogueira. Na cabine, imóvel entre as chamas, contemplava a figura que tinha visto no pátio, lhe mostrando agora os braços abertos em sinal de boas-vindas.

Sentiu o calor das chamas sobre seu rosto e levou as mãos aos ouvidos para camuflar o enlouquecedor uivo dos meninos. O trem de fogo atravessou a planície desolada e Ben comprovou com horror que se dirigia a toda velocidade para o edifício do St. Patricks, com a fúria e a raiva de um projétil incendiário. Correu atrás dele, saltando por entre a chuva de faíscas e lágrimas de ferro fundido que caíam em seu redor, mas seus pés eram incapazes de igualar a velocidade crescente com que o trem se precipitava sobre o orfanato, e quando passava tingia o céu de escarlata. Deteve-se sem fôlego e gritou com todas suas forças para alertar quem dormia placidamente no edifício, alheios à tragédia que se abatia sobre eles. Desesperado, viu como o trem reduzia a distância que o separava do St. Patricks por momentos e

compreendeu que, em questão de segundos, a máquina destruiria o edifício e lançaria pelos ares os seus habitantes. Caiu de joelhos e gritou pela última vez contemplando com impotência como o trem penetrava no pátio traseiro do St. Patricks e se dirigia sem remédio para o grande muro da fachada posterior do edifício.

Ben se preparou para o pior, mas não podia imaginar o que seus olhos iriam presenciar em apenas umas décimas de segundo. A máquina enlouquecida e envolta num tornado de chamas se atirou contra o muro revelando um fantasma de fogos fátuos e o trem se afundou através da parede de paralelepípedos vermelhos como uma serpente de vapor, desintegrando-se no ar e levando consigo o terrível uivo dos meninos e o ensurdecido rugido da máquina.

Dois segundos depois, a escuridão noturna voltava a ser absoluta, a silhueta incólume do orfanato se recortava nas luzes longínquas da cidade branca e o Maidán a centenas de metros para sul. A névoa se introduziu nas frestas da parede e por pouco não ficava à vista evidencia alguma do espetáculo que acabava de presenciar. Ben se aproximou lentamente até ao muro e posou a palma de sua mão sobre a superfície intacta. Uma sacudida elétrica lhe percorreu o braço e o lançou ao chão, e Ben pôde ver como o rastro negro e fumegante de sua mão tinha ficado gravada na parede.

Quando se levantou do chão, comprovou que o pulso lhe pulsava rapidamente e que as mãos tremiam. Respirou profundamente e secou as lágrimas que o fogo lhe tinha arrancado. Lentamente, quando considerou que tinha recuperado a serenidade, ou parte dela, rodeou o edifício e se dirigiu de volta à porta da cozinha. Empregando o truque que Roshan lhe tinha ensinado para burlar o fecho interno, abriu-a com cautela e cruzou a cozinha e o corredor do piso inferior na escuridão, até a escada. O orfanato continuava submerso no mais profundo dos silêncios e Ben compreendeu que ninguém mais, além dele, tinha escutado o estrondo do trem.

Voltou para o dormitório. Seus companheiros seguiam dormindo e não havia sinal do vidro estilhaçado na janela. Percorreu o quarto e se estendeu em seu leito. Tomou de novo o relógio da mesinha e consultou a hora. Ben teria jurado que tinha estado fora do edifício durante quase vinte minutos. O relógio indicava a mesma hora que

tinha mostrado quando o tinha consultado ao despertar. Levou a esfera ao ouvido e escutou o tinido regular do mecanismo. O rapaz devolveu o relógio a seu lugar e tratou de ordenar seus pensamentos. Começava a duvidar do que tinha presenciado ou acreditado ver. Talvez não se tivesse movido daquele quarto e tivesse sonhado o episódio completo. As profundas respirações ao seu redor e o vidro intacto pareciam confirmar essa hipótese. Ou possivelmente começava a ser vítima de sua própria imaginação. Confundido, fechou os olhos e tentou inutilmente conciliar o sono com a esperança de que, se fingisse dormir, talvez seu corpo se deixasse levar pelo engano.

À alvorada, quando o Sol apenas se insinuou sobre a cidade cinza, o setor muçulmano a leste da Calcuta, saltou do leito e correu até ao pátio de trás para examinar à luz do dia o muro da fachada. Não havia rastros do trem. Ben estava prestes a concluir que tudo tinha sido um sonho, de intensidade pouco comum, mas um sonho em definitivo, quando uma pequena mancha escura na parede chamou sua atenção pela extremidade do olho. Aproximou-se dela e reconheceu a palma de sua mão claramente delineada sobre a parede de paralelepípedos argilosos. Suspirou e voltou ao dormitório para despertar. Ian que, pela primeira vez em semanas, tinha conseguido abandonar-se nos braços do Morfeo, liberado por uma vez de seu hábito de insone contumaz.

À luz do dia, o enfeitado Palácio da Meia-noite empalidecia e sua condição de casarão nostálgico de melhores tempos se evidenciava sem piedade. Contudo, as palavras do Ben amorteceram o efeito do contato com a realidade, como se a contemplação de seu cenário favorito tivesse podido provocar nos membros da Chowbar Society, sem os adornos nem o mistério das noites da Calcuta. Todos o tinham escutado com respeitoso silêncio e com expressões que foram do assombro à incredulidade.

— E desapareceu na parede, como se fosse de ar? — perguntou Seth.

Ben assentiu.

— É a história mais estranha que contaste no último mês, Ben. — falou Isobel.

— Não é uma história. Foi o que vi. — replicou Ben.

— Ninguém duvida, Ben. — disse Ian em tom conciliador — Mas todos dormimos e não ouvimos nada. Nem sequer eu.

— Isso sim, é que é incrível. — disse Roshan — Talvez Bankim tenha posto algo na limonada.

— Ninguém vai levar a sério? — perguntou Bem — Viram a marca da mão.

Nenhum respondeu. Ben concentrou seu olhar no diminuto membro asmático e vítima mais propícia no referente a histórias de assombrações.

— Siraj? — perguntou Ben. O rapaz elevou a vista e olhou para os restantes, avaliando a situação.

— Não seria a primeira vez que alguém vê algo um pouco parecido em Calcuta. —apontou — Está a história do Hastings House, por exemplo.

— Não vejo o que tem a ver uma coisa com a outra. — objetou Isobel.

O caso do Hastings House, a antiga residência do governador da província no sul da Calcuta, era uma das prediletas do Siraj e provavelmente a mais emblemática história de fantasmas de quantas povoavam os anos de Calcuta, uma história densa e truculenta como poucas neste aspecto. Segundo a tradição local, durante as noites de lua cheia o espectro do Warren Hastings, o primeiro governador de Bengala cavalgava em uma carruagem fantasma até ao alpendre de sua velha mansão no Alipore, onde procurava freneticamente uns documentos desaparecidos no decurso dos tumultuosos dias de seu mandato na cidade.

— As pessoas da cidade estiveram vendo-o durante décadas. — protestou Siraj — É tão certo quanto a monção alagar as ruas.

Os membros da Chowbar Society se encetaram em uma acalorada discussão em torno da visão do Bem, em que só se absteve de participar o próprio interessado.

Minutos depois, quando todo o diálogo razoável parecia descartado, os rostos participantes na disputa se voltaram para observar a silhueta vestida de branco que os contemplava parada na soleira da sala sem teto que ocupavam. Um a um se foram entregando ao silêncio.

— Não queria interromper nada. — disse Sheere timidamente.

— Bem-vinda seja a interrupção. — afirmou Bem — Só discutíamos. Para variar.

— Escutei o final. — admitiu Sheere — Viu algo ontem à noite, Ben?

— Já não sei. — admitiu o rapaz — E você? Conseguiu fugir do controle de sua avó? Parece-me que ontem à noite lhe colocamos em um apuro.

Sheere sorriu e negou.

— Minha avó é uma boa mulher, mas em certas ocasiões se deixa levar por suas obsessões e acredita que os perigos me rondam em cada esquina. — explicou Sheere — Não sabe que vim. Por isso estarei pouco tempo.

— Por que? Hoje tínhamos pensado em ir ao cais, poderia vir conosco. — disse Ben perante a surpresa do resto, que escutava pela primeira vez tais planos.

— Não posso ir com vocês, Ben. Vim me despedir.

— O quê? — exclamaram várias vozes ao unísono.

— Partimos amanhã para Bombay. — disse Sheere — Minha avó diz que a cidade não é um lugar seguro e que devemos ir. Proibiu-me que os visse outra vez, mas não queria ir sem me despedir. Em dez anos foram os únicos amigos que tive, embora só seja por uma noite.

Ben a olhou atônito.

— Ir para Bombay? — explodiu — Por quê? Sua avó quer ser estrela de cinema? É absurdo!

— Temo que não seja isso. — confirmou Sheere com tristeza — Ficaremos só umas horas em Calcuta. Espero que não se importem que as compartilhe com vocês.

— Nós adoraríamos que ficasse, Sheere. — disse Ian, falando por todos.

— Um momento! — gritou Bem — O que é todo este assunto das despedidas? Umas horas em Calcuta? Impossível, senhorita. Pode passar cem anos nesta cidade e não ter entendido nem metade do que acontece. Não pode ir assim. E menos ainda agora que é membro de pleno direito da Chowbar Society.

—Terá que falar com minha avó. — afirmou Sheere com resignação.

— Isso é o que penso fazer.

— Grande ideia. — comentou Roshan — Ontem à noite você lhe caiu uma maravilha.

— Pouca fé vejo em vocês. — se queixou Ben — Onde estão os juramentos da sociedade? Teremos que ajudar Sheere a encontrar a casa de seu pai. Ninguém sairá desta cidade sem que tenhamos encontrado essa casa e desenterrados os seus mistérios. Ponto final.

— Eu concordo. — disse Siraj — Mas como pensa consegui-lo? Ameaçará à avó de Sheere?

— Às vezes, as palavras podem mais do que as espadas. — afirmou Ben — Não é certo? Quem disse isso?

— Voltaire? — insinuou Isobel. Ben ignorou a ironia.

— Que poderosas palavras serão essas? — perguntou Ian.

— As minhas, é claro. — explicou Ben — As do Mr. Carter. Deixaremos que seja ele quem fale com sua avó.

Sheere sob o olhar geral, negou lentamente.

— Não funcionará, Ben. — disse a moça sem esperança. — Não conhece Aryami Bosé. Ninguém é mais teimosa que ela. Leva-o no sangue.

Ben exibiu um sorriso felino e seus olhos brilharam sob o sol do meio-dia.

— Eu sou mais. Espere por ver-me em ação e mudará de opinião. — murmurou.

— Ben, vais colocar nos outra vez em uma confusão. — disse Seth.

Ben arqueou uma sobrancelha altivamente e repassou um a um, os rostos dos presentes, afastando qualquer ameaça de rebelião que pudesse esconder-se em seu ânimo.

— Quem tenha algo mais a dizer, que fale agora ou rua para sempre. — ameaçou solenemente.

Não se elevaram vozes de protesto.

— Bem. Aprovado por unanimidade. Em marcha.

Carter introduziu sua chave pessoal na fechadura de seu escritório e a fez girar duas vezes. O mecanismo da fechadura rangeu e Carter abriu a porta. Entrou na sala e fechou a porta de novo. Não desejava ver ou falar com ninguém no espaço de uma hora. Desabotoou os botões do colete e se dirigiu para sua poltrona. Foi então quando advertiu uma silhueta imóvel sentada na poltrona em frente à dele e compreendeu que não estava sozinho. A chave escorregou por entre seus dedos, mas não chegou a tocar o chão. Uma mão ágil, embainhada em uma luva negra a apanhou no vô. O rosto afiado surgiu pouco depois, assomou da poltrona e exibiu um sorriso canino.

— Quem é você e como entrou aqui? — exigiu Carter, sem poder reprimir o tremor de sua voz.

O intruso se levantou e Carter sentiu o sangue fugir do seu rosto ao reconhecer

o homem que o tinha visitado naquele mesmo escritório dezesseis anos atrás. Seu rosto não tinha envelhecido um só dia e seus olhos conservavam a ardente raiva que o reitor recordava. Jawahal. O visitante tomou a chave entre seus dedos e se aproximou da porta, fechando-a de novo. Carter tragou saliva. As advertências que lhe tinha feito Aryami Bosé na noite anterior desfilaram a toda velocidade por sua mente. Jawahal apertou a chave entre seus dedos e o metal se dobrou com a facilidade de uma forquilha de latão.

— Não parece alegrar-se por me voltar a ver, Mr. Carter. — disse Jawahal — Não recorda da nossa entrevista marcada faz já dezesseis anos? Vim para realizar minha contribuição.

— Saia agora mesmo ou me verei obrigado a avisar à polícia. — ameaçou Carter.

— Não se preocupe com a polícia, de momento. Eu a avisarei quando for. Sente-se e me outorgue o prazer de sua conversa.

Carter se sentou em sua poltrona e lutou por não trair suas emoções e manter um semblante sereno e autoritário. Jawahal lhe sorriu amigavelmente.

— Imagino que sabe por que estou aqui. — disse o intruso.

— Não sei o que procura, mas não o encontrará aqui. — respondeu Carter.

— Talvez sim, talvez não. — disse Jawahal casualmente — Procuro um menino que já não o é; agora é um homem. Você sabe que menino é. Lamentaria ser obrigado a lhe fazer dano.

— Está-me ameaçando?

Jawahal riu.

— Sim. — respondeu friamente — E quando o faço, faço-o a sério.

Carter considerou seriamente pela primeira vez a possibilidade de gritar pedindo ajuda.

— Se o que quer é gritar antes de hora, — sugeriu Jawahal — me permita lhe dar motivos.

Assim que havia pronunciado estas palavras, Jawahal estendeu na frente do seu rosto sua mão direita e começou a extrair a luva que a cobria com parcimônia.

Sheere e outros membros da Chowbar Society apenas tinham cruzado a soleira do pátio do St. Patricks quando as janelas do escritório do Thomas Cártter, no primeiro piso, estalaram com um terrível estrondo e o jardim se cobriu com uma chuva de lascas de vidro, madeira e tijolo. Os rapazes ficaram paralisados um segundo e logo de seguida se apressaram correndo para o edifício, ignorando a fumaça e as chamas que afloravam do vazio que tinha ficado aberto na fachada.

No momento da explosão, Bankim se encontrava no outro extremo do corredor, olhando uns documentos da administração que se propunha entregar a Carter para sua assinatura. A onda explosiva o derrubou ao chão; quando levantou a vista, pôde ver como a porta do escritório do reitor saía despachada entre a nuvem de fumaça que alagava o corredor e se lançava contra a parede. Um segundo depois, Bankim se levantou e correu para a origem da explosão. Quando apenas o separavam seis metros entre ele e a porta do escritório, Bankim viu uma silhueta negra que emergia envolta em chamas, desdobrava uma capa escura e se afastava pelo corredor como um grande morcego a velocidade inverosímil. A forma desapareceu deixando atrás de si um rastro de cinzas e emitindo um som que Bankim recordou como o furioso silvo de uma cobra disposta a saltar sobre sua vítima.

Bankim encontrou Carter estendido no interior do escritório. Seu rosto estava cheio de queimaduras e suas roupas fumegantes pareciam ter escapado de um incêndio. Bankim se lançou para junto de seu mentor e tentou levantá-lo. As mãos do reitor tremiam e Bankim constatou com alívio que ainda respirava, embora com certa dificuldade. Bankim gritou pedindo ajuda e, aos poucos, os rostos de vários rapazes apareceram pela porta. Ben, Ian e Seth ajudaram a acudir Cártter, o levantar do chão,

enquanto outros afastavam os escombros do caminho e preparavam um lugar no corredor onde colocar o reitor do St. Patricks.

— Que diabos se passou? — perguntou Ben.

Bankim negou, incapaz de responder à pergunta e visivelmente afetado ainda pelos efeitos da comoção que acabava de experimentar. Unindo seus esforços conseguiram tirar o ferido para o corredor enquanto Vendela, com o rosto branco como a porcelana e o olhar extraviado, corria para avisar o hospital mais próximo.

Pouco a pouco, o resto do pessoal do St. Patricks foi indo até ali, sem conseguir compreender o que tinha provocado aquele estrondo e a quem pertencia aquele corpo chamuscado estendido no chão. Ian e Roshan formaram um cordão de contenção e indicavam a todos quantos se aproximavam do lugar para que se retirassem e não atrapalhassem o caminho.

A espera da ajuda prometida se tornou infinita.

Depois da confusão criada pela explosão e da ansiada chegada do furgão médico do hospital geral de Calcuta, o St. Patricks se afundou em meia hora de angustiosa incerteza. Finalmente, quando começava a cair o desânimo entre os presentes, depois dos primeiros momentos de pânico, um médico da equipe se reuniu com Bankim e os rapazes para tranquilizá-los enquanto três de seus colegas seguiam atendendo à vítima.

Ao vê-lo aparecer, todos se congregaram em torno dele, espectadores e ansiosos.

— Sofreu importantes queimaduras e apresenta várias fraturas, mas está fora de perigo. O que mais me preocupa agora são seus olhos. Não podemos garantir que volte recuperar a visão completa, mas é cedo para determiná-lo. Vai ser necessário interná-lo e sedá-lo profundamente antes de ficar curado. Terá que ser internado com toda a segurança. Necessito alguém que possa autorizar os documentos de ingresso. — disse o doutor, um jovem ruivo de olhar intenso e aspecto resolutamente competente.

— Vendela pode fazê-lo. — disse Bankim. O doutor assentiu.

— Bem. Ainda há algo mais. — disse o médico — Quem de vocês é Ben?

Todos o olharam atônitos. Ben elevou a vista, sem compreender.

— Eu sou Ben. — respondeu — O que aconteceu?

— Ele quer falar consigo. — disse o doutor, com um tom de voz que evidenciava que tinha tratado de dissuadir Carter da idéia e que desaprovava sua petição.

Ben assentiu e se apressou a entrar no furgão do hospital onde os médicos tinham colocado Carter.

— Só um minuto, garoto. — advertiu o médico— Nem um segundo mais.

Ben se aproximou da maca onde jazia estendido Thomas Carter e tentou lhe oferecer um sorriso tranquilizador, mas ao comprovar o estado em que se encontrava o diretor do orfanato, sentiu que o estômago se encolhia e as palavras eram incapazes de chegar aos seus lábios. Nas suas costas, um dos médicos lhe fez um gesto para que reagisse. Ben inspirou profundamente e assentiu.

— Olá, Mr. Carter. Sou eu, Ben. — disse o rapaz perguntando-se se Carter poderia o ouvir. O ferido inclinou a cabeça lentamente e elevou uma mão trêmula. Ben tomou entre as suas e a apertou brandamente.

— Diga a esse homem que nos deixe sozinhos. — gemeu Carter, que não tinha aberto os olhos.

O médico olhou com severidade para Ben e esperou uns segundos antes de os deixar em privado.

— Os médicos dizem que você se vai ficar bom... — disse Ben.

Carter negou.

— Agora não, Ben. — cortou Carter, a quem cada palavra parecia fazer um

esforço titânico — Deve me escutar atentamente e não me interromper. Entendeu?

Ben assentiu em silêncio e demorou um breve lapso de tempo para compreender que Carter não podia o ver.

— Escuto, senhor.

Carter apertou suas mãos.

— Há um homem que busca você e quer mata-lo, Ben. Um assassino. — articulou Carter atrapalhadamente — É necessário que acredite em mim. Esse homem se faz chamar Jawahal e parece acreditar que você tem algo a ver com seu passado. Não sei por que razão o busca; mas sei que é perigoso. O que fez comigo não é mais do que uma amostra do que é capaz. Deve falar com o Aryami Bosé, a mulher que veio ontem ao orfanato. Lhe diga o que disse a você, o que se passou. Ela quis me advertir, mas não tomei a sério suas palavras. Não cometa você o mesmo engano. Procure-a e fale com ela. Lhe diga que Jawahal esteve aqui. Ela explicará o que você deve fazer.

Quando os lábios abrasados do Thomas Carter se selaram, Ben sentiu que todo mundo desabava em seu redor. Tudo quanto o diretor do St. Patricks acabava de lhe confiar resultava numa história inverosímil. A comoção da explosão tinha prejudicado seriamente o raciocínio do reitor e seu delírio o levava a imaginar uma conspiração contra sua vida e sabe Deus a que outros perigos improváveis. Contemplar qualquer outra alternativa não lhe resultava aceitável naquele momento, mas tinha cabimento à luz do próprio episódio que tinha sonhado na madrugada passada. Aprisionado na atmosfera claustrofóbica do furgão impregnado de frio e fedor a éter, Ben se perguntou por um momento se os habitantes do St. Patricks estavam começando a perder a razão, ele mesmo incluído.

— Ouviu-me, Ben? — Insistiu Carter com voz agônica — Compreendeu o que lhe disse?

— Sim, senhor. — murmurou Bem — Não deve preocupar-se agora, senhor.

Carter abriu os olhos e Ben constatou horrorizado o rastro que as chamas tinham

lavrado neles.

— Ben. — tentou gritar Carter com a voz quebrada pela tortura — Faça o que lhe disse. Agora. Vá ver essa mulher. Jure-me isso.

Ben escutou os passados do doutor ruivo em suas costas e sentiu que o médico lhe agarrava o braço e o arrastava energicamente para fora do furgão. A mão do Carter escorregou entre as suas e ficou suspensa no ar.

— Já chega. — disse o médico — Este homem já sofreu o suficiente.

— Jure-me isso. — gemeu Carter agitando a mão no ar.

O menino contemplou consternado como os médicos injetavam uma nova dose a Carter.

— Juro, senhor. — disse Ben sem ter certeza se ele podia escuta-lo — Juro.

Bankim o esperava ao pé do furgão. Em segundo mais tarde, todos os membros da Chowbar Society e aqueles que estavam presentes no St. Patricks quando tinha acontecido a desgraça, o observavam com olhos ansiosos e o semblante abatido. Ben se aproximou de Bankim e o olhou diretamente nos olhos injetados em sangue e avermelhados pela fumaça e as lágrimas.

— Bankim, preciso saber uma coisa. — disse Ben — Veio alguém chamado Jawahal visitar Mr. Carter?

Bankim o observou sem compreender.

— Não veio ninguém hoje. — respondeu o professor — Mr. Carter esteve toda a manhã reunido com o Conselho Municipal e voltou aqui por volta das doze. Logo disse que queria ir para seu escritório trabalhar e que não desejava que ninguém o incomodasse, nem sequer para almoçar.

— Está seguro de que estava sozinho em seu escritório quando se produziu a explosão? — perguntou Ben, rogando obter uma resposta afirmativa.

— Sim. Acredito que sim — respondeu Bankim rotundamente, embora seu olhar albergava uma sombra de dúvida — Por que me pergunta isso? O que ele disse a você?

— Está completamente seguro, Bankim? — insistiu Ben — Pense bem. É importante.

O professor baixou o olhar e massageou o rosto, como se tratasse de achar as palavras capazes de descrever o que conseguia recordar.

— No primeiro momento, — disse Bankim — um segundo depois da explosão, acreditei ver algo ou alguém sair do escritório. Tudo era muito confuso.

— Algo ou alguém? — perguntou Ben — O que era?

Bankim elevou o olhar e encolheu os ombros.

— Não sei. — respondeu — Nada que eu conheça pode mover-se tão rápido.

— Um animal?

— Não sei o que vi, Ben. O mais provável é que fosse minha própria imaginação.

O desprezo que as superstições e as histórias de supostos prodígios sobrenaturais despertavam em Bankim eram familiares a Ben. O rapaz sabia que o professor nunca admitiria ter presenciado nada que escapasse a sua capacidade de análise ou compreensão. Se sua mente não podia explicá-lo, seus olhos não podiam vê-lo. Tão simples como isso.

— E se assim foi, — perguntou Ben por última vez — que mais imaginou?

Bankim dirigiu o olhar para a brecha enegrecida que ocupava o lugar que horas antes estava reservado ao escritório do Thomas Carter.

— Pareceu-me que ria. — admitiu Bankim em voz baixa — Mas não penso repetir isso a ninguém.

Ben assentiu e deixou Bankim junto ao furgão para dirigir-se até seus amigos, que esperavam com ansiedade conhecer a natureza de sua conversa com Carter. Entre eles, Sheere o observava com marcada inquietação, como se no fundo de seu espírito fosse a única capaz de intuir que as notícias que Ben trazia estavam a ponto de decantar os acontecimentos para um caminho escuro e mortal, onde nenhum deles poderia retroceder.

— Temos que falar. — disse Ben pausadamente — Mas não aqui.

Lembranças daquela manhã de maio como o primeiro sinal da tortura que se abatia sobre nossos destinos inexoravelmente, tramando-se nas nossas costas, e crescendo à sombra de nossa completa inocência, aquela bendita ignorância que nos fazia acreditar merecedores de um estado de graça próprio daqueles que, ao carecer de passado, nada devem temer do futuro.

Pouco sabíamos então, que os chacais da desgraça não corriam atrás do desafortunado Thomas Carter. Suas presas ansiavam por outro sangue mais jovem, e tinham o estigma de uma maldição que não podia ocultar-se nem entre a multidão, que se coagulava na gritaria dos mercados de ruas, nem nas vísceras de nenhum palácio selado de Calcuta.

Seguimos o Ben para o Palácio da Meia-noite em busca de um lugar secreto onde pudéssemos escutar o que tinha que nos dizer. Naquele dia, nenhum de nós albergava em seu coração o temor que, depois daquele estranho acidente e daquelas palavras incertas pronunciadas pelos lábios beijados pelo fogo de nosso reitor, pudesse crescer maior ameaça que a da separação e o vazio para o qual as páginas em branco de nosso futuro pareciam nos conduzir. Devíamos aprender ainda que o Diabo criou a juventude para que cometêssemos nossos enganos e que Deus instaurou a maturidade e a velhice para que pudéssemos pagar por eles.

Recordo também que todos escutamos a recontagem que Ben fez de sua conversa com Thomas Carter e que soubemos todos sem exceção que nos ocultava algo do que o reitor ferido lhe tinha confiado. E lembro da expressão de preocupação que os rostos de meus amigos, e o meu, foram adquirindo ao compreender que, pela primeira vez em anos, nosso companheiro Ben tinha escolhido nos manter à margem

da verdade, quaisquer que fossem seus motivos.

Quando minutos mais tarde solicitou falar a sós com Sheere, pensei que meu melhor amigo acabava de ferrar uma punhalada final no que restava, para sentenciar os últimos dias da Chowbar Society.

Os fatos viriam a me demonstrar mais adiante que, uma vez mais, tinha julgado erroneamente Ben e à fidelidade que os juramentos de nosso clube inspiravam no seu ânimo.

Naquele momento, porém, bastou-me observar o rosto de meu amigo Ben enquanto falava com o Sheere para intuir que a roda da fortuna tinha invertido seu giro e que havia sobre a mesa uma mão negra cujas apostas abocanharam por uma partida além de nossas possibilidades.

A Cidade dos Palácios

À luz nebulosa daquele dia úmido e quente de maio, os perfis das gravuras e as gárgulas do refúgio secreto da Chowbar Society pareciam figuras de cera esculpidas a faca por mãos furtivas. O Sol se ocultou atrás de um espesso manto de nuvens de cor cinza e uma asfixiante névoa que se coagulava nas ruas da cidade negra, subia o rio Hooghly emulando os vapores letais de um pântano envenenado.

Ben e Sheere conversavam atrás de duas colunas derrubadas na sala central do casarão, enquanto os restantes esperavam a uma dúzia de metros dali, dedicando ocasionais olhares furtivos e receosos ao casal.

— Não sei se estou fazendo bem ocultando isto aos meus companheiros. — confessou Ben a Sheere — Sei que os desgostará e que vai contra os princípios da Chowbar Society, mas se existir uma remota possibilidade de que haja um assassino nas ruas, que pretende me matar, coisa que duvido, não tenho intenção de os envolver nisto. Tampouco quero envolver você, Sheere. Não posso imaginar que relação guarda sua avó com tudo isto, e até que não o averigue, o melhor será manter este segredo entre você e eu.

Sheere assentiu. Desgostava-lhe compreender que de algum modo aquele segredo que compartilhava com o Ben se interpunha entre o rapaz e seus companheiros, mas ao mesmo tempo, consciente de que a gravidade do assunto podia ser maior do que contemplavam naquele momento, saboreava agradada a proximidade que aquele vínculo lhe proporcionava com o Ben.

— Também eu devo dizer algo, Ben. — começou Sheere — Esta manhã, quando vim me despedir de vocês, não pensei que tivesse importância, mas agora as coisas mudaram. Ontem à noite, enquanto voltávamos para a casa onde nos alojamos, mim avó me fez jurar que nunca mais falaria com você. Disse-me que deveria esquecê-lo e que qualquer tentativa da minha parte de me aproximar de você poderia acabar em tragédia.

Ben suspirou perante a velocidade com que aquela corrente de ameaças veladas, que floresciam em todos os lábios em relação a sua pessoa, estava adquirindo. Todos, exceto ele, aparentavam conhecer algum segredo inexprimível que o convertia em uma carta marcada e portadora de desgraças. O que ao princípio tinha sido incredulidade e mais tarde inquietação, começava a transformar-se em aberta irritação e ira perante o secretismo que parecia mover-se em suas costas.

— Que razões tem sua avó para dizer algo assim? — perguntou Ben — Jamais me tinha visto antes de ontem à noite e não acredito que meu comportamento justificasse semelhantes barbaridades.

— Não acredito que tivesse a ver com isso. — indicou Sheere — Estava assustada. Não havia raiva em suas palavras, só medo.

— Pois vamos ter que encontrar algo mais que medo se pretendemos averiguar o que é o que está acontecendo. — replicou Ben — Vamos vê-la agora.

Ben se dirigiu até onde esperavam outros membros da Chowbar Society. Seus rostos evidenciavam que tinham estado discutindo internamente o tema e que tinham chegado a alguma resolução. Ben apostou quem seria o porta-voz do inevitável protesto. Todos olharam para Ian e este, ao descobrir a conspiração, pôs os olhos em branco e suspirou.

— Ian tem algo para dizer a você. — particularizou Isobel — E fala por todos nós.

Ben encarou seus companheiros e sorriu.

— Escuto.

— Bom, — começou Ian — a essência do que queremos dizer...

— Vá ao grão, Ian — cortou Seth.

Ian se voltou, com toda a serena fúria contida que seu fleumático caráter lhe permitia.

— Se sou eu a explicar, o farei como me der na vontade. Está claro?

Ninguém ousou objetar mais matize sobre sua oratória. Ian empreendeu sua tarefa.

— Como dizia, o essencial é que acreditamos que há algo que não se enquadra. Disse-nos que Mr. Carter explicou a você que há um criminoso que ronda o orfanato e que o atacou. Criminoso que ninguém viu e cujos motivos, segundo suas explicações, não entendemos. Como tampouco entendemos por que pediu para falar com você especificamente ou por que você esteve falando com o Bankim e não nos disse sobre o que. Supomos que tem suas razões para guardar o segredo e compartilhá-lo só com a Sheere, ou melhor dizendo, acredito que as tem. Mas, em honra à verdade, se em algo valoriza esta sociedade e seu propósito, deveria confiar em nós e não nos ocultar nada.

Ben considerou as palavras do Ian e repassou os rostos do resto de seus companheiros, que assentiram ao discurso de seu porta-voz.

— Se estiver ocultando algo é porque penso que pelo contrário poderia pôr em perigo a vida de outros. — explicou Ben.

— O princípio básico desta sociedade é nos ajudar uns aos outros até ao fim e não simplesmente escutar histórias de fantasias e desaparecer às primeiras contrariedades, assim que cheira a chamuscado. — Protestou Seth iradamente.

— Isto é uma sociedade, não uma orquestra de senhoritas. — acrescentou Siraj.

Isobel o deu um soco no cangote.

— Você se cale. — recriminou Isobel.

— De acordo. — opinou Ben — Todos por um e um por todos. Isso é o que querem? Os Três Mosqueteiros?

Todos o observaram intensamente e, lentamente, um a um, assentiram.

— Muito bem. Dir-lhes-ei tudo o que sei, que não é muito. — disse Ben.

Durante os dez minutos seguintes a Chowbar Society escutou seu relato em versão íntegra, incluindo a conversa com o Bankim e os temores da avó de Sheere. Finalizada a exposição, abriu-se um turno de perguntas.

— Alguém ouviu falar desse tal Jawahal alguma vez? — perguntou Seth — Siraj?

O homem enciclopédia não ofereceu mais resposta que uma negativa absoluta.

— Sabem se Mr. Carter teria negócios com alguém assim? Talvez haja em seus arquivos algo a respeito? — perguntou Isobel.

— Podemos averiguá-lo. — disse Ian. — Agora o fundamental é falar com sua avó, Sheere, e desenrolar este embrulho.

— Estou de acordo. — disse Roshan — Vamos vê-la e depois decidiremos sobre um plano de ação.

— Há alguma objeção à proposta do Roshan? — perguntou Ian.

Uma negativa geral alagou os muros ruinosos do Palácio da Meia-noite.

— Bem, em marcha.

— Um momento. — disse Michael.

Os rapazs se voltaram para escutar o perene, taciturno e virtuoso do lápis e cronista gráfico da história da Chowbar Society.

— Ocorreu a você pensar que tudo isto poderia ter relação com a história que nos explicou esta manhã, Ben? — perguntou Michael.

Ben tragou saliva. Levava meia hora fazendo-se essa mesma pergunta, mas era incapaz de achar um elo de conexão entre ambos os casos.

— Não vejo a relação, Michael. — disse Seth. Os outros pensaram sobre o tema, mas nenhum deles parecia inclinado a discordar do parecer do Seth.

— Não acredito que exista essa relação. — corroborou Ben finalmente —

Suponho que sonhei.

Michael o olhou diretamente nos olhos, algo que não estava acostumado a fazer praticamente nunca, e lhe mostrou um pequeno desenho que sustentava entre os dedos. Ben o examinou e identificou a silhueta de um trem cruzando uma planície devastada de favelas e barracos. Uma majestosa locomotiva acabada em cunha e coroada por grandes chaminés que cuspiam vapor e fumaça o arrastava sob um céu semeado de estrelas negras. O trem aparecia envolto em chamas e através dos guichês dos vagões se intuía centenas de rostos espectrais estendendo os braços e uivando no fogo. Michael tinha traduzido as suas palavras para o papel com absoluta fidelidade. Ben sentiu que um calafrio lhe percorria as costas e olhou para seu amigo Michael.

— Não entendo, Michael. — murmurou Bem — Aonde quer chegar?

Sheere se aproximou deles e seu rosto empalideceu ao contemplar o desenho e intuiu um elo de união entre a visão do Ben e o incidente no St. Patricks , que Michael tinha posto a descoberto.

— O fogo. — murmurou a moça — É o fogo.

A casa de Aryami Bose tinha permanecido enclausurada durante anos e o fantasma de milhares de lembranças prisioneiras entre os muros impregnava ainda o ambiente daquela casa habitada por livros e quadros.

De caminho tinham acordado unanimemente que o mais prudente era permitir que Sheere entrasse primeiro em casa, pusesse Aryami ao corrente dos fatos e lhe manifestasse a vontade dos rapazes em falar com ela. Uma vez assumida essa primeira fase, os membros da Chowbar Society acharam igualmente oportuno limitar o numero de seus representantes na reunião com a anciã, na crença de que a visão de sete adolescentes desconhecidos prenderia sua língua ostensivelmente. Por isso, além de Sheere e Ben, decidiu-se que Ian também estaria presente durante a

conversação. Ian aceitou de novo o papel de embaixador em funções da sociedade, não sem suspeitar que a frequência com que lhe correspondia assumir tal papel estava menos relacionada com a confiança de seus companheiros em seu engenho e moderação que com seu aspecto inofensivo e idôneo para granjeá-la aprovação de adultos e funcionários públicos. Em qualquer caso, depois de percorrer as ruas da cidade negra e esperar durante uns minutos no pátio de aspecto selvagem que rodeava a casa de Aryami Bosé, Ian se uniu a Ben e ambos entraram na casa ao sinal de Sheere, enquanto os outros aguardavam por sua volta.

Sheere os conduziu até uma sala insuficientemente iluminada por uma dúzia de velas situadas no interior de vasilhas com água. Sobre elas, as gotas de cera derramada formavam flores congeladas e tapavam o reflexo da chama. Os três jovens tomaram assento frente à anciã, que os observava silenciosamente desde sua poltrona, e examinaram a penumbra que velava as paredes cobertas de tecidos e as prateleiras sepultadas sob o pó de anos.

Aryami esperou que os olhos dos três jovens se pousassem sobre os seus e se inclinou para eles, em atitude confidencial.

— Minha neta me explicou o acontecido. — disse Aryami — E não posso dizer que me surpreenda. Vivi durante anos com o temor de que algo semelhante ocorresse, mas nunca cheguei a pensar que seria assim, desta maneira. Antes de mais nada, saibam que aquilo que hoje presenciastes não é mais que o princípio e que, depois de me escutarem, em vossas mãos estará deixarem que siga seu curso ou evitá-lo. Eu já sou velha e me falta o ânimo e saúde para combater forças que me ultrapassam e que cada dia me resulta mais difíceis de compreender.

Sheere tomou a mão pergaminhosa de sua avó e a acariciou brandamente. Ian observou como Ben mordiscava suas unhas e lhe deu uma discreta cotovelada.

— Houve um tempo em minha vida em que acreditei que nada tinha mais força que o amor. E é certo que tem, mas sua força é minúscula e empalidece face ao fogo do ódio. — explicou Aryami — Sei que estas revelações não são precisamente um presente idôneo para seu décimo sexto aniversário; normalmente se permite aos rapazes viver na ignorância do verdadeiro rosto do mundo até bem entrados na

juventude, mas temo que vocês não terão esse duvidoso privilégio. Sei também que, pelo simples fato de vir de uma anciã, duvidarão de minhas palavras e de meus julgamentos. Aprendi a reconhecer esse olhar nos olhos de minha própria neta durante todos estes anos. E que nada é tão difícil de acreditar como a verdade e, pelo contrario, nada é tão sedutor como a força da mentira, quanto maior é seu peso. É a lei da vida e ao seu julgamento ficará encontrar o equilíbrio justo. Dito isto, me permitam lhes explicar que, além de anos, esta velha colecionou histórias e que nunca conheceu uma história tão triste e terrível como a que vou relatar e que, sem sabê-lo, vocês foram protagonistas por omissão até ao dia de hoje...

«Houve um tempo em que eu também já fui jovem e fiz tudo aquilo que se espera que façam os jovens: casar, ter filhos, contrair dívidas, decepcionar e renunciar a sonhos e princípios que um dia sempre jurou respeitar. Envelhecer, em uma palavra. Ainda assim, a fortuna foi generosa comigo, pelo menos assim me pareceu isso em princípio, uniu minha vida a de um homem que para o melhor e o pior podia dizer-se é que era bom. Nunca foi um jovem arrumado, para quê mentir. Lembro que, quando vinha a minha casa, minhas irmãs riam dele. Era um tanto torpe, tímido e tinha o aspecto de ter passado os últimos dez anos de sua vida encerrado em uma biblioteca: o sonho de qualquer jovem de sua idade, Sheere.

Meu galã trabalhava como professor em uma escola pública do Sul de Calcuta. Seu salário era miserável e seu vestuário não desmerecia de seu pagamento. Cada sábado vinha me buscar vestido com o mesmo traje, o único que tinha e que reservava para suas reuniões na escola e para me cortejar. Demorou seis anos para poder comprar outro, mas nunca lhe sentaram bem os trajes, não tinha o porte necessário.

Minhas outras duas irmãs contraíram matrimônio com dois reluzentes e bem plantados galãs que tratavam com displicência seu avô e que, em suas costas, dirigiam-me tórridos olhares que se supunha eu deveria interpretar como a oportunidade de desfrutar de um homem de verdade embora apenas por uns minutos em minha vida.

Com o tempo, aqueles folgazões teriam que viver da caridade de meu homem e de seus favores, mas isso é outra história. Pois ele, embora pudesse ler através

daquelas sanguessugas, porque sempre soube ver a alma das pessoas com as quais tratava, não lhes negou seu apoio e fingiu esquecer as brincadeiras e o desprezo com que tinha sido tratado em sua juventude. Eu não o teria feito, mas meu homem, como lhes digo, sempre foi bom. Possivelmente muito.

Sua saúde, infelizmente, era frágil e me deixou logo, no ano em que nasceu nossa única filha, Kylian. Tive que criá-la sozinha e tratar de lhe ensinar tudo aquilo que seu pai teria querido que aprendesse. Kylian foi a luz que iluminou minha vida depois da morte de seu avô. Dele herdou sua natureza bondosa e seu instinto para ver através do coração de outros. Mas, onde seu pai reunia estupidez e acanhamento, ela gotejava luminosidade e elegância. Sua beleza começava em seus gestos, em sua voz, em seus movimentos. Em menina, suas palavras enfeitiçavam os visitantes e às pessoas da rua com a magia de um encantamento. Lembro que, ao contemplá-la paquerar os comerciantes dos bazares com apenas dez anos, estava acostumada a imaginar que aquela menina era como um cisne saído das águas da memória de meu homem, um pato feio e torpe. Seu espírito vivia nela, em seus gestos mais insignificantes e no modo em que, às vezes, em silêncio, detinha-se a observar as pessoas do alpendre desta casa e me olhava, toda ela seriedade, para me perguntar por que havia tantas pessoas desgraçadas no mundo.

Logo todas as pessoas da cidade negra começaram a referir-se a ela empregando a alcunha com que um fotógrafo de Bombay a batizou: a princesa de luz. E, para tal princesa, não demoraram a aparecer até debaixo das pedras os candidatos a príncipe. Foram tempos maravilhosos, em que ela compartilhava comigo as ridículas confidências que seus engalanados pretendentes lhe faziam, os horripilantes poemas que lhe escreviam e toda uma galeria de anedotas que, por haver-se prolongado, nos tivessem levado a acreditar que todos os jovens desta cidade não eram mais que uns pobres cretinos. Mas, como sempre, apareceu na cena alguém que teria que mudar tudo: seu pai, o homem mais inteligente e mais estranho de todos que conheci nesta vida.

Naquela época, como hoje, a imensa maioria dos matrimônios que se celebravam, eram combinados entre as famílias como um simples acordo comercial, onde a vontade dos futuros casais não tinha valor algum. A maioria das tradições não

é mais do que as enfermidades de uma sociedade. Durante toda minha vida, tinha jurado a mim mesma que no dia em que Kylian se casasse o faria com a pessoa que ela tivesse escolhido livremente.

Quando seu pai chegou a esta porta, encarnava justamente o contrário das dezenas de moscas azuis pavoneantes que rondavam a sua mãe sem cessar. Falava pouco, mas quando o fazia, suas palavras eram afiadas como uma faca e não admitiam réplica. Era amável e, quando o desejava, possuidor de um estranho encanto que seduzia lenta, mas inexoravelmente. Contudo, seu pai mantinha sempre um trato distante e frio com quase todos. Exceto com sua mãe. Em sua companhia, transformava-se em outra pessoa, vulnerável e quase infantil. Nunca cheguei a saber qual dos dois era ele em realidade e suponho que sua mãe levou esse segredo para a tumba.

Seu pai, nas poucas ocasiões em que se dignava falar comigo, dava poucas explicações. Quando por fim decidiu solicitar meu consentimento para contrair matrimônio com sua mãe, perguntei-lhe como pensava mantê-la e qual era sua posição. Meus anos à beira da pobreza com seu avô me tinham ensinado a proteger a minha filha de uma experiência como aquela, que me tinha levado a convencer de que não há nada como um estômago vazio para desmascarar o mito do efeito enobrecedor da fome de espírito.

Seu pai me olhou guardando para si seus verdadeiros pensamentos, como fazia sempre, e respondeu que sua profissão era engenheiro e escritor. Disse que estava tentando conseguir um lugar em uma companhia britânica de construção e que um editor de Delhi lhe tinha adiantado uma quantia por um manuscrito que lhe tinha entregue. Tudo aquilo, aliado à literatura com que seu pai enfeitava seus discursos quando lhe convinha, cheirava a miséria e privações. Assim o expus. Sorriu e, tomando docemente minha mão entre as suas, murmurou-me umas palavras que não esquecerei jamais: “Mãe, esta é primeira e a última vez que o direi. Meu futuro e o de sua filha está agora em nossas mãos, como está a sacrificar o futuro e a lavrar o meu caminho na vida. Ninguém, vivo ou morto, vai poder interferir nisso. Durma tranqüila a esse respeito e confie no amor que professo em sua filha. Mas se as preocupações não a deixam conciliar o sono, guarde-se de manchar com uma só palavra, gesto ou

ação o vínculo que, com ou sem seu consentimento, me unirá a ela para sempre, porque faltarão anos na eternidade para que se arrependa disso.”

Três meses depois se casaram e jamais voltei a falar a sós com seu pai. O futuro lhe deu razão e logo foi fazendo nome como engenheiro, sem abandonar sua paixão pela literatura. Mudaram-se para uma casa não muito afastada daqui, que já foi derrubada faz anos, enquanto ele desenhava aquele que seria seu lar de sonho, um verdadeiro palácio que concebeu milímetro a milímetro para recolher-se com sua mãe. Ninguém imaginava então o que se aproximava.

Nunca cheguei a conhece-lo na realidade. Ele nunca me deu essa oportunidade, nem parecia sentir nenhum interesse em abrir suas portas a ninguém que não fosse sua mãe. A mim sua personalidade intimidava e em sua presença me sentia incapaz de abordá-lo ou tentar conviver com ele. Era impossível saber o que pensava. Estava acostumada a ler seus livros, que sua mãe me trazia quando ia me visitar, e os estudava com detalhe tentando encontrar neles a chave oculta para entrar no labirinto de sua mente.

Nunca consegui penetrar nele.

Seu pai foi um homem misterioso que jamais falava de sua família ou de seu passado. Talvez por isso nunca fui capaz de intuir sobre a ameaça que se abatia sobre ele e sobre minha filha, uma ameaça nascida desse passado escuro e insondável. Nunca me deu a oportunidade de ajudá-lo e, na hora da desgraça, esteve tão só como o tinha estado durante toda sua vida, na sua fortaleza de solidão livremente escolhida, cuja chave só sustentou em suas mãos uma pessoa durante os anos que compartilhou com ele: Kylian.

Mas seu pai, como todos nós, tinha um passado e dele emergiu a figura que ia trazer a escuridão e a tragédia a nossa família.

Quando seu pai era jovem e percorria faminto as ruas da Calcuta sonhando com números e fórmulas matemática, conheceu outro rapaz, um menino de sua mesma idade, órfão e sozinho. Naquela época seu pai vivia na pobreza e, como tantos meninos desta cidade, caiu vítima de febres que em cada ano sugavam milhares de

vidas. Durante a época das chuvas, a monção descarregava com força suas tormentas na península de Bengala e todo o delta do Ganges experimentava uma enchente que alagava o país. Cada ano, o lago de sal que ainda se encontra no leste da cidade transbordava; ao passar as chuvas, os cadáveres dos peixes mortos expostos ao sol, depois de baixar de novo as águas, produziam uma nuvem de vapores envenenados que, arrastados pelos ventos das montanhas do Norte, arrasavam a cidade e semeavam a enfermidade e a morte como uma praga infernal.

Aquele ano seu pai foi vítima dos ares de morte e teria estado a ponto de perecer, de não ter sido salvo por um companheiro, Jawahal, que cuidou dele durante vinte dias em um barraco de tijolo cru e madeiras queimadas a bordo do Hooghly. Seu pai, ao recuperar-se, jurou que sempre protegeria o Jawahal e que compartilharia com ele tudo o que o futuro lhe proporcionasse, porque agora sua vida também lhe pertencia. Foi um juramento de meninos. Um pacto de sangue e honra. Mas havia algo que seu pai não sabia: Jawahal, aquele anjo salvador de apenas onze anos, levava nas veias uma enfermidade muito mais terrível que aquela que tinha estado a ponto de acabar com ele. Uma enfermidade que começaria a manifestar-se muito depois, primeiro de um modo quase imperceptível, mais tarde com a fatalidade de uma condenação: a loucura.

Anos mais tarde, seu pai soube que a mãe do Jawahal se havia envolvido em chamuscas, frente aos olhos de seu filho em um sacrifício à deusa Kali e que a mãe de sua mãe tinha acabado seus dias em uma cela miserável de um manicômio de Bombay. Não eram mais que elos em uma longa cadeia de acontecimentos que convertiam a história daquela família em um atalho de horror e desgraça. Mas seu pai era um homem forte, inclusive desde rapaz, e assumiu a responsabilidade de proteger seu amigo fosse qual fosse a sua terrível herança.

Tudo foi simples até que, ao cumprir os dezoito anos, Jawahal assassinou a sangue frio um rico comerciante no bazar porque ele se negou a lhe vender um medalhão que desejava adquirir, aludindo a seu aspecto e duvidando de sua solvência. Seu pai o escondeu em sua casa durante meses e pôs em perigo sua vida e seu futuro ao protegê-lo da justiça que o procurava por toda a cidade. Conseguiu-o, mas aquele só tinha sido o primeiro passo. Um ano depois, na noite do ano novo hindu,

Jawahal incendiou uma casa onde viviam uma dúzia de anciãos e se sentou na rua a ver as chamas até que as vigas caíram convertidas em brasas. Dessa vez nem as artes de seu pai puderam salva-lo da justiça.

Houve um julgamento, longo e terrível, onde Jawahal foi condenado por seus crimes a cadeia perpétua. Seu pai fez tudo quanto pôde para ajudá-lo, gastou suas economias para lhe pagar advogados, enviou roupa limpa a prisão onde o tinham preso e subornou seus guardiães para que não o atormentassem. O único agradecimento que recebeu de Jawahal foi palavras de ódio. Acusou-o de tê-lo denunciado, abandonado, e de ter querido desfazer-se dele. Recriminou-o por ter quebrado o juramento que ambos tinham feito anos atrás e jurou vingança porque, como lhe gritou iradamente do estrado, quando se leu sua sentença condenatória, a metade de sua vida lhe pertencia.

Seu pai enterrou esse segredo no mais profundo de seu coração e nunca quis que sua mãe soubesse disso. Os anos apagaram os sinais externos daquela lembrança. Depois das bodas, dos primeiros anos de matrimônio e dos êxitos de seu pai, tudo aquilo não parecia mais que um episódio enterrado em um passado longínquo.

Lembro-me da época em que sua mãe ficou grávida. Seu pai parecia outra pessoa, um desconhecido. Comprou um cachorrinho de um cão guardião e afirmou que estava disposto a treina-lo para que se convertesse na melhor das babás para seu futuro filho e não cessava de falar da casa que ia construir, dos planos que tinha para o futuro, de um novo livro...

Um mês depois, o tenente Michael Peake, um dos antigos pretendentes de sua mãe, trouxe a sua porta uma notícia que ia semear de terror suas vidas: Jawahal tinha incendiado um pavilhão da prisão de criminosos perigosos em que estava confinado e tinha fugido, não sem antes escrever nos muros de sua cela, com o sangue de seu companheiro degolado, a palavra: vingança.

Peake se comprometeu pessoalmente a procurar Jawahal e a protege-los de qualquer possível ameaça. Passaram dois meses sem novidades nem indícios da presença do Jawahal. Até o dia do aniversário de seu pai.

Ao amanhecer chegou um pacote com o seu nome entregue por um mendigo. Continha um medalhão, a jóia pela qual tinha cometido seu primeiro assassinato, e uma nota. Nela, Jawahal explicava que andava há várias semanas a espiá-los em segredo e havia comprovado que agora ele era um homem de êxito e que tinha uma esposa radiante. Queria lhes desejar o melhor e, talvez, realizar alguma visita próxima para, como ele dizia, voltarem a compartilhar como irmãos o que pertencia a ambos.

Os dias seguintes estiveram semeados de pânico. Um dos sentinelas que Peake tinha posto a custodiar a casa de noite apareceu morto. O cão de seu pai apareceu no fundo do poço do pátio. E cada noite, ante a impotência do Peake e seus homens, os muros da casa amanheciam com novas ameaças pintadas em sangue.

Aqueles foram dias difíceis para seu pai. Acabara de construir sua obra prima, a estação do Jheeter's Gate a Leste do Hooghly. Era uma estrutura de aço impressionante e revolucionária e constituía a culminação de um projeto, longamente ansiado por seu pai, para estabelecer uma rede de ferrovia em todo o país, que permitisse desenvolver o comércio próprio e modernizar as províncias até chegar a superar o domínio britânico. Aquela sempre foi uma de suas obsessões, sobre a qual podia falar com veemência durante horas, como se se tratasse de uma missão divina que lhe tivesse sido encomendada.

A inauguração oficial do Jheeter's Gate teve lugar no final daquela semana e, para celebrar a ocasião, decidiu-se fretar simbolicamente um trem que ia transportar 360 meninos órfãos a seu novo lar no Leste do país. Eram filhos dos estratos mais castigados pela pobreza, e o projeto de seu pai significava para eles uma nova vida. Era um empenho no qual seu pai tinha estado comprometido desde o primeiro dia e, que constituía o sonho de sua vida. Sua mãe insistiu até ao desespero para ir durante umas horas ao lugar e lhe assegurou que a proteção do tenente Peake e seus homens bastava para mantê-la segura.

Quando seu pai subiu ao trem e pôs em marcha a máquina que devia conduzir os meninos a seu novo lar, aconteceu algo imprevisto e para o qual ninguém estava preparado. O fogo. Um terrível incêndio se propagou por vários níveis da estação e ao longo dos vagões do trem, que avançava no interior do túnel convertido em um

verdadeiro inferno , uma tumba de ferro candente para os meninos que viajavam em seu interior. Seu pai morreu aquela noite tentando salvar inutilmente os meninos enquanto seus sonhos se desvaneciam entre as chamas para sempre.

Quando sua mãe recebeu a notícia, esteve a ponto de perder você. Mas o destino, cansado de enviar desgraças à família, quis salva-la. Três dias mais tarde, quando apenas faltavam uns dias para dar a luz, Jawahal e seus homens irromperam na casa e levaram sua mãe, não sem antes proclamar que a tragédia do Jheeter's Gate tinha sido obra dela.

O tenente Peake conseguiu sobreviver e seguiu-os até as vísceras da estação do Jheeter's Gate, que agora se converteu em um lugar abandonado e maldito onde ninguém havia tornado a entrar desde a noite da tragédia. Jawahal deixou uma nota em casa jurando matar a sua mãe e o menino que ia dar a luz. Mas havia algo que nem ele mesmo tinha previsto. Não era um menino. Eram dois. Dois gêmeos. Um menino e uma menina. Vocês dois... »

Aryami Bosé seguiu relatando o resto da história: como Peake tinha conseguido salvá-los e levá-los até sua casa, como ela tinha decidido separá-los e ocultá-los do assassino de seus pais... Nem Sheere nem Ben a escutavam já. Ian observou em silêncio o rosto branco de seu melhor amigo e o de Sheere. Apenas piscavam; as revelações que tinham ouvido dos lábios da anciã pareciam havê-los transformado em estátuas. Ian suspirou profundamente e desejou não ter sido ele o eleito para assistir aquela estranha sessão familiar. Sentia-se profundamente incômodo ao encarnar o papel de intruso no drama de seus amigos.

Contudo, Ian trouxe a sua própria consternação por tudo quanto tinha averiguado e seus pensamentos se concentraram no Ben. Tentava imaginar a tormenta interna que a história de Aryami devia ter desencadeado nele e amaldiçoava a brutalidade que o medo e o cansaço tinham levado a anciã a revelar acontecimentos cuja transcendência ia provavelmente muito além do aparente. Tentou separar de sua mente, naquele momento, o acontecimento que Ben tinha explicado aquela mesma manhã sobre sua visão de um trem em chamas. As peças daquele quebra-cabeças se multiplicavam com uma velocidade arrepiante.

Não podia esquecer as dezenas de vezes que Ben tinha afirmado que eles, os membros da Chowbar Society, eram pessoas sem passado. Ian temia que o encontro do Ben com seu passado nas penumbras daquele casarão tivesse esmigalhado seu interior sem remédio. Conheciam-se desde meninos e Ian sabia das longas e impenetráveis melancolias do Ben, de como era melhor o apoiar sem formular perguntas ou tratar de ler seus pensamentos. Pelo que sabia de seu amigo, a fachada altiva e avassaladora com que Ben estava acostumado a defender-se habitualmente, tinha encaixado aquele golpe como uma punhalada fatal, uma ferida da qual o próprio Ben não queria falar jamais.

Ian pousou sua mão brandamente sobre o ombro do Ben, mas seu amigo não pareceu percebê-lo.

Ben e Sheere, que apenas umas horas antes se haviam sentido unidos por um elo de simpatia e afeto crescentes, pareciam agora incapazes de olhar um para o outro, como se as novas cartas repartidas no jogo os tivessem tornado conscientes de um estranho pudor, ou de um temor elementar que muda com um simples gesto.

Aryami olhou para Ian, inquieta. O silêncio reinava na sala. Os olhos da anciã pareciam suplicar uma desculpa, o perdão do mensageiro portador de más notícias. Ian inclinou a cabeça ligeiramente, indicando a Aryami que abandonassem a sala. A anciã duvidou uns instantes, e Ian se levantou e lhe ofereceu sua mão. A anciã aceitou sua ajuda e o seguiu até a sala contígua, deixando o Ben e a Sheere a sós. Ian se deteve na soleira e se voltou para olhar seu amigo.

— Estaremos lá fora. — murmurou. Ben, sem elevar o olhar, assentiu.

Os membros da Chowbar Society adoeciam sob o calor abrasador do pátio quando comprovaram que Ian aparecia no portão da casa acompanhado da anciã. Ambos trocaram umas palavras. Aryami assentiu fracamente e procurou o resguardo

da sombra que facilitava uma velha marquise de pedra lavrada. Ian, com o semblante pálido e sério, que seus companheiros interpretaram como presságio de más notícias, aproximou-se do grupo de rapazes e aceitou o espaço de sombra que outros abriram para ele. Olhadelas se precipitaram sobre ele como as moscas ao mel. Aryami observava a poucos metros abatida.

— E então? — perguntou Isobel, dando voz ao pensamento generalizado da assembléia.

— Não sei por onde começar. — respondeu Ian.

— Começa pelo pior. — sugeriu Seth.

— O pior é tudo. — respondeu Ian. Os outros observaram em silêncio. Ian contemplou seus companheiros e sorriu fracamente.

— Dez orelhas o escutam. — disse Isobel.

Ian repetiu fielmente tudo quanto Aryami acabava de lhes revelar no interior da casa, sem omitir detalhe e deixando para o final de seu relato um epílogo especialmente dedicado ao Ben e Sheere, que continuavam sozinhos na sala, e a terrível espada que acabaram de descobrir pendendo sobre suas cabeças.

Quando tinha finalizado o relato, o pleno da Chowbar Society já tinha esquecido do calor sufocante que caía do céu como um castigo infernal.

— Como recebeu Ben tudo isso? — perguntou Roshan.

Ian encolheu os ombros e franziu o cenho.

— Suponho que não muito bem. — aventurou — Como teria recebido você?

— O que vamos fazer agora? — perguntou Siraj.

— O que podemos fazer? — perguntou Ian.

— Muito. — cortou Isobel — Alguma coisa, menos deixar fritar nossos traseiros

ao sol enquanto um assassino tenta acabar com o Ben. E com a Sheere.

— Alguém se opõe? — perguntou Seth. Todos negaram em uníssono.

— Bem, coronel. — disse Ian dirigindo-se diretamente a Isobel — Quais são as ordens?

— Em primeiro lugar, alguém deveria averiguar tudo o que fosse possível sobre a história desse acidente do Jheeter's Gate e sobre o engenheiro. — indicou Isobel.

— Eu posso fazê-lo. — ofereceu Seth — Deve haver recortes de imprensa da época na biblioteca do museu índio. E livros, provavelmente.

— Seth tem razão. — disse Siraj — O incêndio do Jheeter's Gate foi divulgado no seu dia. Muita gente ainda o recordará. Existirá documentação a respeito. O céu saberá onde, mas existirá.

— Pois terá que buscá-la. — particularizou Isobel — Pode ser um ponto de partida.

— Eu ajudarei. — acrescentou Michael.

Isobel assentiu firmemente.

— Queremos saber tudo sobre esse homem, sua vida, e sobre essa casa maravilhosa que se supõe está em algum lugar perto daqui. — disse Isobel — Talvez seu rastro nos leve até ao desse assassino.

— Nós procuraremos a casa. — disse Siraj destacando-se a si mesmo e ao Roshan.

— Se existir, é nossa. — acrescentou Roshan.

— De acordo, mas não entrem nela. — advertiu Isobel.

— Não há problema. — tranquilizou-a Roshan mostrando as palmas das mãos abertas.

— E eu, o que é o que acha que devo fazer? — perguntou Ian, a quem não lhe ocorriam tarefas de acordo com as suas habilidades com a mesma facilidade que pareciam desfrutar de seus colegas.

— Você fica com o Ben e com o Sheere. — Indicou Isobel — Pelo que sabemos, antes do que nos demos conta, Ben começará a ter idéias desatinadas a cada dez minutos. Fique a seu lado e vigie para que não faça loucuras. Não é uma boa idéia que ande pelas ruas com Sheere.

Ian assentiu, consciente de que sua tarefa era a mais difícil do lote que Isobel tinha repartido.

— Encontraremos-nos no Palácio da Meia-noite antes do anoitecer. — concluiu Isobel — Alguém ficou com alguma dúvida?

Os rapazs se olharam entre eles e negaram repetidamente.

— Bem, vamos andando. — disse Isobel. Seth, Michael, Roshan e Siraj partiram sem mais demora rumo a seus respectivos deveres. Isobel permaneceu junto a Ian, observando sua marcha em silêncio, por entre a miragem que subia das poeirentas ruas ardentes, sob o sol.

— O que pensa fazer você, Isobel? — perguntou Ian. Isobel se voltou para ele e sorriu enigmaticamente.

— Tenho uma intuição. — disse a moça.

— Temo suas intuições como temeria a um terremoto. — replicou Ian — O que está tramando?

— Não deve preocupar-se. Ian. — murmurou Isobel.

—Quando diz isso, é quando mais me preocupo. — respondeu Ian.

— Talvez não esteja ao anoitecer no Palácio. — explicou Isobel — Se ainda não tiver voltado, faz o que deve. Você sempre sabe o que terá que fazer, Ian.

Ian suspirou, inquieto. Desgostava-lhe tanto mistério e o estranho brilho que advertia no olhar de sua amiga.

— Isobel, me olhe. — ordenou Ian; a moça obedeceu — Seja o que for, tire-o da cabeça.

— Sei me cuidar, Ian — repôs Isobel, sorridente. Os lábios do Ian, entretanto, foram incapazes de emular os da moça.

— Não faça nada que eu não fizesse. —suplicou Ian. Isobel riu.

— Farei só uma coisa que você não se atreveria a fazer nunca —murmurou Isobel.

Ian a observou perplexo e sem compreender. Logo, sem apagar de seu olhar aquela faísca enigmática, Isobel se aproximou do Ian e o beijou brandamente sobre os lábios, apenas roçando-os.

— Se cuide, Ian. — sussurrou ao seu ouvido — E não tenha ilusões.

Aquela era a primeira vez que Isobel o tinha beijado e, ao vê-la partir entre as arbustos do pátio, Ian não pôde separar de sua mente um súbito e inexplicável temor que talvez também fosse a última.

Decorrida quase uma hora, Ben e Sheere emergiram à luz do dia com o semblante impenetrável e luzindo uma estranha calma. Sheere se aproximou de Aryami, que tinha permanecido todo aquele tempo sozinha na marquise da casa, alheia às tentativas de diálogo do Ian, e se sentou junto a ela. Ben caminhou diretamente em direção ao Ian.

— Onde estão todos? — perguntou Ben.

— Pensamos que seria útil tentar fazer algumas averiguações a respeito desse indivíduo, Jawahal. — respondeu Ian.

— E você ficou de babá? — brincou Ben, embora seu tom jocoso não enganasse a nenhum dos dois.

— Algo assim. Ela está bem? — respondeu Ian, apontando para Sheere com a cabeça. Ben assentiu.

— Confusa, suponho. — disse finalmente — Odeio surpresas.

— Isobel diz que não é boa idéia que você e Sheere andem por aí. E acredito que tem razão.

— Isobel sempre tem razão, menos quando discute comigo. — disse Ben — Mas tampouco acredito que este seja um lugar seguro para nós. Embora tenha estado fechada mais de quinze anos, esta continua sendo a casa da família. E o St. Patricks tampouco o é, está à vista.

— Acredito que o melhor será ir para o Palácio e esperar pelos outros. — sugeriu Ian.

— Esse é o plano de Isobel? — sorriu Ben.

— Adivinhou.

— Aonde foi ela?

— Não quis me dizer. — disse Ian.

— Um de seus pressentimentos? — perguntou Ben, alarmado.

Ian assentiu e Ben suspirou abatido.

— Deus nos ajude. — disse Ben, batendo nas costas de Ian — Vou falar com as damas.

Ian se voltou para olhar Sheere e Aryami Bosé. A anciã parecia discutir acaloradamente com sua neta. Ben e Ian trocaram um olhar.

— Suspeito que a anciã mantém seus planos de partir amanhã para Bombay. — comentou Ben.

— Vai com elas?

— Não penso sair desta cidade nunca. E menos agora.

Os dois amigos observaram como se desenvolvia a discussão entre avó e neta durante alguns minutos mais e finalmente Ben se dirigiu para elas.

— Me espere aqui. — murmurou pausadamente.

Aryami Bosé entrou de novo na casa e deixou a sós Ben e Sheere na soleira de sua porta. Sheere mostrava um rosto aceso de ira e Ben aguardou que fosse ela mesma quem escolhesse seu momento para começar a falar. Quando o fez, sua voz tremeu de raiva e impotência e suas mãos se entrelaçaram em um nó tenso e fechado.

— Diz que partiremos amanhã e que não quer falar mais do assunto. — explicou Sheere — Diz também que você deveria vir conosco, mas que não pode obriga-lo.

— Suponho que acredita que isso é o melhor para você. — falou Ben.

— Você não pensa isso, Ben?

— Mentiria se dissesse que penso. — admitiu Ben.

— Eu passei toda minha vida fugindo de povoado em povoado, em trens, em navios e carros, sem ter uma casa própria, amigos ou um lugar que pudesse recordar como meu. — disse Sheere — Estou cansada, Ben. Não posso seguir fugindo toda a vida de alguém e nem sequer conheço.

Os dois irmãos se olharam, em silêncio.

— Ela é uma mulher anciã, Ben. Tem medo, porque sua vida se acaba e se sente incapaz de nos proteger durante mais tempo. — acrescentou Sheere — Faz de coração, mas fugir já não serve de nada. De que serviria tomar amanhã esse trem para Bombay? Para ter que pararmos em qualquer estação, com outro nome? Para

mendigar um teto em qualquer povoado sabendo que no dia seguinte teríamos que sair fugindo outra vez?

— Disse isso a Aryami? — perguntou Ben.

— Não quer me escutar. Mas desta vez não penso fugir de novo. Esta é minha casa, esta é a cidade de meu pai e aqui é onde penso permanecer. E se esse homem vem até mim, lhe plantarei na cara. Se tiver que me matar, que o faça. Mas se tiver que viver, não estou disposta a fazê-lo como uma fugitiva que agradece em cada dia por poder ver o Sol. Ajuda-me, Ben?

— É obvio. — respondeu o rapaz. Sheere o abraçou e secou os olhos com um extremo do manto branco que a cobria.

— Sabe, Ben? — disse ela — Ontem à noite, com seus amigos naquela velha casa abandonada, seu Palácio da Meia-noite, enquanto lhes explicava minha história, pensei que nunca tive a oportunidade de ser uma menina como as demais. Cresci entre velhos, entre medos e mentiras. Com mendigos e viajantes sem nome como única companhia. Lembrei-me de como inventava companheiros invisíveis e falava com eles durante horas nas salas das estações, nos carros. Os adultos me olhavam e sorriam. A seus olhos, uma menina falando sozinha era uma visão adorável. Mas não o é, Ben. Não é adorável estar sozinho, nem de menino, nem de velho. Durante anos me perguntei como eram outros meninos, se tinham os mesmos pesadelos que eu, se se sentiam tão desgraçados como eu. Quem diz que a infância é a época mais feliz da vida é um mentiroso ou um estúpido.

Ben observou sua irmã e lhe sorriu.

— Ou ambas as coisas. — brincou Ben — Seguem unidas.

Sheere se ruborizou.

— Sinto muito. — disse — Falo pelos cotovelos, não é?

— Não. — negou Ben — Eu gosto de escutar você. Além disso, acredito que temos mais em comum do que pensa.

— Somos irmãos. — riu Sheere nervosa — Parece-lhe pouco? Gêmeos! Soa tão estranho!

— Bom, como é costume dizer-se, só podemos escolher nossos amigos, — brincou Ben — a família vem de bandeja.

— Então prefiro que seja meu amigo. — disse Sheere.

Ian se aproximou até eles e comprovou aliviado que ambos os irmãos pareciam estar de bom humor e inclusive se permitiam ao luxo de trocar algumas brincadeiras, o qual, dada a situação, não era pouco.

— Você saberá o que faz. Ian, esta dama quer ser minha amiga.

— Eu não lhe aconselharia. — seguiu a brincadeira Ian — Eu o sou há anos e assim vai. Tomaram uma decisão?

Ben assentiu.

— É o que imagino? — perguntou Ian.

Ben assentiu de novo e desta vez Sheere se juntou a seu gesto afirmativo.

— O que é o que decidiu? — perguntou amargamente a voz do Aryami Bosé em suas costas.

Os três jovens se voltaram e descobriram a silhueta da anciã, imóvel nas sombras atrás da soleira. Um tenso silêncio pairou entre eles.

— Não tomaremos esse trem amanhã, avó. — respondeu serenamente Sheere — Nem Ben, nem eu.

Os olhos da anciã percorreram um a um, abrasadores.

— As palavras de uns remelentos inconscientes têm feito você esquecer em uns minutos tudo o que lhe ensinei em anos? — recriminou Aryami.

— Não, avó. É minha própria decisão. E nada no mundo a vai mudar.

— Você fará o que eu disser. — cortou Aryami, embora o aroma da derrota impregnava cada uma de suas palavras.

— Senhora... — começou Ian cortesmente.

— Se cale, filho. — espetou Aryami com renovada frieza.

Ian reprimiu seus desejos de replicar e baixou o olhar.

— Avó, não pegarei esse trem. — disse Sheere — E sabe.

Aryami contemplou sua neta das sombras, sem pronunciar uma só palavra.

— Estarei esperando-os na estação do Howrah, ao amanhecer. — disse finalmente a anciã.

Sheere suspirou e Ben percebeu como seu semblante se acendia de novo. Ben segurou um braço e lhe indicou que não continuasse a discussão. Aryami se voltou e lentamente seus passos se perderam no interior da casa.

— Não posso deixar que fique assim. — murmurou Sheere.

Ben assentiu e soltou o braço de sua irmã, que seguiu Aryami até a sala, onde a anciã se sentou em frente à luz das velas. Aryami não se voltou e permaneceu imóvel, ignorando a presença de sua neta. Sheere se aproximou dela e a rodeou brandamente com seus braços.

— Aconteça o que acontecer, avó. — disse — Eu gosto de você. Aryami acatou em silêncio e escutou os passos de Sheere, afastar-se de novo para o pátio, enquanto as lágrimas afloravam a seus olhos. No exterior, Ben e Ian aguardaram a volta de Sheere e a receberam com o semblante mais otimista que conseguiram compor.

— Aonde vamos agora? — perguntou Sheere, seus olhos molhados pelas lágrimas e as mãos tremendo.

— Ao melhor recanto de Calcuta — respondeu Ben — o Palácio da Meia-noite.

As últimas luzes da tarde começavam a empalidecer quando Isobel vislumbrou a estrutura fantasmagórica e angulosa da antiga estação do Jheeter's Gate emergindo entre as brumas do rio como a miragem de uma sinistra catedral que tinha perecido vítima das chamas. A moça conteve a respiração e se deteve a contemplar a arrepiante visão do denso vigamento de centenas de vigas de aço, arcos e abóbadas sobrepostas, em um labirinto insondável de metal e vidro estilhaçado pelo fogo. Uma antiga ponte em ruínas e totalmente em desuso cruzava o rio até ao pórtico da estação, na outra margem, aberto tal como a negra boca de um dragão imóvel e espectador, cujas infinitas fileiras de presas longas e afiadas se desvaneciam nas trevas de seu interior.

Isobel caminhou para a ponte que conduzia até ao Jheeter's Gate e caminhou pelos antigos trilhos que o sulcavam, riscando uma via morta para aquele mausoléu. As madeiras que formavam o estrado da velha estação estavam agora podres e enegrecidos, e o mato selvagem avançava entre eles. A estrutura oxidada da ponte rangia ao seu passo e Isobel não demorou em perceber a presença de pôsteres que proibiam a entrada e avisam do perigo de demolição que se abatia sobre ele. Nenhum trem havia tornado a cruzar o rio sobre aquela ponte e, a julgar pelo seu aspecto desolado e degradado, Isobel supôs que ninguém havia tornado a repará-lo nem sequer a percorrê-lo a pé.

À medida que a zona Leste de Calcuta ia ficando em suas costas e o fantasmagórico quebra-cabeças de aço e sombras do Jheeter's Gate se elevava frente a ela sob o manto escarlate do crepúsculo, Isobel começou a ficar perturbada, talvez seu propósito de ir a aquele lugar não fosse tão oportuno como tinha estimado a princípio. Uma coisa era representar o papel de aventureira indômita e confiante perante as adversidades, e outra muito diferente, era entrar naquele cenário assustador sem conhecer uma só página do terceiro ato.

Um fôlego vaporoso e impregnado de cinza e cisco que exalavam a baforadas dos túneis ocultos nas entranhas da estação chegou até seu rosto. Era um fedor ácido

e penetrante, um aroma que sem motivo aparente Isobel associava com uma velha fábrica enterrada em gases letais e capas de sujeira e óxido. Isobel concentrou o olhar nas primeiras luzes longínquas das barcas que sulcavam o Hooghly e tratou de conjurar a companhia de seus anônimos navegantes, enquanto percorria o lance da ponte que faltava até a entrada da estação. Quando chegou ao extremo oposto, deteve-se entre os trilhos que entravam no negrume e contemplou o grande paredão de aço. Sobre ele empanadas pelas manchas infligidas pelas chamas, podia apreciar letras lavradas que anunciavam o nome da estação; recordava a entrada de um grande monumento funerário: JHEETER'S GATE. Isobel respirou profundamente e se dispôs a cometer o ato que menos tinha desejado realizar em seus dezesseis anos de vida: penetrar naquele lugar.

Seth e, Michael exibiram seu beatífico sorriso de alunos exemplares perante os escrutinadores olhos do Mr. Do Rozio, bibliotecário chefe da sala principal do museu indiano, e suportaram sua misericórdia análise durante vários segundos.

— É o pedido mais absurdo que ouvi em minha vida. — sentenciou Do Rozio — Pelo menos desde a última vez que estive aqui, Seth.

— Sabe, Mr. Do Rozio, — improvisou Seth — sabemos que o horário é só pelas manhãs e que o que meu amigo e eu lhe pedimos pode parecer um pouco extravagante...

— Vindo de você, nada é extravagante, jovem. — cortou Do Rozio.

Seth reprimiu um sorriso. No Mr. Do Rozio, as ironias pretendidamente agudas eram sinal inequívoco de debilidade e interesse. Seu nome completo era ignorado pela totalidade da humanidade, com as possíveis exceções de sua mãe e sua esposa, se é que havia na Índia mulher com guelas suficientes para desposar com semelhante exemplar, estandarte do heterogêneo que podia chegar a resultar no gênero humano.

Sob seu aspecto de goleiro bibliófilo, Do Rozio possuía um terrível calcanhar de Aquiles: uma curiosidade e uma propensão à fofoca de corte acadêmico, que relegava às mulheres do bazar à condição de simples aficionadas.

Seth e Michael se olharam pela extremidade do olho e decidiram soltar toda a isca.

— Mr. Do Rozio, — começou Seth em tom melodramático — não deveria dizer isto, mas me vejo obrigado a confiar em sua reconhecida discrição: há vários crimes envoltos neste assunto e muito tememos que possam acontecer mais se não colocarmos um ponto final nisso.

Os olhos diminutos e penetrantes do bibliotecário pareceram crescer por uns segundos.

— Estão certos de que Mr. Thomas Carter está ciente disto? — perguntou com severidade.

— Ele nos enviou. — respondeu Seth. Do Rozio os observou de novo, em busca de fissuras em seu semblante que delatassem alguma turva destreza.

— E seu amigo, — soltou Do Rozio apontando a Michael — por que não fala alguma vez?

— É muito tímido, senhor. — explicou Seth. Michael assentiu fracamente, como se quisesse confirmar esse extremo. Do Rozio pigarreou, dubio.

— Diz que há crimes pelo meio? — deixou cair com estudado desinteresse.

— Assassinatos, senhor. — confirmou Seth — Vários.

Do Rozio olhou seu relógio e, depois de meditar uns segundos e dirigir olhadas alternadas aos jovens e à esfera, encolheu os ombros.

— Está bem. — concordou. — Mas será a última vez. Como se chama esse homem de que querem saber?

— Lahawaj Chandra Chatterghee, senhor. — se apressou a responder Seth.

— O engenheiro? — perguntou Do Rozio — Não morreu no incêndio do Jheeter's Gate?

— Sim, senhor. — explicou Seth — Mas havia alguém com ele que não morreu. Alguém muito perigoso. Alguém que provocou o incêndio. Alguém que segue aí, disposto a cometer novos crimes...

Do Rozio sorriu com malícia.

— Soa interessante. — murmurou. Repentinamente uma sombra de alarme assaltou o bibliotecário. Do Rozio inclinou sua considerável massa à volta dos dois jovens e assinalou com u gesto terminante.

— Tudo isto não será uma invenção desse seu amigo, não? — inquiriu — Como se chama?

— Ben não sabe nada disto, Mr. Do Rozio. — tranqüilizou Seth — Faz meses que não o vemos.

— Melhor assim, — sentenciou Do Rozio — me sigam.

Isobel entrou com passos temerosos no interior da estação e deixou que suas pupilas se aclimassem às trevas que mascaravam o lugar. Sobre ela, a dezenas de metros, abria-se a abóbada principal, formada por largas arcadas de aço e vidro. A grande maioria das lâminas de vidro se fundiram sob as chamas ou simplesmente tinha estalado pulverizando uma chuva de fragmentos ardentes sobre toda a estação. A luz do entardecer se filtrava entre as frestas de metal escurecido e os cacos de vidro que tinham sobrevivido à tragédia. As plataformas se perdiam na escuridão desenhando uma suave curva sob a grande abóbada, sua superfície coberta com os restos dos bancos queimados e as vigas desprendidas do teto.

O grande relógio que um dia se elevou na plataforma central tal como um farol na entrada de um porto se erguia agora como um sentinela sombrio e mudo. Isobel cruzou sob a esfera do relógio e advertiu que as agulhas se dobraram gelatinosamente para o chão e formavam línguas de chocolate fundido que indicavam para sempre a hora do horror que tinha devorado a estação.

Nada parecia ter tocado naquele lugar, exceto pelo rastro dos anos de sujeira e o efeito das chuvas que o manto torrencial da monção tinha filtrado através dos respiradouros e as gretas da abóbada.

Isobel se deteve para contemplar a grande estação do centro e acreditou estar no interior de um grande templo submerso, infinito e insondável.

Uma nova baforada de ar quente e úmido cruzou a estação e agitou seus cabelos no ar, ao mesmo tempo em que arrastava pequenas fibras de sujeira sobre as plataformas. Isobel sentiu um calafrio e examinou as negras bocas dos túneis que entravam na terra no extremo da estação. Teria desejado ter os outros membros da Chowbar Society junto a ela agora, justo quando os acontecimentos adquiriam uma aparência pouco recomendável e excessivamente parecida às histórias que Ben sentia prazer em inventar para suas veladas no Palácio da Meia-noite. Isobel apalpou seu bolso e tirou o desenho que Michael tinha feito de todos os membros da Chowbar Society, posando perante um lago onde seus rostos se refletiam. Isobel sorriu ao ver-se retratada pelo lápis do Michael e se perguntou se era assim como ele a via na realidade. Sentia falta deles.

Então escutou pela primeira vez, distante e enterrado no murmúrio das correntes de ar que percorriam aqueles túneis. Era o som de vozes longínquas, semelhantes ao que recordava ter ouvido da gritaria de uma multidão quando entrou no Hooghly anos atrás, o dia em que Ben a ensinou a mergulhar. Mas desta vez, Isobel teve a certeza de que não eram as vozes dos peregrinos, as que pareciam aproximar-se do mais profundo dos túneis. Eram as vozes de meninos, centenas deles. E uivavam de terror.

Do Rozio acariciou com precisão os três cilindros consecutivos que constituíam sua régia papada e examinou de novo a pilha de documentos, recortes e papéis inclassificáveis que tinha reunido em várias expedições ao espaço digestivo da biblioteca alexandrina do museu indiano. Seth e Michael o observavam ansiosos e espectadores.

— Bem. — começou — Isto de ser bibliotecário é mais complicado do que parece. Há muita informação a respeito desse tal Lahawaj Chandra Chatterghee em diferentes entradas. A maioria da documentação que vi parecia reiterativa e pouco significativa, mas faria falta pelo menos uma semana para pôr um pouco de ordem nos papéis desse sujeito.

— O que encontrou, senhor? — perguntou Seth.

— De tudo um pouco, na verdade. — explicou Do Rozio — Mr. Chandra era um brilhante engenheiro, ligeiramente adiantado em seu tempo, idealista e obcecado por deixar a este país um legado que compensasse as pessoas pobres das desgraças que ele atribuía ao domínio e exploração dos britânicos. Não muito original, francamente. Em resumo: reunia todos os requisitos para converter-se em um autêntico desgraçado. Mesmo assim, parece que semeou um mar de invejas, complôs e manobras para acabar com sua carreira e conseguiu chegar a convencer o governo de que financiasse o que era seu sonho dourado: a construção da linha de ferrovia que uniria as principais capitais da nação com o resto do continente. Chandra acreditava que, deste modo, o monopólio comercial e político que se iniciou nos tempos de Lorde Clive e a companhia, com o tráfico fluvial e marítimo, teria os dias contados e que seriam as pessoas da Índia as que lentamente recuperariam o controle sobre a riqueza de seu próprio país. O certo é que não fazia falta ser engenheiro para compreender que isso não ia ser assim.

— Há algo a respeito de um personagem chamado Jawahal? — perguntou Seth — Era um amigo de juventude do engenheiro. Celebraram-se vários julgamentos contra ele. Casos famosos, acredito.

— Deve estar em algum lugar, filho, mas há muitos documentos por classificar. Por que não voltam daqui a umas duas semanas? Então terei tido a oportunidade de

pôr um pouco de ordem em toda esta balbúrdia.

— Não podemos esperar duas semanas, senhor. — disse Michael.

Do Rozio observou surpreso o rapaz. — Uma semana? —ofereceu Do Rozio.

— Senhor, — disse Michael — é um assunto de vida ou morte. A vida de duas pessoas corre perigo.

Do Rozio contemplou o intenso olhar do Michael e assentiu, vagamente aturdido. Seth não deixou escapar um segundo.

— Nós o ajudaremos a procurar e ordenar, senhor. — se ofereceu.

— Vós? — perguntou — Não sei... Quando?

— Agora mesmo. — replicou Michael.

— Conhecem o código de cifrado das fichas da biblioteca? — Interrogou Do Rozio.

— Como o alfabeto. — mentiu Seth.

O Sol submergiu como um grande globo sangrento atrás das vidraças destruídas do painel leste do Jheeter's Gate e em poucos segundos Isobel assistiu ao hipnótico espetáculo de centenas de lâminas horizontais de luz escarlata brocando a penumbra da estação. O som daquelas vozes uivantes foi crescendo, e logo Isobel as escutou ressoar. no eco da grande abóbada. O solo começou a vibrar sob seus pés e a moça percebeu que alguns estilhaços de vidro se precipitavam do teto. Isobel sentiu uma pontada no antebraço esquerdo e levou a mão ao ponto onde tinha recebido o impacto. Seu sangue morno lhe escorregou entre os dedos. Correu para o extremo da estação, protegendo o rosto com as mãos.

Uma vez sob o abrigo de uma escada que subia para os níveis superiores, descobriu ante si uma ampla sala de espera cujos bancos de madeira queimada jaziam abatidos sobre o chão. Os muros estavam cobertos por estranhas pinturas riscadas cruamente com as mãos, figuras que pareciam querer representar formas humanas deformadas e demoníacas que elevavam longas garras de lobos e possuíam um olhar exagerado. A vibração sob seus pés era agora muito intensa e Isobel se aproximou da entrada do túnel. Uma intensa baforada de ar ardente lhe abrasou o rosto e esfregou os olhos, incapaz de acreditar o que estava vendo.

Uma locomotiva de luz envolta em chamas emergia do mais profundo do túnel e cuspia com fúria círculos de fogo que o percorriam como balas de canhão e estalavam em aros de gás incandescente. Isobel se lançou ao chão e o trem de fogo cruzou a estação com um estrondo ensurdecido do metal contra o metal e dos alaridos de centenas de meninos que gritavam apanhados entre as chamas. Manteve-se estendida, com os olhos fechados, paralisada pelo terror, até que o som do trem se desvaneceu no ar.

Elevou a cabeça e olhou a seu redor. A estação estava deserta e coberta de uma nuvem de vapor que subia lentamente e se prendia na cor vermelha intensa das últimas luzes do dia. Frente a ela, a escassos dois palmos, estendia-se uma poça de uma substância escura e viscosa que brilhava à luz do crepúsculo. Por um momento, a moça acreditou ver sobre sua superfície o reflexo do rosto luminoso e triste de uma dama envolta em luz que a chamava. Estendeu uma mão até ela e impregnou a ponta de seus dedos naquele fluido espesso e quente. Sangue. Retirou a mão repentinamente e limpou os dedos sobre seu próprio vestido, enquanto a visão daquele rosto spectral se desvanecia. Ofegando, arrastou-se até a parede e se recostou contra ela para recuperar o fôlego.

Decorrido um minuto, Isobel se levantou e examinou a estação. As luzes do entardecer se estavam extinguindo e logo se abateria a noite fechada. Naquele preciso instante só havia um pensamento claro em sua mente: não queria esperar aquele momento no interior do Jheeter's Gate. Começou a caminhar nervosamente para o pórtico de saída e só então descobriu a uma silhueta fantasmagórica que avançava para ela entre a neblina que cobria as plataformas da estação. A figura

levantou uma mão e Isobel viu que seus dedos ardiam em chamas, iluminando seu passo. Naquele momento compreendeu que não ia sair dali tão facilmente como tinha entrado.

Através do telhado arrebitado do Palácio da Meia-noite podia-se contemplar o céu noturno semeado de estrelas, um mar infinito de pequenas velas brancas. O anoitecer levou consigo parte do calor abrasador que tinha castigado a cidade desde o amanhecer, mas a brisa que acariciava timidamente as ruas da cidade negra era apenas um suspiro morno e impregnado da umidade noturna que exalava do rio Hooghly.

Enquanto esperavam a chegada dos membros restantes da Chowbar Society, Ian, Ben e Sheere consumiam os minutos lânguidamente, entre as ruínas do velho casarão, cada qual perdido em seus próprios pensamentos.

Ben tinha optado por deslocar-se para seu retiro predileto, uma viga nua que cruzava horizontalmente o paredão frontal da estrutura do Palácio. Sentado no centro exato de seu percurso, com as pernas penduradas, Ben costumava subir até sua vigia solitária para contemplar as luzes da cidade, as silhuetas dos palácios e os cemitérios que flanqueavam o sinuoso percurso do Hooghly através de Calcuta. Estava acostumado a passar horas ali em cima, sem falar ou incomodar-se em voltar olhar a terra firme apenas por um segundo. Os membros da Chowbar Society respeitavam esse hábito, um a mais na peregrina coleção de raridades com que Ben enfeitava sua conduta, e tinham aprendido a conviver com as prolongadas melancolias que vinham associadas inequivocamente após sua descida dos céus.

Ian observou de soslaio seu amigo do pátio do Palácio e decidiu lhe permitir desfrutar de um de seus últimos retiros espirituais; enquanto, ele retornou à tarefa com a qual tinha estado ocupando seu tempo e o da Sheere durante a última hora: tratar de explicar à moça os rudimentos do xadrez fazendo uso de um tabuleiro que a Chowbar Society dispunha em sua sede central. As peças estavam reservadas aos

campeonatos anuais que se celebravam em dezembro, os quais, invariavelmente, ganhava Isobel, fazendo gala de uma superioridade a raiar o insultante.

— Há duas teorias em relação à estratégia do xadrez. — explicou Ian — Em realidade há milhares, mas só há um par que realmente contem. A primeira diz que a chave do jogo está na segunda fileira de peças: rei, cavalo, torre, rainha, etc. Segundo esta teoria, os peões não são mais do que peças que se têm que sacrificar enquanto se desenvolve a tática. A segunda teoria, em troca, defende que os peões podem e devem ser as mais letais peças de ataque e que uma estratégia inteligente deve empregá-los como tais se quer sair vitoriosa. Para mim, a verdade. Não funciona nenhuma das duas teorias, mas Isobel é uma ardente defensora da segunda.

A menção a sua companheira trouxe de novo a seu pensamento a inquietação a respeito de seu paradeiro. Sheere percebeu sua expressão perdida e o resgatou com uma nova questão a respeito do Jogo.

— Qual é a diferença entre tática e estratégia? — perguntou — É uma questão puramente técnica?

Ian pensou na pergunta de Sheere e suspeitou que não tinha resposta.

— É uma diferença literária, não real. — afirmou a voz do Ben das alturas — A tática é o conjunto de pequenos passos que dá para chegar a algum sítio. A estratégia são os passos que dá quando já não há nenhum lugar para onde ir.

Sheere elevou a vista e sorriu a Ben. — Joga xadrez, Ben? — perguntou Sheere. Ben não respondeu.

— Ben deplora o xadrez. — explicou Ian — Segundo ele, é a segunda forma mais inútil de desperdiçar a inteligência humana.

— E qual é a primeira? — perguntou Sheere, divertida.

— A filosofia — respondeu Ben desde sua vigia.

— Ben dixit, — sentenciou Ian —. por que não desce já, Ben? Os outros devem

estar chegando.

— Esperarei. — disse Ben, retornando a seu lugar entre as nuvens.

Ben não desceu até meia hora mais tarde, quando Ian estava envolvido na explicação do salto do cavalo e Roshan e Siraj apareceram pela soleira do pátio do Palácio da Meia-noite. Pouco depois, Seth e Michael também apareceram e todos se reuniram em círculo à luz de uma pequena fogueira que improvisou Ian com os últimos restos de lenha seca que guardavam em uma nave coberta e protegida das chuvas na parte de trás do Palácio. Os rostos dos sete jovens adquiriram uma cor acobreada pelo fogo enquanto Ben passava uma garrafa com água que, se não estava fresca, ao menos não era portadora de febres letais.

— Não esperamos a Isobel? — perguntou Siraj, visivelmente inquieto pela ausência do objeto de seu encantamento unidirecional.

— Talvez não venha. — disse Ian.

Todos o olharam em uníssono, perplexos. Ian explicou sucintamente sua conversa com a Isobel aquela mesma tarde e comprovou que os rostos de seus amigos se foram escurecendo. Quando tinha finalizado, recordou-lhes que Isobel tinha indicado que, com ou sem sua presença, deviam contar suas averiguações e passou a oferecer o primeiro turno, a quem desejasse fazer uso dele.

— Está bem. — disse Siraj nervoso — Explicarei o que nós averiguamos e um segundo depois sairei para procurar Isobel. Só dessa cabeça poderia ocorrer sair em excursão noturna esta noite, só e sem dizer aonde ia.

— Como pudeste deixá-la ir, Ian?

Roshan saiu em ajuda do Ian e colocou sua mão sobre o ombro do Siraj. — Não se discute com Isobel recordou Roshan. Escute. Explica o hieróglifo e logo vamos os dois procurar por ela.

— Hieróglifo? — perguntou Sheere.

Roshan assentiu.

— Encontramos a casa, Sheere — explicou Siraj — Melhor dizendo, sabemos onde está.

O rosto de Sheere se iluminou súbitamente e seu coração começou a pulsar com força. Os rapazs se aproximaram do fogo e Siraj extraiu uma folha de papel em que apareciam copiados uns versos na inconfundível caligrafia do débil rapaz.

— Mas como? — perguntou Seth.

—Um poema. — repôs Siraj.

— Lê-o. — Indicou Roshan.

"A cidade que amo é escura e profunda.

Casa de misérias, lar de espíritos malditos a quem ninguém abre as suas portas nem o coração.

A cidade que amo vive no crepúsculo, sombra de maldade e glórias esquecidas de fortunas vendidas e almas em penúria.

A cidade que amo não ama ninguém nem conhece repouso, torre içada ao inferno incerto de nosso destino, do enfeitiço de uma condenação escrita em sangue, grande baile de enganos e infâmias, bazar de minha tristeza..."

Os sete jovens ficaram em silêncio depois da leitura do poema e por um segundo só o som do fogo e a voz longínqua da cidade assobiaram no vento.

— Conheço esses versos. — murmurou Sheere — Pertencem a um dos livros de meu pai. Vêm ao final de meu conto favorito, a história das lágrimas de Shiva.

— Exato, — corroborou Siraj — passamos a tarde inteira no Instituto Bengali da

Indústria. É um edifício incrível, quase em ruínas, que empilha pisos e pisos de arquivos e salas enterradas em pó e lixo. Havia ratos e estou certo de que se fôssemos de noite poderíamos averiguar que algo, se esconde...

— nos cingimos ao essencial, Siraj — cortou Bem — Por favor.

— De acordo. — conveio Siraj deixando para outro momento seu entusiasmo pelo misterioso lugar —. Em essência, depois de horas de investigação (que não vou contar, visto o clima), demos com um dossiê de documentos que pertenceu a seu pai e que estava sob a custódia do Instituto desde 1916, data do acidente do Jheeter's Gate. Entre eles havia um livro autografado por ele e, embora não nos nos permitissem trazê-lo, pudemos examiná-lo. E tivemos sorte.

— Não vejo no que. — objetou Ben.

— Você deveria ser quem antes o viu. Junto ao poema, alguém, suponho que o pai de Sheere, tinha desenhado a planta de uma casa — replicou Siraj com um sorriso misterioso enquanto lhe estendia o papel com o poema —

Ben examinou os versos e encolheu os ombros.

— Não vejo mais que palavras. — disse finalmente.

— Está perdendo faculdades, Ben. Lástima que Isobel não esteja aqui para vê-lo — brincou Siraj — Lê de novo. Com atenção.

Ben seguiu as instruções e franziu o cenho. — Rendo-me. Estes versos não têm quadradura ou estrutura aparente. É só prosa atalho a capricho.

— Exato — corroborou Siraj. E qual é a norma desse capricho? Dito de outro modo, por que corta os versos no ponto em que o faz se poderia escolher qualquer outro?

— Para separar palavras? — aventurou Sheere.

— Ou para as unir... — murmurou Ben para si.

— Toma a primeira palavra de cada verso e constrói uma frase. — Indicou Roshan.

Ben observou de novo o poema e olhou a seus companheiros.

— Lê — Indicou Siraj só a primeira palavra.

— «A casa à sombra da torre do grande bazar» — leu Ben.

— Existem pelo menos seis bazares só no Norte de Calcuta. — Indicou Ian.

— Quantos deles têm uma torre capaz de projetar uma sombra que chegue até as casas edificadas ao redor? — perguntou Siraj.

— Não sei. — respondeu Ian.

— Eu sim. — repôs Siraj — Dois: o Syambazaar e o Machuabazaar, a norte da cidade negra.

— Mesmo assim, — Indicou Ben — a sombra que uma torre pode desenhar durante um dia se pulverizaria ao longo de um leque de um mínimo de 180 graus, trocando a cada minuto. Essa casa poderia estar em qualquer lugar do Norte de Calcuta, que é o mesmo que dizer em qualquer lugar da Índia.

— Um momento. — interrompeu Sheere — O poema fala do crepúsculo. Diz textualmente «A cidade que amo vive ao crepúsculo».

— Comprovou isso? — perguntou Ben.

— É obvio. — respondeu Roshan — Siraj foi ao Syambazaar e eu, ao Machuabazaar, uns minutos antes que se pusesse o Sol.

— E bem? — apressaram todos.

— A sombra da torre do Machuabazaar se perde em um antigo armazém abandonado. — explicou Siraj.

— Roshan? — perguntou Ian.

O rapaz sorriu, pegou um pau meio queimado da fogueira e riscou a silhueta de uma torre sobre os restos de cinza.

— Como a agulha de um relógio, a sombra da torre do Syambazaar acaba nas portas de uma ampla grade metálica, atrás há um espesso pátio de palmeiras e mato. Sobre as copas das palmeiras pude entrever a atalaia de uma casa.

— Isso é fantástico! — exclamou Sheere.

Ben, entretanto, não deixou de advertir a expressão inquieta que parecia haver-se apoderado do rosto do Roshan.

— Qual é o problema, Roshan? — perguntou Ben.

Roshan negou lentamente e encolheu os ombros.

— Não sei — respondeu — Havia algo nessa casa que eu não gostei.

— Viu algo? — perguntou Seth. Roshan negou. Ian e Ben se olharam por um tempo, sem pronunciar palavra.

— Ocorreu a alguém pensar que tudo isto poderia não ser mais do que uma armadilha? — perguntou Roshan.

Ian e Ben trocaram de novo um olhar tácito e assentiram. Ambos estavam pensando o mesmo.

— Arriscaremos-nos. — disse Ben, camuflando sua voz com todo o convencimento que foi capaz de fingir.

Aryami Bosé acendeu de novo o fósforo e o aproximou do extremo da vela branca que jazia frente a ela. A luz piscante da chama tingiu de contornos incertos a escura sala enquanto suas mãos trementes a aproximavam do círio. A vela fixou

lentamente e uma aura de claridade se pulverizou em torno dela. A anciã soprou sobre o fósforo e a pequena vara de madeira se extinguiu desprendendo um espectro de fumaça azulada que subiu lentamente para a penumbra. O suave roçar de uma corrente de ar lhe acariciou os cabelos da nuca e Aryami se voltou. Uma baforada de ar, fria e impregnada de um fedor ácido e penetrante, agitou seu manto e extinguiu a chama da vela. A escuridão a envolveu de novo e a anciã escutou dois golpes secos sobre a porta da casa. Aryami apertou os punhos e observou que os contornos da soleira filtravam uma tênue claridade avermelhada. A chamada se repetiu, desta vez com mais força. A anciã sentiu como um fio de suor frio aflorava aos poros de seu corpo.

— Sheere? — chamou fracamente.

O som de sua voz se extraviou em um eco mortiço na escuridão da casa. Não houve resposta e, segundos depois, os dois golpes se repetiram uma vez mais.

Aryami apalpou às cegas o suporte sobre o lar no qual os restos moribundos de algumas brasas desprendiam da única claridade que lhe servia de guia. Derrubou vários objetos até que seus dedos apalpavam a larga capa metálica da adaga que guardava ali. Tirou a arma e observou o brilho dourado da folha serpentear à luz das brasas. Uma pontada de luz apareceu sob a porta da casa. Aryami inspirou profundamente e se dirigiu lentamente para ali. Deteve-se frente à porta e escutou o som do vento entre as folhas da mata do pátio no exterior.

— Sheere? — sussurrou de novo, sem obter resposta.

Segurou com força o cabo da adaga e, suavemente, pousou sua mão esquerda sobre o pomo da porta fazendo-o girar para baixo. Os gemidos ferrugentos do mecanismo da fechadura despertaram depois de anos de letargia. A porta se abriu lentamente e a claridade azulada do céu noturno desenhou um leque de luz no interior da casa. Não havia ninguém ali fora. A mata se agitava em muitas centenas de pequenas folhas secas, emitindo um murmúrio hipnótico. Aryami começou lentamente a olhar para um e outro lado da porta, mas o pátio estava deserto. Foi então quando suas pernas tocaram em algo e a anciã desceu seu olhar, para descobrir um pequeno cesto a seus pés. Examinou o cesto, coberto com um véu opaco que, entretanto,

permitia observar a claridade que emanava de seu interior.

Aryami se ajoelhou junto a ele e afastou suavemente o véu que o cobria.

Em seu interior encontrou duas pequenas figuras de cera que representavam os corpos nus de dois bebês. De suas cabeças emergia a ponta de um filamento de tecido aceso e ambas as efígies se fundiam ao igual a velas em um templo. Um calafrio lhe percorreu o corpo. Aryami empurrou o cesto e o deixou cair pelos degraus de pedra quebrada. Levantou-se e se dispôs a entrar de novo na casa quando percebeu que, do comprido corredor que conduzia ao outro extremo de sua casa, pasadas invisíveis em chamas se aproximavam dela. A anciã sentiu que a adaga lhe escapava por entre os dedos e fechou a porta com força.

Desceu os degraus atropeladamente, sem atrever-se a voltar as costas à porta, e tropeçou com o cesto que segundos antes tinha arrojado. Caída no chão, Aryami contemplou boquiaberta que uma língua de chamas emergia sob a soleira da porta e a madeira envelhecida queimava como um pergaminho. A anciã se arrastou uns metros até a mata e se levantou atrapalhadamente, enquanto observava impotente como as chamas foram aparecendo pelas janelas da casa e envolviam a estrutura em um laço letal.

Aryami correu para a rua e não parou para olhar para trás até se encontrar a uma centena de metros daquela que tinha sido sua casa. Uma pira de chamas se elevava, cuspidando ao céu brasas e cinzas candentes com fúria. Lentamente, as pessoas do bairro apareceram a suas janelas e saíram às ruas, alarmadas, para contemplar a magnitude do incêndio que em apenas uns segundos tinha ganhado vida. Aryami escutou o estrondo do teto ao paralisar-se e cair, perto do fogo. Os rostos da multidão aglomerada se iluminaram com a força de um relâmpago escarlate enquanto olhavam atônitos uns aos outros, sem compreender o que tinha acontecido.

Aryami Bosé derramou lágrimas de amargura pelo que tinha sido seu lar de juventude, o lar onde tinha dado a luz a sua filha e, perdendo-se na confusão das ruas de Calcuta, disse-lhe adeus para sempre.

Determinar a localização exata da casa não foi complicado seguindo as instruções que oferecia o criptograma que Siraj tinha decifrado.

Segundo tais indicações, convenientemente confirmadas com a observação de campo que Roshan tinha-se procedido a efetuar, a casa do engenheiro Chandra Chatterghee estava situada em uma tranqüila rua que unia Jatindra Mohan Avenue e Acharya Profullya Road, aproximadamente uma milha a norte do Palácio da Meia-noite.

Logo que Siraj havia comprovado que o fruto de suas investigações tinha sido corretamente assimilado por seus companheiros, manifestou seu urgente desejo de não perder um minuto mais e sair em busca de Isobel. As tentativas que todos fizeram por o tranqüilizar e lhe sugerir que esperasse pela segura volta da moça não sortiram efeito algum e, finalmente, cumprindo sua promessa, Roshan se ofereceu para acompanhá-lo. Ambos partiram na noite após terem combinado encontrarem-se de novo na casa do engenheiro Chandra Chatterghee assim que tivessem notícias do Isobel.

— O que puderam averiguar vós dois? —perguntou Ian dirigindo-se a Seth e Michael.

— Eu gostaria de poder oferecer resultados tão espetaculares como Siraj, mas o certo é que nos encontramos num autêntico emaranhado de fios — respondeu Seth, e começou a explicar sua visita ao Mr. Do Rozio, a quem tinham deixado investigando no museu sob a promessa de voltar em algumas horas para continuar o ajudando.

— O que averiguamos até agora não fez mais que confirmar a história que a avó de Sheere, perdão, sua avó, explicou. Ao menos em parte. — explicou Seth.

— Há algumas lacunas na história do engenheiro que não será fácil cobrir. — disse Michael.

— Exato. — concordou Seth — É mais, acredito que o mais interessante não é o que averiguamos, mas o que não pudemos averiguar.

— Se explique — solicitou Ben.

— Verão. — continuou Seth esfregando as mãos frente ao fogo. — A história do engenheiro Chandra começa a estar documentada com seu ingresso no Instituto Oficial de Indústria. Há documentos que confirmam que recusou várias ofertas do governo britânico para trabalhar ao serviço do exército na construção de pontes militares e de uma linha de ferrovia que tinha que unir Bombay e Delhi para uso exclusivo da armada.

— Aryami explicou a aversão que sentia para com os britânicos. — comentou Ben — Culpava-os de boa parte dos males que assolavam o país.

— Assim é. — confirmou Seth — Mas o curioso é que, apesar da sua aberta antipatia, da qual não faltam manifestações públicas, Chandra Chatterghee participou de um estranho projeto do governo militar britânico entre os anos 1914 e 1915, um ano antes de morrer na tragédia do Jheeter's Gate. Tratava-se de um assunto secreto que respondia a um nome curioso: o Pássaro de Fogo.

Sheere arqueou as sobrancelhas e se aproximou do Seth com gesto consternado.

— O que era o Pássaro de Fogo? — perguntou.

— É difícil determiná-lo. — respondeu Seth — Mr. Do Rozio opina que talvez poderia tratar-se de um experimento militar. Parte da correspondência oficial que aparecia nos documentos do engenheiro, vinha assinada por um tal Coronel Sir Arthur Hewelyn que, segundo Do Rozio, ostentou a duvidosa honra de ser o chefe das forças responsáveis por reprimir as mobilizações pacíficas em demanda de independência no período de 1905 a 1915.

— Ostentou? — interveio Ben.

— Isso é o mais curioso. — esclareceu Seth — Sir Arthur Hewelyn, açougueiro oficial de Sua Majestade, pereceu no incêndio do Jheeter's Gate. O que é o que fazia ali é um mistério.

Os cinco jovens se olharam entre eles perdidos em muita confusão.

— Tratemos de pôr um pouco de ordem. — sugeriu Ben — Temos por um lado um brilhante engenheiro que recusa repetidamente generosas ofertas do governo britânico para trabalhar a seu serviço em obras públicas, devido a seu manifesto ódio para o domínio colonial. Até aí tudo tem sentido. Mas de repente aparece este misterioso coronel e o envolve em uma operação que, claramente, lhe deveria ter revoltado as vísceras de asco: uma arma secreta, um experimento para reprimir multidões. E ele aceita. Não encaixa. A menos...

— A menos que o tal Hewelyn possuísse um poder persuasivo fora do comum. — completou Ian.

Sheere elevou as mãos em sinal de protesto.

— É impossível que meu pai aceitasse participar de um projeto militar de qualquer tipo. Nem ao serviço dos britânicos nem ao serviço dos bengalês. Meu pai detestava os militares e os considerava meros valentões a soldo de governos corruptos. Nunca teria emprestado seu talento para algo dirigido a matar em massa a sua própria gente.

Seth a observou em silêncio e calibrou cuidadosamente suas palavras.

— Entretanto, Sheere, há documentos que creditam que de algum modo ele participou. — disse Seth.

— Deve haver outra explicação. — replicou Sheere — Meu pai construía coisas e escrevia livros, não era um assassino de inocentes.

— Idealismos à parte, seguro que há outra explicação, — matizou Ben — e isso é o que estamos tentando encontrar. Voltemos para o tema dos poderes persuasivos do Hewelyn. O que poderia ter feito ele para obrigar o engenheiro a colaborar?

— Provavelmente sua força não estava no que podia fazer, — explicou Seth — mas no que podia deixar de fazer.

— Não compreendo. — disse Ian.

— Esta é minha teoria. — expôs Seth — Em todo o histórico do engenheiro não encontramos uma só menção ao Jawahal, seu amigo de juventude, exceto em uma carta do coronel Hewelyn dirigida ao engenheiro Chandra e selada em novembro de 1911. Nela nosso amigo o coronel acrescenta um pós-escrito em que sucintamente sugere que, se Chandra declinar o convite de participar no projeto, ver-se-à obrigado a oferecer o posto a seu velho amigo Jawahal. O que eu penso é o seguinte: o engenheiro tinha conseguido ocultar sua relação de juventude com o Jawahal, agora encarcerado, e desenvolver sua carreira sem que ninguém soubesse do encobrimento que lhe tinha devotado. Mas suponhamos que o tal Hewelyn se encontrou com o Jawahal na prisão e este lhe teria revelado a verdadeira natureza de sua relação. Isto o poria em uma excelente situação para chantageá-lo e lhe obrigar a colaborar.

— Como sabemos que Hewelyn e Jawahal se conheciam? — questionou Ian.

— É somente uma hipótese, mas não muito aventurada. — sugeriu Seth — Sir Arthur Hewelyn, coronel do exército britânico, decide solicitar a ajuda de um brilhante engenheiro. Este se nega. Hewelyn investiga e descobre um nebuloso julgamento no passado que o envolve. Decide ir visitar o Jawahal e este lhe explica o que desejava ouvir. É simples.

— Não posso acreditar. — disse Sheere.

— Às vezes a verdade é o mais difícil de acreditar. Lembra o que disse Aryami. — comentou Ben — Mas não nos precipitemos. Continua Do Rozio investigando o tema?

— Neste mesmo momento sim. — replicou Seth — A quantidade de papéis é tal que necessitaria de um exército de ratos de biblioteca para tirar algo em concreto.

— Defendeste-los bastante bem. — ofereceu Ian.

— Não esperávamos por menos. — Indicou Bem — Voltem para perto do bibliotecário e não o percam de vista nem um segundo. Há algo em tudo isto que nos escapa.

— O que ides fazer vocês? — perguntou Michael conhecendo a resposta de antemão.

— Iremos à casa do engenheiro. — respondeu Bem — Talvez o que procuramos esteja ali.

— Talvez haja outra coisa... — indicou Michael.

Ben sorriu. — Como disse, correremos o risco.

Sheere, Ian e Ben chegaram ao pé da grade que guardava a casa do engenheiro Chandra Chatterghee pouco antes da meia-noite. Olhando para o Este, a silhueta angulosa da estreita torre do Syambazaar se recortava na esfera da Lua e projetava sua sombra desenhando uma agulha negra e afiada para o insondável jardim de palmeiras e arbustos selvagens que ocultava aquela enigmática estrutura.

Ben se apoiou sobre as lanças metálicas que formavam a grade e examinou as pontas afiadas e ameaçadoras.

— Terá que pular. — comentou — E não parece fácil.

— Não será necessário. — disse Sheere junto a ele — Nosso pai descreveu cada milímetro desta casa em seu livro antes de construí-la e eu passei anos memorizando cada recanto dela. Se o que escreveu é certo, e não tenho dúvida alguma a esse respeito, atrás desses arbustos há uma pequena lagoa e, mais à frente, eleva-se a casa.

— E o que me diz destas lanças? — perguntou Bem — Falava também delas? Não queria acabar a noite com um cerzido.

— Há outro modo de entrar nesta casa sem necessidade de pular esta grade. — disse Sheere.

— O que estamos esperando? — perguntaram Ian e Ben ao mesmo tempo.

Sheere os conduziu através de um estreito beco, apenas uma brecha entre a grade da casa e os muros de um edifício de aspecto limitado, até uma abertura

circular que parecia servir de deságüe ou coletor principal das tubulações da casa. Um fedor azedo e mordente exalava do interior.

— Por aí? — perguntou Ben incrédulo.

— O que esperava? — atizou Sheere — Tapetes persas?

Ben observou o interior do túnel de rede de esgoto e o farejou de novo.

— Divino. — concluiu dirigindo-se ao Sheere — Você primeiro.

O Pássaro de Fogo

A boca do túnel emergia ao ar livre sob o arco de uma pequena ponte de madeira, estendido sobre a falha, formando um escuro manto de veludo frente à casa do engenheiro Chandra Chatterghee. Sheere conduziu os dois jovens através de uma estreita borda argilosa que cedia sob seus pés até o extremo do lago e se deteve contemplando o edifício com o qual tinha sonhado durante toda sua vida. Aquela noite podia vê-lo com seus próprios olhos pela primeira vez sob a abóbada de estrelas e nuvens em trânsito que desenhavam uma fuga para o infinito. Ian e Ben se uniram a ela em silêncio.

A construção era um edifício de dois pisos, flanqueado por duas torres que se elevavam a cada extremo. Sua fisionomia fundia rasgos de vários estilos arquitetônicos, dos perfis eduardinos às extravagâncias paladinescas e as silhuetas que se diriam emprestadas de um castelo perdido nos Montes da Baviera. O conjunto, entretanto conservava uma serena elegância que desafiava o olhar crítico do observador. A casa parecia projetar um feitiço sedutor que, depois da primeira impressão de perplexidade, sugeria que aquela impossível disparidade de estilos e traços tinha sido concebida para que convivessem em harmonia.

Oculta na densa selva de vegetação selvagem, que a camuflava no coração da cidade negra, a morada do engenheiro oferecia um sólido aspecto palaciano e se erguia altiva frente à lagoa, como um grande cisne negro contemplando seu reflexo em um lago de obsidiana.

— Foi assim que a descreveu seu pai? — perguntou Ian.

Sheere assentiu, maravilhada, e se dirigiu para a soleira dos degraus que subiam até a porta da casa. Ben e Ian a observaram com reservas, perguntando-se como pensava entrar naquela fortaleza. Sheere, por sua parte, parecia desembrulhar-se naquele enigmático ambiente como se tivesse sido sua morada da infância. A naturalidade com que rodeava obstáculos que apareciam velados pelo manto da noite inspirava nos dois rapazes uma estranha sensação de intrusos, convidados acidentais

ao encontro entre Sheere e o sonho que tinha alimentado em seus anos nômades. Ao contemplá-la subir aqueles degraus, Ben e Ian compreenderam que aquele lugar deserto e envolto em um halo fantasmagórico era o único e verdadeiro lar que a moça tinha tido.

— Vão ficar aí toda a noite? — perguntou Sheere do alto da escada.

— Estávamo-nos perguntando por onde íamos entrar. — indicou Ben e Ian assentiu assinando a dúvida de seu amigo.

— Eu tenho a chave. — disse a moça.

— A chave? — perguntou Ben — Onde?

— Aqui. — respondeu Sheere assinalando sua cabeça com o dedo indicador. — As fechaduras desta casa não podem abrir-se com uma chave convencional. Existe uma chave.

Ben e Ian se aproximaram, intrigados. Ao chegar à porta, ambos puderam comprovar que no centro se encontrava uma série de quatro rodas sobrepostas sobre um eixo, do maior ao menor diâmetro à medida que se encontravam mais afastadas da superfície. No perímetro das rodas se podiam distinguir diferentes sinais lavrados sobre o metal, tal como as horas na esfera de um relógio.

— O que significam esses símbolos? — perguntou Ian tratando de desvendá-los na penumbra.

Ben extraiu um fósforo da caixa de fósforos que sempre levava como medida de precaução e o colocou frente às rodas dentadas do mecanismo de fechadura. O metal brilhou aos olhos dos três jovens.

— Alfabetos! — afirmou Ben — Cada roda tem um alfabeto gravado. Grego, latino, árabe e sânscrito. — Fabuloso — suspirou. — Isto Ian será fácil...

— Não desesperem — interveio Sheere — A chave é simples. Basta compor uma palavra de quatro letras com os diferentes alfabetos.

Ben a observou atentamente.

— Qual é essa palavra?

— Dido — respondeu a moça.

— Dido? — perguntou Ian — Que significado tem?

— É o nome de uma rainha da mitologia fenícia. — explicou Ben.

Sheere assentiu e Ian sentiu ciúmes do brilho que parecia fluir entre os olhares de ambos os irmãos.

— Sigo sem entendê-lo — objetou Ian — O que fazem os fenícios em Calcuta?

— Rainha Dido se lançou em uma pira funerária ardente para apaziguar a ira dos deuses, em Cartago. — explicou Sheere — É o poder purificador do fogo... Também os egípcios tinham seu mito, o ave fênix.

— O mito do pássaro de fogo. — acrescentou Ben

— Não é esse o nome do projeto militar de que falava Seth? — perguntou Ian.

Ben assentiu.

—Este assunto está começando a me pôr os cabelos em pé. — afirmou Ian — Não pensarão a sério entrar aí dentro? O que vamos fazer agora?

Ben e Sheere trocaram um olhar decidido.

— Muito simples, — respondeu Ben — vamos abrir esta porta.

As pálpebras do bojudo bibliotecário Mr. Do Rozio começavam a ter a consistência de lajes de mármore perante as centenas de documentos que o

rodeavam. O oceano de palavras e cifras que tinha resgatado dos arquivos do engenheiro Chandra Chatterghee tinham empreendido uma sinuosa dança caprichosa que parecia lhe sussurrar uma irresistível canção de berço.

— Meninos, acredito que terei que deixá-los até manhã pela manhã. — começou Mr. Do Rozio.

Seth, que tinha estado temendo esse anúncio durante um longo momento, aflorou por entre o mar magnum de pastas e exibiu um sorriso sacramental.

— Deixá-lo agora, Mr. Do Rozio? — objetou amavelmente Seth — Impossível! Não podemos abandonar agora.

— É só uma questão de segundos para que desabe sobre a mesa filho. — replicou Do Rozio—. E Shiva, em sua infinita bondade, outorgou-me um peso que, na última comprovação efetuada no mês passado de fevereiro, oscilava entre as 250 e 260 libras. Sabe o que é isso?

Seth sorriu jovialmente. — 120 quilogramas — calculou.

— Exato, — confirmou Do Rozio — tentou mover alguma vez um adulto de 120 quilogramas, filho?

Seth meditou sobre a questão.

— Não tenho perseverança disso neste momento. Entretanto...

— Um momento! —exclamou Michael desde algum ponto invisível da sala lotada de caixas e pilhas de papel amarelado — Encontrei algo!

— Espero que seja um travesseiro. — protestou Do Rozio, levantando sua imponente massa, com chateio.

Michael apareceu atrás de uma coluna de estantes poeirentas levando uma caixa repleta de folhas de papel e selos timbrados que o tempo tinha descolorido sem piedade. Seth elevou as sobrancelhas e rogou para que o achado valesse a pena.

— Acredito que é o sumário de um julgamento por uma série de assassinatos. — disse Michael — Estava sob uma folha de citações em nome do engenheiro Chandra Chatterghee.

— O julgamento do Jawahal? — saltou Seth visivelmente excitado.

— Me deixe ver. — ordenou Do Rozio —

Michael depositou a caixa sobre a secretária do bibliotecário. Uma nuvem de pó amarelado alagou o cone de luz dourada que projetava a lamparina elétrica. Os grossos dedos do bibliotecário repassaram cuidadosamente os documentos, enquanto seus olhos diminutos escrutinavam seu conteúdo. Seth observou o rosto do bibliotecário com o coração encolhido à espera de alguma palavra ou sinal clarificador. Do Rozio se deteve em uma folha que parecia levar diversos selos e a aproximou da luz.

— Olá, Olá... —murmurou o bibliotecário para si.

— O que é, senhor? — suplicou Seth — O que encontrou?

Do Rozio elevou o olhar e mostrou um amplo sorriso felino.

— Tenho em minhas mãos um documento assinado pelo Coronel Sir Arthur Hewelyn. Nele, alegando razões de estado maior e segredo militar, ordena desistir o procedimento judicial Nº 089861. A da quarta sala do Tribunal Maior de justiça da cidade de Calcuta, no que se acusa o cidadão Lahawaj Chandra engenheiro, da presumível implicação, encobrimento e/ou ocultação de provas em uma investigação de assassinato, e transferi-lo para a corte suprema de justiça militar do exército de Sua Majestade, ficando anuladas todas as resoluções prévias assim como as provas apontadas pela defesa e o ministério fiscal. Data: 14 de setembro de 1911.

Michael e Seth contemplaram, atônitos o Mr. Do Rozio, sem conseguirem pronunciar palavra.

— Bem, filhos. — concluiu Do Rozio — Quem de vós sabe fazer café? Esta pode ser uma noite muito longa...

A fechadura das quatro rodas de alfabeto emitiu um rangido quase inaudível e, depois de uns segundos, a massa férrea da porta se abriu lentamente em duas lâminas, deixando escapar com uma exalação o ar que tinha permanecido fechado no interior da casa durante anos.

Ian empalideceu na sombra. — Abriu-se — sussurrou trememente

— Sempre o grande observador. — comentou Ben —

— Não é momento para brincadeiras. — replicou Ian — Não sabemos o que há aí dentro.

Ben extraiu sua caixa de fósforos e a agitou no ar fazendo-os sonar.

— Isso é só uma questão de tempo. — afirmou — Quer ser o primeiro a entrar?

Ian lhe ofereceu um sorriso recalcitrante.

— Cedo-lhe as honras. — replicou.

— Eu irei primeiro. — disse Sheere, entrando na casa sem esperar a resposta dos dois amigos.

Ben se apressou a acender outro fósforo e seguiu seus passos. Ian jogou uma última olhada ao céu noturno, como se temesse que aquela fosse sua última oportunidade para contemplá-lo, e após inspirar profundamente, entrou no interior da casa do engenheiro. Um instante depois, a porta se fechou em suas costas com a mesma suavidade e precisão com que lhes tinha franqueado o passo.

Os três rapazes se detiveram juntos uns dos outros e Ben elevou o fósforo ao alto. Ante seus olhos se desdobrou um impressionante espetáculo que excedia as fantasias que nenhum deles tinha albergado respeito daquele lugar.

Ancontravam-se em uma sala sustentada por grosas colunas bizantinas e coroada por uma abóbada côncava coberta por um fresco monumental. Nele se podiam apreciar centenas de figuras da mitologia hindu formando uma interminável crônica em imagens que constituíam círculos concêntricos ao redor de uma figura central esculpida em relevo sobre a pintura: a deusa Kali.

As paredes da sala estavam forradas por prateleiras lotadas de livros que desenhavam dois semicírculos de mais de três metros de altura. O solo estava coberto por um mosaico de brilhantes esmaltes negros e pontas de vidro de rocha, o que conseguia criar a ilusão de um firmamento de constelações e estrelas. Ian observou atentamente o traçado a seus pés e reconheceu a configuração das várias figuras celestes que Bankim lhes tinha explicado no St. Patricks.

— Seth teria que ver isto... — sussurrou Ben. No extremo da sala, além daquele tapete de estrelas que representava o universo conhecido, uma escada de caracol subia em espiral para o segundo piso da casa.

Antes que pudesse percebê-lo, a chama do fósforo queimou os dedos do Ben e os três rapazs ficaram de novo na escuridão absoluta. Os caminhos de constelações a seus pés, entretanto, seguiam brilhando como o firmamento noturno.

— É incrível. — murmurou Ian para si mesmo.

— Espere até ver o piso de cima. — respondeu a voz de Sheere a uns metros dele.

Ben acendeu um novo fósforo e os dois amigos comprovaram que a moça já os esperava junto à escada em espiral. Sem dizer palavra, Ben e Ian a seguiram.

A escada de caracol se elevava no centro de um canal que parecia formar uma lanterna similar às que tinham estudado em gravuras de certos castelos franceses, construídos à beira do rio Loire. Elevando a vista, os rapazs podiam experimentar a sensação de encontrarem-se no interior de um grande caleidoscopio, coroado por uma rosácea catedralesca de vidros multicoloridos que transformava a luz da Lua e a decompunha em centenas de linhas azuis, escarlates, amarelos, verdes e âmbar.

Ao chegar ao primeiro piso, comprovaram que as linhas de luz que emergiam da coroa da lanterna projetavam desenhos e figuras cambiantes, que percorriam lentamente as paredes da sala como imagens de um primitivo cinematógrafo espectral.

— Olhem para isso. — disse Ben indicando uma grande superfície que se estendia a uma altura de um metro sobre o chão e ocupava um retângulo de quase quarenta metros quadrados.

Os três se aproximaram dela e descobriram o que parecia ser uma imensa maquete de Calcuta, reproduzida com um grau de detalhe e realismo que, ao contempla-la de perto, produzia a ilusão de se estar sobrevoando a verdadeira cidade. Puderam reconhecer o traçado do Hooghly, o Maidán, Fort William, a cidade branca, o templo de Kali a sul de Calcuta, a cidade negra e inclusive os bazares. Sheere, Ian e Ben contemplaram maravilhados aquela extraordinária miniatura durante um longo espaço de tempo, cativados pela beleza e o encantamento que produzia sua observação.

— Aí está a casa — indicou Ben. Todos se uniram a ele e comprovaram que no coração da cidade negra se elevava uma fiel reprodução da casa em que se encontravam. As luzes multicoloridas da lanterna varriam as ruas daquela miniatura como raios caídos do céu, a cada passo se revelavam os segredos ocultos da Calcuta.

— O que há atrás da casa? — perguntou Sheere.

— Parece uma via de trem — apontou Ian

— É — confirmou Ben, seguindo o seu traçado, até que seu olhar descobriu a silhueta angulosa e majestosa da estação do Jheeter's Gate, depois de uma ponte de metal que cruzava o Hooghly.

— Essa via leva até à estação do incêndio. — disse Ben — É uma via morta.

— Há um trem parado na ponte — observou Sheere.

Ben rodeou a maquete para aproximar-se até a reprodução da ferrovia e o examinou atentamente. Uma incômoda comichão lhe percorreu as costas. Reconhecia aquele trem. Tinha-o visto a noite anterior, embora ele o tivesse tomado por um pesadelo. Sheere se aproximou dele em silêncio e Ben percebeu que havia lágrimas em seus olhos.

— Esta é a casa de nosso pai, Ben — murmurou Sheere — A construiu para nós, para que fosse nossa.

Ben rodeou a Sheere com seus braços e a apertou contra si. Ian observava do outro extremo da sala e desviou o olhar. Ben acariciou o rosto do Sheere e a beijou na face.

— De agora em diante, — disse — sempre será nossa casa.

Naquele momento o pequeno trem detido sobre a ponte acendeu suas luzes e, lentamente, suas rodas começaram a girar sobre os trilhos.

Enquanto Mr. Do Rozio consagrava, em silêncio sepulcral, todos seus poderes de análise e sua astúcia de raposa documentalista com a informação do Julgamento que o coronel Hewelyn tinha posto tanto empenho em sepultar, Seth e Michael faziam o mesmo com uma estranha pasta que continha planos e numerosas notas escritas à mão pelo próprio Chandra. Seth a tinha encontrado no fundo de uma das caixas que continham os escritos do engenheiro. Depois de seu desaparecimento, já que nenhum familiar ou instituição os tinha reclamado e atendendo à relevância pública do personagem, se tinham perdido no limbo dos arquivos do museu, cuja biblioteca estava compartilhada em consórcio com diversas instituições científicas e acadêmicas de Calcuta, entre elas o Instituto de Engenharia Superior, de que Chandra Chatterghee tinha sido um dos mais ilustres e controvertidos membros. A pasta estava encadernada com simplicidade e respondia a um único título caligrafiado em tinta azul sobre a capa: O Pássaro de Fogo.

Seth e Michael tinham evitado divulgar o achado para não distrair o bojudo bibliotecário da tarefa que monopolizava seus talentos e para a qual sua perícia de velho diabo arquivador era insubstituível. Com tal espírito, retiraram-se para o outro extremo da sala se entregaram à análise dos documentos em silêncio.

— Estes desenhos são formidáveis. — sussurrou Michael, admirando o traço do engenheiro em diversos arquivos que mostravam objetos mecânicos cuja função concreta lhe resultava oculta e insondável.

— Vamos ao que interessa. — repreendeu Seth — O que diz do Pássaro de Fogo?

— As ciências não são meu forte, — começou Michael — mas que me matem se tudo isto não é a desmontagem de uma grande maquinaria incendiária.

Seth observou os planos sem compreender um ápice do que significavam. Michael se antecipou a suas questões.

— Isto é um tanque de azeite ou algum tipo de combustível — indicou Michael sobre os planos — A ele está unido este mecanismo de sucção. Não é mais que uma bomba de alimentação, como a de um poço. A bomba fornece o combustível para manter este círculo de chamas. Uma espécie de piloto de fogo.

— Mas essas chamas não devem medir mais que uns centímetros. — objetou Seth — Não vejo o poder incendiário em algum sítio.

— Observa esta condução. — Seth viu a que se referia seu amigo: uma espécie de tubos similar ao canhão de um fuzil.

— As chamas afloram no perímetro da boca do canhão.

— E?

— Olhe para o outro extremo. — disse Michael — É um tanque, um tanque de oxigênio.

— Química elementar. — murmurou Seth, atando cabos.

— Imagine o que aconteceria se esse oxigênio saísse cuspidor em pressão pelo conduto e atravessasse o círculo de chamas. — sugeriu Michael.

— Um canhão de fogo. — corroborou Seth. Michael fechou a pasta e olhou para seu amigo. — Que tipo de segredo tinha que ocultar Chandra para desenhar um brinquedo assim para um açougueiro como Hewelyn? É como dar de presente um carregamento de pólvora ao imperador Nero...

— Isso é o que temos que averiguar. — disse Seth — E logo.

Sheere, Ben e Ian seguiram o percurso do trem através da maquete em silêncio até que a pequena locomotiva se deteve justo atrás da miniatura que reproduzia a casa do engenheiro. As luzes se extinguíram lentamente e os três amigos permaneceram imóveis e espectadores.

— Como demônios se move este trem? — perguntou Ben — Tem que tirar a energia de algum lugar. Existe algum gerador de eletricidade nesta casa, Sheere?

— Não que eu saiba. — respondeu sua irmã.

— Tem que haver. — afirmou Ian — Procuremos.

Ben negou em silêncio. — Não é isso o que me preocupa. — disse Ben — Caso haja, não conheço nenhum gerador que se conecte sozinho. E ainda mais depois de anos de inatividade.

— Talvez esta maquete funcione com outro tipo de mecanismo. — sugeriu Sheere sem muita convicção.

— Talvez haja alguém mais na casa — respondeu Ben.

Ian amaldiçoou sua sorte mentalmente. — Sabia... —murmurou abatido.

— Espera! — exclamou Ben. Ian olhou seu amigo e viu que apontava de novo para a maquete. O trem havia prosseguido o movimento e refazia seu caminho em direção inversa.

— Está voltando para a estação. — observou Sheere. Ben se aproximou lentamente até o extremo da maquete e se deteve junto ao lance de via que o trem começava a entrar.

— O que você propõe? — perguntou Ian. Seu amigo não respondeu e estendeu seu braço progressivamente para a via, enquanto a locomotiva se aproximava por momentos. Quando o trem cruzou frente a ele, agarrou a locomotiva e a elevou no ar, desenganchando a dos vagões. O resto do comboio foi perdendo velocidade paulatinamente até deter-se na via. Ben se aproximou à luz da lanterna e examinou a pequena locomotiva. Suas diminutas rodas giravam cada vez mais lentamente.

— Alguém tem um senso de humor bastante estranho. — comentou Ben.

— Por que? — perguntou Sheere.

— Há três figuras de chumbo dentro da locomotiva, — disse Ben — e se parecem conosco além de possíveis coincidências.

Sheere se aproximou do Ben e tomou a pequena locomotiva entre suas mãos. As dançantes linhas de luz desenharam um arco íris sobre seu rosto e seus lábios formaram um sorriso sereno e resignado.

— Sabe que estamos aqui — disse a moça — Não faz sentido que sigamos nos ocultando.

— Quem sabe? — perguntou Ian.

— Jawahal — respondeu Ben em seu lugar — Está esperando. O que não sei é para que.

Siraj e Roshan se detiveram frente à silhueta espectral da ponte de metal que se perdia na névoa que cobria o rio Hooghly e se deixaram cair contra um muro, esgotados depois de percorrer a cidade em vão atrás do rastro de Isobel. As cúspides das torres do Jheeter's Gate apareciam entre a névoa desenhando a crista de um dragão dormido em uma nuvem de seu próprio fôlego.

— Falta muito pouco para o amanhecer. — disse Roshan— Deveríamos voltar. Talvez Isobel esteja nos esperando há horas.

— Não acredito. — objetou Siraj.

A corrida noturna se fazia sentir na voz do rapaz, mas pela primeira vez em anos, Roshan não tinha escutado ele queixar-se uma só vez de sua asma.

— Procuramos em toda parte. — replicou Roshan — Não podemos fazer mais. Ao menos vamos procurar mais ajuda.

— Ficou um lugar por visitar...

Roshan contemplou a sinistra estrutura do Jheeter's Gate entre a névoa e suspirou.

— Isobel não se meteria aí nem louca. — disse — E eu tampouco.

— Irei eu sozinho então. — respondeu Siraj, levantando-se de novo.

Roshan o escutou ofegar e fechou os olhos, abatido.

— Sente-se — ordenou, adivinhando os passos do Siraj afastando-se para a ponte.

Quando abriu os olhos, a esquelética silhueta do Siraj era absorvida na névoa.

— Maldito seja. — murmurou para si, e se levantou para seguir seu amigo.

Siraj se deteve o final da ponte e contemplou o pórtico do Jheeter's Gate que se elevava frente a ele. Roshan se aproximou de seu companheiro e ambos examinaram

o lugar. Uma corrente de ar frio emergia dos túneis da estação e o fedor a madeira queimada e sujeira se tornava cada vez mais perceptível. Os dois rapazes trataram encontrar algo no poço de negrume que se abria depois da soleira da grande abóbada da estação. O eco longínquo de uma garoa repicava sobre os pôsteres caídos.

— Isto parece a boca do inferno. — disse Roshan — Larguemos agora que podemos.

— É tudo mental. — disse Siraj — Pense que não é mais que uma estação abandonada. Não há ninguém aqui dentro. Só nós.

— Se não tem ninguém, por que temos que entrar nela? — protestou Roshan.

— Não precisa entrar se não quiser. — respondeu Siraj sem nenhum indício de recriminação.

— Tá. — cortou Roshan — E você entrará sozinho, não? Esqueça. Vamos andando.

Os dois membros da Chowbar Society entraram na estação seguindo o rastro dos trilhos que cruzavam a ponte e desenhavam a rota da plataforma central. A escuridão no interior da abóbada era muito mais densa que no exterior e apenas podiam distinguir os contornos dos objetos entre manchas de claridade cinzenta e aquosa.

Roshan e Siraj caminharam lentamente, separados apenas por um metro de distância, enquanto o eco de seus passos formava uma ladainha recorrente entre o sussurro das correntes de ar, que pareciam rugir em algum lugar do interior dos túneis com a voz de um mar longínquo e enfurecido.

— É melhor que subamos à plataforma. — indicou Roshan.

— Faz anos que não passam trens por aqui. Que mais há?

— A mim importa, de acordo? — replicou Roshan, que não podia separar de sua mente a imagem de um trem entrando na via da boca do túnel e enrolando-os sob

suas rodas.

Siraj murmurou algo ininteligível, mas revestido de um tom de aceitação e se dispunha a subir até a plataforma quando algo emergiu dos túneis, flutuando no ar e dirigindo-se em volta dos dois rapazes.

— O que é isso? — murmurou Roshan alarmado.

— Parece uma parte de papel. — começou a dizer Siraj —. O vento arrasta o lixo, isso é tudo.

A folha branca rodou sobre o chão até seus pés e se deteve junto a Roshan. O rapaz se ajoelhou e tomou em suas mãos. Siraj viu como se decompunha o rosto de seu amigo.

— O que esta acontecendo? — perguntou, sentindo que o temor de seu amigo começava a resultar contagioso.

Roshan lhe tendeu a folha em silêncio e Siraj a reconheceu imediatamente. Era o desenho que Michael tinha realizado deles frente aquele lago e do qual Isobel se apropriou. Siraj devolveu o desenho a seu companheiro e, pela primeira vez desde que tinham começado a busca, contemplou a possibilidade de que Isobel estivesse em verdadeiro perigo.

— Isobel? — gritou Siraj para os túneis. O eco de sua voz se perdeu nas vísceras daquele lugar e lhe gelou o sangue. Siraj tratou de concentrar-se em não perder o controle de sua respiração, que cada vez lhe resultava mais difícil. Deixou que o reflexo de sua voz se desvanecesse e, controlando seus nervos, chamou de novo.

— Isobel? — Um forte impacto metálico ressonou desde algum lugar da estação. Roshan reagiu de um salto, olhou a seu redor. O vento dos túneis lhes açoitou o rosto e os dois jovens retrocederam uns passos.

— Há algo aí dentro. — murmurou Siraj assinalando para o túnel com uma serenidade que seu companheiro não conseguia compreender.

Roshan concentrou o olhar na boca negra do túnel e, então, ele também pôde vê-lo. As luzes longínquas de um trem se aproximavam. Sentiu os trilhos vibrar sob seus pés e olhou para Siraj, apavorado. Siraj sorria estranhamente.

— Eu não vou poder correr tão depressa como você, Roshan. — disse pausadamente — Os dois sabemos. Não me espere e vá procurar ajuda.

— De que diabos está falando? — exclamou Roshan, perfeitamente consciente do que seu amigo insinuava.

As luzes do trem penetraram na abóbada da estação como um raio na tormenta.

— Corra. — ordenou Siraj — Agora.

Roshan se perdeu nos olhos de seu amigo e sentiu o estrondo da locomotiva cada vez mais próximo. Siraj assentiu. Roshan reuniu todas as suas forças e pôs-se a correr desesperadamente para o extremo da plataforma, em busca de um lugar para saltar fora da trajetória do trem. Correu tão depressa como pôde, sem deter-se a olhar para trás, com a certeza de que se encontraria com a cunha de alumínio da locomotiva somente um palmo de seu rosto se ousasse fazê-lo. Os quinze metros que o separavam do fim da plataforma, converteram-se em cento e cinquenta e, preso de pânico, acreditou ver como a via se alargava perante seus olhos em uma fuga vertiginosa. Quando se lançou ao chão e rodou sobre os escombros, sentiu o rugido do trem troando a escassos centímetros do lugar onde tinha estado. Escutou o uivo ensurdecido dos meninos e recebeu em sua pele a mordida das chamas durante dez terríveis segundos nos quais imaginou que a estrutura da estação se desabaria sobre ele.

Súbitamente se fez o silêncio. Roshan se levantou e abriu os olhos pela primeira vez desde que tinha saltado. A estação estava de novo deserta e não havia mais rastro do trem que duas fileiras de chamas que se extinguíam ao longo dos trilhos. Notou que as vísceras o alagavam de água gelada e correu de volta para o ponto onde tinha visto pela última vez o Siraj. Amaldiçoando sua covardia, chorou de raiva e comprovou que estava sozinho na estação.

O amanhecer, ao longe, mostrava-lhe o caminho de saída.

O prelúdio da alvorada se insinuava timidamente através das portas fechadas da sala da biblioteca do museu índio. Seth e Michael, exaustos, dormitavam sobre a mesa a beira da inconsciência. Mr. Do Rozio suspirou profundamente e retirou sua cadeira da secretária esfregando os olhos. Levava horas enfrascado no oceano de documentos tratando de desentranhar aquele monstruoso sumário judicial; seu estômago reclamava cuidados, além de que uma clara moratória na ingestão de café esperou por ele para que seguisse cumprindo suas funções com certa dignidade.

— Rendo-me, belos adormecidos. — troou.

Seth e Michael levantaram a cabeça de um coice e comprovaram que o dia tinha madrugada mais cedo que eles.

— O que pôde encontrar, senhor? — perguntou Seth, reprimindo um bocejo.

Seu estômago rangia e sua cabeça parecia estar repleta de uma sopa de maçãs cozidas.

— Brinca, filho? — disse o bibliotecário — Parece que me tirou o sarro.

— Não compreendo, senhor. — aduziu Michael. Do Rozio bocejou garbosamente mostrando uma boca cavernosa e emitiu um som que despertou nos joavens a imagem mental de um hipopótamo pulando em um rio.

— Muito simples. — disse o bibliotecário — Vieram aqui com uma história de assassinatos e crimes e com esse absurdo enredo do tal Jawahal.

— Mas tudo isso é verdade. Temos informação em primeira mão.

Do Rozio riu com ironia. — Talvez seja a vós a quem tem tomado por parvos — replicou — Em toda essa pilha de papéis não encontrei uma só menção a seu amigo

Jawahal. Nenhuma letra. Zero.

Seth sentiu que seu desinflado estômago se deslizava até seus pés pela perna da calça .

— Mas isso é impossível, Jawahal foi condenado e ingressou na prisão da qual fugiu anos depois. Talvez poderíamos, começar de novo por aí. Pela fuga. Deve constar em algum lugar...

Do Rozio o escrutinou com cepticismo com seus olhos suínos e penetrantes. Seu rosto mostrava claramente que não haveria segunda oportunidade.

— Se eu fosse vocês, meninos, — sugeriu o bibliotecário — voltaria aonde conseguiram essa história e me asseguraria de que da próxima vez me explicassem o caso inteiro. E com respeito a esse Jawahal que segundo seu relatório misterioso estava na prisão, parece-me que é mais escorregadio do que vocês e eu podemos dirigir.

Do Rozio examinou os dois jovens. Estavam pálidos como o mármore. O bojud erudito lhes ofereceu um sorriso de comiseração.

— Minhas condolências, — murmurou — estiveram farejando no buraco errado.

Pouco depois, Seth e Michael contemplavam o amanhecer sentados na fachada principal do museu indiano. Uma ligeira garoa tinha impregnado as ruas de uma capa brilhante que formava uma lâmina de ouro líquido à luz do Sol ascendente entre as brumas do Este. Seth olhou para seu companheiro e lhe mostrou uma moeda.

— Cara, eu vou ver Aryami e você vai a prisão. — disse Seth — Cruz ao reverso.

Michael assentiu com os olhos semi-cerrados. Seth lançou a moeda ao ar e o círculo de bronze descreveu uma trajetória de brilhos pestanejantes, até deter-se de novo sobre a mão do Seth. Michael se inclinou para comprovar o resultado.

— Lembranças a Aryami... — murmurou Seth.

A luz do dia chegou finalmente à casa do engenheiro Chandra depois de uma noite que parecia não querer acabar jamais. Ian benzeu pela primeira vez em sua vida o sol de Calcuta quando seus raios velaram o manto de escuridão que os tinha envolto durante horas.

O dia levou consigo o aspecto ameaçador da casa, e Ben e Sheere também agradeceram visivelmente a chegada da claridade com um gesto relaxado e de sincero cansaço. Custava-lhes recordar a última vez que tinham dormido, embora apenas fosse umas horas antes. O peso do sono e o esgotamento que o ritmo dos acontecimentos lhes tinham proporcionado lhes permitiam confrontar a situação agora com uma serenidade que, na escuridão da noite, não tinham ousado considerar.

— Bem. — disse Bem — Se há algo que esta casa tem, é que resulta segura. Se nosso amigo Jawahal tivesse podido entrar aqui, já o teria feito. Nosso pai tinha afeições excêntricas, mas sabia proteger uma casa. Proponho que tratemos de dormir um pouco. Tal como estão as coisas, prefiro dormir à luz do dia e estar bem acordado ao anoitecer.

— Não posso estar mais de acordo. — conveio Ian — Onde poderíamos dormir?

— Há vários quartos nas torres, — explicou Sheere — há por onde escolher.

— Sugiro utilizar quartos contíguos. — indicou Ben.

— De acordo. — disse Ian — E tampouco seria de mais comer algo.

— Isso terá que esperar. — conveio Ben — Mais tarde sairemos a procurar algo.

— Como podem ter fome? — perguntou Sheere.

Ben e Ian encolheram os ombros. — Fisiologia elementar. — respondeu Ben — Pergunte ao Ian. Ele é o médico.

— Como me disse uma vez uma professora que dava aulas de leitura em uma escola de Bombay, — disse Sheere — a principal diferença entre um homem e uma mulher é que um homem sempre põe seu estômago antes de seu coração. Uma mulher sempre faz o contrário.

Ben sopesou aquela teoria e não duvidou em contra-atacar.

— Cito textualmente o nosso misógino favorito, Mr. Thomas Carter, solteiro profissional e vocacional: «A verdadeira diferença é que enquanto os homens têm o estômago muito maior que o cérebro e o coração, o coração das mulheres é tão pequeno que sempre lhes escapa pela boca.»

Ian assistiu ao cruzamento de pensamentos Ilustres preso de um absoluto assombro.

— Filosofia troca — sentenciou Sheere.

— A troca, querida Sheere, — aduziu Ben — é a única filosofia que vale algo.

Ian elevou uma mão em sinal de trégua. — boa noite, casal. — disse dirigindo-se diretamente para a torre.

Dez minutos depois os três estavam absorvidos em um profundo sono do qual ninguém os poderia despertar. A fadiga pôde mais que o medo.

Seth desceu meia milha para o Sul das escadas do museu indiano no Chowringhee Road e virou em Park Street para o Este, em direção à área do Bemapukur, onde as ruínas da antiga penitenciária do Curzon Fort se elevavam nas imediações do cemitério escocês. O deteriorado cemitério dos escoceses tinha sido construído onde antigamente supunham ser os limites oficiais da cidade. Naquela época, a elevada taxa de mortalidade e a velocidade com que os cadáveres se decompunham obrigaram a transladar todos os terrenos funerários para fora de

Calcuta por motivos de saúde pública. Os escoceses, ironicamente, embora tivessem controlado com mão firme durante décadas toda a atividade mercantil da Calcuta, descobriram que não podiam pagar um enterro entre as tumbas de seus vizinhos britânicos e se viram obrigados a levantar seu próprio cemitério. Em Calcuta os ricos se negavam a ceder seu chão aos mais pobres, inclusive depois de mortos.

Ao aproximar-se dos restos da penitenciária do Curzon Fort, Seth compreendeu por que motivo ainda não tinha sido vítima das sangrentas demolições habituais na cidade. A estrutura do edifício parecia pender de um fio invisível disposto a desabar-se sobre a multidão ao menor intento para alterar seu equilíbrio. O incêndio parecia ter devorado a prisão como se se tratasse de uma maquete de cartão, abrindo brechas e destruindo vigas e escoras com ferocidade inusitada. Os tetos carbonizados podiam entrever-se através das vidraças, como as gengivas doentes de um velho animal.

Seth se aproximou da soleira do edifício e se perguntou de que modo ia averiguar algo naquela pilha de madeiras e tijolos queimados. A bom seguro, não permaneceria ali mais memória do passado que os barrotes de metal e as celas que acabaram seus dias transformadas em fornos mortais e sem escapatória.

— Vem de visita, rapaz? — sussurrou uma voz quebrada em suas costas.

Seth se voltou, sobressaltado, e comprovou que as palavras que tinha ouvido provinham dos lábios de um ancião esfarrapado cujos pés e mãos luziam amplas chagas em avançado estado de infecção. Seus olhos escuros o observavam nervosamente por trás de um rosto mascarado pela imundície e uma barba grisalha e espaçada que diria cortada a faca.

— É esta a penitenciária do Curzon Fort, senhor? — perguntou Seth.

Os olhos do mendigo aumentaram ao escutar o insólito tratamento que lhe dedicava o rapaz e um sorriso desdentado aflorou em seus lábios pergaminhosos.

— O que fica dela — respondeu —. Procuras acomodo, filho?

— Procuro informação — repôs Seth, tratando de responder ao mendigo com um sorriso amável e cortês.

— Este é um mundo de ignorantes; ninguém procura informação. Exceto você. E o que quer saber, rapaz?

— Conhece você este lugar? — perguntou Seth.

— Vivo nele. — respondeu o mendigo — Um dia foi meu cárcere, hoje é minha casa. A providência foi generosa comigo.

— Esteve você preso no Curzon Fort? — perguntou Seth, sem poder ocultar seu assombro.

— Houve um tempo em que cometi grandes erros... e tive que pagar por eles — ofereceu o mendigo como resposta.

— Até quando permaneceu nesta prisão, senhor? — perguntou Seth.

— Até o final.

— Estava aqui na noite do incêndio? O mendigo afastou os farrapos que lhe cobriam o corpo e Seth contemplou horrorizado a cicatriz púrpura da extensa queimadura que lhe cobria o peito e o pescoço.

— Então, talvez você possa me ajudar — disse Seth — Dois meus amigos correm perigo. Recorda você ter conhecido um interno chamado Jawahal?

O mendigo fechou os olhos e negou lentamente. — Nenhum de nos chamávamos por nossos verdadeiros nomes aqui, filho — explicou o mendigo — O nome, como a liberdade, era algo que todos deixávamos na porta ao entrar e confiávamos que, se o mantíssemos afastado do horror deste lugar, talvez o pudessemos recuperar ao sair, limpo e sem lembranças. Nunca era assim, é obvio...

— O homem a que me refiro foi condenado por assassinato. — acrescentou Seth — Era jovem. Ele foi quem provocou o incêndio que destruiu da prisão e fugiu.

O mendigo o observou entre o surpreso e o divertido.

— Que provocou o incêndio! — exclamou com incredulidade — O incêndio

começou nas caldeiras. Uma válvula de azeite explorou. Eu estava fora de minha cela, em meu turno de trabalho. Isso me salvou.

— Esse homem, preparou o incêndio. — Insistiu Seth, e agora quer matar meus amigos.

O mendigo inclinou a cabeça, cético, mas assentiu.

— Talvez, filho, o que importa agora? — concedeu o mendigo — Em qualquer caso, eu não me preocuparia com seus amigos. Esse homem. Jawahal, pouco poderá lhes fazer mal.

Seth franziu o cenho. — Por que diz isso, senhor? — inquiriu Seth, confuso.

O mendigo riu.

— Filho, na noite do incêndio eu não tinha nem sua idade. E era o mais jovem da prisão. — respondeu o mendigo — Esse homem, fosse quem fosse, deve ter agora mais de cem anos.

Seth evou suas mãos às têmporas, absolutamente desconcertado.

— Um momento, — disse o rapaz — não ardeu a prisão em 1916?

— 1916? — riu de novo o mendigo — Filho, de onde saiu você? Curzon Fort ardeu a madrugada de 26 de abril de 1857. Faz exatamente 75 anos.

Seth contemplou boquiaberto o mendigo, que estudava seu rosto com curiosidade e certa consideração pela consternação que parecia haver-se apoderado dele.

— Qual é seu nome, filho? — perguntou o mendigo.

— Seth, senhor. — respondeu o rapaz, lívido.

— Sinto não ter sido de grande ajuda, Seth — disse o mendigo.

— Foi sim — repôs Seth — Posso ajuda-lo em algo, senhor?

Os olhos do mendigo brilharam ao sol e um amargo sorriso aflorou a seus lábios.

— Pode voltar o tempo atrás, Seth? — perguntou o mendigo olhando a palma de suas mãos.

Seth negou lentamente. — Então não pode me ajudar. Procure agora com seus amigos, Seth. Mas nunca se esqueça de mim.

— Não o farei, senhor.

O mendigo sorriu pela última vez e, elevando sua mão em sinal de despedida, voltou-se e entrou nas ruínas da prisão destruída. Seth o observou desaparecer entre as sombras e retomou seu caminho sob o sol ardente da manhã. Um véu de nuvens negras parecia aproximar-se serpenteando no horizonte, como uma mancha de sangue pulverizando-se lentamente em um lago.

Michael se deteve ao pé da rua que conduzia até a casa de Aryami Bosé e contemplou atônito os restos fumegantes daquela que tinha sido a moradia da anciã. As pessoas da rua observavam silenciosamente do pátio os membros da polícia que rastreavam entre os escombros e interrogavam os vizinhos. Rapidamente, aproximou-se do lugar e abriu caminho entre o círculo de curiosos e vizinhos consternados pelo incêndio. Um oficial da polícia o deteve.

— Sinto muito, rapaz. Não pode passar. — informou contundente.

Michael observou por cima do seu ombro e comprovou como dois de seus colegas levantavam uma viga caída que ainda desprendia fumo de brasas.

— E a mulher que vive na casa? — perguntou Michael.

O policial lhe dirigiu um olhar a meio caminho entre a suspeita e o chateio.

— Conhecia-a?

— É avó de uns amigos. — respondeu Michael. — Onde está? morreu?

O oficial o observou sem afrouxar a compostura durante uns segundos e finalmente negou.

— Não há rastro dela. — respondeu — Um dos vizinhos diz que viu alguém correr rua abaixo pouco depois das chamas aparecessem pelo teto. Agora, vá embora. Já lhe disse mais do que deveria.

— Obrigado, senhor. — disse Michael, retirando-se entre a massa humana que se empilhava à procura de eventuais descobrimentos macabros.

Uma vez livre da turba de curiosos e vizinhos, Michael examinou as moradias contíguas em busca de possíveis indícios que sugerissem para onde poderia ter fugido a anciã, que guardava com ela o segredo que Seth, e ele apenas tinham conseguido desentranhar. Os dois extremos da rua se perdiam na massa de edifícios, bazares e palácios da cidade negra. Aryami Bosé podia estar em qualquer lugar.

O jovem considerou durante uns instantes várias possibilidades e finalmente se decidiu por empreender o rumo para Oeste, em direção à proximidade do rio Hooghly. Ali milhares de peregrinos se inundavam nas águas sagradas do delta do Ganges procurando a purificação do céu e obtendo a maioria das vezes em troca febres e enfermidades.

Sem voltar-se para contemplar as ruínas da casa derrubada pelas chamas, Michael empreendeu o caminho em pleno sol, entre a multidão que povoava as ruas e as inundava em uma gritaria de mercadores, rixas e rezas não escutadas. A voz da Calcuta. Em suas costas, a uma vintena de metros, uma figura envolta em um manto escuro apareceu entre as curvas de um beco e começou a segui-lo entre a multidão.

Ian abriu os olhos à luz do meio-dia com a clara certeza de que sua insônia eterna não parecia estar disposta a lhe conceder mais que umas horas de trégua em

honra à fadiga que sentia após os acontecimentos das últimas horas. A julgar pela consistência da luz que banhava o quarto na torre oeste da casa do engenheiro Chandra, calculou que deviam estar cruzando o meridiano do meia da tarde. O apetite contumaz que o tinha assaltado ao amanhecer voltou a fazer chiar seus dentes com toda sua sanha. Como estava acostumado a brincar Ben, parodiando as palavras do professor Tagore, cujo castelo se encontrava a poucos metros dali, quando o estômago fala, o homem sábio escuta.

Ian saiu do quarto com sigilo e comprovou que Sheere e Ben seguiam desfrutando de um invejável descanso nos braços do Morfeo. E suspeitou que, ao despertarem, inclusive Sheere, estariam dispostos a dar conta do primeiro objeto comestível que encontrassem. Por isso respeitava Ben, não havia dúvida. Nestes momentos seu melhor amigo devia estar sonhando com uma bandeja repleta de delícias culinárias e uma suntuosa sobremesa de doces da Chhana, uma mescla de suco de lima e leite fervendo que enlouquecia os gulosos bengalês.

Consciente de que o sono já tinha sido mais caridoso com ele do que seria de esperar, decidiu aventurar-se ao exterior em busca de provisões com que pudesse aplacar seu apetite e o de seus companheiros. Com um pouco de sorte, pensou, estaria de volta antes que ambos tivessem tido tempo de bocejar.

Atravessou a sala da grande maquete e se dirigiu até a escada em espiral, comprovando satisfeito que à luz do dia o aspecto da casa resultava muito menos inquietante. O primeiro andar permanecia imperturbável e Ian constatou o fato de que a casa isolava o interior da temperatura externa com prodigiosa efetividade. Não lhe custava imaginar o sufocante calor que devia impor sua lei atrás daqueles muros e, entretanto, a casa do engenheiro se diria situada no país da eterna primavera. Cruzou várias galáxias a passo ligeiro sobre o mosaico a seus pés e abriu a porta ao exterior, confiando em não esquecer a combinação da excêntrica fechadura que selava o santuário privado de Chandra Chatterohec.

O sol caía sem mesericórdia sobre o espesso jardim e a lagoa que na noite anterior lhe tinha parecido uma lâmina de ébano gentil desprendia agora intensos brilhos sobre a fachada da casa. Ian se dirigiu à boca de saída do túnel secreto sob a

ponte de madeira e por um momento se deixou levar pela ilusão de que, à luz de um dia resplandecente e abrasador do verão como aquele, as ameaças que durante a noite os tinham atormentado pareciam desvanecer-se com a mesma facilidade que uma figura de gelo no deserto.

Desfrutando daquele parêntese de tranqüilidade, introduziu-se no corredor e, antes que o fedor acre de seu interior invadissem seus pulmões, saiu de novo pela brecha que conduzia à rua. Uma vez ali, lançou mentalmente uma moeda ao ar, e decidiu empreender sua busca alimentar para Oeste.

Enquanto se afastava cantarolando pela rua deserta, não podia imaginar que os quatro círculos concêntricos da fechadura da casa, tinham começado a girar de novo com infinita lentidão e que desta vez a palavra de quatro letras que comporiam ao fixar-se na vertical não era o nome do Dido, mas o de outra deusa muito mais próxima: Kali.

Ben acreditou escutar um estrondo em sonhos e despertou na escuridão absoluta do quarto em que tinha estado descansando. Sua primeira impressão, no atordoamento dos segundos que seguem ao brusco despertar de um longo e profundo sono, foi de perplexidade ao comprovar que já tinha anoitecido e que deviam ter dormido durante mais de doze horas. Um instante depois, ao escutar de novo o impacto seco que acreditava ter ouvido em seu sonho, compreendeu que não era a noite o que impedia que a luz do dia penetrasse na habitação. Algo estava acontecendo na casa. As portas se estavam fechando com força, como as comportas de uma eclusa, hermeticamente. Ben saltou da cama e correu para a porta em busca de seus amigos.

— Ben! — escutou gritar a Sheere. Correu até a porta de seu quarto e a abriu. Sua irmã, imóvel, estava no outro lado da porta, tremendo. Abraçou-a e a tirou da estadia enquanto contemplava apavorado como, uma a uma, as janelas da casa se fechavam tal como as pálpebras de pedra.

— Ben. — gemeu Sheere — Algo entrou no quarto enquanto dormia e me enlouqueceu.

Ben sentiu que um calafrio lhe percorria o corpo e conduziu a Sheere até ao centro da sala da maquete da cidade. Em um segundo, fez-se escuridão absoluta em torno deles. Ben rodeou a Sheere com seus braços e lhe sussurrou que guardasse silêncio enquanto tratava de escrutinar na escuridão algum sinal de movimento. Seus olhos não conseguiram discernir forma alguma entre as sombras, mas ambos puderam ouvir aquele rumor que parecia invadir as paredes da casa e fazia pensar em centenas de pequenos animais brincando a correr sob o chão e entre as paredes.

— O que é isso, Ben? — sussurrou Sheere. Ben tratava de encontrar uma resposta quando um novo acontecimento lhe roubou as palavras. As luzes da maquete da cidade se estavam acendendo lentamente e os dois rapazes assistiram ao nascimento de uma Calcuta noturna frente a eles. Ben tragou saliva e sentiu que Sheere se aferrava com força a ele. No centro da maquete, o pequeno trem acendeu seus faróis e suas rodas começaram a girar lentamente.

— Saíamos daqui — murmurou Ben conduzindo as pressas sua irmã em direção à escada que descia ao piso inferior — Agora.

Antes que pudessem percorrer uns passos em direção a escada, Ben e Sheere viram que um círculo de fogo abria um orifício na porta do quarto que tinha ocupado a moça e, em menos de um segundo, consumia-a como uma brasa que atravessava uma folha de papel. Ben sentiu que seus pés se cravavam ao chão e observou umas pegadas de chamas que se aproximavam a grandes passos da soleira da porta.

— Corre para baixo! — gritou Ben empurrando a sua irmã para o pé das escadas. —Rápido!

Sheere se precipitou escada abaixo cheia de pânico e Ben permaneceu imóvel na trajetória daqueles rastros chamejantes que se abriam caminho para ele a toda velocidade. Uma baforada de ar quente e impregnado de um fedor a querosene queimado lhe cuspiu no rosto ao mesmo tempo que uma pegada de chamas caía a dois palmos de seus pés. Duas pupilas vermelhas como ferro candente se acenderam na escuridão e Ben sentiu que uma garra de fogo se fechava sobre seu braço direito. Imediatamente notou que aquela tenaz pulverizava o tecido de sua camisa até queimar sua pele.

— Ainda não chegou a hora de nosso encontro, —murmurou uma voz metálica e cavernosa frente a ele — se afaste.

Antes que pudesse reagir, a férrea mão que o agarrava o impulsionou com força para um lado e o derrubou no chão. Ben caiu sobre um flanco e apalpou o braço ferido. Então conseguiu ver um espectro incandescente que descia pela escada de caracol destruindo-a a seu passo.

Os alaridos de terror da Sheere no piso inferior lhe proporcionaram forças para ficar de novo em pé. Correu para aquela escada que apenas era já um esqueleto de barras de metal vestidas de chamas e comprovou que os degraus tinham desaparecido. Lançou-se pelo oco da escadaria. Seu corpo atingiu com impacto o mosaico do primeiro andar e uma sacudida de dor lhe percorreu o braço rasgado pelo fogo.

— Ben! — gritou Sheere — Por favor! Ben elevou o olhar e contemplou como Sheere era arrastada sobre o chão de estrelas acesas envolta em um manto de chamas translúcido, como a larva de uma mariposa infernal. Levantou-se e correu atrás dela, seguindo o rastro que seu raptor deixava em direção à parte traseira da casa e tentando se esquivar do impacto furioso das centenas de livros da biblioteca circular que saíam despedidos ardendo das prateleiras e se decompunham em uma chuva de páginas em combustão. Um dos impactos o derrubou de novo, caiu de bruços e se golpeou na cabeça.

Sua visão se nublou lentamente enquanto observava o visitante ígneo que se detinha e se voltava para o contemplar. Sheere uivava de pânico, mas seus gritos já não eram audíveis. Ben lutou para se arrastar uns centímetros pelo chão coberto de brasas e tratou de não ceder aquele impulso de deixar-se vencer pelo sono e abandonar a resistência. Um sorriso cruel e canino se desenhou frente a ele, e entre a massa imprecisa que convertia seu campo de visão em um quadro de aquarelas frescas, reconheceu o homem que tinha visto na locomotiva daquele trem fantasmagórico cruzando a noite. Jawahal.

— Quando estiver preparado, vem para mim. — lhe sussurrou o espírito de fogo —. Já sabe onde estou...

Um instante depois, Jawahal agarrou de novo a Sheere e atravessou com ela a parede traseira da casa como se fosse uma cortina de fumaça. Antes de perder os sentidos, Ben escutou o eco do trem afastando-se na distância.

— Está voltando a si — murmurou uma voz a centenas de quilômetros dali.

Ben tentou se elucidar sobre as manchas imprecisas que se agitavam frente a seu rosto e logo reconheceu alguns rostos familiares. Umas mãos o acomodaram brandamente e colocaram um objeto brando e confortável sob sua cabeça. Ben piscou repetidamente. Os olhos do Ian, avermelhados e desesperados, observavam-o ansiosos. Junto a ele estavam Seth e Roshan.

— Ben! Pode nos ouvir? — perguntou Seth, cujo rosto parecia sugerir que não tinha dormido em uma semana.

Ben recordou súbitamente e quis levantar-se bruscamente. As mãos dos três rapazs o devolveram a sua posição de repouso.

— Onde está Sheere? — conseguiu articular. Ian, Seth e Roshan trocaram um olhar sombrio.

— Não está aqui, Ben. — respondeu Ian, finalmente. Ben sentiu que o céu se desprendia sobre ele e fechou os olhos.

— O que é que aconteceu? — perguntou finalmente, mais sereno.

— Despertei antes que vós —explicou Ian— e decidi sair para procurar algo para comer. Pelo caminho encontrei o Seth, que vinha para a casa.

De volta vimos que todas as janelas estavam fechadas e que saía fumaça do interior. Viemos correndo e o encontramos sem sentido. Sheere já não estava aqui.

— Jawahal a levou. Ian e Seth se olharam de soslaio.

— O que aconteceu? O que averigou? Seth levou as mãos ao seu espesso arbusto de cabelo e o afastou do seu rosto. Seus olhos o delatavam.

— Não estou seguro de que esse Jawahal exista, Ben — afirmou o robusto rapaz — Acredito que Aryami mentiu.

— Do que está falando? — perguntou Bem — Por que nos ia mentir?

Seth resumiu suas averiguações no museu com o Mr. Do Rozio e explicou que não existia menção alguma a Jawahal em toda a documentação do julgamento exceto em uma missiva particular assinada pelo coronel Hewelyn, encobrindo o assunto por escuras razões, dirigida ao engenheiro. Ben escutou as revelações com incredulidade.

— Isso não prova nada. — objetou — Jawahal foi condenado e encarcerado. Fugiu faz dezesseis anos e então começaram seus crimes.

Seth suspirou, negando de novo.

— Estive na prisão do Curzon Fort, Ben. — disse com tristeza — Não houve nenhuma fuga nem nenhum incêndio faz dezesseis anos. A penitenciária ardeu em 1857. Jawahal nunca pôde ter estado ali nem fugir de uma prisão que já não existia há décadas antes que se celebrasse seu julgamento. Um julgamento onde nem é mencionado. Nada encaixa.

Ben o olhou boquiaberto. —Mentiu-nos, Ben —disse Seth—. Sua avó nos mentiu.

— Onde está ela agora?

— Michael está procurando-a — esclareceu Ian—. Quando a encontrar, trará-a aqui.

— E onde estão outros? —Inquiriu de novo Ben.

Roshan olhou com indecisão para Ian. Este assentiu gravemente.

— Diga o que me disse.

Michael se deteve a contemplar a bruma crepuscular que cobria a borda oeste do Hooghly.

Dezenas de silhuetas envoltas parcialmente em seus mantos brancos e puídos se inundavam nas águas do rio e a soma de suas vozes se perdia no murmúrio da corrente. O som das pombas que batiam suas asas ao vento elevando-se na selva de palácios e cúpulas descoloridas e alinhadas frente à lâmina de luz do Hooghly, recordava uma Veneza das trevas.

— É você quem me procura? — disse a anciã, que jazia sentada a uns metros dele, seu rosto oculto em um véu.

Michael a olhou e a anciã elevou seu véu. Os olhos tristes e profundos de Aryami Bosé empalideceram ao crepúsculo.

— Não temos muito tempo, senhora — disse Michael — Já não.

Aryami assentiu e se levantou lentamente. Michael lhe ofereceu seu braço e ambos partiram rumo à casa do engenheiro Chandra Chatterghee ao amparo do acaso.

Os cinco rapazes se reuniram em silêncio em torno de Aryami Bosé. Esperaram pacientemente que a anciã se acomodasse e encontrasse o instante oportuno em saldar a dívida que tinha contraído com eles ao lhes ocultar a verdade. Nenhum ousou pronunciar uma palavra antes que ela falasse. A angustiosa urgência que os consumia interiormente se transformou momentaneamente em uma tensa calma, uma sombra de incerteza perante a suspeita de que o segredo que a dama tinha guardado com tanto zelo se tornasse num desafio insuperável.

Aryami observou os rostos dos rapazes com profunda tristeza e esboçou uma ameaça de sorriso que apenas aflorou a seus lábios. Finalmente, baixando o olhar, suspirou fracamente e, examinando as palmas de suas mãos pequenas e nervosas, começou a falar. Desta vez, entretanto, sua voz lhes pareceu desprovida da autoridade e da determinação que tinham aprendido a esperar dela. Ao final do caminho, o medo tinha apagado a fortaleza de ânimo que emanava de sua pessoa e

os rapazs comprovaram que quem lhes falava não era mais que uma anciã débil e mortalmente assustada, uma menina que tinha vivido muito.

«Antes de começar, me permitam dizer que, se alguma vez em minha vida menti, e me vi obrigada a fazê-lo em numerosas ocasiões, sempre foi para proteger alguém. Se desta vez lhes menti, foi com a certeza de que deste modo protegeria a você, Ben, e a sua irmã Sheere de algo que possivelmente pudesse os danificar mais que as estratégias de um criminoso enlouquecido. Ninguém sabe a dor que me causou ter que levar esta carga em solitário desde dia de seu nascimento. Tudo que lhes diga agora será a verdade até onde eu a conheço. Me escutem bem e dêem por certo tudo quanto saia de meus lábios, embora nada há tão terrível e difícil de acreditar como a pura e nua realidade dos fatos...

Parece que tinham transcorrido anos desde o dia em que lhes narrei a história de minha filha Kylian. Falei-lhes dela, de sua maravilhosa luminosidade e de como, de entre todos quantos a pretendiam, o eleito para ser seu marido foi um homem horrível de origem singela e de grande talento, um jovem engenheiro em quem tudo eram promessas, mas que trazia da infância uma pesada carga sobre suas costas, um segredo que teria que leva-lo a morte, a ele e a muitos outros. E embora lhes pareça paradoxal, me permitam que por uma vez comece este relato pelo final e não pelo princípio, em resposta aos achados que sagazmente desentranhastes.

Chandra Chatterghee foi sempre um sonhador, um homem possuído por uma visão de um futuro melhor e mais justo para sua gente, a qual via morrer na miséria nas ruas desta cidade. Enquanto, atrás dos muros de suas opulentas casas, aqueles a quem ele considerava como invasores e exploradores do legado natural de nosso povo, enriqueciam e viviam uma vida de luxo e frivolidade às custas da miséria de milhões de almas condenadas à pobreza no grande orfanato sem teto, que é este país.

Seu sonho era poder dotar de um instrumento de progresso e de riqueza à nação que ele sempre acreditou que chegaria a romper o jugo opressor da coroa. Um instrumento para abrir novas rotas entre as cidades, novos enclaves, e novos caminhos para o futuro das famílias da Índia. Ele sempre sonhou com um invento de

ferro e fogo: a ferrovia. Para Chandra, os trilhos da ferrovia eram as artérias que tinham que levar o novo sangue do progresso para toda esta terra e para elas projetou um coração do qual brotaria toda essa energia: sua obra cúpula, a estação do Jheeter's Gate.

Mas a linha que separa os sonhos dos pesadelos é tão fina como um alfinete e, muito em breve, as sombras do passado voltaram para cobrar seu preço. Um alto mandatário do exército britânico, o coronel Arthur Hewelyn, tinha realizado uma meteórica carreira, edificada sobre suas façanhas e matanças de inocentes, anciões e meninos, homens desarmados e mulheres aterrorizadas em povoados e aldeias de toda a península de Bengala. Ali onde chegava a mensagem de paz e união da nova Índia, chegavam seus fuzis e suas baionetas. Um homem de grande talento e futuro, como proclamavam seus superiores com orgulho. Um assassino com a bandeira da coroa e o poder de seu exército nas mãos. Um entre tantos.

Hewelyn não demorou para reparar no talento de Chandra e sem excessivos problemas traçou um círculo negro em torno dele, bloqueando todos seus projetos. Em umas semanas, não havia uma só porta na Calcuta ou em toda a província que se abrisse. Exceto, claro, a do Hewelyn. Este lhe propôs realizar obras para o exército, pontes, linhas férreas... Todos estes oferecimentos foram rechaçados por seu pai, que preferiu manter-se com o mísero salário que os editores de Bombay sentiam prazer em lhe enviar como esmola em troca de seus manuscritos. Com o tempo, o círculo do Hewelyn se relaxou e Chandra começou a trabalhar de novo em sua obra prima.

Com o passar dos anos, Hewelyn retomou sua cólera. Sua carreira estava em perigo e necessitava urgentemente um golpe de mestre, um banho de sangue fresco com qual pudesse renovar o interesse da hierarquia de Londres em suas façanhas e restaurar sua reputação como a pantera de Bengala. Sua solução era clara. Pressionar Chandra, mas desta vez, com outras armas.

Durante anos tinha estado investigando e seus comparsas terminaram por farejar o rastro dos crimes associados com o Jawahal. Hewelyn permitiu que o caso quase afluísse à luz pública e, quando seu pai estava mais comprometido que nunca em seu projeto do Jheeter's Gate, interveio, ocultando-o e ameaçando revelar a verdade

se não criasse para ele uma arma nova, um instrumento de repressão mortífero e capaz de acabar com todos os distúrbios que pacifistas e independentistas semeavam no caminho do Hewelyn. Ele teve que capitular e esse foi o nascimento do Pássaro de Fogo, uma máquina que poderia converter uma cidade ou uma aldeia em um oceano de chamas em questão de segundos.

Chandra desenvolveu paralelamente os projetos da ferrovia e do Pássaro de Fogo, com a constante pressão de Hewelyn, a quem a cobiça e a desconfiança que começava por inspirar em seus superiores ameaçavam pondo-o em evidência. Aquele que outrora todos tinham considerado um homem sereno, equânime e cumpridor de seu dever se revelava agora um maníaco doentio, cuja necessidade de êxito e reconhecimento cegava dia a dia suas possibilidades de sobreviver.

Chandra compreendeu que a queda do Hewelyn por seu próprio peso era só questão de tempo e jogou com ele. Fe-lo acreditar que lhe entregaria o projeto antes do previsto. Mas aquela atitude só exacerbou a crispação do Hewelyn e pulverizou a pouca prudência que ainda albergava em seu interior.

Em 1915, um ano antes da inauguração do Jheeter"s Gate e a linha que partia dela, Hewelyn ordenou uma matança de pessoas desarmadas sem justificção possível e foi expulso do exército britânico depois de um escândalo que chegou até aos ouvidos da Câmara dos Comuns. Sua estrela já não brilharia nunca mais.

Aquele foi o princípio de sua loucura. Reuniu um grupo de oficiais que lhe eram fiéis e que tinham sido despojados de sua graduação como ele e ameaçados a abandonar as armas. Com semelhante banda de açougueiros organizou um sinistro grupo paramilitar que operava clandestinamente. Todos luziam seus velhos uniformizes e suas condecorações de um modo grotesco e se reuniam na antiga residência do Hewelyn, mantendo a ficção de que compunham uma unidade secreta de elite que não demoraria para expulsar dos seus cargos aqueles que tinha assinado suas atas de expulsão. Devo dizer que Hewelyn nunca admitiu que fosse degradado e afastado. Segundo ele e seus colaboradores, tinham se demitido para fundar uma nova ordem militar. Logo seu pai recebeu ameaças de morte para ele e sua esposa grávida se não entregasse o Pássaro de Fogo. Ao tratar-se já de um assunto clandestino, Chandra

tinha que dirigi-lo com supremo cuidado. Se solicitava a ajuda do exército, seu passado acabaria por sair a descoberto. Não ficava mais remedeio que pactuar com o Hewelyn e seus homens.

Naquele clima de tensão, dois dias antes da data prevista para a inauguração da estação, e não depois, como eu lhes havia dito, Kylian deu luz dois filhos gêmeos. Um menino e uma menina. Sua irmã Sheere e você, Ben.

Para a noite da inauguração do Jheete'Rs Gate se projetou realizar uma viagem simbólica. O primeiro trem a cruzar a linha Calcuta-Bombay transportaria 360 meninos sem família, um por cada dia do ano, rumo aos orfanatos daquela cidade. Chandra propôs a Hewelyn e seus homens o seguinte: carregaria o Pássaro de Fogo a bordo do trem e, aproveitando uma parada técnica que ele decretaria cinquenta quilômetros depois da partida, à altura do Bishnupur, os militares poderiam descarregá-lo e leva-lo com ele. Hewelyn aceitou. Chandra planejava inutilizar a maquinaria e desfazer-se do Hewelyn e seus homens antes que o trem fizesse soar seu apito. Mas Hewelyn, secretamente, desconfiava do trato e ordenou a seus homens que se adiantassem.

Seu pai tinha convocado os militares na estação, um verdadeiro labirinto que só ele conhecia, e sob o pretexto de lhes mostrar o Pássaro de Fogo, introduziu-os nos túneis. Hewelyn, que já tinha suspeitado algo parecido, tinha tomado suas próprias precauções e, antes de ir a sua entrevista com o engenheiro, seqüestrou a sua mãe e, com ela, vocês. Quando Chandra se dispunha a aniquilar seus chantagistas, Hewelyn lhe revelou que vós e sua mãe estavam em seu poder e ameaçou os matar a menos que entregasse o Pássaro de Fogo. Chandra não teve mais remedeio que render-se. Mas aquilo não bastou a Hewelyn. Fez encadear Chandra à locomotiva do trem, à espera de despedaçá-lo no início sua viagem, e, ali mesmo, frente aos olhos de seu pai, afundou uma faca na garganta de Kylian a sangue frio. Logo deixou-a sangrar lentamente pendurando-a pela soga na abóbada central da estação. Enquanto o fazia, prometeu-lhe que os abandonaria nos túneis para que fossem devorados pelos ratos.

Depois de abandonar Chandra encadeado à locomotiva, ordenou a seus homens que pusessem em marcha o trem e levassem dali o Pássaro de Fogo. Enquanto, ele os iria ocultar num túnel onde ninguém os poderia encontrar jamais. Entretanto, algo

não resultou como ele tinha planejado. Superestimando sua astúcia, o néscio do Hewelyn supôs que Chandra Chatterghee ia pôr nas mãos de um assassino como ele uma maquinaria do poder destruidor do Pássaro de Fogo sem mais nem menos. Chandra tinha levado suas precauções até ao extremo e tinha dotado o Pássaro de Fogo de um mecanismo secreto de relojoaria que só ele conhecia. Um mecanismo que liberaria sobre si mesmo todo o poder destruidor do artefato em poucos segundos, de qualquer mão alheia à sua que tratasse de empregá-lo.

Quando Hewelyn e sua corte de assassinos subiram a bordo, o líder do bando decidiu que, como despedida e avanço na vingança que pensava submeter à cidade uma vez que controlasse o poder daquela mortal invenção, destruiria aquela estação e permitiria que o fogo arrasasse a obra de Chandra e as vistas de todos quantos se congregaram a presenciar a inauguração do prodígio. Assim, quando Hewelyn acendeu o Pássaro de Fogo, assinou a sentença de morte de todos quantos se encontravam a bordo daquele trem. Incluída a sua. Cinco minutos mais tarde, o inferno atingiu a estação e levou com ele os corpos e almas de inocentes e culpados sem distinção.

Perguntarão onde estão as respostas e por que lhes menti sobre a prisão onde foi encarcerado Jawahal ou por que seu nome nunca foi mencionado. Antes de continuar, e isto é o mais importante que vou dizer-lhes, quero que compreendam que, ouçam o que ouvirem, Chandra foi um grande homem. Um homem que amou a sua esposa e que teria amado seus filhos se assim tivesse tido a oportunidade que nunca teve. Dito isto, conheçam a verdade...

Quando seu pai era jovem e caiu doente pelas febres, não foi parar a uma cabana no rio, onde um rapaz cuidou dele até que sanou tal como vos disse a primeira vez. Seu pai se criou em uma instituição que ainda existe a sul da Calcuta e que leva por nome Grant House. Vocês são muito jovens para ter ouvido esse nome, mas houve um tempo em que foi tristemente célebre. Grant House foi o lugar ao qual seu pai chegou depois de presenciar algo terrível quando apenas tinha seis anos. Sua mãe, uma mulher doente, que vivia de vender seu corpo por míseras esmolas, prendeu-se fogo a si mesmo perante seus olhos oferecendo-se em sacrifício à deusa Kali. Grant House, o lar onde cresceu Chandra, era uma casa de saúde, o que vocês

chamariam um manicômio...

Durante anos, viveu confinado nas galerias daquele lugar, sem mais pais nem amigos que gente que vivia no delírio e o sofrimento. Gente que diziam ser demônios, deuses ou anjos para esquecer seu nome no dia seguinte. Quando, como vós, teve idade para sair dali, Chandra não tinha tido outra infância senão o horror e a miséria mais profunda que os olhos de um homem puderam contemplar jamais na cidade de Calcuta.

Não será necessário que lhes diga que nunca houve um amigo sinistro que cometesse aqueles crimes e que nunca houve mais sombra na vida de seu pai que a daquele parasita que se infiltrou em sua mente. Foram suas próprias mãos que cometeram aqueles crimes, cujo remorso o perseguia e cuja vergonha caía sobre ele como uma maldição.

Só a bondade e a luminosidade de Kylian o curaram e lhe devolveram a capacidade de recuperar seu próprio destino. Junto a ela escreveu os livros que conhecem, planejou as obras que o fizeram imortal e afastou aquele fantasma de sua dupla vida. Mas a cobiça dos homens não quis lhe conceder uma oportunidade e a aquela que poderia ter sido uma vida feliz e próspera se precipitou de novo às trevas. Mas esta vez, para sempre.

A noite em que Lahawaj Chandra Chatterghee contemplou como sua esposa era assassinada ante seus próprios olhos, os anos de horror de sua infância voltaram atrás dele como cães rasteiros e o catapultaram de novo para seu próprio inferno. Tinha construído toda uma vida sobre aquele pedestal que via agora desmoronar-se. E enquanto as chamas o devoravam, morreu no convencimento de que o único culpado daquela tragédia era ele e que merecia ser castigado.

Por esse motivo, quando Hewelyn acendeu o Pássaro de Fogo e as chamas alagaram os túneis e a estação, uma sombra escura na alma de Chandra jurou voltar da morte. Voltar como um anjo de fogo. Um anjo destruidor e portador de vingança. Um anjo que encarnaria o reverso escuro de sua própria personalidade. Não lhes persegue um assassino. Nem um homem. É um espectro. Um espírito.

Ou, se o preferirem, um demônio.

Seu pai sempre foi amigo dos quebra-cabeças, até ao fim. Falaram-me de um desenho que seu amigo Michael fez de todos vós, o retrato que aparecem refletidos no lago. Ali a imagem de seus rostos sobre esta água invertida. Parece que a profecia guiou o lápis do Michael. Se escrevessem o nome que sua mãe lhe deu ao nascer, Lahawaj, sobre ele, o reflexo no lago lhes devolveria outra palavra: Jawahal.

O espírito atormentado do Jawahal vive desde aquele dia unido à máquina infernal que ele mesmo criou e que, na hora da morte, deu-lhe vida eterna como um espectro da escuridão. Ele e o Pássaro de Fogo são um só. Essa é sua maldição: uma união de espírito de raiva e máquina de destruição. Uma alma de fogo apanhada no interior das caldeiras desse trem em chamas. E agora essa alma procura um novo lar.

Por isso os procura, porque no momento em que alcançarem a idade adulta, o espírito do Jawahal necessita de um de seus filhos para seguir vivendo. Para habitar em seu corpo e estender assim seu poder até ao mundo dos vivos. Só um de vós pode sobreviver. O outro, aquele cuja alma não tenha capacidade para o espírito do Jawahal, deve morrer para que ele possa seguir vivendo. Faz dezesseis anos jurou que os buscaria e os faria dele. E ele sempre cumpriu suas promessas. Em vida e depois dela. Sede consciente de que, enquanto vocês conhecem estes fatos, Jawahal já escolheu um dos dois para que albergue sua alma maldita. Só ele sabe a quem.

A providência quis lhes conceder uma oportunidade quando fez dezesseis anos o tenente Peake se introduziu no labirinto de túneis do Jhecter's Gate e descobriu o corpo sem vida de Kylian suspenso no vazio sobre seu próprio sangue derramado. Seu pranto chegou a seus ouvidos e o tenente, tragando-se sua dor, procurou-os e os arrebatou das mãos do espírito de seu pai. Mas não pôde chegar muito longe. Seus passos o levaram até minha porta, onde os entregou e fugiu de novo.

Quando algum dia explicar esta historia a sua irmã Sheere, não esqueça nunca, jamais, que o espírito de vingança que voltou das chamas do Jheeter's Gate aquela noite e acabou com o tenente Peake quando tratava de salvar vocês dois não era seu pai. Seu pai morreu no incêndio, entre as almas inocentes dos meninos. Quem voltou

do inferno para destruir-se a si mesmo, ao fruto de seu matrimônio e sua obra não foi mais que um espectro. Um espírito consumido pelo diabo do rancor, do ódio e do horror que os homens semearam em seu coração. Essa é a verdade e nada nem ninguém poderá trocá-la.

Se existir um Deus, ou centenas deles, que me perdoem pelo dano que lhes pude infligir ao narrar os fatos tal e qual aconteceram... »

O que posso dizer? Que palavras poderia encontrar para expressar a tristeza que li aquele anoitecer de Maio nos olhos do Ben, meu melhor amigo?. A busca no passado nos tinha ensinado uma cruel lição e nos tinha revelado a vida como um livro no qual era preferível não voltar as páginas atrás; um caminho no qual não importava a direção que tomássemos, nunca poderíamos escolher nosso próprio destino. E desejei ter tomado já aquele navio que tinha que me levar para longe dali e que partiria no dia seguinte. A covardia se fundia em mim com a dor que sentia por meu amigo e com o amargo sabor da verdade.

Todos escutamos em silêncio o relato de Aryami E nenhum de nós ousou formular uma só pergunta, embora centenas delas bulissem em nossas mentes. Sabíamos que por fim todas as linhas de nosso destino confluíam em um lugar, uma entrevista que nos esperava inubitavelmente ao cair a noite nas trevas do Jheeter's Gate.

Quando saímos a céu aberto, as últimas luzes do dia se extinguíam em uma cinta escarlate estendida sobre o azul profundo das nuvens de Bengala. Uma tênue garoa impregnou nossos rostos enquanto enfiávamos por aquela via morta que partia do pátio traseiro da casa do Lahawaj Chandra Chatterghee para a grande estação no outro lado do rio Hooghly, atravessando o Oeste da cidade negra.

Lembrança que, pouco antes de cruzar a ponte de metal sobre o Hooghly, que conduziam diretamente à boca do Jheete'Rs Gate, Ben nos fez prometer com lágrimas nos olhos que nunca, sob nenhuma razão, revelaríamos o que tínhamos escutado aquela noite. Jurou que se ele tivesse notícia de que Sheere tinha chegado a averiguar a verdade sobre seu pai, sobre aquela miragem que tinha alimentado sua vida da infância, pela boca de um de nós, mataria-o com suas próprias mãos. Todos nos

comprometemos a guardar o segredo.

Só faltava uma peça para completar a nossa história: a guerra...

O Nome da Meia-Noite

Calcuta, 29 de maio de 1932.

A sombra do temporal precedeu a chegada da meia-noite e estendeu lentamente um extenso e plúmbeo manto sobre Calcuta que resplandecia como um sudário ensangüentado a cada estalo da fúria elétrica que albergava em seu seio. O fragor da tormenta que se avizinhava, desenhava no céu uma imensa aranha de luz que parecia tecer sua teia sobre a cidade. Enquanto, a força do vento do Norte varria a neblina sobre o rio Hooghly e despia de noite fechada o esqueleto devastado da ponte de metal.

A silhueta do Jheeter's Gate se ergueu entre a névoa fugaz. Um raio desceu do céu até a agulha da cúpula da abóbada central da estação e se acendeu em uma hera de luz azul que percorreu a retícula de arcos e vigas de aço até aos alicerces.

Os cinco jovens se detiveram frente à soleira da ponte; só Ben e Roshan adiantaram uns passos em direção à estação. Os dois trilhos desenhavam um caminho reto flanqueado por duas linhas prateadas que se afundavam diretamente na boca da estação. A Lua se ocultou atrás do manto de nuvens e a cidade pareceu ficar ao amparo da luz de uma longínqua vela azul.

Ben examinou com cautela o percurso da ponte em busca de fissuras ou gretas que pudessem enviá-los diretamente à corrente noturna do rio, mas apenas era possível vislumbrar nada mais que a guia resplandecente dos trilhos entre a mata e os escombros. O vento arrastava um rumor mascarado da outra borda do rio. Ben olhou para Roshan, que observava nervosamente as bocas escuras da estação. Este se aproximou até aos trilhos e se agachou junto a eles, sem afastar o olhar de Jheeter's Gate. O rapaz posou a palma da mão sobre a superfície de um dos trilhos e a retirou súbitamente, como se tivesse recebido uma descarga elétrica.

— Está vibrando. — disse Roshan, atemorizado — Como se se aproximasse um

trem.

Ben se aproximou e apalpou a larga estria de metal. Roshan olhou, ansioso.

— É a vibração do rio contra a ponte. — tranquilizou — Não há nenhum trem.

Seth e Michael se aproximaram deles enquanto Ian se ajoelhava para apertar os sapatos com um duplo nó, um ritual que reservava para as situações em que seus nervos se convertiam em cabos de aço.

Ian levantou a vista e sorriu timidamente, sem mostrar nem um ápice do temor que Ben sabia que gotejava, nos outros e nele mesmo.

— Eu esta noite faria um nó triplo. — brincou Seth.

Ben sorriu e os membros em ativo da Chowbar Society trocaram um olhar aberto e expectante. Um segundo depois, todos imitaram Ian e a reforçar os nós de seus sapatos, conjurando aquele talismã que tão bom resultado tinha dado em seu companheiro em outros lances.

Pouco depois formaram uma fila indiana, iniciada pelo Ben e fechada pelo Roshan na retaguarda, e entraram com precaução na ponte. Ben, aconselhado pelo Seth, pôs esmero ao pisar perto do trilho, onde a estrutura da ponte era mais sólida. Em pleno dia resultava simples contornar as madeiras quebrados e ver com antecipação as zonas que tinham cedido ao passar do tempo e pendiam como escorregas diretos ao centro do rio, mas a meia-noite e sob as nuvens do temporal que se aproximava, o traçado se transformava em um bosque infestado de armadilhas, que quase teriam que avançar passo a passo, apalpando o terreno.

Não tinham completado ainda uma cincuentena de metros, uma quarta parte do percurso, quando Ben se deteve e elevou a mão em sinal de alto. Seus companheiros olharam para a frente sem compreenderem. Por um instante permaneceram em silêncio, imóveis sobre as vigas que oscilavam gelatinosamente sob a contínua investida do rio que rugia a seus pés.

— O que aconteceu? — perguntou Roshan do final da formação— Por que nos

detemos?

Ben assinalou para Jheeter's Gate e todos puderam ver duas artérias de fogo que abriam caminho para eles sobre os trilhos a grande velocidade.

— Para um lado! — gritou Ben. Os cinco rapazes se lançaram ao chão e as duas paredes de fogo cortaram o ar junto a eles, com a raiva de duas armas de gás aceso. Seu passo produziu um intenso efeito de sucção, arrastou consigo partes do caminho e semeou um rastro de chamas sobre a ponte.

— Todo mundo está bem? — perguntou Ian, levantando-se e comprovando que parte de suas roupas fumegavam e desprendiam vapor.

Outros assentiram em silêncio.

— Aproveitemos para cruzar antes que se extingam as chamas. — sugeriu Ben.

— Ben, acredito que há alguma coisa debaixo da ponte. — apontou Michael.

Outros tragaram saliva. Um estranho som repicava sob a prancha de metal a seus pés. A visão de umas garras de aço arranhando a lâmina iluminou na mente do Ben.

— Pois não ficaremos aqui para comprovar. — replicou Ben — Rápido.

Os membros da Chowbar Society apressaram o passo e seguiram o Ben serpenteando pela ponte até seu extremo, sem deterem-se para olhar atrás. Ao pisar de novo terra firme a escassos metros da entrada para a estação, Ben se voltou e indicou a seus companheiros que se afastassem do vigamento metálico.

— O que era isso? — perguntou Ian em suas costas. Ben encolheu os ombros.

— Olhem! — exclamou Seth — No centro da ponte!

Os olhares de todos se concentraram naquele ponto. Os trilhos estavam adquirindo uma tonalidade avermelhada que irradiava em ambas as direções e desprendia um ligeiro halo fumegante. Em poucos segundos, ambos os trilhos

começaram a curvar-se sobre si mesmos. A estrutura inteira da ponte começou a gotejar grossas lágrimas de metal fundido que caíam sobre o Hooghly e produziam explosões violentas com o impacto na fria corrente.

Os cinco rapazes assistiram paralisados ao assustador espetáculo de uma estrutura de aço de mais de duzentos metros que se fundia ante seus olhos, como um bloco de manteiga em uma frigideira ardente. A luz âmbar do metal líquido se inundou no rio e desenhou uma densa pincelada sobre os rostos dos cinco amigos. Finalmente, o vermelho incandescente deu lugar a um tom metálico opaco, sem brilho, e os dois extremos se abateram sobre o rio como se dois salgueiros de aço tivessem ficado apanhados na contemplação de sua própria imagem.

O som furioso do aço faiscando na água se apaziguou lentamente. Então os cinco amigos puderam escutar em suas costas que a voz da antiga sereia da estação do Jheeter's Gate rasgava a noite de Calcuta pela primeira vez em dezesseis anos. Sem dizerem uma palavra, voltaram-se e cruzaram a fronteira que os separava do fantasmagórico cenário da partida que se dispunham a jogar.

Isobel abriu os olhos ante o alarido da sereia que percorreu os túneis imitando a advertência de um bombardeio. Seus pés e mãos estavam unidos firmemente a duas largas barras de metal ferrugentas. A única claridade que percebia se filtrava do ralo de um respiradouro situado sobre ela. O eco da sereia se perdeu lentamente...

De repente escutou que algo se arrastava para o orifício do alçapão. Olhou para as frestas de luz e observou que o retângulo de claridade obscurecia e o alçapão se abria. Fechou os olhos e conteve a respiração. O fechamento dos ganchos metálicos que a imobilizavam de pés e mãos saltou com um estalo e sentiu uma mão de compridos dedos a agarrava pela base do pescoço e a elevava em vertical através do alçapão. A moça não pôde evitar gritar de terror e seu seqüestrador a lançou contra a superfície do túnel como um peso morto.

Abriu os olhos e contemplou uma silhueta alta e negra, imóvel, frente a ela, uma figura sem rosto.

— Alguém veio por você. — murmurou a face invisível — Não os façamos esperar.

Imediatamente, duas pupilas ardentes se acenderam sobre aquele rosto, fósforos acesos na escuridão. A figura a agarrou pelo braço e a arrastou através do túnel. Depois do que lhe pareceram horas de agônica caminhada na escuridão, Isobel distinguiu a silhueta fantasmagórica de um trem detido nas sombras. Deixou-se arrastar até ao vagão de trás e não opôs resistência quando foi empurrada para o interior com força, onde ficou encerrada.

Isobel tinha caído de bruços sobre a superfície carbonizada do vagão e notou uma profunda pontada de dor no ventre. Um objeto lhe tinha aberto um corte de vários centímetros. Gemeu. O terror se apoderou dela totalmente ao perceber umas mãos que a aferravam e tratavam de lhe dar a volta. Gritou e enfrentou o rosto sujo e exausto do que parecia ser um rapaz ainda, mas assustado que ela.

— Sou eu, Isobel. — murmurou Siraj — Não tenha medo.

Pela primeira vez em sua vida, Isobel deixou que suas lágrimas fluíssem sem freio frente a Siraj e abraçou o corpo ossudo e fraco de seu amigo.

Ben e seus companheiros se detiveram ao pé do relógio, com suas agulhas caídas, que se elevava na plataforma principal do Jheeter's Gate. Ao seu redor se desdobrava um amplo e insondável cenário de sombras e luzes angulosas que entravam da clarabóia de aço e vidro, e que deixavam entrever os rastros do que algum dia tinha sido a mais suntuosa estação de trem jamais sonhada, uma catedral de ferro ereta ao deus da ferrovia.

Ao contemplá-la dali, os cinco rapazes puderam imaginar o semblante que

Jheeter's Gate teria, brilhante antes da tragédia. Uma majestosa abóbada luminosa estendida por arcos invisíveis que pareciam suspensos do céu e cobriam fileiras e fileiras de plataformas alinhadas em curva, em forma de ondas desenhadas por uma moeda em um lago. Grandes pôsteres que anunciavam as saídas e chegadas dos trens. Luxuosos quiosques de metal lavrado e relevo vitorianos. Escadarias palacianas que subiam por condutas de aço e vidro para os níveis superiores e criavam corredores suspensos no ar. As multidões perambulando por suas salas e abordando longos espressos que haveriam de levá-los a todos os pontos do país... De todo aquele esplendor apenas ficava nada mais que um escuro reflexo cilíndrico, convertido na ameaça de sala de espera ao inferno que seus túneis pareciam prometer.

Ian se fixou nas agulhas do relógio, deformadas pelas chamas, e tratou de imaginar a magnitude do incêndio. Seth se uniu a ele, ambos evitaram comentários.

— Deveríamos nos separar em grupos de dois para esta busca. O lugar é imenso. — Indicou Ben.

— Não acredito que seja uma boa ideia. — respondeu Seth, que não podia apagar de sua mente a imagem da ponte derrubando-se sobre as águas.

— E se fizéssemos assim, somente somos cinco. — indicou Ian. Quem iria sozinho?

— Eu — respondeu Ben. Os outros o observaram com uma mescla de alívio e preocupação.

— Continua sem me parecer uma boa ideia. — repetiu Seth.

— Ben tem razão. — apoiou Michael — Pelo que vimos até agora, pouco importa se formos cinco ou cinqüenta.

— Homem de poucas palavras, mas sempre cheias de ânimo. — comentou Roshan.

— Michael, — sugeriu Bem — você e Roshan podem revistar os níveis. Ian e Seth se ocuparão deste nível.

Ninguém parecia disposto a discutir a partilha dos destinos. Tão pouco apetecível parecia um como outro.

— E você, onde pensa procurar? — perguntou Ian, intuindo a resposta.

— Nos túneis.

— Com uma condição. — indicou Seth, tratando de impor o sentido comum.

Ben assentiu.

— Sem heroísmos nem estupidezas. — explicou Seth — O primeiro que veja um indício de algo acontecendo, marca o lugar e volta para procurar o resto.

— Soa razoável. — conveio Ian.

Michael e Roshan assentiram de bom grau.

— Ben? — solicitou Ian.

— De acordo. — murmurou Ben.

— Não o ouvimos. — insistiu Seth.

— Prometido. — disse Ben — Nos encontraremos aqui em meia hora.

— O céu o ouça. — disse Seth.

Na memória de Sheere as últimas horas se transformaram em apenas uns segundos, durante os quais sua mente parecia ter sucumbido aos efeitos de uma poderosa droga que tinha nublado seus sentidos e a tinha precipitado para um abismo sem fundo. Recordava vagamente seus esforços vãos por escapar da pressão implacável daquela silhueta ígnea que a tinha tornado miserável através de uma interminável retícula de condutas, mais escuras que a noite fechada. Recordava

também, uma cena extraída de um episódio longínquo e confuso, o rosto do Ben debatendo-se no chão de uma casa cujos contornos lhe resultavam familiares, embora ignorasse quanto tempo tinha transcorrido desde então. Talvez uma hora, uma semana ou um mês.

Quando recuperou a consciencia de seu próprio corpo e dos machucados que a luta tinha deixado nele, Sheere compreendeu que estava já acordada há uns segundos e que o cenário que a rodeava não formava parte de seu pesadelo. Encontrava-se no interior de uma estadia larga e profunda, flanqueada por duas fileiras de janelas através das quais se aventurava uma certa claridade longínqua que permitia adivinhar os restos do que parecia ser um estreito salão. Os esqueletos destroçados de três pequenos abajures de vidro pendiam do teto igual a arbustos secos. Os restos de um espelho estilhaçado brilhavam na penumbra atrás de um mostrador que sugeria o aspecto de um bar de luxo. Um bar de luxo, entretanto, devorado por uma fúria incendiária sem misericórdia.

Tratou de levantar-se e, ao tempo que comprovava que a corrente que lhe pendia as mãos às costas estava travada em um estreito tubo, compreendeu instintivamente onde se achava: no interior de um trem que tinha estado parado nas galerias subterrâneas do Jheeter's Gate. A sombria certeza de seu paradeiro deixou cair sobre ela uma chuva de água gelada que a despertou do torpor e o atordoamento que pesavam sobre sua mente.

Forçou a vista e tratou de encontrar, entre a massa escura de mesas caídas e restos do incêndio, alguma ferramenta que pudesse lhe servir para liberar-se de suas ataduras. O interior do vagão devastado não parecia conter mais que vestígios carbonizados e imprestáveis que tinham sobrevivido milagrosamente. Lutou exasperada sem obter mais resultado que um endurecimento nas ataduras que a retinham.

Dois metros em frente a ela, uma massa negra, que tinha tomado desde o começo por uma pilha de escombros, se voltou repentinamente, com a celeridade de um grande felino que tinha permanecido imóvel. Um sorriso luminoso se acendeu sobre um rosto invisível na sombra. Seu coração deu um tombo e a figura se aproximou até

um palmo escasso de seu rosto. Os olhos do Jawahal resplandeceram como brasas ao vento e Sheere percebeu o fedor ácido e penetrante da gasolina queimada.

— Bem-vinda ao que resta de meu lar, Sheere — murmurou Jawahal friamente — É assim como você se chama, não?

Sheere assentiu, paralisada pelo terror que lhe inspirava aquela presença.

— Não deve temer nada de mim. — disse Jawahal. Sheere reprimiu as lágrimas que tentavam escapar a seu controle; não pensava render-se tão cedo. Fechou os olhos com força e respirou entrecortadamente.

— Me olhe quando falo com você. — disse Jawahal em um tom que lhe gelou o sangue.

Sheere abriu os olhos lentamente e comprovou com horror que a mão do Jawahal se aproximava de seu rosto. Seus longos dedos, protegidos por uma luva negra, acariciaram sua face e lhe afastaram as mechas de cabelo que caíam sobre seu rosto com terna delicadeza. Os olhos de seu seqüestrador pareceram empalidecer por um segundo.

— Parece-se tanto com ela... — sussurrou Jawahal. Repentinamente, a mão se retirou igual a um animal assustado, e Jawahal se levantou. Sheere notou que as ligaduras atrás de suas costas cediam e suas mãos ficavam livres.

— Se levante e me siga. — ordenou.

Sheere obedeceu docilmente e deixou que Jawahal desse o primeiro passo. Assim que a escura silhueta se adiantou um par de metros entre os escombros do vagão, pôs-se a correr em direção oposta tão rapidamente como seus músculos intumescidos o permitiram. A moça atravessou o vagão atropeladamente e se lançou contra a porta que separava os carros do comboio e os conectava através de uma pequena plataforma ao ar livre. Pousou sua mão sobre o bracelete de aço enegrecido e pressionou com força. O metal cedeu como argila de moldar e Sheere contemplou atônita como se convertia em cinco afiados dedos que a agarraram pelo pulso. Lentamente, a lâmina da porta se dobrou sobre si mesma e adquiriu a forma de uma

estátua brilhante em cujo rosto liso emergiram os traços do Jawahal. Seus joelhos fraquejaram e caiu prostrada frente a ele. Jawahal a elevou no ar e a moça leu a ira contida em seus olhos.

— Não tente de fugir de mim, Sheere. Muito em breve, você e eu seremos um só ser. Eu não sou seu inimigo. Sou seu futuro. Cruze a meu lado ou, caso contrário, isto é o que acontecerá com você.

Jawahal tirou do chão os restos de uma xícara de vidro quebrada, rodeou-a com seus dedos e pressionou com força. O vidro se fundiu sob seu punho e derramou entre os dedos grossas gotas de vidro líquido que caíram sobre a superfície do vagão formando um espelho de chamas entre os escombros. Jawahal soltou a Sheere e a deixou cair a escassos centímetros do vidro fumegante.

— Agora, faça o que lhe disse.

Seth se ajoelhou frente ao que parecia uma lâmina brilhante sobre o chão na seção central da estação e a apalpou com a ponta dos dedos. O líquido estava morno, era espesso e tinha a textura do azeite derramado.

— Ian, venha ver isto. — chamou Seth. O jovem se aproximou e se ajoelhou junto a ele. Seth lhe mostrou seus dedos impregnados naquela substância viscosa. Ian umedeceu a ponta de seu dedo indicador e, depois de comprovar a consistência esfregando-a com o polegar, farejou a substância.

— É sangue — opinou o aspirante a médico.

Seth empalideceu súbitamente e limpou os dedos na perna da calça da calça com impaciência.

— Isobel? — perguntou Seth se afastando da poça e reprimindo as náuseas que subiam da boca de seu estômago.

— Não sei. — respondeu Ian desconcertado — É recente ou assim parece.

Ian se levantou e olhou ao redor da ampla mancha escura.

— Não há marcas ao redor. Nem rastros. — murmurou.

Seth olhou para ele, sem compreender o alcance daquela apreciação.

— Quem quer que tenha perdido todo esse sangue não poderia ir muito longe sem deixar um rastro, — explicou Ian — mesmo se o tivessem arrastado. Não tem sentido.

Seth sopesou a teoria de seu amigo e rodeou os restos de sangue, corroborando a observação de que não havia marcas ou sinais que partissem dele em vários metros à sua volta. Ambos os amigos se reuniram de novo e trocaram um olhar de estranheza. Repentinamente, uma sombra de incerteza apareceu nos olhos do Ian e Seth caçou em vôo a idéia que acabava de cruzar a mente de seu amigo. Devagar, ambos elevaram a cabeça e olharam em direção à abóbada que se elevava na escuridão.

Ian e Seth escrutinaram as sombras superiores da grande sala e seu olhar se deteve sobre a estrutura de uma grande aranha de vidro que pendia de seu centro. Desde um dos extremos, uma soga branca sujeitava um corpo envolto em um manto brilhante que se balançava lentamente no vazio. Ambos tragaram saliva.

— Está morto? — perguntou timidamente Seth.

Ian manteve o olhar fixo no macabro achado e encolheu os ombros.

— Não deveríamos avisar os outros? — indicou Seth nervosamente.

— Logo que averigüemos quem é. — replicou Ian — Se o sangue for dela, e tudo parece indicar que assim é, pode ser que ainda viva. Vamos desprender-lo.

Seth entreabriu os olhos. Tinha esperado que algo semelhante acontecesse assim que tinham cruzado a ponte, mas constatar que sua previsão era certa reforçou a náusea que lhe dançava na garganta. O rapaz respirou profundamente e optou por

não pensar mais a respeito.

— De acordo. — conveio Seth, resignado — Como?

Ian examinou a parte superior da sala e percebeu que existia uma plataforma metálica que rodeava seu perímetro a uns quinze metros de altura. De ali partia um estreita conduta até a aranha de vidro, apenas uma passarela, provavelmente destinada à manutenção e limpeza da estrutura.

— Subiremos até esse corredor e o desprenderemos. — assinalou Ian.

— Um de nós teria que ficar aqui para atendê-lo, — precisou Seth — e acredito que teria que ser você.

Ian observou atentamente seu companheiro. — Está certo de que quer subir sozinho?

— Morro de vontade... — replicou Seth — Espere aqui. E não se mova.

Ian assentiu e viu Seth partir em direção às escadas que subiam ao nível superior do Jheeter's Gate. Logo que as sombras engoliram seu companheiro e o som de seus passos se afastou escada acima, examinou a escuridão ao seu redor.

As brisas que escapavam dos túneis uivavam em seus ouvidos e arrastavam pequenos fragmentos de escombros sobre o chão. Ian elevou de novo a vista e tratou de reconhecer aquela figura que girava suspensa sem consegui-lo. A só a idéia de que pudesse tratar-se de Isobel, Siraj ou Sheere não ousava insinuar-se em sua mente. De súbito, um reflexo fugaz pareceu iluminar a superfície do atoleiro a seus pés, mas quando Ian baixou o olhar, já não havia nada.

Jawahal arrastou Sheere através do passadiço fantasmagórico que formava aquele trem detido no túnel até à cabeça do vagão, que precedia à locomotiva. Uma intensa luz alaranjada aparecia sob as comportas do vagão e o rumor furioso de uma

caldeira rugia em seu interior. Sheere sentiu que a temperatura crescia vertiginosamente a seu redor e que todos os poros de sua pele se abriam ao contato do ar ardente e abrasador que exalava daquele lugar.

— O que há aí dentro? — perguntou Sheere, alarmada.

Jawahal fechou seus dedos sobre o braço dela como um grilhão e atirou-a com força.

— A máquina do fogo — respondeu Jawahal abrindo a porta e empurrando à moça o interior — Esta é minha casa e meu cárcere. Mas muito em breve tudo isso mudará graças a você, Sheere. Depois de todos estes anos, reunimo-nos de novo. Não é isso o que você sempre desejou?

Sheere protegeu o rosto da baforada de calor ardente que lhe assaltou súbitamente e observou entre seus dedos o interior daquele vagão. Uma gigantesca maquinaria formada por grandes caldeiras metálicas unidas a um interminável alambique de tubagens e válvulas rugia frente a ela ameaçando estalar pelos ares. De entre as juntas daquele monstruoso engenho exalavam e escapavam furiosos vapores e gases, que adquiriam uma intensa cor acobreado que revestia as paredes do vagão. Sobre uma prancha de metal que sustentava todo um jogo de chaves de pressão e manômetros, Sheere reconheceu uma figura lavrada no ferro que representava uma águia elevando-se majestosamente de entre as chamas. Sob a efígie da ave Sheere advertiu umas palavras gravadas em um alfabeto que desconhecia.

— O Pássaro de Fogo. — disse Jawahal junto a ela — “o altar do meu ego”.

— Meu pai construiu esta máquina... — murmurou Sheere — Você não tem nenhum direito a utilizá-la. Não é mais que um ladrão e um assassino.

Jawahal a observou pensativo e lambeu os lábios.

— Que mundo construímos onde nem os ignorantes podem ser felizes? — perguntou Jawahal — Acordada, Sheere.

Sheere se voltou para contemplar com desprezo Jawahal.

— Você o matou... disse lhe dirigindo um intenso olhar de ódio.

Os lábios de Jawahal se encolheram em uma careta silenciosa e grotesca. Segundos mais tarde, Sheere compreendeu que se estava rindo. Enquanto o fazia, Jawahal a empurrou brandamente contra a parede ardente do vagão e assinalou para ela com um dedo acusador.

— Fique aí e não se mova. — ordenou.

Sheere observou Jawahal aproximar-se da palpitante maquinaria do Pássaro de Fogo e viu que pousava as palmas das mãos sobre o metal ardente das caldeiras. Suas mãos aderiram à prancha e Sheere pôde cheirar o fedor da pele chamuscada entre o horripilante som que produzia a carne ao queimar-se. Jawahal entreabriu lentamente os lábios e as nuvens de vapor que flutuavam no vagão pareceram entrar em suas vísceras. Logo se voltou e sorriu ante o rosto horrorizado da jovem.

— Assusta você brincar com fogo? Então brincaremos de outra coisa. Não podemos decepcionar seus amigos.

Sem esperar réplica, Jawahal se separou das caldeiras e se dirigiu até ao extremo do vagão, onde agarrou um grande cesto de vime com o qual se aproximou da Sheere sustentando um inquietante sorriso nos lábios.

— Sabe qual é o animal que mais se parece com o homem? — perguntou amavelmente Jawahal.

Sheere negou.

— Vejo que a educação que lhe proporcionou sua avó é mais pobre do que caberia supor. A ausência de um pai é irreparável...

Abriu o cesto e introduziu o punho no interior. Seus olhos desprederam um brilho malicioso. Quando o extraiu, sustentava em suas mãos o corpo sinuoso e brilhante de uma serpente. Uma áspide.

— Este é o animal mais parecido com o homem. Arrasta-se e troca de pele a

conveniência. Rouba e come as crias de outras espécies em seus próprios ninhos, mas é incapaz de enfrentar-se a eles em uma luta limpa. Sua especialidade, contudo, é aproveitar a menor oportunidade para aplicar sua picada letal. Só tem veneno para uma mordida e necessita horas para refazer-se, mas aquele que leva sua marca está condenado a uma morte lenta e segura. Enquanto o veneno penetra pelas veias, o coração da vítima pulsa cada vez mais devagar, até deter-se. Inclusive esta pequena besta, em sua mesquinharia, dispõe de um certo gosto pela poesia. Como o homem. Embora ela, em diferença deste, nunca morderia seus semelhantes. Uma falha. Não acha? Talvez por isso tenham acabado servindo de divertimento como guia de ruas de faquires e curiosos.

Ainda não está à altura do rei da criação.

Jawahal aproximou o réptil de Sheere e a moça se apertou contra a parede. Jawahal sorriu agradado ante o olhar de terror que percebeu em seus olhos.

— Sempre tememos mais o que nos parece. Mas não se preocupe, — a tranqüilizou Jawahal — não é para você.

Jawahal pegou numa pequena caixa de madeira vermelha e introduziu a serpente em seu interior. Sheere respirou com mais calma uma vez que o réptil estava fora de seu campo de visão.

— O que pensa fazer com ela?

— Como lhe disse, é para levar a cabo um pequeno jogo. — explicou Jawahal — Esta noite temos convidados e devemos lhes proporcionar toda sorte de entretenimentos.

— Que convidados? — perguntou Sheere, rogando que Jawahal não confirmasse seus piores temores.

— Uma questão supérflua, querida Sheere. Reserve suas perguntas para as verdadeiras questões, como por exemplo, verão nossos amigos a luz do dia?, ou, quanto demora o beijo de nossa pequena amiga para amornar um coração são e jovem, transbordante da saúde dos dezesseis anos? A retórica nos ensina que isso

são perguntas com sentido e estrutura. Se não sabe se expressar, Sheere, não sabe pensar. E se não sabe pensar, está perdida.

— Essas palavras pertencem a meu pai. — acusou Sheere — Ele as escreveu.

— Então vejo que ambos lemos os mesmos livros. — replicou Jawahal — Que melhor princípio para uma amizade eterna, querida Sheere?

Sheere assistiu em silêncio ao pequeno discurso de Jawahal sem afastar a vista da caixa de madeira vermelha que cobria a áspide, imaginando seu corpo escamoso retorcendo-se no interior. Jawahal elevou as sobrancelhas.

— Bem, — concluiu — agora deverá me desculpar se me ausentar uns momentos para ultimar o recebimento de nossos hóspedes. Tenha paciência e me espere. Valerá a pena.

De seguida, Jawahal agarrou de novo Sheere e a conduziu até um minúsculo cubículo que se acessava por uma estreita porta posicionada num dos muros do túnel e que noutro momento tinha feito as vezes de quarto para cobrir as cavilhas de segurança das mudanças de vias. Empurrou à moça ao interior e depositou a caixa vermelha a seus pés. Sheere o olhou suplicante, mas Jawahal fechou a porta frente a ela e a deixou na mais absoluta escuridão.

— Me tire daqui, por favor. — suplicou Sheere.

— Tirarei muito em breve, Sheere. — sussurrou a voz do Jawahal no outro lado da porta — E então ninguém nos separará.

— O que quer fazer comigo?

— Vou viver dentro de ti, Sheere. Em sua mente, em sua alma e em seu corpo. — respondeu Jawahal — Antes que amanheça, seus lábios serão os meus e seus olhos verão o que eu ver. Amanhã será imortal, Sheere. Que poderia pedir mais?

Sheere gemeu na escuridão.

— Por que faz você tudo isto? — suplicou a moça.

Jawahal guardou silêncio uns instantes.

— Porque quero você, Sheere... — respondeu — E já conhece o ditado: sempre matamos aquilo que mais amamos.

Depois de uma interminável espera, Seth apareceu finalmente ao pé da plataforma que rodeava a parte superior da sala. Ian suspirou aliviado.

— Onde você se tinha metido? — exigiu Ian. Sua voz ricocheteou na sala, formando um estranho diálogo com seu próprio eco. Suas escassas esperanças de passar despercebidos durante o registro se estavam esfumando a toda pressa.

— Não é fácil chegar até aqui — vozeou Seth — Este lugar é o pior ninho de corredores e corredores escuros, tirando as pirâmides do Egito. Agradeça por que não me tenha perdido.

Ian assentiu e indicou a Seth que se dirigisse a conduta no interior do coração da aranha de vidro. Seth percorreu a plataforma e se deteve no seu início.

— Algo está mal? — perguntou Ian observando seu comanheiro situado a uns dez metros sobre ele.

Seth negou em silêncio e seguiu caminhando sobre a estreita passagem até deter-se de novo a dois metros do corpo que pendia da soga. Aproximou-se lentamente até à borda e se inclinou para examinar o corpo. Ian observou que o rosto de seu companheiro se decompunha.

— Seth? O que aconteceu, Seth? Os cinco segundos seguintes decorreram a velocidade vertiginosa e Ian não pôde fazer mais do que assistir ao terrível espetáculo que se desdobrava ante seus olhos e registrar cada um de seus detalhes sem dispor de tempo para reagir. Seth se ajoelhou para desatar a soga que sujeitava o corpo, mas, ao agarrá-la, a corda se enroscou entre suas pernas como uma serpente e o

corpo inerte se precipitou no vazio. Ian contemplou que a corda que havia suspenso o corpo atirou-se para seu amigo com uma violenta sacudida e o arrastava para as trevas da abóbada, como um boneco indefeso. Seth, preso pela perna, lutava inutilmente e gritava pedindo ajuda enquanto seu corpo se elevava em vertical numa arrepiante velocidade e desaparecia da vista.

Enquanto isso acontecia, o corpo que tinha caído no vazio se precipitou sobre o atoleiro de sangue. Ian observou que, sob o manto brilhante que o envolvia, apenas ficavam os restos de um esqueleto cujos ossos estalaram ao impacto com o contacto do chão e se dissolveram em pó; o manto cobriu a mancha escura e a absorveu. Ian reagiu e se aproximou dele. Ao examiná-lo, reconheceu aquele manto que tinha acreditado ver tantas ocasiões no St. Patricks durante suas noites de insônia, vestindo aquela dama de luz que visitava seu amigo Ben em sonhos.

Elevou de novo o olhar em busca de algum rastro de seu amigo Seth, mas a escuridão impenetrável o tinha devorado e não ficava mais vestígio de sua presença que o eco moribundo de seus gritos percorrendo as curvas da abóbada catedralica.

— Ouviste isso? — perguntou Roshan detendo-se escutar os gritos que pareciam provir das vísceras da gigantesca estrutura.

Michael assentiu. O eco dos gritos se desvaneceu e logo ambos ficaram de novo envoltos no intermitente tilar que produziam as gotas da garoa ao impactar contra a parte superior da abóbada sob a que se encontravam. Tinham subido até o último nível do Jheeter's Gate e uma vez ali tinham descoberto o insólito espetáculo da grande estação das alturas. As plataformas e as vias apareciam longínquos e o preciosista vigamento de arcos e níveis sobrepostos se apreciava com muita maior clareza desde aquele ponto.

Michael se deteve na beira de uma balaustrada metálica que entrava no vazio sobre a vertical do grande relógio sob o qual tinham cruzado ao penetrar na estação.

Sua percepção pictórica lhe permitiu apreciar o hipnótico efeito óptico que insinuava a fuga de centenas de vigas curvadas do centro geométrico da cúpula e que pareciam perder-se em uma curva infinita que jamais chegava ao chão. Desde aquela atalaia privilegiada, o espectador experimentava a sensação de que a estação subia para o céu, traçando uma insondável torre de Babel que entrava nas nuvens e se retorcia entre elas como uma coluna bizantina. Roshan se uniu a ele e jogou uma breve olhada à vertiginosa visão que parecia enfeitiçar seu amigo.

— Você vai enjoar. Venha, sigamos. — Michael elevou a mão em sinal de protesto.

— Não, espera. Venha aqui. — Roshan apareceu fugazmente a beira da balaustrada.

— Se olho outra vez, cairei. — Um enigmático sorriso aflorou nos lábios do Michael. Roshan observou seu companheiro, se perguntando o que seus olhos teriam descoberto.

— Não se dá conta, Roshan? — perguntou Michael.

Seu amigo negou. — Explique-me isso

— Esta estrutura. — indicou Michael — Se observar a fuga desde esse ponto da cúpula, dar-se-à conta.

Roshan tratou de seguir as indicações do Michael, mas o objeto de suas observações nem sequer lhe insinuava.

— O que está tentando me dizer, Michael?

— É muito singelo. Esta estação, toda a estrutura do Jheeter's Gate, não é mais que uma imensa esfera da qual só vemos a parte que emerge da superfície. A torre do relógio está situada diretamente na vertical do centro da cúpula, como um assento do raio.

Roshan absorveu as palavras do Michael com parcimônia.

— Bem. É uma condenada bola. — admitiu — E o que mais?

— Sabe a dificuldade técnica que implica construir uma estrutura como esta? — perguntou Michael.

Seu companheiro negou de novo.

— Deduzo que é considerável. — aduziu Roshan.

— Radical. — sentenciou Michael, desempoeirando o adjetivo que reservava ao cúmulo dos superlativos — Por que motivo alguém desenharia uma estrutura como esta?

— Não estou muito seguro de querer saber a resposta. — replicou Roshan — Baixemos ao nível inferior. Aqui não há nada.

Michael assentiu, ausente, e seguiu Roshan em direção às escadas.

O subnível inferior que se estendia sob a plataforma de observação da cúpula apenas media metro e meio de elevação e estava virtualmente alagado pelas águas filtradas das chuvas que tinham começado a cair sobre Calcuta desde inícios de maio. A superfície do chão, quase sob um palmo de água estagnada e poluída que emitia um vapor fétido e nauseabundo, estava coberta por uma massa de lama e escombros, decompostos pela ação das filtrações durante mais de uma década. Michael e Roshan, agachados para poderem introduzir-se no estreito subnível, avançavam dificilmente entre o lodo que os cobria até ao tornozelo.

— Este lugar é pior que as catacumbas — comentou Roshan — Por que demônios este piso é tão condenadamente baixo? Faz séculos que as pessoas não medem metro e meio.

— Provavelmente esta era uma zona restringida — respondeu Michael—. Possivelmente albergue parte do sistema de pesos que compensam a abóbada. Procure não tropeçar. Caso contrário vem tudo abaixo.

— Isso é uma brincadeira?

— Sim — repôs suncintamente Michael.

— É a terceira piada que ouço você contar em seis anos — comentou Roshan — E é a pior.

Michael não se incomodou em responder e seguiu avançando lentamente através daquele paradoxal pântano elevado nas alturas. O fedor das águas poluídas começava a martelar-lhe o cérebro e começou a contemplar a possibilidade de sugerir que dessem a volta de novo e descessem para outro nível, visto que duvidava que nada nem ninguém se ocultasse naquele lodaçal inexpugnável.

— Michael? — perguntou a voz do Roshan, perdida uns metros mais atrás.

O jovem se voltou e advertiu a silhueta do Roshan encurvada junto a um lance oblíquo de uma grande viga metálica.

— Michael — disse Roshan em tom desconcertado, pode ser que esta viga se esteja movendo ou é minha ilusão?

Michael supôs que seu amigo também tinha inalado aqueles vapores putrefatos muito tempo e se dispôs a abandonar definitivamente o subnível quando escutou um forte estrondo no outro extremo do piso. Ambos se voltaram em uníssono e cravaram os olhos um no outro. O som estalou de novo, desta vez com movimento, e os dois rapazes observaram que algo avançava para eles a grande velocidade, submerso na lama e levantando à sua passagem uma esteira de desperdícios e água suja que se estrelavam contra o teto baixo. Os dois jovens, sem esperar um segundo, lançaram-se a toda pressa para a porta de saída, avançando tão rapidamente como podiam fazê-lo, agachados e caminhando sobre uma capa de barro e água de trinta centímetros.

Antes que pudessem afastar-se mais de uns poucos metros dali, o objeto submerso os ultrapassou a toda velocidade, descreveu uma curva fechada a seu redor e enfiou de novo em linha reta na direção deles. Roshan e Michael se separaram e cada um correu em direções opostas, tratando de distrair a atenção do que quer que fosse que lhes estava dando caça implacavelmente. A criatura oculta sob o lodo se dividiu em duas metades e cada uma delas se lançou em uma vertiginosa perseguição

atrás dos rapazs.

Michael, ofegante e perdendo o fôlego, voltou-se meio segundo para comprovar se ainda o seguiam e seus pés impactaram com um degrau submerso no barro. Seu corpo caiu sobre a superfície lamacenta e as águas fétidas o engoliram. Quando emergiu e abriu os olhos doridos pela ardência, uma coluna de lodo se elevava lentamente frente a ele, semelhante a uma figura de chocolate quente vertida de uma jarra invisível. Michael se arrastou entre o barro e suas mãos escorregaram de novo, o deixando estendido sobre o lodo.

A figura de barro desdobrou dois longos braços, de cujos extremos brotaram dedos longos e curvados com grandes anzóis de metal. Michael assistiu apavorado à formação daquela sinistra figura e contemplou que do tronco se elevava uma cabeça, em cujo rosto se desenharam umas grandes faces sulcadas de presas longas e afiadas como facas de caça. A figura se solidificou imediatamente e a argila seca desprende uma cortina de bafo. Michael se levantou e escutou que a estrutura de lodo rangia, enquanto centenas de gretas se estendiam sobre ela. As fissuras do rosto se expandiram lentamente e os olhos de fogo do Jawahal se acenderam sobre ele. A argila seca desabou em um mosaico de infinitas peças. Jawahal agarrou Michael pela garganta e aproximou o rapaz de seu rosto.

— É você o desenhista? — perguntou Jawahal elevando Michael no ar.

Ele assentiu.

— Bem — disse Jawahal. — Tem sorte, filho. Hoje verá coisas que manterão seu lápis ocupado durante o resto de sua vida. Caso, claro, viva para as desenhar.

Roshan correu para a porta de saída sentindo a chicotada da adrenalina por suas veias como um fio de gasolina acesa. Quando apenas o separavam dois metros da via de escapamento, saltou e caiu de bruços sobre a superfície livre de barro da galeria de distribuição. Ao levantar-se, seu primeiro impulso foi seguir correndo até que seu coração se desfizesse em manteiga. O instinto adquirido em seus anos anteriores a ingressar no St. Patricks como guia trombadinha de ruas na selva de Calcuta não se extinguiu.

Entretanto, algo o deteve. Tinha perdido o rastro do Michael quando ambos se separaram no interior do subnível e agora nem sequer escutava os gritos de seu amigo correndo desesperadamente por sua vida. Roshan ignorou as advertências que proferia seu senso comum e se aproximou de novo até a entrada do subnível. Não havia sinal do Michael nem da criatura que os tinha açoitado. Roshan sentiu um algo parecido ao impacto de um punho de aço no estômago ao compreender que seu perseguidor tinha ido atrás do Michael e que, graças a isso, ele estava agora são e salvo. Voltou ao interior e tentou encontrar de novo seu amigo.

— Michael! — gritou com força. Suas palavras se perderam sem resposta. Roshan suspirou abatido enquanto se perguntava qual seria seu seguinte passo: ir procurar os outros e abandonar Michael naquele lugar ou entrar e procurar por ele. Nenhuma das alternativas parecia oferecer grandes reflexos de êxito, mas alguém tinha decidido já por ele. Dois longos braços de lodo emergiram da porta ao mesmo nível chão, dois projéteis dirigidos a seus pés. As garras se fecharam sobre seus tornozelos. Roshan tentou liberar-se da presa, mas os dois braços seguraram ele com força, o derrubando e o arrastando de novo para o interior do subnível como um menino faria com um brinquedo quebrado.

Dos cinco rapazs que tinham prometido reunir-se sob o relógio em meia hora, o único a ir à entrevista foi Ian. Nunca a estação lhe tinha parecido tão deserta como naquele momento. A angústia que lhe produzia a incerteza do destino de Seth e de seus amigos o asfixiava sem remédio. Isolado naquele lugar fantasmagórico não era difícil imaginar que ele era o único que ainda não tinha caído nas garras de seu sinistro anfitrião.

Ian escrutinou nervosamente a estação desolada em todas direções, perguntando-se o que deveria fazer: esperar ali imóvel ou ir em busca de ajuda em metade da noite. A garoa que se filtrava começava a formar pequenas goteiras que caíam de alturas insondáveis. Ian teve que fazer uma chamada à serenidade para se separar de sua mente a idéia de que aquelas gotas que se estrelavam sobre os trilhos

não eram senão o sangue de seu amigo Seth, balançando-se na escuridão.

Por enésima vez, elevou a vista para a abóbada com a vã esperança de adivinhar algum indício do paradeiro do Seth. As agulhas do relógio mostravam seu sorriso flácido e as gotas da chuva deslizavam lentamente sobre a esfera formando canais brilhantes entre as cifras em relevo. Ian suspirou. Seus nervos começavam a trai-lo e pensou que, se não obtivesse um sinal imediato da presença de seus amigos, entrava ele mesmo na rede subterrânea atrás dos passos do Ben. Não achava uma idéia particularmente inteligente, mas o baralho de alternativas estava mais desprovida agora do que nunca. Foi então quando escutou o estalo de algo aproximando-se da boca de um dos túneis e respirou aliviado, ao comprovar que não estava sozinho.

Aproximou-se do extremo da plataforma e observou a forma incerta que aflorava sob o dintel do túnel. Uma incômoda comichão lhe percorreu a nuca. Uma vagoneta se aproximava lentamente, impulsionada pela inércia. Sobre ela se distinguia uma cadeira e nela, imóvel, uma silhueta com a cabeça oculta em um capuz negro. Ian tragou saliva. A vagoneta desfilou lentamente frente a ele até deter-se completamente. Permaneceu parado no solo contemplando a figura paralisada e se surpreendeu dando voz trememente à suspeita que albergava em seu coração.

— Seth? — gemeu. A figura sobre a cadeira não moveu um músculo.

Ian se aproximou até o extremo da vagoneta e saltou para o interior. Não havia sinal de movimento algum em seu ocupante. Percorreu com lentidão agônica a distância que o separava dele até deter-se uns centímetros da cadeira.

— Seth? — murmurou de novo.

Um estranho som emergiu sob o capuz, similar a um chiar de dentes. Ian sentiu que o estômago se encolhia até ao tamanho de uma bola de críquete. O som amortecido se repetiu de novo. Agarrou o capuz entre suas mãos e contou mentalmente até três. Fechou os olhos e arrancou o capuz.

Quando os abriu de novo, um rosto sorridente e ridículo o observava com um olhar exagerado. O capuz lhe caiu das mãos. Era um boneco de rosto branco como a

porcelana e dois grandes rombos negros pintados sobre os olhos cujo vértice inferior descia pelas bochechas em uma lágrima de alcatrão.

O boneco chiou os dentes mecanicamente. Ian examinou a grotesca figura daquele arlequim de feira ambulante e tentou pensar o que se ocultava atrás daquela excêntrica manobra. Com cautela, alongou sua mão até ao rosto da figura e tratou de examiná-la em busca do mecanismo que parecia sustentar seu movimento.

Com celeridade felina, o braço direito do autômato caiu sobre o seu e, antes que pudesse reagir, IAN comprovou que sua mão esquerda estava presa na argola de umas algemas. A outra argola rodeava o braço do boneco. Ian puxou com força, mas o boneco estava agarrado a vagoneta e se limitou a chiar seus dentes de novo. Lutou desesperadamente e, quando compreendeu que não se livraria daquela atadura por si só, a vagoneta já tinha começado a mover-se; esta vez, entretanto, de volta à escura boca do túnel.

Ben se deteve em uma intercessão entre dois túneis e por um segundo estimou a possibilidade de que talvez tivesse cruzado duas vezes pelo mesmo sítio. Desde que entrou nos túneis do Jheeter's Gate, aquela estava começando a resultar numa sensação recorrente e intranquilizadora. Extraiu um dos fósforos que economizava com critério espartano e o acendeu arranhando brandamente a parede com a ponta. A débil penumbra a seu redor se tingiu com a cálida claridade da luz. Ben examinou a união do túnel sulcado pelos trilhos e o amplo respiradouro que o atravessava perpendicularmente.

Uma baforada de ar poeirento apagou a chama do fósforo e Ben retornou aquele mundo de penumbras no qual, por muito que caminhasse em uma ou outra direção, nunca parecia chegar a parte alguma. Começava a suspeitar que talvez se extrviasse e que, se persistisse em entrar mais naquele complexo mundo subterrâneo, podia chegar a demorar horas, ou dias, para sair. O sentido comum o aconselhava com prudência a refazer seus passos e voltar em direção à seção

principal da estação. Por mais que tentasse visualizar mentalmente o labirinto de túneis e o arrevesado sistema de ventilação e intercomunicação entre as galerias adjacentes, não conseguia evitar a absurda suspeita de que aquele lugar se movia em seu redor; ensanchar na escuridão novos caminhos só o conduziram ao ponto de partida.

Resolvido a não deixar-se aturdir pela confusa rede de galerias, deu a volta e apertou o passo, perguntando-se se já teria completado o prazo de tempo que tinham acertado para reunir-se de novo sob o relógio da estação. Enquanto perambulava pelas intermináveis condutas do Jheeter's Gate, imaginou que talvez existisse uma estranha lei física que demonstrava que, na ausência de luz, o tempo corria mais depressa.

Ben começava a ter a sensação de ter percorrido milhas inteiras na escuridão quando a diáfana claridade que emanava do espaço aberto sob a grande cúpula do Jheeter's Gate se insinuou no limite da galeria. Respirou aliviado e correu para a luz com a certeza de ter escapado do pesadelo do labirinto depois de uma interminável peregrinação.

Mas quando atravessou finalmente a boca do túnel e enfiou no estreito canal que se prolongava entre as duas plataformas contíguas, sua injeção de otimismo se revelou fugaz e logo uma nova sombra de inquietação se abateu sobre ele. A estação aparecia desolada e não havia rastro algum dos restantes membros da Chowbar Society.

Galgou com um salto até a plataforma e percorreu a cinquenta escassos metros que o separavam da torre do relógio só com a companhia do eco de seus próprios passos e o rumor ameaçador da tormenta elétrica. Rodeou a torre e se deteve ao pé da grande esfera, com suas agulhas deformadas. Não necessitava relógio para intuir que o período que tinham determinado seus companheiros para reunir-se naquele ponto tinha prescrito amplamente.

Apoiou-se contra a parede de tijolo enegrecido da torre e constatou que sua idéia de separar o grupo para trazer maior eficácia na busca não parecia ter dado o fruto esperado. A única diferença entre aquele instante e o momento em que tinha

cruzado a soleira do Jheeter's Gate é que agora estava sozinho; tal como a Sheere, tinha perdido o resto de seus companheiros.

A tormenta lançou um furioso rugido como se tivesse partido o céu em duas metades com uma dentada. Ben decidiu começar a procurar por seus companheiros. Pouco lhe importava se necessitava uma semana ou um mês para dar com seu paradeiro; à vista das cartas servidas, aquela era a única jogada que podia contemplar. Dirigiu-se à plataforma central, em direção à parte traseira do Jheeter's Gate, onde se albergavam os antigos escritórios, as salas de espera e a pequena cidadela de bazares, cafeterias e restaurantes carbonizados depois de ter apenas uns minutos de vida útil. Foi então quando divisou um manto brilhante caído sobre o chão no interior de uma das zonas de espera. Sua memória lhe insinuou que a última vez que tinha visto aquele lugar, antes de entrar nos túneis, aquele pedaço de tecido acetinado não estava ali. Apressou o passo e, em seu nervoso avanço, não percebeu que alguém o esperava nas sombras, imóvel.

Ben se ajoelhou frente ao manto e estendeu uma mão furtiva até ele. O tecido estava impregnado de um líquido escuro e morno, cujo tato lhe resultava vagamente familiar e lhe produzia uma repulsão instintiva. Sob o manto se adivinhavam as formas que ao Ben davam a sensação de serem peças soltas de algum objeto. Extraiu a caixa de fósforos que guardava e se dispôs a acender um para examinar atentamente o achado, mas comprovou que só ficava um último fósforo. Resignado, guardou-o para melhor ocasião e forçou a vista, tentando recolher o maior número de detalhes, atrás de uma pista que desse luz sobre o paradeiro de algum de seus amigos.

— Toda uma experiência, contemplar seu próprio sangue derramado, não é assim, Ben? — disse Jawahal em suas costas — O sangue de sua mãe, tal como o meu, não encontra descanso.

Ben sentiu que o tremor se apoderava de suas mãos e se voltou lentamente. Jawahal repousava sentado no extremo de um banco de metal, um sinistro rei das sombras em seu trono ereto entre escombros e destruição.

— Não vai perguntar-me onde estão seus amigos, Ben? — ofereceu Jawahal — Talvez tema obter uma resposta pouco esperançosa.

— Responderia-me se o fizesse? — replicou Ben, imóvel junto ao manto ensangüentado.

— Talvez. — sorriu Jawahal.

Ben tentou não descansar seu olhar nos olhos hipnóticos do Jawahal e, sobretudo, afastar de sua mente aquela absurda idéia que alguém parecia gritar do interior de seu cérebro tentando lhe convencer de que aquela sombra funesta com a qual conversava sobre um cenário roubado do mesmo inferno era seu pai, ou o que restava dele.

— As dúvidas o assaltam, Ben? — Perguntou Jawahal, que parecia estar desfrutando da conversa.

— Você não é meu pai. Ele nunca faria mal a Sheere — espetou Ben nervosamente.

— Quem lhe disse que vou magoá-la? Ben arqueou as sobrancelhas e observou como Jawahal alargava sua mão embainhada em uma luva e a impregnava do sangue que jazia a seus pés. Logo levou os dedos tingidos de sangue ao rosto e pulverizou sobre seus rasgos angulosos.

— Uma noite, faz muitos anos, Ben, — disse Jawahal — a mulher cujo sangue foi derramado aqui mesmo foi minha esposa e a mãe de meus filhos, um dos quais se chamava como você. É curioso pensar como as lembranças se convertem às vezes em pesadelos. Ainda tenho saudades. Surpreende-se? Quem acha que é seu pai, esse homem que vive em minhas lembranças ou esta sombra sem vida que tem frente a você? O que lhe faz acreditar que existe alguma diferença entre ambos?

— A diferença é óbvia. — replicou Ben. — Meu pai era um bom homem. Você não é mais que um assassino.

Jawahal baixou a cabeça e assentiu lentamente. Ben lhe deu as costas.

— Nosso tempo se esgota — disse Jawahal — É hora de que enfrentemos nosso destino. Cada qual ao seu. Agora já somos todos adultos, não é assim? Sabe

qual é o significado da maturidade, Ben? Deixa que seu pai lhe explique isso. Maturidade não é mais que o processo de descobrir que tudo aquilo que acreditava quando foi jovem é falso e que, por sua vez, tudo que recusava acreditar em sua juventude resulta ser certo. Quando pensa você atingir a maturidade, meu filho?

— Não acho que me interesse sua filosofia. — Insinuou com desprezo Ben.

— O tempo lhe recordará isso, filho.

Ben se voltou para contemplar Jawahal com ódio.

— O que quer? — exigiu Ben.

— Quero cumprir uma promessa, a promessa que mantém viva minha chama.

— Qual é? — perguntou Ben — Cometer um crime? Essa é sua façanha de despedida?

Jawahal entreabriu os olhos pacientemente.

— A diferença entre um crime e uma façanha depende da perspectiva do observador, Ben. Minha promessa não é outra senão a de encontrar um novo lar para minha alma. E esse lar me proporcionarão vocês, Ben. Meus filhos. — Ben apertou os dentes e sentiu que o sangue lhe fervia nas têmporas.

— Você não é meu pai — disse serenamente — E se alguma vez foi, envergonho-me disso.

Jawahal sorriu paternalmente.

— Há duas coisas na vida que não pode escolher, Ben. A primeira são seus inimigos. A segunda, sua família. Às vezes a diferença entre uns e a outra é difícil de apreciar, mas o tempo lhe ensina que, ao fim e ao cabo, suas cartas sempre poderiam ter sido piores. A vida, meu filho, é como a primeira partida de xadrez. Quando começa a entender como se movem as peças, já perdeste.

Ben se lançou súbitamente contra Jawahal com toda a força de sua raiva

contida. Jawahal permaneceu imóvel no extremo do banco e, quando Ben atravessou sua imagem, a silhueta se desvaneceu no ar em uma escultura de fumaça. Ben se precipitou contra o chão e sentiu que um dos parafusos oxidados que apareciam sob o banco lhe abria um corte no rosto.

— Uma das coisas que aprenderá logo — disse a voz do Jawahal em suas costas — é que, antes de combater seu inimigo, deve saber como pensa.

Ben limpou o sangue que caía pelo rosto e se voltou em busca daquela voz na penumbra. A silhueta do Jawahal se recortava claramente sentada no extremo oposto do mesmo banco. Por uns segundos o rapaz experimentou a desconcertante sensação de ter tentado atravessar um espelho e ter sido vítima de um arrevesado truque de geometria bizantina.

— Nada é o que parece — disse Jawahal — Já deveria ter percebido nos túneis. Quando desenhei este lugar, guardei várias surpresas que só eu conheço, Você gosta de matemática, Ben? A matemática é a religião das pessoas com cérebro, por isso tem tão poucos adeptos. É uma lástima que nem você nem seus ingênuos companheiros vão sair jamais daqui, porque poderiam revelar ao mundo alguns dos mistérios que oculta esta estrutura. Com um pouco de sorte, obteriam em troca as mesmas brincadeiras, invejas e desprezos que colecionou quem os inventou.

— O ódio o cegou, cegou-o faz muito tempo.

— Quão único o ódio tem feito comigo, — replicou Jawahal — é me abrir os olhos. E agora mais vale que abra bem os seus porque, embora me tome por um simples assassino, vai comprovar que você disporá de uma oportunidade para se salvar e salvar seus amigos. Algo que eu nunca tive.

A figura do Jawahal se elevou e se aproximou do Ben. O rapaz tragou saliva e se preparou para correr. Jawahal se deteve a dois metros dele, cruzou as mãos com parcimônia e lhe ofereceu uma leve reverência.

— Gostei desta conversa, Ben. — disse amavelmente — Agora, se prepare e me procure.

Antes que Ben pudesse articular uma palavra ou mover um só músculo, a silhueta do Jawahal se transformou em um torvelinho de fogo e se projetou a velocidade vertiginosa através da abóbada da estação descrevendo um arco de chamas. Em poucos segundos, o feixe de fogo inundou os túneis como uma flecha ardente e deixou atrás de si uma grinalda de fibras ardentes que se desvaneciam na escuridão, indicando assim ao Ben o caminho de seu destino.

Ben dirigiu um último olhar ao manto ensanguentado e penetrou de novo nos túneis com a certeza de que desta vez, tomasse o caminho que tomasse, todas as galerias convergiriam em um mesmo ponto.

A silhueta do trem emergiu das trevas. Ben contemplou o interminável comboio de vagões que exibiam a cicatriz das chamas e, por um momento, acreditou ter encontrado o cadáver de uma gigantesca serpente mecânica em fuga da diabólica imaginação do Jawahal. Bastou aproximar-se para reconhecer o trem que tinha acreditado ver atravessar os muros do orfanato noites atrás, envolto em chamas e transportando em seu interior as almas aprisionadas de centenas de meninos que procuravam escapar daquele inferno perpétuo. O trem jazia agora inerte e escuro, sem oferecer indício algum que lhe permitisse supor que seus companheiros pudessem estar em seu interior.

Uma intuição, entretanto, levava-o a acreditar o contrário. Deixou para trás a locomotiva e percorreu lentamente o comboio de vagões em busca de seus amigos.

A meio caminho, deteve-se para olhar em suas costas e comprovou que a cabeça do trem se perdeu nas sombras. Ao dispor-se a reatar a marcha, advertiu que um rosto pálido e mortiço o observava de uma das janelas do vagão mais próximo.

Ben girou a cabeça bruscamente e sentiu que o coração lhe dava um tombo. Um menino de não mais de sete anos o observava atentamente, seus profundos olhos negros cravados nele. Tragou saliva e avançou um passo em sua direção. O menino abriu os lábios e as chamas apareceram entre eles e prenderam sua imagem como uma folha de papel seco que se desfez ante seus olhos. Ben sentiu um frio glacial na base da nuca e continuou caminhando, ignorando o horripilante murmúrio de vozes que pareciam provir de algum lugar oculto nas vísceras do trem.

Finalmente, quando alcançou o vagão de cauda do comboio, aproximou-se da porta de entrada e empurrou o cabo. A luz de centenas de velas ardia no interior do vagão. Ben entrou e os rostos de Isobel, Ian, Seth, Michael, Siraj e Roshan se iluminaram de esperança. Ben suspirou de alívio.

— Agora já estamos todos. Talvez possamos começar a jogar. — disse uma voz familiar junto a ele.

Ben girou lentamente, os braços do Jawahal rodeavam a sua irmã Sheere. A porta do vagão se fechou como uma comporta couraçada e Jawahal soltou Sheere. A moça correu até o Ben e ele a abraçou.

— Está bem? — perguntou Ben.

— É obvio que está bem — objetou Jawahal.

— Estão todos bem? — perguntou Ben aos membros da Chowbar Society, que permaneciam atados no chão, ignorando Jawahal.

— Perfeitamente. — confirmou Ian. Ambos trocaram um olhar que explicava mais que mil palavras. Ben assentiu.

— Se algum tiver um arranhão, — esclareceu Jawahal — o infligiu por sua própria estupidez.

Ben se voltou para o Jawahal e afastou Sheere para um lado.

— Diga o que quer claramente. — Jawahal mostrou uma careta de estranheza.

— Nervoso, Ben, ou com pressa por acabar? Eu esperei dezesseis anos por este momento e posso esperar um minuto mais. Especialmente desde que Sheere e eu gozamos de nossa nova relação.

A idéia de que Jawahal tivesse revelado sua identidade ao Sheere pendia sobre o Ben como a espada do Damocles. Jawahal parecia ter lido sua mente e desfrutou da situação.

— Não o escute, Ben. — disse Sheere — Este homem matou nosso pai. Tudo aquilo que diga ou pretenda nos fazer acreditar não tem mais valor que a porcaria que cobre este buraco.

— Duras palavras para pronunciar sobre um amigo. — comentou Jawahal pacientemente.

— Morreria antes de ser sua amiga...

— Nossa amizade, Sheere, é questão de tempo. — murmurou Jawahal.

O sorriso equânime do Jawahal se desvaneceu imediatamente. A um gesto de sua mão, Sheere saiu projetada contra o outro extremo do vagão, investida por um aríete invisível.

— Agora descansa. Muito em breve estaremos juntos para sempre...

Sheere bateu contra a parede de metal e caiu ao chão inconsciente. Ben se lançou atrás dela, mas a férrea pressão do Jawahal o reteve.

— Você não vai a nenhuma parte — disse Jawahal e depois, dirigindo um olhar gelada aos outros, acrescentou —: O próximo que tenha algo a dizer verá seus lábios selados pelo fogo.

— Me solte. — gemeu Ben sentindo que a mão que lhe agarrava o pescoço estava a ponto de lhe desconjuntar as vértebras.

Jawahal o soltou instantaneamente e Ben desabou contra o chão.

— Se levante e escute. — ordenou Jawahal — Tenho entendido que formam uma espécie de fraternidade em que jurastes os ajudar e proteger até a morte. É certo?

— É. — disse Siraj do chão. Um punho invisível golpeou com força o rapaz e o derrubou como a um boneco de trapo.

— Não perguntei a ti, menino. — disse Jawahal — Ben, pensa responder ou experimentamos com o asmático de seu amigo?

— O deixe em paz. É certo. — respondeu Ben.

— Bem. Então me permita felicita-lo pelo fabuloso trabalho que desempenhou ao trazer seus amigos até aqui. Amparo de primeira classe.

— Disse que nos ia conceder uma oportunidade. — recordou Ben.

— Sei o que prometi. Em quanto valora a vida de cada um de seus amigos, Ben?

Ben empalideceu.

— Não entende a pergunta ou quer que averigúe a resposta de outro modo?

— Valoro-a como a minha.

Jawahal sorriu lânguidamente.

— Custa-me acreditá-lo. — afirmou.

— O que você acredita ou deixa de acreditar não me importa.

— Então vamos comprovar se suas bonitas palavras correspondem a realidade, Ben — indicou Jawahal — Este é o trato. São sete, sem contar com Sheere. Ela fica fora deste jogo. Por cada um de vós sete, há uma caixa fechada que contém... um mistério.

Jawahal assinalou uma fileira de caixas de madeira pintadas em diferentes cores e que se alinhavam umas junto às outras como uma fila de pequenas cartas.

— Cada uma delas tem um orifício na parte dianteira que permite colocar a mão, mas não tirá-la até depois de uns segundos. É como uma pequena armadilha para curiosos. Imagina que cada uma dessas caixas contém a vida de um de seus amigos, Ben. De fato, assim é, pois em cada uma há uma pequena placa de madeira com o nome de todos vós. Pode introduzir sua mão e tirá-la. Por cada caixa em que você meta a mão e extraia seu passaporte, liberarei um de seus amigos. Mas, é obvio, há um risco. Uma das caixas, em vez da vida, contém a morte.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Ben.

— Viu alguma vez uma áspide, Ben? Uma pequena besta de temperamento volátil. Sabe um pouco de serpentes?

— Sei o que é uma áspide. — replicou sucinto Ben, sentindo que os joelhos lhe afrouxavam.

— Então economizarei os detalhes. Basta ficar sabendo que uma das caixas oculta tem uma áspide.

— Ben, não o faça. — disse Ian, Jawahal lhe dirigiu um olhar malicioso.

— Ben. Estou esperando. Não acredito que ninguém lhe ofereça um trato mais generoso em toda a cidade de Calcuta. Sete vidas e só uma possibilidade de engano.

— Como sei que não mente? — perguntou Ben. Jawahal elevou um comprido dedo indicador e negou lentamente frente ao rosto do Ben.

— Mentir é uma das poucas coisas que não faço, Ben. E já sabe. Agora se decida ou, se não tem valor para confrontar o jogo e demonstrar que seus amigos lhe não são tão caros como nos quer fazer acreditar, diga-o claramente e oferecemos o turno a outro com mais fibra.

Ben sustentou o olhar do Jawahal e assentiu finalmente.

— Ben, não. — repetiu Ian.

— Diga a seu amigo que se cale, Ben, — indicou Jawahal — ou o farei eu.

Ben dirigiu um olhar suplicante a Ian.

— Não o faça mais difícil, Ian.

— Ian tem razão, Ben. — disse Isobel — Se nos quer matar, que o ele faça. Não se deixe enganar.

Ben elevou uma mão pedindo silêncio e encarou Jawahal.

— Tenho sua palavra? — Jawahal o olhou longamente e, por fim, assentiu. — Não percamos mais tempo — concluiu Ben dirigindo-se para a fileira de caixas que o aguardavam.

Ben contemplou atentamente as sete caixas de madeira pintadas em diferentes cores e tratou de imaginar em qual delas Jawahal podia ter oculto a serpente. Tentar decifrar mentalmente como tinham sido dispostas era como tratar de reconstruir um quebra-cabeças sem conhecer a imagem que o compunha. A áspide podia estar oculta em uma das caixas do extremo ou nas do centro, em uma das grafites em cores vivas ou a que luzia uma brilhante capa negra. Qualquer hipótese era supérflua e Ben descobriu que sua mente ficava em branco perante a decisão que tinha que tomar imediatamente.

— A primeira é a mais difícil. — sussurrou Jawahal — Escolhe sem pensar.

Ben examinou seu olhar insondável e não apreciou nele mais que o reflexo de seu rosto pálido e assustado. Contou mentalmente até três, fechou os olhos e introduziu a mão em uma das caixas bruscamente. Os dois segundos que seguiram se fizeram intermináveis, enquanto Ben esperava sentir o contato rugoso de um corpo escamoso e a pontada letal das presas da áspide. Nada disso aconteceu; depois daquele lapso de espera agônica, seus dedos apalpam uma placa de madeira e Jawahal lhe ofereceu um sorriso esportivo.

— Boa escolha. O negro. A cor do futuro. — Ben extraiu a tabuleta e leu o nome que tinha escrito sobre ela. Siraj. Dirigiu um olhar inquisitivo a Jawahal e este assentiu. O rangido da abertura das algemas que sujeitavam o débil rapaz se escutou claramente.

— Siraj. — ordenou Bem — Desça deste trem e se afaste.

Siraj esfregou as mãos doloridas e olhou para seus companheiros, abatido.

— Não penso sair daqui — replicou.

— Faz o que Ben lhe disse, Siraj. — Indicou Ian tentando conter o tom de sua voz. Siraj negou.

Isobel lhe sorriu fracamente.

— Siraj, saia daqui. — suplicou a moça — Faça-o por mim. Siraj duvidou, desconcertado.

— Não temos toda a noite. — disse Jawahal — Vai ou fica. Só os tolos desprezam a sorte. E esta noite você esgotou sua reserva de sorte para o resto de sua vida.

— Siraj! — ordenou Ben, terminante — Saia agora. Me ajude um pouco.

Síraj dirigiu um olhar desesperado a Ben, mas seu amigo não cedeu um milímetro em sua expressão severa e imperativa. Finalmente, assentiu cabisbaixo e se dirigiu para a comporta do vagão.

— Não se detenha até chegar ao rio, — indicou Jawahal — ou se arrependerá.

— Não o fará — respondeu Ben por ele.

— Esperarei por vocês. — gemeu Siraj do degrau do vagão.

— Até logo, Siraj. — disse Ben — Parte já.

Os passos do rapaz se afastaram pelo túnel e Jawahal elevou as sobrancelhas assinalando que o jogo continuava.

— Cumpri minha promessa, Ben. Agora cabe a você. Há menos caixas. É mais fácil escolher. Decida rápido e outro de seus amigos salvará sua vida.

Ben pousou seus olhos sobre a caixa contígua aquela que tinha eleito em primeiro lugar. Era tão boa como qualquer outra. Lentamente, estendeu a mão até ela e se deteve um centímetro da tampa.

— Seguro, Ben? — perguntou Jawahal. Ben o olhou, exasperado. — Pense duas vezes. Sua primeira escolha foi perfeita; não vá estragar agora.

Ben lhe ofereceu um sorriso depreciativo e, sem afastar seus olhos dos do

Jawahal, introduziu a mão na caixa que tinha escolhido. As pupilas do Jawahal se contraíram como as de um felino faminto.

Ben extraiu a tabuleta e leu o nome.

— Seth. — Indicou — Saia daqui.

As algemas do Seth se abriram imediatamente e o rapaz se levantou nervoso.

— Não gosto disto, Ben. — disse.

— Eu gosto menos que você. — replicou Bem — Saia fora e se assegure de que Siraj não se perde.

Seth assentiu gravemente, consciente de que qualquer outra alternativa em lugar de seguir as instruções do Ben poria em perigo a vida de todos. Seth dirigiu um olhar de despedida a seus amigos e se encaminhou para a porta. Uma vez ali, voltou-se e olhou de novo para os membros da Chowbar Society.

— Vamos sair desta, de acordo?

Seus amigos assentiram com tanta vontade como a lei das probabilidades parecia recomendar.

— Quanto a você, — disse Seth apontando para Jawahal — não é mais que um montão de esterco.

Jawahal lambeu os lábios e assentiu.

— É fácil ser um herói quando sai por suas pernas e abandona seus amigos a uma morte segura, não é, Seth? Pode me insultar de novo se o desejar, menino. Não lhe vou fazer nada. Certamente ajudará a dormir melhor quando recordar esta noite e vários dos que estão aqui sirvam de alimento aos vermes. Sempre poderá explicar às pessoas que você, o valente Seth, insultou o vilão, não é assim? Mas, no fundo, você e eu saberemos a verdade, né, Seth?

O rosto do Seth se acendeu de ira e um olhar de ódio cego apareceu em seus

olhos. O rapaz começou a caminhar em direção ao Jawahal, mas Ben se interpôs violentamente em seu caminho e o deteve.

— Por favor, Seth. — Ihe murmurou ao ouvido — Vá agora. Por favor.

Seth dirigiu um último olhar a Ben e assentiu, Ihe apertando fortemente o braço. Ben esperou que o rapaz tivesse descido do vagão e encarou de novo Jawahal.

— Isto não estava no trato. — recriminou Bem — Não penso continuar se não prometer deixar de martirizar meus amigos.

— Fará você goste ou não. Não tem outra alternativa. Mas, como amostra de boa vontade, guardarei meus comentários sobre seus amigos. E agora, continue.

Ben observou as cinco caixas restantes e situou o olhar sobre a que se encontrava no extremo direito. Sem mais preâmbulos, introduziu a mão nela e apalpou em seu interior. Uma nova tabuleta. Ben respirou profundamente e escutou o suspiro de alívio de seus amigos.

— Um anjo vela por você, Ben — disse Jawahal. Ben examinou o retângulo de madeira.

— Isobel.

— A dama tem sorte. — disse Jawahal.

— Cale-se. — murmurou Ben, farto já dos comentários com que Jawahal sentia prazer em apontar a cada novo passo daquele macabro jogo.

— Isobel, — disse Bem — até logo.

Isobel se levantou e cruzou frente a seus companheiros com o olhar baixo e arrastando cada passo como se seus pés estivessem costurados ao chão.

— Não tem uma última palavra para o Michael, Isobel? — perguntou Jawahal.

— Deixe-a. — afirmou Bem — O que espera tirar de tudo isto?

— Escolha outra caixa. — replicou Jawahal — Assim verá o que espero tirar.

Isobel desceu do vagão e Ben baralhou mentalmente as quatro caixas restantes.

— Tem-na já, Ben? —perguntou Jawahal. Ben assentiu e se situou frente à caixa grafite de vermelho.

— O vermelho. A cor da paixão. — comentou Jawahal — E do fogo. Adiante, Ben. Acredito que hoje é sua noite.

Sheere entreabriu os olhos e observou que Ben se aproximava da caixa vermelha com o braço estendido. Uma pontada de pânico lhe percorreu o corpo. A moça se levantou bruscamente e se lançou para o Ben com todas suas forças. Não podia permitir que seu irmão introduzisse a mão naquela caixa. As vidas daqueles rapazes não tinham nenhum valor para o Jawahal. Não eram para ele mais que curingas com os quais empurraria o Ben para a sua autodestruição. Jawahal necessitava que fosse Ben quem lhe servisse em bandeja sua própria morte, lhe limpando o caminho.

Desse modo, aquele espectro maldito entraria nela e sairia daqueles túneis encarnado em um ser de carne e osso. Um ser jovem que o devolveria ao mundo daqueles a quem desejava destruir.

Antes de mover um só músculo, Sheere compreendeu que unicamente ficava uma alternativa, uma única peça capaz de desbaratar o complexo quebra-cabeças que Jawahal tinha tramado ao redor deles. Só ela podia alterar o rumo dos acontecimentos fazendo a única coisa no universo que Jawahal não tinha previsto.

Os instantes que decorreram a seguir se gravaram em sua mente com a precisão de uma coleção de lâminas cuidadosamente detalhadas.

Sheere percorreu vertiginosamente os seis metros que a separavam de seu irmão, passando pelos três membros restantes da Chowbar Society que permaneciam capturados. Ben se voltou lentamente e o primeiro gesto de perplexidade e surpresa se tornou numa careta de horror ao observar que Jawahal se levantava e cada um dos dedos de sua mão direita se prendiam em chamas e formava uma garra de fogo. Sheere escutou o grito do Ben perder-se em um eco longínquo, bateu contra ele,

derrubou-o no chão, e arrancou sua mão da tampa da caixa vermelha. Ben caiu sobre o vagão e Sheere contemplou a silhueta fantasmagórica do Jawahal elevar-se frente a ela e lançar sua garra incandescente para seu rosto. Cravou seus olhos nos daquele assassino e leu a negativa desesperada que começava a desenhar-se em seus lábios. O tempo pareceu deter-se em seu redor como um velho carrossel.

Décimas de segundo mais tarde, Sheere atravessava a tampa da caixa escarlate com o punho. Sentiu as lâminas da escotilha fechar-se sobre sua mão como uma flor envenenada. Ben gritou a seus pés e o punho de rocha do Jawahal se fechou frente a seu rosto. Mas Sheere sorriu triunfante e, em algum momento, sentiu como a áspide lhe atirava seu beijo mortal e o estalo ardente do veneno acendia o sangue que corria por suas veias como um rojão de luzes o faria com uma esteira de gasolina.

Ben rodeou a sua irmã com seus braços e arrancou sua mão da caixa vermelha, mas já era muito tarde. Duas ferroadas sangrentas brilhavam sobre a pálida pele do dorso de sua mão. Sheere lhe sorriu, desvanecendo-se.

— Estou bem. — murmurou a moça, mas antes de que pudesse acabar de pronunciar a última sílaba, suas pernas sucumbiram a uma sacudida invisível e desabou sobre ele.

— Sheere! — gritou Ben.

Sentiu que uma náusea indescritível se apoderava de todo seu ser e que as forças pareciam escapar de seu corpo como o tempo em um relógio de areia. Segurou Sheere e a acomodou sobre seu regaço, acariciando seu rosto.

Sheere abriu seus olhos e lhe sorriu fracamente. Seu rosto estava branco como a cal.

— Não me dói, Ben — gemeu a moça. Ben encaixou cada palavra como um chute no estômago e elevou o olhar em busca do Jawahal. O espectro contemplava a cena imóvel e seu rosto resultava impenetrável. Os olhos de ambos se encontraram.

— Nunca o planejei assim, Ben — disse Jawahal, isto vai tornar as coisas mais difíceis.

Ben sentiu o ódio crescer em seu interior; igual a uma grande greta, enviesava sua alma em dois.

— É você um asqueroso assassino — murmurou Ben entre dentes.

Jawahal dirigiu um último olhar a Sheere, que tremia nos braços do Ben, e negou lentamente. Seus pensamentos pareciam muito longe dali.

— Agora só ficamos você e eu, Ben — disse Jawahal — Cara ou coroa. Se despeça dela e vem em busca de sua vingança.

O rosto do Jawahal se mascarou em um véu de chamas e sua silhueta acesa se voltou e atravessou a porta do vagão, o que deixou uma brecha aberta no metal que gotejava aço candente.

Ben escutou o rangido de abertura dos ferrolhos que mantinham detidos o Ian, Michael e Roshan. Ian correu até eles e, agarrando o braço de Sheere, levou a ferida a seus lábios. Sugou com força e cuspiu o sangue impregnado de veneno que lhe queimava a língua. Michael e Roshan se ajoelharam frente a Sheere e dirigiram um olhar desesperado ao Ben, que se amaldiçoava a si mesmo por ter deixado transcorrer aqueles segundos preciosos sem compreender que ele deveria ter feito o que seu amigo se apressou a realizar.

Ben elevou a vista e observou o rastro de chamas que Jawahal deixava a seu passo fundindo o metal igual à ponta de um charuto que atravessaria umas lâminas de papel. O trem sofreu uma forte sacudida e, lentamente, começou a deslocar-se através do túnel. O fragor da locomotiva alagou as galerias subterrâneas do labirinto do Jheeter's Gate com seu estrondo. Ben se voltou para seus companheiros e dirigiu um intenso olhar a Ian.

— Cuide dela. — ordenou.

— Não, Ben. — suplicou Ian lendo os pensamentos que alagavam sua mente—. Não vá.

Ben abraçou a sua irmã e a beijou na face.

— Voltará para me dizer adeus, Ben? — perguntou a moça com voz tremente.

Ben sentiu que as lágrimas alagavam seus olhos.

— Gosto de você, Ben. — murmurou Sheere.

— Gosto de você. — replicou Ben, compreendendo que nunca tinha dirigido essas palavras a ninguém.

O trem acelerou com raiva, arrastando-os pelo túnel. Ben correu para a porta do vagão e caminhou na ferida fresca na prancha de metal atrás do Jawahal.

Ao atravessar o seguinte vagão advertiu que Michael e Roshan corriam atrás dele. Rapidamente, deteve-se na plataforma que separava os vagões para arrancar a chave que unia os dois últimos carros, e a lançou ao vazio. Os dedos do Roshan roçaram suas mãos durante uma décima de segundo, mas quando Ben elevou a vista de novo, olhadelas desesperadas para seus amigos ficavam para trás, enquanto o trem os arrastava a ele e a Jawahal a toda velocidade para o coração das trevas do Jheeter's Gate. Agora só ficavam eles dois.

A cada passo que Ben dava em direção à locomotiva, o trem adquiria maior velocidade em sua corrida infernal através dos túneis. A vibração que sacudia o metal o fazia cambalear-se em seu caminho entre os escombros seguindo o rastro luminoso dos rastros afundados no metal que Jawahal tinha deixado. Ben conseguiu chegar até uma nova plataforma e se agarrou com força à barra que servia de cabo enquanto o trem enfiava uma curva afiada em forma de meia lua e se inundava em um pendente que parecia conduzir às vísceras da Terra. Logo, em uma nova sacudida, o trem acelerou ainda mais e a bola de fogo desapareceu na escuridão. Ben se levantou e correu de novo atrás do rastro do Jawahal enquanto as rodas do trem arrancavam aos trilhos esteiras de metal aceso, do mesmo modo que as facas sobre o gelo.

Escutou um estalo sob seus pés e logo percebeu que espessas línguas de fogo envolviam todo o esqueleto do trem e faziam saltar em pedaços os restos de madeira carbonizada que ainda permaneciam colados à estrutura. As chamas também fizeram estalar os dentes de vidro que rodeavam os ocos dos guichês como presas emergindo

da boca de uma besta mecânica. Ben teve que lançar-se ao chão para evitar a tormenta de lascas de vidro que se estrelaram contra as paredes do túnel, igual a salpicos de sangue depois de um disparo à queima roupa.

Quando conseguiu levantar-se, pôde distinguir ao longe a silhueta do Jawahal que avançava entre as chamas e compreendeu que estava muito próximo à máquina. Jawahal se voltou e Ben apreciou seu sorriso criminoso inclusive entre os estalos de gás que formavam anéis de fogo azul e atravessavam o trem, riscando um tornado de pólvora enlouquecida.

— Vem por mim — escutou em sua mente. O rosto do Sheere se acendeu em sua memória e Ben empreendeu lentamente o trajeto para o último vagão que lhe faltava por percorrer. Quando cruzou a plataforma externa, notou uma baforada de ar fresco; o trem devia estar a ponto de deixar para trás os túneis e se dirigiam a toda velocidade para a estação central do Jheeter's Gate.

Ian não cessou de falar com Sheere durante todo o trajeto de volta. Sabia que se se abandonasse ao sono letal que a acossava, não viveria para ver de novo a luz que existia além daqueles túneis. Michael e Roshan o ajudavam a sustentá-la, mas nenhum dos dois conseguia lhe arrancar uma sílaba. Ian, enterrando no mais profundo de sua alma, o sentimento que lhe carcomia por dentro, explicava anedotas absurdas e toda sorte de ocorrências, disposto se fosse preciso a desenterrar até a última palavra que ficasse em sua mente para mantê-la acordada. Sheere o escutava e assentia vagamente, entreabrindo seus olhos desvairados e adormecidos. Ian sustentava a mão de Sheere entre as suas, sentindo como seu pulso se apagava lenta, mas inexoravelmente.

— Onde está Ben? — perguntou.

Michael olhou para Ian e este sorriu abertamente.

— Ben está a salvo, Sheere. — respondeu com serenidade — Foi procurar um

médico, o qual, dadas as circunstâncias, parece-me uma grosseria. Supõe-se que eu sou o médico. Ou o serei algum dia. Que tipo de amigo é esse? Miúdos me deu ânimo. À primeira mudança, desaparece em busca de um doutor. Menos mal que médicos como eu há poucos. Nasce-se com isso, isso é tudo. Por isso sei, por instinto, que você vai ficar bem. Com uma condição: não durma. Não vai dormir, não é? Agora não se pode dormir! Sua avó espera a duzentos metros daqui e eu sou incapaz de lhe explicar o que passou. Se o tentar, lançar-me-à ao Hooghly e tenho que apanhar um navio dentro de umas horas. Assim mantenha-se acordada e me ajude com sua avó. De acordo? Diga algo.

Sheere começou a ofegar pesadamente. A cor se desvaneceu do rosto do Ian e o rapaz a agitou. Os olhos de Sheere se abriram de novo.

— Onde está Jawahal? — perguntou.

— Morreu. — mentiu Ian.

— Como morreu? — conseguiu articular Sheere. Ian duvidou um segundo. — Caiu sob as rodas do trem. Não se pôde fazer nada.

Sheere pareceu sorrir.

— Não sabe mentir, Ian — sussurrou, lutando por pronunciar cada palavra.

Ian sentiu que não poderia continuar muito mais tempo representando seu papel.

— O mentiroso do grupo é Ben. — disse. — Eu sempre digo a verdade. Jawahal morreu.

Sheere fechou os olhos e Ian indicou a Michael e Roshan que se apressassem. Meio minuto depois, a luz ao final do túnel iluminou seus rostos e a silhueta do relógio da estação se recortou ao longe. Quando chegaram até ali, Siraj, Isobel e Seth os esperavam. As primeiras luzes da alvorada apareceram em uma linha escarlate no horizonte, além das grandes arcadas de metal do Jheeter's Gate.

Ben se deteve frente à entrada do último vagão e pôs suas mãos sobre a chave giratória que assegurava seu fechamento. A argola estava ardendo. A fez girar lentamente, sentindo o metal que mordida cruelmente sua pele. Uma nuvem de vapor emergiu do interior. Ben empurrou a porta de um chute. A silhueta do Jawahal, imóvel entre uma densa massa de vapor das caldeiras, contemplava-o silenciosamente. Ben observou a diabólica maquinaria que troava junto a ele e identificou o símbolo de um ave subindo entre as chamas que estava gravado sobre o metal. A mão do Jawahal estava apoiada sobre a lâmina palpitante da caldeira e parecia absorver a força que ardia em seu interior. Ben examinou o complexo vigamento de tubinas, válvulas e tanques de gás que se estremeciam junto a eles.

— Em outra vida fui um inventor, meu filho. — disse Jawahal — Minhas mãos e minha mente podiam criar coisas. Agora só servem para as destruir. Esta é minha alma, Ben. Se aproxime e contempla como pulsa o coração de seu pai. Eu mesmo o criei. Sabe por que o chamei Pássaro de Fogo?

Ben contemplou Jawahal sem responder.

— Faz milhares de anos, existiu uma cidade maldita, quase tanto como Calcuta. — explicou Jawahal — Seu nome era Cartago. Quando foi conquistada pelos romanos, foi tanto o ódio que despertou neles o espírito dos fenícios não bastou arrasa-la, nem assassinando a suas mulheres, homens e meninos. Tiveram que destruir cada pedra até reduzi-la a pó. Mas tampouco isso foi suficiente para aplacar seu ódio. Por isso Cartilha, o general que comandava suas tropas, ordenou que seus soldados semeassem de sal cada fresta daquela cidade, para que jamais um só broto de vida pudesse crescer naquele chão maldito.

— Por que me conta tudo isso? — perguntou Ben enquanto sentia que o suor percorria seu corpo e secava quase imediatamente perante o asfixiante calor que cuspiam as caldeiras.

— Aquela cidade foi o lar de uma divindade, Dido. Uma princesa que entregou seu corpo ao fogo para aplacar a ira dos deuses e purgar seus pecados. Mas ela

voltou e se converteu em deusa. É o poder do fogo. Igual ao da ave fênix, um poderoso pássaro de fogo baixo cujo vôo crescia das chamas.

Jawahal acariciou a maquinaria de sua letal criação e sorriu.

— Eu também regressei de minhas cinzas e, como Cartilha, regressei para semear de fogo o destino de meu sangue, para apagá-lo para sempre.

— Está você louco. — cortou Ben — Especialmente se acreditar que poderá entrar em mim para manter-se vivo.

— Quem são os loucos? — perguntou Jawahal — Aqueles que vêem o horror no coração de seus semelhantes e procuram a paz a qualquer preço. Ou são aqueles que fingem não ver o que acontece a seu redor? O mundo, Ben, é dos loucos ou dos hipócritas. Não existem mais raças na face da Terra que essas duas. E você deve escolher uma delas.

Ben contemplou longamente aquele homem e, pela primeira vez, acreditou ver nele a sombra de quem algum dia tinha sido seu pai.

— E qual escolheu você, pai? Qual escolheu você ao retornar para semear a morte entre os poucos que o amavam? Esqueceu suas próprias palavras? Esqueceu o relato que escreveu sobre as lágrimas daquele homem que se converteram em gelo quando comprovou, ao voltar para seu lar, que todos se venderam aquele bruxo itinerante? Talvez possa acabar com minha vida também, como o tem feito com a de todos os que se cruzaram em seu caminho. Não acredito que isso faça uma grande diferencia. Mas antes de fazê-lo, me diga na cara que você não vendeu também sua alma a esse bruxo. Diga-me isso com a mão neste coração de fogo no qual se esconde, e seguirei você até ao mesmo inferno.

Jawahal deixou que as pálpebras de seus olhos caíssem pesadamente e assentiu lentamente. Uma lenta transformação pareceu apoderar-se de seu rosto, e seu olhar empalideceu, entre as brumas ardentes, derrotado e abatido. O olhar de um grande predador ferido que se retira para morrer na sombra. Aquela visão, aquela súbita imagem de vulnerabilidade que Ben vislumbrou por apenas uns segundos, se

tornou muito mais estremeceadora e terrorífica que qualquer das prévias aparições fantasmagóricas daquele espectro atormentado. Porque nela, naquele rosto consumido pela dor e o fogo, Ben já não podia ver um espírito assassino, mas só o triste reflexo de seu pai.

Por um instante ambos se observaram mutuamente como velhos conhecidos perdidos na névoa do tempo.

— Já não sei se eu escrevi essa história ou o fez outro homem, Ben. — disse finalmente — Já não sei se essas lembranças são minhas ou sonhei. Nem sei se meus crimes fui eu que os cometi ou foram obra de outras mãos. Qualquer que seja a resposta a estas perguntas, sei que já nunca poderei voltar a escrever uma história como a que você recorda nem chegar a compreender seu significado. Eu não tenho futuro, Ben. Nem vida alguma. O que vê não é mais que a sombra de uma alma morta. Não sou nada. O homem que fui, seu pai, morreu faz muito tempo e levou consigo tudo que eu poderia sonhar. E se não ir me der sua alma para que viva nela durante toda a eternidade, me dê então a paz. Porque agora só você pode me devolver a liberdade. Veio para matar alguém que já está morto, Ben. Cumpra com sua palavra ou se una comigo nas trevas...

Naquele momento o trem emergiu do túnel e atravessou o sulco central do Jheeter's Gate a toda velocidade projetando seu manto de chamas que se elevavam para o céu. A locomotiva cruzou a soleira das grandes arcadas da estrutura metálica e percorreu os trilhos que conduziam a um caminho esculpido sobre a luz do amanhecer para o horizonte.

Jawahal abriu seus olhos e Ben reconheceu neles o horror e a profunda solidão que encarceravam aquela alma maldita.

Enquanto o trem percorria os últimos metros que o separavam da ponte desaparecida, Ben apalpou seu bolso e extraiu a caixa que continha aquele último fósforo que tinha guardado. Jawahal afundou sua mão na caldeira de gás e uma nuvem de oxigênio puro lhe envolveu em uma cascata de vapor. Seu espectro se fundiu lentamente na maquinaria que albergava sua alma e o gás tingiu sua silhueta em uma miragem de cinzas. Os olhos do Jawahal lhe dirigiram um último olhar e Ben

acreditou vislumbrar neles o brilho de uma lágrima solitária deslizando por seu rosto.

— Me liberte, Ben. — murmurou a voz em sua mente — Agora ou nunca.

Ben extraiu o fósforo e o acendeu.

— Adeus, pai — sussurrou.

Lahawaj Chandra Chatterghee baixou a cabeça e Ben lançou o fósforo aceso a seus pés.

— Adeus, Ben.

Naquele momento, durante um instante fugaz, Ben sentiu junto a ele a presença de um rosto envolto em um véu de luz. Enquanto as chamas prendiam como um rio de pólvora até seu pai, aqueles dois profundos olhos tristes olharam para ele pela última vez. Ben pensou que sua mente jogava com ele e reconheceu neles o mesmo olhar ferido de Sheere. Logo, a silhueta da princesa de luz se afundou para sempre nas chamas com a mão em alto e um débil sorriso nos lábios, sem que Ben chegasse a suspeitar quem tinha visto desvanecer-se entre o fogo.

A explosão empurrou seu corpo até o extremo do vagão igual a uma corrente de águas invisíveis e o projetou fora daquele trem em chamas. Ao cair, seu corpo rodou entre a mata que tinha crescido ao amparo dos trilhos da ponte. O comboio se afastou e Ben correu atrás dele seguindo o caminho letal ao que conduziam as vias dirigidas ao vazio. Segundos depois, o vagão que albergava seu pai voltou a estalar com tal força que as vigas de metal que formavam o trilho da ponte pendente saíram projetadas para o céu. Uma pira de chamas subiu até as nuvens da tormenta desenhando o feixe de um raio de fogo e quebrou o céu em um espelho de luz.

O trem saltou no vazio e a serpente de aço e chamas se precipitou sobre as águas negras do Hooghly. Um estalo ensurdecedor comoveu o céu sobre Calcuta e fez tremer o chão sob seus pés.

O último fôlego do Pássaro de Fogo se extinguiu levando consigo para sempre a alma do Lahawaj Chandra Chatterghee, seu criador.

Ben se deteve e caiu de joelhos entre as vias enquanto seus amigos corriam para ele da soleira do Jheeter's Gate. Sobre eles, centenas de pequenas lágrimas brancas pareciam chover do céu. Ben elevou o olhar e as sentiu sobre seu rosto. Estava nevando.

Os membros da Chowbar Society se reuniram pela última vez naquele amanhecer de maio de 1932 junto à ponte desaparecida à beira do rio Hooghly, frente às ruínas da estação do Jheeter's Gate. Uma cortina de neve despertou à cidade da Calcuta, onde nunca ninguém tinha visto aquele manto branco que começou a cobrir as cúpulas dos velhos palácios, os becos e a imensidão do Maidán.

Enquanto os habitantes da cidade saíam às ruas a contemplar aquele milagre que jamais voltaria a produzir-se, os membros da Chowbar Society se retiraram até a ponte e deixaram a sós a Sheere nos braços do Ben. Todos tinham sobrevivido aos acontecimentos daquela noite. Tinham presenciado como aquele trem em chamas se precipitava no vazio e uma explosão de fogo subia ao céu e rasgava a tormenta como uma lâmina infernal. Sabiam que talvez nunca voltassem a falar dos acontecimentos daquela noite e que, se algum dia o fizessem, ninguém os acreditaria. Entretanto, naquele amanhecer, todos compreenderam que não tinham sido mais que convidados, passageiros ocasionais daquele trem vindo do passado. Pouco depois, contemplaram em silêncio o abraço do Ben a sua irmã, sob a neve. Paulatinamente, o dia desvanecia as trevas daquela noite interminável.

Sheere sentiu o contato frio da neve sobre suas faces e abriu os olhos. Seu irmão Ben a sustentava e lhe acariciava brandamente o rosto.

— O que é isto, Ben?

— É neve. — respondeu Ben — Está nevando sobre Calcuta.

O rosto da moça se iluminou por um instante.

— Falei-te alguma vez de meu sonho? —perguntou Sheere.

— Ver nevar sobre Londres — disse Bem — Recordo-me. O ano que vem iremos juntos. Visitaremos o Ian enquanto esteja estudando medicina. Nevará todos os

dias. Prometo-lhe isso.

— Recorda o conto de nosso pai, Ben? Aquele que lhe contei na noite que fomos ao Palácio da Meia-noite?

Ben assentiu.

— Estas são as lágrimas de Shiva, Ben. — disse Sheere com dificuldade — Se fundirão quando surgir o Sol e nunca mais voltarão a cair sobre Calcuta.

Ben levantou brandamente sua irmã e sorriu. Os profundos olhos perolados de Sheere observavam atentamente.

— Vou morrer, verdade?

— Não — respondeu Ben — Não vais morrer senão daqui a muitos anos. Sua linha da vida é muito larga. Vê?

— Ben, — gemeu Sheere — era o único que podia fazer. Fiz por nós.

Ben a abraçou com força. — Sei. — murmurou. Sheere tentou levantar-se e aproximou seus lábios do ouvido do Ben.

— Não me deixe morrer sozinha. — sussurrou. Ben ocultou seu rosto do olhar de sua irmã e a apertou contra si.

— Nunca.

Permaneceram juntos, assim, abraçados sob a neve e em silêncio, até que o pulso de Sheere se apagou lentamente como uma vela ao vento. Pouco a pouco as nuvens se afastaram para Oeste, enquanto a luz do amanhecer desvanecia para sempre aquele tecido de lágrimas brancas que haviam caído sobre a cidade.

Os lugares que albergam a tristeza e a miséria são os lares prediletos das

histórias de fantasmas e assombrações. Calcuta guarda em sua cara escura centenas dessas histórias, histórias que ninguém quer acreditar e que, entretanto, sobrevivem na memória de gerações como a única crônica do passado. Diria-se que, iluminadas por uma estranha sabedoria, as pessoas que povoam suas ruas compreendem que a verdadeira história desta cidade foi sempre escrita nas páginas invisíveis de seus espíritos e suas maldições caladas e ocultas.

Talvez fosse essa mesma sabedoria a que, em seus últimos minutos, iluminou o caminho do Lahawaj Chandra Chatterghee e lhe permitiu entender que tinha caído irremediavelmente no labirinto de sua própria maldição. Talvez compreendesse, da profunda solidão de uma alma condenada a percorrer uma e outra vez as feridas de seu passado, o verdadeiro valor de quantas vidas tinha destruído e o das que ainda podia salvar. É difícil saber o que viu no rosto de seu filho Bem segundos antes de permitir que este apagasse para sempre as chamas do rancor que ardiam nas caldeiras do Pássaro de Fogo. Talvez ele, em sua loucura, fosse capaz, por um segundo, de reunir a prudência que todos seus verdugos lhe tinham arrebatado dos dias do Grant House.

Todas as respostas a estas perguntas, igual a seus segredos, seus descobrimentos, seus sonhos e seus desejos, desapareceram para sempre na terrível explosão que abriu o céu sobre Calcuta à alvorada daquele 30 de maio de 1932, como aqueles flocos de neve que se fundiram ao beijar o chão.

Qualquer que seja a verdade, basta-me recordar que, pouco depois de que aquele trem em chamas se inundasse nas águas do Hooghly, o atoleiro de sangue fresca que tinha albergado o espírito atormentado da mulher que deu a luz os dois gêmeos se evaporou para sempre. Soube então que a alma do Lahawaj Chandra Chatterghee e da que tinha sido sua companheira descansariam em paz eternamente. Nunca mais voltaria a ver em sonhos o olhar triste da princesa de luz inclinando-se sobre meu amigo Ben.

Não tornei a ver meus companheiros em todos estes anos desde que subi a bordo daquele casco de navio que teria que me levar rumo a meu destino na Inglaterra ao entardecer daquele mesmo dia. Lembro os rostos daqueles jovens assustados se

despedindo no cais à beira do rio Hooghly enquanto o navio levatava âncoras. Lembro as promessas que fizemos de nos manter unidos e não esquecer jamais o que tínhamos presenciado. Não negarei que, nesse mesmo momento, dava-me conta de que aquelas palavras se perderiam para sempre no rastro daquele casco de navio que partiu sob o crepúsculo aceso de Bengala.

Todos estavam ali, à exceção do Ben. Mas nenhum como ele estava tão presente no coração de todos nós.

Ao voltar agora a memória até aqueles dias, sinto que todos e cada um deles sobrevivem em um lugar selado de minha alma que fechou para sempre suas portas naquele entardecer em Calcuta. Um lugar onde todos seguimos sendo apenas uns jovens de dezesseis anos e onde o espírito da Chowbar Society, e o Palácio da Meia-noite permanecerão vivos enquanto eu viver.

Quanto ao que o destino reservava a cada um de nós, o tempo apagou os rastros de muitos de meus companheiros. Soube que Seth, com os anos, substituiu o bojudo Mr. Do Rozio como Chefe de Bibliotecas e Documentação do museu hindu e se converteu no homem mais jovem que ocupava aquele carrego na história da instituição.

Tive também notícias de Isobel, que anos mais tarde contraiu matrimônio com o Michael. Sua união durou cinco anos e após sua separação Isobel partiu para percorrer o mundo com uma modesta companhia de teatro. Os anos não a impediram de manter vivos seus sonhos. Não sei o que terá sido dela. Michael, que ainda vive em Florência, onde dá aulas de desenho em um instituto, não tornou a vê-la jamais. Ainda hoje espero encontrar algum dia seu nome em grandes cartazes.

Siraj faleceu em 1946 após ter passado os últimos cinco anos de sua vida em uma prisão de Bombay acusado de um roubo que até o último dia jurou não ter cometido. Como previu Jawahal, a pouca sorte que tinha tido o abandonou para sempre.

Roshan é hoje um próspero e poderoso comerciante, dono de boa parte das antigas ruas da cidade negra onde se criou como um mendigo sem teto. Ele é o único que, cada ano, cumpre com o ritual de me enviar uma carta de felicitação na data de

meu aniversário. Sei por suas cartas que se casou. E que o número de netos que brincam a correr por suas propriedades só é comparável ao das cifras que compõem sua fortuna.

No que a mim respeita, a vida foi generosa comigo E me permitiu percorrer esta estranha passagem a qualquer parte em paz e sem privações. Pouco depois de finalizar meus estudos, a clínica do doutor Walter Hartley no Whitechapel me ofereceu um posto. E foi ali onde realmente aprendi o ofício com o que sempre sonhei e do que ainda vivo. Faz vinte anos, depois da morte de minha esposa Íris, mudei para Bournemouth, onde meu lar e minhas consultas compartilham uma pequena e confortável casa da que se divisa o Poole Bay. A minha única companhia desde que Íris me deixou foi sua lembrança e o segredo que um dia compartilhei com meus companheiros da Chowbar Society.

Uma vez mais, deixei Ben para o final. Inclusive hoje, quando faz já mais de cinqüenta anos que não o vejo, resulta-me difícil falar de que foi e sempre será meu melhor amigo. Inteiarei-me, graças ao Roshan, de que Ben foi viver na casa que tinha sido de seu pai, o engenheiro Chandra Chatterghee, em companhia da anciã Aryami Bosé, cuja fortaleza de ânimo nunca se sobrepôs ao impacto da morte de Sheere, o que a arrastou sem remédio a uma longa melancolia que iria selar seus olhos para sempre em outubro de 1941. Desde aquele dia, Ben viveu e trabalhou sozinho na casa que seu pai tinha construído. Foi ali onde escreveu todos seus livros até o ano em que desapareceu para sempre sem deixar rastro.

Uma manhã de dezembro anos depois de que todos, inclusive Roshan, darem-no por morto, recebi um pequeno pacote enquanto contemplava a restinga do pequeno cais que se eleva frente a minha casa. O pacote tinha estampado um carimbo do escritório postal de Calcuta e meu nome aparecia desenhado em uma caligrafia que não poderia esquecer embora vivesse cem anos. Em seu interior envolto entre várias capas de papel, encontrei a metade da medalha em forma de Sol que Aryami Bosé dividiu em duas partes quando separou Ben e Sheere naquela trágica noite de 1916.

Esta manhã, enquanto escrevia ao amanhecer as últimas linhas desta memória, as primeiras neves do ano estenderam seu manto branco frente a minha janela. A

lembrança do Ben voltou para mim como o eco de um sussurro depois de todos estes anos. Imaginei-o percorrendo as turbulentas ruas de Calcuta entre a multidão, entre mil histórias desconhecidas como a sua e, pela primeira vez compreendi que meu companheiro, igual a mim, já é um homem velho e que seu relógio está a ponto de completar seu círculo. É tão estranho sentir como a vida nos escapou pelas mãos...

Não sei se voltarei a ver meu amigo Ben. Mas sei que, em algum ponto da misteriosa cidade negra, o rapaz de quem me despedi para sempre aquele amanhecer que nevou sobre Calcuta segue vivo e mantém acesa a chama da lembrança de Sheere, sonhando com o momento de reunir-se com ela num mundo onde nada nem ninguém os possa separar jamais.

Espero que a encontre, amigo.

Fim